



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**CURSO DE DOUTORADO**

**ANDREYSON SILVA MARIANO**

**A LUTA PELO RECONHECIMENTO DE UM GRUPO OUTSIDER DO  
MARXISMO: A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA DA REPRESSÃO MILITAR  
À EXPULSÃO DO PT - (1978-1992)**

**FORTALEZA**  
**2019**

ANDREYSON SILVA MARIANO

A LUTA PELO RECONHECIMENTO DE UM GRUPO OUTSIDER DO  
MARXISMO: A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA DA REPRESSÃO MILITAR À  
EXPULSÃO DO PT - (1978-1992)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj.

**FORTALEZA**  
**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M2861 Mariano, Andreyson Silva.  
A LUTA PELO RECONHECIMENTO DE UM GRUPO OUTSIDER DO MARXISMO : A  
CONVERGÊNCIA SOCIALISTA DA REPRESSÃO MILITAR À EXPULSÃO DO PT - (1978-1992) /  
Andreyson Silva Mariano. – 2019.  
213 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação  
em Sociologia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj.

1. Trotiskismo. 2. Ciência Política. 3. Convergência Socialista. 4. Esquerdas. 5. Luta por  
Reconhecimento. I. Título.

CDD 301

---

ANDREYSON SILVA MARIANO

**A LUTA PELO RECONHECIMENTO DE UM GRUPO OUTSIDER DO  
MARXISMO: A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA DA REPRESSÃO MILITAR  
À EXPULSÃO DO PT (1978-1992)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jawdat Ab-El-Haj.

Aprovada em: 11/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Alba Maria Pinho Carvalho  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Frederico Jorge Ferreira Costa  
Universidade Estadual do Ceará

---

Profa. Dra. Raquel Dias Araújo  
Universidade Estadual do Ceará

---

Profa. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz  
Universidade Regional do Cariri

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus!

Aos meus pais, irmãos e minha filha!

À minha companheira Natália!

Aos “vigilantes da tese”!

Aos professores do Doutorado em Sociologia da UFC! Em especial, à professora Alba Carvalho!

Ao meu orientador Jawdat Abu-El-Haj, pela atenção, inteligência e paciência. Um grande ser humano e excelente professor!

Aos meus camaradas da Resistência-PSOL!

Aos entrevistados Jânio Vidal, Fábio José Queiroz, Euclides Agrela e Nericilda Rocha pelas entrevistas e pelo companheirismo! E a todos os ex-integrantes da Convergência Socialista pela coragem e luta!

*Não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos. (MARX, O Capital – 1872).*

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender o processo de organização política da Convergência Socialista, em Fortaleza durante os anos de 1978(ano de sua fundação), até 1992, (ano de sua expulsão do Partido dos Trabalhadores devido ao chamado da palavra de ordem do Fora Collor!) Também, buscamos analisar a luta pelo reconhecimento desse grupo político junto ao Estado brasileiro, como um grupo perseguido pela ditadura civil militar. Por meio das Caravanas da verdade de 2013, o Estado brasileiro reconheceu a Convergência Socialista como um grupo perseguido pela ditadura militar, com integrantes submetidos à tortura. Procuramos realizar nessa pesquisa uma leitura sociológica que verifique o porquê de o projeto da Convergência Socialista não ter conseguido, a sua maneira e tempo, atingir seus objetivos de uma Revolução Socialista Brasileira. Buscar esta forma de compreensão é uma tarefa coletiva que interroga nossa sociedade sobre as conquistas democráticas que superaram o período militar, ao ter grupos que disputavam a sociedade e a redemocratização em meio à repressão. A metodologia da História Oral através de entrevistas de ex-integrantes da C.S., documentos da repressão militar, fotografias e jornais, submetidos a análise, substanciam e dão corpo à pesquisa. Uma hipótese geral é a de que ao buscarmos compreender a trajetória da Convergência Socialista encontramos elementos que já apontam para a atual crise das esquerdas no Brasil. Dentre eles a adaptação ao parlamento como um fim em si mesmo e a perda de sua independência política, ao abrir mão de sua independência financeira, com o recebimento de financiamento empresarial. Também estudamos a participação da Convergência Socialista em Fortaleza e Juazeiro do Norte onde sua militância participou dos processos eleitorais e das lutas sociais e políticas.

**Palavras-Chave:** Trotiskismo. Ciência Política. Convergência Socialista. Esquerdas. Luta por Reconhecimento.

## ABSTRACT

This objective research comprises the process of political organization of the Socialist Convergence, in Fortaleza, during the years of 1978 (year of its foundation), until 1992, (year of expulsion from the Workers' Party due to the so-called slogan of Fora Collor!) Also, we seek to analyze a struggle for the recognition of this political group with the Brazilian State, as a group persecuted by the military civil dictatorship. Through the Caravans as of the truth of 2013, the Brazilian State adopted Socialist Convergence as a group persecuted by the military dictatorship, with members involved in torture. We seek to carry out in this research a sociological reading that verifies or resolves the unreached socialist convergence project, its way and time, to achieve its objectives of a Brazilian Socialist Revolution. Look for this form of understanding and a collective task that interrogates our society about the democratic conquests that surpassed the military period, the groups that dispute society and redemocratize in the midst of repression. The methodology of Oral History, through interviews with former members of the C.S., documents of military repression, photographs and newspapers, analysis essays, substance and support to the body for research. A general hypothesis is that, in seeking to understand a trajectory of socialist convergence, we will find elements that have already been pointed out for the current crisis of the left in Brazil. Among them, the adaptation to parliament as an end in it and the loss of its political independence, when giving up its financial independence, with the receipt of business financing. We also studied the participation of Socialist Convergence in Fortaleza and Juazeiro do Norte, where its activists participated in electoral processes and social and political policies.

**Keywords:** Trotiskism. Political science. Socialist convergence. Left. Struggle for Recognition.



## LISTA DE SIGLAS DOS PARTIDOS E ORGANIZAÇÕES

ANL	Aliança Nacional Libertadora
AP	Ação Popular
CIO	Congress off Industrial Organization
CGB	Coletivo Gregório Bezerra
COB	Central Obrera Boliviana
CS	Convergência Socialista
FBT	Fração Bolchevique
FSTMB	Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros
GCL	Grupo Comunista Lênin
GOM	Grupo Operário Marxista
LCI	Liga Comunista Internacional
LSSP	Lanka Samaya Party
MNR	Movimento Nacionalista Revolucionário
OSI	Organização Socialista Internacional
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCB(R)	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PCI	Partido Comunista Internacional
PLP	Partido da Libertação Proletária
POC	Partido Operário Comunista
POL	Partido Operário Leninista
POR-T	Partido Operário Revolucionário Trotiskista
POSDR	Partido Social Democrata Russo
POUM	Partido Operário da Unificação Marxista
PSR	Partido Socialista Revolucionário
PSOL	Partido socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
SWP	Socialism Workers Party

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.1 Construção do Objeto</b> .....	13
<b>1.2 Metodologia e Aportes Teóricos</b> .....	18
<b>1.2.1 <i>Narrando e descrevendo o objeto e os objetivos</i></b> .....	19
<b>1.2.2 <i>Apresentação da trança teórica</i></b> .....	23
<b>1.2.3 <i>Tecendo o fio da teoria e metodologias</i></b> .....	28
<b>1.3 Percurso metodológico</b> .....	31
<b>2 O TROTISKISMO</b> .....	34
<b>2.1 Leon Trotsky e o Trotiskismo</b> .....	37
<b>2.2 O Trotiskismo e a Revolução Russa de 1917</b> .....	45
<b>2.3 Trotiskismo e Stalinismo</b> .....	53
<b>2.4 O Trotiskismo Internacional</b> .....	60
<b>2.5 América Latina e “Los Troskos”</b> .....	73
<b>2.6 O Trotiskismo no Brasil (1928-1990)</b> .....	79
<b>2.7 Breve Histórico do Trotiskismo no Ceará</b> .....	90
<b>3 A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA</b> .....	93
<b>3.1 A Convergência Socialista e a construção por um projeto revolucionário brasileiro: pressupostos para compreender a crise das esquerdas brasileiras</b> .....	93
<b>3.2 A Convergência Socialista e a revolução brasileira</b> .....	105
<b>3.3 Trajetória da Convergência Socialista</b> .....	106
<b>3.4 A expulsão da Convergência Socialista do Partido dos Trabalhadores e seu drama social (1978-1992)</b> .....	112
<b>3.5 A Convergência Socialista e as lutas pela democratização: das Diretas Já! ao chamado e luta por uma Assembleia Constituinte</b> .....	122
<b>3.6 Os Cadernos de Formação Política da Convergência Socialista</b> .....	126
<b>3.7 A Convergência Socialista e a queda dos regimes stalinistas do Leste Europeu</b> .....	133
<b>4 A LUTA DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA CONTRA O REGIME MILITAR</b> .....	141
<b>4.1 A C.S. e sua luta contra o Regime militar</b> .....	141
<b>4.2 O papel da C.S. no combate às opressões de raça, gênero e homossexual (LGBTIS)</b> .....	149

<i>4.2.1 A Convergência Socialista e o Núcleo Negro Socialista</i> .....	149
<i>4.2.2 A C.S. e a questão de gênero: a luta feminista e classista-socialista</i> .....	152
<i>4.2.3 A Convergência Socialista e a luta contra a opressão aos LGBTIs: O Grupo Somos</i> .....	155
<b>4.3 A Convergência Socialista: da repressão militar ao reconhecimento do Estado Brasileiro</b> .....	159
<b>5 A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA EM FORTALEZA</b> .....	165
<b>5.1 As origens da C.S. em Fortaleza</b> .....	166
<b>5.2 O Internacionalismo</b> .....	168
<b>5.3 A forma organizativa</b> .....	172
<b>5.4 As memoráveis campanhas da C.S. em Fortaleza e em Juazeiro Do Norte</b> .....	176
<b>5.5 A expulsão do PT sob o olhar dos militantes da C.S. no Ceará</b> .....	180
<b>5.6 O balanço e a importância da C.S. pelos depoimentos dos militantes de Fortaleza</b> .....	184
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	189
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	193
<b>ANEXO A – JORNAL VERSUS</b> .....	199
<b>ANEXO B – DOCUMENTOS DO D.O.P.S.</b> .....	200
<b>ANEXO C – FOTO DA C.S. AJS EM ATIVIDADE PELAS DIRETAS JÁ!</b> .....	203
<b>ANEXO D – PANFLETO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA</b> .....	204
<b>ANEXO E – SÍMBOLO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA</b> .....	205
<b>ANEXO F – FOTO DA PRIMEIRA CONVENÇÃO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA</b> .....	205
<b>ANEXO G – FOTO DA C.S. EM ATO DO FORA COLLOR!</b> .....	206
<b>ANEXO H – CAPA DO PERIÓDICO VERSUS (1978)</b> .....	206
<b>ANEXO I – EUCLIDES DE AGRELA BRAGA NETO, EX-INTEGRANTE DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)</b> .....	207
<b>ANEXO J – NERICILDA BEZERRA DA ROCHA, EX-INTEGRANTE DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)</b> .....	207
<b>ANEXO K – JÂNIO NUNES VIDAL, EX-INTEGRANTE DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)</b> .....	208
<b>ANEXO L – FÁBIO JOSÉ CAVALCANTI DE QUEIROZ, EX-INTEGRANTE DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)</b> .....	208
<b>ANEXO M – JORNAL ALICERCE DA JUVENTUDE, Nº3, 1982</b> .....	209

<b>ANEXO N – CADERNO DE FORMAÇÃO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA.....</b>	<b>210</b>
<b>ANEXO O – MATERIAL PARA ESTUDO E FORMAÇÃO POLÍTICA DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA.....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO P – JORNAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA.....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO Q – FLUXOGRAMA TROTISKISMO INTERNACIONAL.....</b>	<b>212</b>
<b>ANEXO R – FLUXOGRAMA PARTIDOS TROTISKISTAS DO BRASIL (1929-2010).....</b>	<b>213</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nessa introdução, buscamos tão somente apresentar ao leitor o que irá encontrar em cada parte do nosso texto de tese. Na construção do objeto, apresento minha trajetória pessoal e de como esse objeto está conectado as minhas vivências. Na metodologia e aportes teóricos, apresento os principais conceitos como o de outsider e da luta por reconhecimento, bem como a metodologia da história oral e o cruzamento com outros documentos dispersos, que ao longo dos anos fui aglutinando para pesquisar a Convergência Socialista, também nesse momento, inicio o leitor na trajetória e história da Convergência e apresento os objetivos da pesquisa.

Na revisão bibliográfica, destaco os principais autores que discutem a história da Convergência e apresento alguns conceitos chaves para se compreender como essa organização pensava a realidade social e política.

No primeiro capítulo, dou destaque a partes do texto da tese que já havia escrito nas disciplinas ou mesmo em pesquisa anterior sobre o trotiskismo, destaco a figura de Leon Trotsky, A Revolução Russa de 1917, o surgimento do trotiskismo, sua história em outros países e na América Latina e no Brasil. Também apresento os textos: A convergência socialista e a revolução brasileira, enfatizando como esse grupo pensava uma revolução socialista no Brasil. Outro texto que será apreciado pelo leitor é o da revisão bibliográfica: A Convergência Socialista e a construção de um projeto revolucionário brasileiro: pressupostos para compreender a crise das esquerdas brasileiras. Nesse texto apresento a hipótese de que desde a que a C.S. teve sua relação com o Partido dos trabalhadores já podemos encontrar alguns elementos para compreender a crise das esquerdas no Brasil hoje.

No segundo capítulo, destaco a atuação da C.S. diante da campanha das Diretas Já! Sua posição perante a Queda do Muro de Berlim e dos Estados operários burocratizados, expulsão da Convergência Socialista do Partido dos Trabalhadores e seu drama social (1978-1992), que foi elaborado na disciplina de sistemas simbólicos, e trabalha com o conceito de drama social para compreender esse processo da C.S. no Partido dos Trabalhadores-PT.

No capítulo terceiro da tese, apresento as lutas da C.S. contra o Regime militar e o seu trabalho na questão das opressões de raça, LGBTTS e de gênero. No último tópico, apresento o sinuoso trajeto de reconhecimento da C.S. pelo Estado brasileiro, como um grupo perseguido pelo Regime militar e seu debate sobre a

reparação moral, histórica, econômica e a lacuna de não se punir torturadores e colaboradores dos crimes cometidos durante a ditadura militar brasileira.

No capítulo quatro, apresento a trajetória da C.S. em Fortaleza, através de quatro entrevistas de ex-integrantes da Convergência Socialista que atuaram nessa capital. Suas emoções, as esperanças, a visão transformadora do mundo e as características que marcam o trotiskismo se fazem presentes nos depoimentos sobre lutas e campanhas políticas.

### 1.1 Construção do objeto

Para apresentar o sinuoso percurso da escolha de minha pesquisa sobre o trotiskismo, ou melhor, sobre a Convergência Socialista no Ceará, sinto a necessidade de relatar memórias que descrevam um pouco de minha história social e das escolhas políticas e teóricas que me levaram a essa pesquisa. Espero que a leitura não canse o leitor, mas apenas deixe-o mais íntimo dessas linhas que se confundem com esperança, pesquisa e lutas sociais.

Como afirmou Jacques Le Goff, “*a memória não deve servir para aprisionar, mas para libertar*”. Em meio à crise capitalista que se abateu na América Latina, nos idos dos anos 2000, um participante da Pastoral da Juventude e do grupo de jovens da Igreja Católica do Bairro Pici toma a decisão de estudar História, filho de pais trabalhadores, e já cursando o Supletivo na Escola Gilmar de Sousa Maia, prepara-se para o vestibular da UECE. Foram longos dias e noites de estudo conciliados com militância nas pastorais da Igreja Católica. Essas experiências foram essenciais na formação pessoal de um jovem que sonhava em ser professor de História.

No ano 2000, fiz uma leitura que até hoje me causa profundo impacto, ***O Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels***. A passagem que mais me chamou a atenção foi a descrição de que: “*A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e jornaleiro, numa palavra, opressor e oprimido, estiveram em constante oposição um contra o outro. Realizaram uma luta ininterrupta, ora escondida, ora aberta, uma luta que sempre terminou ou numa reconstrução revolucionária da sociedade inteira ou na ruína de ambas as classes em luta*”. Naquele momento eu despertava teoricamente para o conceito de luta de classes, que fazia todo sentido para um jovem da periferia, que trabalhava como adesivador e estudava num

supletivo de escola pública, via meus patrões assinarem contratos, de valores que nem mesmo em quatro anos de trabalho duro como adesivador, poderia ganhar, foi lá que tive minha primeira lição sobre uma greve. Larguei o trabalho e resolvi me dedicar aos estudos, passei tempos difíceis, sem dinheiro para passagens, mas não deixava isso me abater por vezes caminhava até o centro, e fazia os testes necessários para terminar o supletivo. Desse tempo para cá, tenho a certeza de que a luta de classes nunca parou no Brasil e no mundo. Diante de tudo isso, a mensagem final do Manifesto mantinha todo o sonho e esperança: “Os proletários não tem nada a perder exceto as correntes que os prendem. Tem um mundo a ganhar. Trabalhadores de todos os países, unam-se!”.

Em 2002, ingressei na Universidade Estadual do Ceará. Entrei como classificável, logo na espera, desmaiei de tanta emoção ao ser chamado e saber que estava realizando um sonho, fiquei conhecido como o rapaz que desmaiou de emoção, mas naquele momento já recuperado, era tudo fascinante. Um mundo novo se abria para um jovem sonhador que apanhava em suas mãos as contradições materiais de existência, mas o sonho alimenta a alma e não o corpo. Sabia que precisava trabalhar, e ao ver a diversidade de livros, da biblioteca da UECE, e o acesso a eles, tratei de devorar várias leituras, fui diversificando, o que era solicitado pelos professores, algo novo no campo de estudos, mas sempre atento ao que os professores diziam ser importante, somado o gosto pessoal pelas obras de Karl Marx e da escola britânica de historiadores (Eric Hobsbawn, Perry Anderson, E.P. Thompson). Meu sonho era montar minha biblioteca, mas sem dinheiro, ficava difícil, aliás, ir para a Universidade, já era difícil sem dinheiro. Tinha que trabalhar para isso. No entanto, foi também o período em que o movimento estudantil e a sociedade civil debatiam duas questões centrais: A ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) e a Eleição presidencial de Lula. E de forma alguma, eu queria estar fora disso. Entre algumas aulas particulares e o trabalho de entregador de panfletos nas avenidas da cidade aos sábados e domingos, conseguia juntar o essencial para comprar e xerocopiar algumas obras. Para um fascinado por livros, isso era maravilhoso, e ainda dava para alternar caminhada de casa até a UECE, e pagamento de passagens, na volta para casa, já desse tempo, nossa cidade tinha marcados índices de violência (latrocínios homicídios, assaltos) e para quem queria se formar, esse era um risco que eu não queria correr.

Nesse mesmo ano, fiz experiências políticas importantes. Votei em Lula. Já decepcionado com a Carta aos brasileiros, participei ativamente da Campanha contra a ALCA na Universidade, e no bairro Pici, como membro do grupo de jovens, dei

palestras sobre o tema, organizamos grupos de debates e o plebiscito. Havia e continua a existir em mim toda uma sede de justiça social e uma busca por mudanças na sociedade, naquele tempo de inspiração na Teologia da Libertação, hoje reside uma luta constante por uma sociedade não mais regida na exploração do homem pelo homem, de inspiração marxista, para ser mais exato hoje, trotiskista. Nesse ano de 2002, tive meu batismo de sangue com o trotiskismo, ao conhecer grupos que se reivindicavam seguidores das ideias de Leon Trotsky. Uma segunda leitura me marcou, tive acesso ao ***Programa de Transição***, a passagem inicial me levou a estudar com afinco o processo de revolução na Rússia, ela afirmava: *“A situação política mundial como um todo caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise da direção do proletariado”*. O elemento subjetivo da revolução ganhava destaque e eu passava a buscar entender os motivos disso.

Passei a observar os diversos grupos existentes, dialogava com eles, mas mantinha uma posição de independência política e desconfiança. Nesse momento se destacavam os seguintes agrupamentos trotiskistas: A Democracia Socialista-DS que era um grupo interno do PT, se interessava pela luta contra a ALCA, mas tinha como objetivo central a eleição de Lula contra FHC; O PSTU que fazia fortes críticas ao eleitoralismo do PT e apostava todas as fichas no combate a ALCA, mas lançava candidatura: Zé Maria de Almeida, operário e ex-integrante da C.S; Além do POR-T Partido Operário Revolucionário Trotikista que naquele momento, não tinha estudantes participando, mas um professor que vez ou outra estava nas reuniões. Esse processo me levou a ter certa curiosidade sobre esses grupos

Os agrupamentos trotiskistas denunciavam o caráter imperialista e neocolonial do projeto da ALCA. O PSTU apresentava dificuldades em expandir a campanha, e o POR-T não conseguia se aglutinar com eficiência devido a não inserção de seu membro no cotidiano da Universidade e da campanha que ocorria na UECE. Com o passar dos anos, essa relação passou a ser de conflito e interlocução. A DS se jogou na eleição de Lula. Fiz parte do Centro Acadêmico de História, participei das eleições ao DCE da UECE.

Em 2007, concluo o curso de graduação em História e muito poderia ser descrito sobre esse período, mas a memória é seletiva e o espaço destinado a essas memórias que apresento também me obrigam a fazer uma seleção. Então destaco um tripé que marca minha vida: estudos acadêmicos, trabalho e militância. Sempre procurei articular esse tripé no movimento estudantil. Vivi todos com muita intensidade e não é



com pouca emoção que relembro os passos dessa caminhada, que quase sempre procurava me alienar dessa minha experiência tríade e interconectiva.

Ainda nesse período, tive experiências nos três aspectos que marcam essas memórias. Do movimento estudantil, abri os olhos para a precarização das universidades e das condições de trabalho docente, das poucas bolsas de pesquisa, da péssima assistência estudantil, da separação que se dava entre pesquisa, extensão e ensino. Tive que iniciar logo minha experiência como professor de História, devido as condições materiais impostas socialmente a mim. No final de 2003, fiz a seleção para o único projeto de extensão, de aplicação teórico-prática de licenciaturas da UECE, o Projeto Nascente, na Serrinha, existente graças a um convênio da Prefeitura de Fortaleza e a UECE. Em 2009, esse Projeto foi cancelado na gestão Luizianne Lins. Fato que me levou as mobilizações em defesa do Projeto Nascente, já como estudante do Mestrado em História.

Do ano de 2004 a 2007, fui professor bolsista do projeto, lecionando História para crianças e adolescentes dos sextos e nonos anos, da comunidade da Serrinha. Recordação agradável se for levado em consideração que já me deparei com vários desses jovens na UECE, como estudantes de graduação.

No ano de 2005, concorri para monitor da disciplina de Teorias da História. Trabalhei com a professora Dra. Gisele Martins Venâncio, que me apresentou as leituras de Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Norbert Elias. A professora Gisele havia feito seu doutorado na França, trazendo um conhecimento e afinco na pesquisa que me inspiram até hoje. Aprendi muito com ela e não posso deixar de escrever aqui o meu obrigado.

Em 2007, defendi minha monografia, sob a orientação de Fábio José Queiroz. A minha monografia era sobre o trotiskismo no Ceará, assunto apenas iniciado e não detidamente pesquisado. Com Fábio José Queiroz, aprendi a acreditar mais nas minhas forças e a não desanimar na realização de pesquisas.

Resolvi continuar a pesquisa no Mestrado Acadêmico em História da UECE. Inscrevi-me para a Linha Memória e Oralidade. Trabalhei sob a orientação da Professora Dra. Lucili Granjeiro. A atenção, as críticas formuladas pela professora Lucili, foram essenciais para a realização de minha pesquisa. Sem o seu cuidado, contribuição e incentivo, acredito que minha pesquisa estaria comprometida. Foi um trabalho feito a “duas mãos e duas cabeças”. Registro minha eterna gratidão a essa intelectual.

Em outubro de 2010, assumi o cargo de professor da Rede Básica do Estado, onde me deparei mais uma vez com as precárias condições de trabalho impostas a nós professores. Em 2011, participei da greve no Estado do Ceará em defesa da Lei do Piso, que resultou no dismantelamento das carreiras e na forte repressão do governo Cid Gomes aos professores. Ficou a lição: conquistamos algo, mas não o suficiente.

No ano de 2013, ingressei no curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, devido a principalmente na rede básica, ter minha carga horária complementada por essa disciplina me vi curioso em conhecê-la. Ainda nesse ano, as caravanas da verdade me apresentaram a Convergência socialista e sua possibilidade de pesquisa.

Em 2014, fui aprovado na seleção para professor substituto do Curso de História da UECE, fiquei de 2014 até 2016, e foi uma experiência fantástica, tive o prazer de lecionar na Universidade e curso que me acolheram. Em 2016 fui aprovado na seleção de Doutorado em sociologia da UFC e tive que abandonar o curso de Filosofia que ficou com cerca de 70% concluído.

No Doutorado, destaco as experiências com as disciplinas do meu orientador Jawdat e da professora Alba, por me identificar com a forma dos debates, que são realizados em conexão dos teóricos e com a realidade brasileira e ou mundial. Também, a forma de debate que se desenvolve me causou mais aproximação, por ter conexão com o que estudo. No Doutorado tive acesso a autores e leituras que desconhecia, ampliando o leque cultural e trazendo curiosidade. Outro destaque do curso foi a conexão das disciplinas nos trabalhos finais e o objeto de estudo, isso ajudou a pensar na pesquisa em ligação com as disciplinas, os trabalhos finais sempre tinham essa junção.

No ano de 2016, tive ainda que enfrentar a ruptura com o PSTU, desde 2007 fazia parte desse Partido Político, devido a caracterização internacional sobre o Leste europeu e a orientação e análise política do golpe, vários outros integrantes romperam e fundaram o MAIS (Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista) que depois viria a se fundir com a NOS (Nova Organização Socialista) gerando o Grupo Resistência que hoje é uma corrente interna do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Talvez um dos ensinamentos que trago nesses anos seja o de um texto de Nahuel Moreno, trotiskista argentino, que afirma o seguinte: *“Comecemos por entender o que significa ser verdadeiramente marxista. Não podemos fazer um culto, como se fez de Mao ou de Stalin. Ser trotskysta hoje não significa estar de acordo com tudo aquilo que escreveu ou o que disse Trotsky, mas sim saber fazer-lhe críticas ou superá-lo,*

*como a Marx, a Engels ou Lênin, porque o marxismo pretende ser científico e a ciência ensina que não há verdades absolutas. Em primeiro lugar, ser trotskysta é ser crítico, inclusive ao próprio trotskysmo”*. Esse trabalho que se apresenta como uma pesquisa sociológica também não deixa de ser uma contribuição para o trotiskismo, de um militante trotiskista.

## **1.2 Metodologia e Aportes Teóricos**

Foi no dia 16 de setembro de 1982, que ocorreu o massacre nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, que se localiza no lado Oeste de Beirute, no Líbano. Em 2018, se completaram 36 anos desse massacre. Entre os dias 16 e 18 de setembro de 1982, no meio da guerra civil libanesa, que foi de 1975 até 1990, grupos de milicianos conhecidos como falangianos com apoio de Israel e a mando de Ariel Sharon comandante das tropas israelenses, e que, futuramente, viria a se tornar Primeiro Ministro de Israel, autorizou e orquestrou, junto com os falangianos, o assassinato de centenas de pessoas, dentre elas: mulheres, crianças e idosos.<sup>1</sup>

No ano de 1982, em Juazeiro do Norte, uma semana após o massacre de Sabra e Chatila, um jovem na época, toma contato sobre o massacre por meio das páginas do jornal *Convergência Socialista*, a escrita de combate ao Sionismo e a análise crítica daquele ato desumano, além da solidariedade ao povo palestino, comovem o jovem que passa a se convencer de que era necessário fazer algo, não só contra aquele acontecimento, mas também contra a ordem social capitalista, a partir daquele momento Fábio José Queiroz, passa a fazer parte do grupo trotiskista *Convergência Socialista*.

O jovem que mencionamos, hoje, é professor da Universidade Regional do Cariri e, através de sua interlocução e de outros ex-integrantes da *Convergência socialista*, pretendemos dar início a essa aventura de descrever e analisar como esse grupo passou a agenciar e fazer parte do cotidiano político de Fortaleza. O convite de nos acompanhar nessa leitura é estendido a você agora, caro leitor.

---

<sup>1</sup> Sabemos que a entrada de um membro numa organização, requer mais contatos e outros termos de convencimento. O que queremos com a cena é despertar o leitor para a narrativa e o tema.

### 1.2.1 Narrando e descrevendo o objeto e os objetivos

A pesquisa ora apresentada busca dar continuidade à nossa trajetória de pesquisa sobre o trotiskismo. Nosso tema – A luta pelo reconhecimento de um grupo outsider<sup>2</sup> do marxismo: Convergência Socialista : da repressão militar à expulsão do PT - (1978-1992) – está relacionada temporalmente ao surgimento do grupo político e do momento de sua expulsão como tendência interna do Partido dos Trabalhadores. Essa temporalidade também foi escolhida por dar conta de dois momentos decisivos da Convergência Socialista, seu surgimento e com a expulsão do PT em 1992, até a sua constituição em PST unificado, que logo mais, viria a ser o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), em 1994.

Temos o interesse de, com a investigação dessa cultura política<sup>3</sup>, perceber as tramas sociais e políticas, as representações coletivas construídas pelos sujeitos históricos que fizeram parte do passado da CS<sup>4</sup>. Com isso, abre-se para a sociedade a possibilidade de perceber como esses atores sociais elaboraram sua própria realidade política, social e cultural e como a própria sociedade a percebe.

---

<sup>2</sup> Os grupos trotiskistas estiveram fora da Terceira internacional e dos Partidos Comunistas, sendo assim construído um conjunto de símbolos e imagens que os colocavam como os de fora da tradição marxista da Terceira Internacional e do “marxismo dito oficial”. Dessa maneira os trotiskistas buscaram fundar seu próprio espaço no marxismo com a Quarta Internacional e se colocando como herdeiros do Bolchevismo-Leninismo. As próprias categorias estabelecidos (membros da Terceira Internacional) e outsiders (membros da Quarta Internacional) se definem aqui na relação que ambos os grupos buscam negar-se um em relação ao outro no marxismo e reafirmar sua identidade política e social perante a tradição. Eles se encontram separados e unidos por um fio que é repleto de tensão e ameaça se romper a cada choque entre os membros da Quarta e Terceira Internacional. Assim segundo Elias (2000), poderemos buscar perceber como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-los para marginalizar ou estigmatizar outros grupos. Segundo Becker (2008, p.15), todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como certas e proibindo outras como “erradas”. Outsider é aquele que se desvia das regras do grupo- **no caso de nossa análise, os trotiskistas**. Segundo as observações de Jawdat Abu-El-Haj, depois da queda do Muro de Berlim e dos regimes stalinistas do Leste europeu, não seria mais interessante se pensar a mudança dos grupos trotiskistas de outsiders para insiders, fato ainda em delineamento analítico de nossa parte.

<sup>3</sup> A importância da Cultura Política reside na busca de se compreender o todo social, mostrando os percalços, as inovações e renovações empreendidas nesse campo de estudo. Surgem com isso “novas abordagens, novos objetos e novos problemas”, para o estudo de questões ligadas a esse campo histórico-social, antes esquecido. Como exemplos dessa renovação, podem ser destacados o contato com outras áreas de conhecimento, que passam a desempenhar o papel de contribuição para as pesquisas de estudo da política, por exemplo: a Ciência Política, a Psicologia Social, a Linguística e a Antropologia são apenas algumas dessas disciplinas que destacamos nesse intercâmbio metodológico.

<sup>4</sup> A visão que os atores sociais partilham sobre o mundo da cultura política no qual estiveram inseridos e os impactos produzidos no presente são essenciais para uma melhor compreensão do passado e consequentemente do presente.

Esta pesquisa tem como objetivo contribuir para o desvelamento de um passado que tem recebido pouca atenção pelos pesquisadores locais, pois não há um desenvolvimento mais constante sobre o estudo do trotiskismo no Ceará, principalmente se nos ativermos ao período de vigência da Ditadura Militar. Assim, essa lacuna precisa ser preenchida com uma produção que se centre nas vozes que se silenciam, foram silenciadas, ou que se fizeram silenciar nos dias atuais. Um estudo que leve em conta as organizações e grupos de esquerda pode contribuir decisivamente na busca de compreender esse passado e para uma forma de compreensão social que dê maior atenção a temas que são tidos como inferiores, silenciados ou construídos sob a ótica de visão única dos fatos. Esse tipo de análise cria um senso comum no estudo dos partidos e organizações de esquerda. Acreditamos que esse tipo de perspectiva tradicional, somente contribui para a dita versão oficial, acrítica, naturalizada e cristalizadora das versões e explicações sobre a atuação dos atores sociais.

Uma importante justificativa para o estudo da Convergência Socialista se encontra na própria produção acadêmica sobre o trotiskismo na Brasil, pois poucos trabalhos foram desenvolvidos sobre o trotiskismo brasileiro, muitos giram em torno prioritário do eixo Sul-Sudeste do país, além disso, devido aos grupos políticos trotiskistas serem minoritários, e se dividirem com maior constância por divergências estratégicas e até táticas, verifica-se a dificuldade para o acesso às informações, se considerarmos as poucas publicações e a repressão da época que forçava os militantes a destruição de materiais impressos, jornais e outros. Podemos ter uma pequena dimensão da dificuldade e necessidade da realização dessa pesquisa. As poucas publicações sobre o trotiskismo também se devem em parte ao fato de no terreno das pesquisas voltadas para as organizações de esquerda termos uma hegemonia produtiva de pesquisas que tratam dos Partidos Comunistas<sup>5</sup>. Segundo Campos, “Mas ironias e sorrisos a parte, o trotiskismo, como movimento político é muito pouco conhecido, inclusive no Brasil” (CAMPOS, 1981, p.7).

---

<sup>5</sup> O fato da IV Internacional, fundada por Leon Trotsky, ter sido uma organização pequena no mundo, mas também no Brasil, com estruturas burocráticas e com elos de fidelidade pessoais débeis, acabou por limitar entre os próprios militantes ou ex-militantes o interesse acadêmico e a pesquisa científica a respeito do trotiskismo. Mesmo quando presentes na sociedade e na universidade, com bastante peso, não é a própria história que dedicam suas melhores energias. Isso produz um resultado interessante, evita qualquer risco de recriação de um mito, mesmo que com leitura crítica. Inversamente, retardou o conhecimento de questões relevantes na história brasileira, permitindo um razoável desequilíbrio, ao fazer com que a história do Partido Comunista ocupe quase todo o espaço da esquerda. Espaço merecido pela sua importância, mas que não corresponde a toda diversidade de tendências e ao seu peso na sociedade (LEAL, 2003, p.17).

Uma pesquisa que leve em consideração a cultura política e as memórias dos militantes da CS<sup>6</sup> no Ceará, trará um elemento novo para a o conhecimento da cultura política local durante o período da Ditadura Militar além de contribuir na atualidade para a compreensão do que foi e do que é hoje o Partido dos Trabalhadores, que completou mais de dez anos na Presidência da República e que no ano de 2016 recebeu um duro golpe com o impeachment da presidente Dilma Roussef. Por ironia, a CS foi expulsa do PT ao colocar em pauta sua posição sobre o “Fora Collor!”. E de como se deu esse processo em “terras alencarinas”. Esse tema favorece a elaboração de uma maior conscientização social acerca do passado e o conhecimento de um grupo de esquerda que foi pouco estudado.

Outra justificativa para a realização dessa pesquisa decorre principalmente da própria sociedade que pressiona e se interroga sobre seu passado. Os trabalhos realizados pela Comissão da Verdade em 2013, e as diversas caravanas que passaram por diversos Estados, a condenação de torturadores e seu reconhecimento enquanto tal levam a uma maior compreensão sobre o passado recente sem revanchismos ou obscuridade, mas com o devido reconhecimento da violência e a censura realizados pelo Estado brasileiro durante esse momento histórico, essa mesma Comissão tem reconhecido vários membros da Convergência Socialista, como presos políticos durante o Regime militar, atualmente eles estão recebendo anistia política da comissão. Aqui no Ceará temos um processo em aberto do ex- integrante da CS: Fausto Pinheiro. Porém, desde 2015 agrupamentos de direita e setores ultraconservadores da sociedade brasileira, amparados pelo golpe de 2016 e pelo governo Michel Temer e suas medidas de profundos ataques, nas reformas de caráter neoliberal, implementadas, ganharam força social e política que se expressou nas eleições de 2018. Onde setores da chamada classe média brasileira, associados com militares, setores neopentecostais, mídia, o judiciário com a Operação Lava-Jato e seu discurso anti- corrupção, setores do grande capital apoiaram a eleição de Jair Bolsonaro, pregador do discurso de ódio e conservadorismo, defensor do machismo, misoginia, racismo e homofobia, apologeta da ditadura militar e da tortura. O ressentimento passa a vigorar como centro de revisões históricas sobre o período militar, o papel dos militares e para amenizar as torturas, bem como teorias de que o nazismo era de esquerda. Toda essa avalanche de irracionalidade, ignorância, obscurantismo, antiintelectualismo se expressa na candidatura eleita em

---

<sup>6</sup> Grafamos CS para nos referir à Convergência Socialista.

2018. Tudo isso apenas reforça a importância desse trabalho de pesquisa que busca ao pensar sociologicamente a Convergência Socialista, a crise das esquerdas, e também, combater o que está por vir, em 2019. “Ditadura nunca Mais!”.

No tocante à viabilidade da pesquisa temos aglutinado fotos, jornais, gravações de palestras, gravações de encontro da Comissão de Verdade<sup>7</sup>, além de termos mapeado uma lista de ex-militantes a serem entrevistados. Vale acrescentar que temos contato com alguns deles. Devido ao desenvolvimento de pesquisas anteriores temos um domínio dos principais conceitos apresentados pelos ex-membros da CS. A Internet tem sido um arquivo de fontes importante. Temos também obras que foram adquiridas e que versam sobre este grupo político. Realizamos quatro entrevistas dos anos de 2018 para 2019, com Jânio Vidal, Fábio José Queiroz, Nericilda Rocha e Euclides de Agrela, ex-integrantes da CS. Importante mencionar que demos mais atenção aos materiais bibliográficos devido a sua dispersão, passando num segundo momento, a coleta de mais entrevistas, e seu cruzamento com os documentos descritos.

O estudo do político passa por uma mudança epistemológica. A política desta forma confere um sentido novo ao passado, juntamente com as memórias. Desse modo, a memória será um manancial de reminiscências do passado que possibilitam um maior conhecimento do passado. Segundo Le Goff (1996), a memória tem a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou interpretadas como passadas. A substância social da memória mostra que ali estão imersos elementos do social e do político, que os indivíduos trazem marcas de espontaneidade no ato de recordar que lhes é peculiar e coletiva. Peculiar na exata medida de poder reelaborar sobre um passado observado em detalhes próprios, marcados pelos seus valores atuais e passados, carregados de sentimentos. É coletivo pelo fato de terem sido formulados em experiências sociais permeadas pelas classes sociais. Dentro dos “subterrâneos das memórias” podemos perceber aquilo que era tido como o “não-dito” em outros momentos e/ou documentos. Essa substância social passa a ser um ato humano e todo ato humano é histórico. Diante de tantos desafios na pesquisa social, não podemos mais desprezar os aspectos apresentados pela memória social e política.

---

<sup>7</sup> No tocante a essa questão colocamos nos anexos vários documentos encontrados.

Um dos pontos de destaque em nossos questionamentos diz respeito à expulsão da Convergência Socialista do PT. Quais seriam os elementos políticos para tal fato? Como a conjuntura nacional influenciou? Qual a visão dos ex-militantes da Convergência? Como se posicionaram outras tendências e outros militantes do PT em relação com a expulsão da CS? Quais as implicações locais e nacionais no terreno político dessa expulsão?

Nesse sentido, nosso objetivo geral é analisar o surgimento da Convergência Socialista e sua luta contra a ditadura militar bem como sua trajetória política, social e cultural até a sua expulsão do PT, fazendo esse debate também com o Ceará. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: I) Ampliar os horizontes de estudo sob o trotskismo no Estado; II) Compreender em seu contexto histórico as práticas de cultura política e os discursos produzidos pela CS no Ceará; III) Perceber como a CS enfrentou os dois momentos: ditadura militar e a expulsão do PT e seus impactos locais para os militantes no Estado do Ceará; IV) Reconstruir parte dos traços essenciais da atuação cultural e política da CS no Estado do Ceará; V) Mapear e apresentar a luta pelo reconhecimento da C.S na comissão da verdade e sua anistia política.

### ***1.2.2 Apresentação da trança teórica***

As recentes Caravanas da Comissão de Verdade colocaram para a sociedade brasileira a necessidade de interrogar-se mais sobre o passado. Os ex-integrantes da CS, anistiados no eixo Sul e Sudeste do país nos deixaram uma pergunta: E no Ceará existia a CS? E desse momento surgiram outras: Quem eram seus membros? Por quais motivos ainda não se teve uma pesquisa sobre essa tendência?

Em conversas informais com dois ex-integrantes Fausto Pinheiro e Fábio José Queiroz, tivemos informações preciosas sobre a CS no Ceará e sua atuação em Juazeiro do Norte, com os anos de clandestinidade na Ditadura Militar no Ceará. A CS tem um projeto estratégico e revolucionário, qual seria sua contribuição com a instituição local? Como ela atuou nesse período?

Campos (1981) relata ainda sobre o escasso material escrito sobre o trotskismo e afirma que o material disponível acerca da origem dos grupos no país pode ser encontrado nos jornais das organizações, no nosso caso, no jornal Convergência Socialista. Para Leal (2003, p.13), “Pode-se afirmar que a militância trotskista marcou a



todos, com diferente intensidade”, seja para posicionar-se contra ou a favor de suas ideias<sup>8</sup>. De acordo com o autor,

[...] a produção acadêmica e literária relativa ao trotiskismo no Brasil nos anos 50 e seguintes é escassa, pouca. [...] Há um campo a ser pesquisado: parece crescer entre os jovens intelectuais o interesse. [por esse tema]. A importante e qualificada capacidade de produção de trabalhos sobre o Partido Comunista no país, acabou obscurecendo outras correntes de esquerda que também tiveram relevante papel. Não apenas os trotiskistas, mas também socialistas, anarquistas, trabalhistas, católicos, luxemburguistas, ecléticos de diferentes matizes. (LEAL, 2003, p.16).

No mês de março de 1978, a Convergência Socialista ganhou notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o Jornal do Brasil, por ter realizado a primeira reunião pública de socialistas, no Colégio Equipe de São Paulo. Nessa reunião compareceram cerca de 800 pessoas. Dessa reunião seguiram-se outras no Rio de Janeiro, Campinas e no ABC Paulista. Meses depois a Convergência Socialista era fundada em Pernambuco e no Rio Grande do Sul.

A Convergência que tinha atuação no ABC Paulista, principalmente no Sindicato de Metalúrgicos de Santo André com Zé Maria de Almeida e outros militantes, publica seu primeiro jornal em apoio aos grevistas do ABC Paulista, em 1978. Esse exemplar especial do jornal “Versus” com o título “A palavra da Convergência Socialista”, com uma tiragem de 10 mil exemplares. Ao mesmo tempo, organiza sua participação nas eleições para governadores, deputados e senadores de 1978. A ideia era apoiar candidatos operários e socialistas, que só poderiam concorrer pelo MDB, o único partido da oposição que podia ter existência legal dentro desse movimento histórico da ditadura militar. Para que os candidatos tivessem o apoio da CS ela exigia que eles concordassem com seu programa e defendessem publicamente a proposta de construir um partido socialista.

Em maiores ou menores medidas, a CS no Ceará esteve conectada a orientar sua ação e política aos planos nacional e internacional, ainda que tivesse pautas locais.

---

<sup>8</sup> Agora, no século XXI, quando as polêmicas do século XX para alguns surgem como superadas, estudar o trotiskismo [...] também contribui à compreensão do presente. Num período histórico como o atual, quando tanto se fala em crise do marxismo, em crise dos valores socialistas, vale a pena rever o significado da luta de ideias entre as correntes que afirmavam ter aquelas mesmas referências teóricas. Para a compreensão das perplexidades das últimas duas décadas do século XX e do início do século XXI, é importante rever os grandes debates teóricos e as lutas políticas concretas que travaram-se ao longo de todo o século XX. As ideias revolucionárias, a crítica do stalinismo, a valorização da democracia socialista, o combate à concepção de socialismo em um só país, a criatividade intelectual, a denúncia da burocratização dos partidos comunistas, a compreensão de que o capitalismo poderia competir com vantagem frente ao esclerosamento da União Soviética, tudo isso constitui o patrimônio dessa corrente que nunca foi grande no Brasil, mas teve significativo peso no debate das ideias, e também na ação prática. (LEAL, 2003, p.14).

Devido a isso, o estudo da CS no Ceará estará ligado aos processos de lutas políticas nacionais e internacionais. Foi através do relato de Fábio José Queiroz<sup>9</sup>, ex-integrante da Convergência no Ceará que percebemos isso:

A minha decisão de entrar para a Convergência Socialista se deu através da leitura do seu jornal no ano de 1982, onde ele descrevia o massacre do Sionismo ao povo palestino e libanês: massacre do Sabra e Chatila. E do jornal nosso voto útil é esse: em que tinha Lula na capa.

Pelo descrito, já havia em anos anteriores a Convergência Socialista e o PT. Esse depoimento nos leva a essas conclusões: O desenvolvimento da pesquisa com o mapeamento de entrevistados, seu convencimento e a realização das entrevistas revelou mais elementos que mostraram a atuação da CS em conexão com os planos nacionais e a conjuntura internacional.

Conforme Cerdeira (2008), no ano de 1998, com a vitória em algumas das principais prefeituras do país, com ênfase São Paulo, é que se tem o processo de adaptação do PT ao Estado burguês. Logo após a derrota nas eleições presidenciais de 1989, a direção do PT aprofunda sua política de integração ao Estado. A maior prova dada foi a política adotada para garantir a governabilidade de Collor, proibindo que seus militantes apresentassem a palavra-de-ordem: “Fora Collor!” e colocando uma série de restrições à atividade de suas tendências internas. Com isso, a CS é expulsa por recusar-se a obedecer à proibição imposta.

Para Cerdeira (2009), a expulsão da CS foi um marco de um processo que combinou uma adaptação do PT ao Estado burguês, sua aliança política com setores burgueses e uma burocratização interna. Mais tarde, isso ganhou sua expressão máxima no governo Lula. De acordo com Marques (2007, p.159),

No interior do PT, a CS se manteria sempre com uma visão crítica que tendeu a se radicalizar a medida que o PT aderiu, cada vez mais, ao jogo político-institucional. A liberdade de tendências no interior do PT, porém, permitia a coexistência. Quando, no entanto, o I Congresso do PT – realizado em 1991 – aprovou propostas de controle estrito das tendências internas, as margens da CS diminuíram bruscamente. Afinal, em 6 de abril de 1992, a CS seria expulsa do PT. Entre os motivos apontados pelo então secretário-geral, José Dirceu, estava o fato de ter desenvolvido ação de rua e tática de oposição ao governo à revelia do Partido.

Nesse sentido, essa pesquisa assume importância pelo fato de se propor a entender a atuação da CS no Ceará em conexão com sua atuação nacional e suas

---

<sup>9</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

orientações internacionalistas ainda que nossa delimitação esteja centrada no local: Ceará.

Segundo Fábio José Queiroz<sup>10</sup>, a atuação da CS foi forte em Juazeiro do Norte. A chegada da Convergência no Ceará se dá com a chegada do PT. Conforme afirmamos, a CS foi a primeira organização a propor a construção do PT. Com a chegada da CUT (Central Única dos Trabalhadores) no Ceará, a CS irá atuar como oposição sindical no Ceará.

Retomando Cerdeira (2008), este lembra que durante todo o primeiro semestre de 1978, a CS aproveita o espaço da abertura da ditadura e trabalha em condições semi-legais, devido às “concessões democráticas” e as lutas dos trabalhadores no período. A CS resolve realizar uma convenção e inicia um processo de legalização do Partido Socialista. A I Convenção Nacional da CS reuniu cerca de 1.200 pessoas, em São Paulo. Porém, um dia após sua realização, 24 militantes da CS são presos, entre eles o principal dirigente trotiskista do PST argentino Nahuel Moreno, que estava exilado na Colômbia e corria o risco com a prisão de ser deportado para a Argentina, que vivia um processo ditatorial.

No início de 1979, já com os principais dirigentes fora da prisão, a CS decide abandonar a proposta de um Partido Socialista para propor a construção de um partido dos trabalhadores. Essa proposta foi transformada em uma moção e levada ao Congresso do Sindicato de Metalúrgicos de Santo André e foi aprovada. A CS foi a primeira organização a propor publicamente a constituição de um partido dos trabalhadores. Em março deste mesmo ano, no governo Figueiredo, explodem fortes greves dos metalúrgicos do ABC e do interior paulista (São José dos Campos, Jundiaí e outras cidades).

A CS tem uma intervenção ativa nas greves do ABC, tendo um papel de destaque em Santo André, São Caetano e São José. Nesse período, os órgãos de repressão destacam o papel ativo da CS. O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, vai aos principais meios de comunicação para acusar publicamente a Convergência Socialista e outros grupos pela greve.

Durante o ano de 1979, desenvolve-se uma profunda discussão interna. O Congresso da CS de outubro é o ponto mais alto dessa crise. Nesse Congresso

---

<sup>10</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

apresentam-se cinco frações e após sua realização três delas se afastam da CS. Essa organização que se inicia com quatro militantes chega a 800 e logo após o Congresso conta com 350 militantes. Cerca de 450 militantes saem da CS.

Em fevereiro de 1980, fundou-se o Partido dos Trabalhadores. Sua constituição tinha como pano de fundo uma radicalização da luta operária, com as lideranças do ABC e dezenas de trabalhadores que apoiavam e entendiam a necessidade de construir uma organização política e sindical.

Como afirmamos, a CS foi a primeira organização a trazer a proposta de construção do PT no Brasil e depois atuou dentro desse partido por 12 anos. A CS foi contra organizações como o PCB e o PC do B, que buscaram impedir a fundação do PT, defendendo em troca o apoio e a participação no MDB e depois no PMDB.

Os 12 anos em que a CS atuou no PT foram de intenso debate interno até sua expulsão em 1992. A CS travou dentro do PT, desde sua fundação em 1980, uma polêmica com Lula e a corrente política do PT que veio a se chamar Articulação e os rumos políticos impressos por Lula e a Articulação Socialista (grupo interno do PT), que segundo a CS era uma política de alianças com a burguesia e de um projeto eleitoral de Frente Popular.

Durante esses 12 anos de militância no PT, a CS defendeu alguns pontos, quais sejam: 1. A necessidade de uma revolução socialista no Brasil como parte de uma revolução mundial; 2. Essa revolução deveria levar a classe operária à tomada do poder; 3. A destruição do Estado burguês; 4. A independência da classe operária diante da burguesia e seus partidos; 5. Nenhum tipo de aliança político-eleitoral com a burguesia e seus partidos.

Em 1983, três anos após a fundação do PT, depois de um amplo processo de reorganização sindical, nascia a Central Única dos Trabalhadores, a primeira grande organização sindical do país.

A CS, que nos dois anos anteriores centrava seu trabalho no movimento estudantil e assumia o nome Alicerce da Juventude Socialista, voltou-se de novo para o movimento sindical. Ela teve como centro de sua atuação a organização de oposições sindicais cutistas que disputassem eleições nos sindicatos. Isso foi decisivo, pois a CS venceu eleições em sindicatos importantes como o Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, em 1984; o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, em 1985; e o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, no mesmo ano, ambos em aliança com outras correntes.

Ainda durante a década de 1980, a CS participou de um novo período de ascensão do movimento sindical e esteve à frente de importantes greves, como as de bancários e metalúrgicos, cujo ponto alto foi a ocupação da Mannesmann, em Minas Gerais.

### ***1.2.3 Tecendo o fio da teoria e metodologias***

No dia 25 de outubro de 2013, a Caravana da anistia que era vinculada ao Ministério da Justiça, certificou que o Estado brasileiro através da polícia política perseguiu os ex-integrantes da Convergência Socialista (CS). Os ex-militantes da antiga organização trotskista perseguidos pela ditadura civil –militar poderão receber reparação financeira.

O processo de declaração de reconhecimento foi realizado no teatro da Pontífica Universidade Católica (PUC), em São Paulo. Dentre os ex-militantes estava José Maria de Almeida, que afirmava: *"Estamos aqui resgatando o passado, mas também construindo o futuro. Puxar pela memória, exigir punição aos torturadores é uma tarefa de primeira magnitude"*, afirmou Almeida. Outros ex-militantes da CS eram: Luis Carlos Prates, conhecido como Mancha; Maria José Lourenço; Arnaldo Schreiner; Dirceu Travesso; Tarcísio Eberhardt; Ernesto Gradella; José Cantídio de Souza Lima; Antonio Donizete Ferreira; Maria Cecília do Nascimento Garcia; Lilian Irene Queiroz; Antônio Fernandes Neto; Alexandre Fusco e Oscar Itiro. Os ex-combatentes falecidos também foram lembrados: Túlio Quintiliano; Rosa Sundermann; José Luís Sundermann; Gildo Rocha; Ligya Maria Magalhães Moreira; Martinho; Paulo Henrique de Souza; Teresa Regina Machado Bastos e Júlio Cesar da Costa Filho.<sup>11</sup>

A Convergência Socialista nasceu da Liga Operária<sup>12</sup> e esteve presente nas greves que ocorreram no ABC Paulista, em 1978. A organização foi responsável pela primeira reunião pública de socialistas ainda durante a ditadura, em 1978. Os militantes da convergência estiveram à frente dos piquetes da greve geral de 1983 e, em 1984, estiveram nas marchas pelas Diretas Já.

---

<sup>11</sup> Pesquisado em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/10/caravana-da-anistia-reconhece-perseguiçao-politica-a-militantes-daconvergência>. Em:10.11.17.

<sup>12</sup> A Liga Operária era uma organização composta de estudantes e operários que lutavam contra a ditadura militar. Dentre os estudantes alguns tinham vindo do Chile fugidos da ditadura de Augusto Pinochet.

O Movimento Convergência Socialista (MCS) foi organizado em 1978 e propunha-se reunir um largo espectro de forças políticas e sociais com o objetivo de fundar um amplo partido socialista capaz de oferecer uma alternativa ao bipartidarismo, ainda vigente durante o governo do presidente Ernesto Geisel. A conjuntura do período estava marcada por sinais de declínio político e econômico do regime autoritário iniciado em 1964 e por uma intensa reorganização dos movimentos sociais e populares. O MCS almejava ocupar os escassos espaços de atividade legal, tolerados pela distensão política do presidente Ernesto Geisel, para organizar um novo partido que deveria ser dotado de funcionamento democrático e de um programa de inspiração socialista. A organização almejava reunir diversos agrupamentos políticos e sociais associados as lutas pelo fim do regime autoritário e norteados pelos ideários socialistas. O principal estimulador do MCS foi a Liga Operária. Ela havia sido fundada em finais de 1973, na Argentina, por exilados brasileiros. Como essa organização mantinha relações com a internacional de inspiração trotskista. (FARIA, 2005, p.217)

Nesse sentido, partindo da leitura de Honneth (2003), percebemos que em meio a luta por reconhecimento<sup>13</sup> os indivíduos e grupos sociais são inseridos ou descredenciados a sua inserção social. Essa luta pelo reconhecimento ocorre por meio da intersubjetividade e não simplesmente pela autoconservação. Esse reconhecimento pode ser realizado por meio de três aspectos: o amor, o direito e a solidariedade. O desrespeito pelas formas de reconhecimento seria o motor para ativar tal luta.

Os grupos e indivíduos só acionam essa luta por formar uma identidade intersubjetiva. Assumindo diferentes dimensões privadas, jurídicas e de solidariedade social. Por meio dessas dimensões se dá a origem e tensões que norteiam a moralidade dos conflitos. A ruptura dessas dimensões gera o desrespeito provocando as lutas sociais. A conjuntura da ditadura civil militar desconsiderou as três dimensões apontadas por Honneth (2003), em relação à Convergência Socialista.

Assim ocorrem lutas em que os indivíduos ou grupos não reconhecidos lutam pelo restabelecimento das relações intersubjetivas buscando seu reconhecimento. Essas lutas têm início a partir de experiências de desrespeito. Os maus-tratos, violações psíquicas, torturas, cerceamento de liberdades, privações de direitos seriam exemplos desse não reconhecimento. A lógica seguida por Honneth (2003) para os movimentos que lutam pelo seu reconhecimento segue o desrespeito gestado para com tal grupo, a luta pelo seu reconhecimento e a mudança social. Esse conjunto teórico que aponta a luta por reconhecimento se mostra relevante para a compreensão do conflito da convergência Socialista e o desrespeito enfrentado pela mesma apresentando esse conflito como um conjunto de lutas morais.

---

<sup>13</sup> Nesse sentido buscamos recuperar aqui o reconhecimento na Comissão da verdade no tocante a anistia política, deixando outras esferas de reconhecimento para análises futuras.

Nessa perspectiva, o grupo da Convergência Socialista deve ser considerada diante de sua posição e situação dentro de uma estrutura social e também por meio das próprias relações que se estabelece com os demais em sua forma dinâmica e reforçadas por lutas de sentido atribuídos e de reconhecimento. Quais as regras de consagração foram estabelecidas dentro do campo das esquerdas para que dentro dessa hierarquização se estabelecessem posições de reconhecimento dos grupos trotiskistas? Quais as características próprias do campo trotiskista? E suas dinâmicas? E regras específicas? Como os trotiskistas interiorizam seus modos de atuação? São perguntas necessárias para se compreender o processo de luta por reconhecimento e que deverão ser retomadas ao longo da pesquisa. Segundo Kaufmann, (2011):

A boa condução de uma entrevista compreensiva é um exercício apaixonante, rico em informações, humanidade e emoções, mas que pode deixar o pesquisador esgotado. Este, de fato, longe de se contentar em recolher dados, deve sentir-se mobilizado a se aprofundar sempre mais. Para isso, o elemento-chave é a formulação de perguntas: ele precisa encontrar a pergunta certa. (...) Para encontrar a pergunta certa, não há outra solução que não seja a de colocar intensamente na escuta do que é dito e de refletir a respeito enquanto o informante fala. (KAUFFMANN, 2011, p.81).

A metodologia da História Oral será importante por possibilitar a coleta e comparação dos depoimentos e o cruzamento com outras fontes. Lembranças, fatos, interpretações que não se remetem apenas a fatos locais foram analisadas, percebendo a conexão com a política nacional e internacional. Torna-se evidente que temos a necessidade da inevitável atividade de selecionar, fazer recortes e construir nosso objeto.

Sob esse aspecto se desvela o campo de lembranças que se aglutinam em depoimentos e principalmente na reconstituição de memórias, selecionadas e repletas da relação passado-presente. Elas atingem uma forma individual e coletiva, na sua individualidade aparecem fatos, momentos, particularidades, sentimentos, interpretações políticas, teóricas e morais que se diferenciam em cada depoente. Em sua forma coletiva, temos a expressão das experiências comuns de uma época, partilhadas pelos militantes, lembranças de momentos e construção de relações sociais comuns, que entram em convergência com os pontos de vista sobre muitos dos relatos de passeatas, atos, discursos teóricos e políticos.

Nessa perspectiva, a História Oral passa a ser um procedimento metodológico que tem a finalidade de auxiliar na construção de fontes e documentos, um registro de narrativas induzidas, sob o estímulo das testemunhas que apresentam

uma diversidade de visões e interpretações sobre a História nas suas mais variadas formas e dimensões: desde as factuais, as temporalidades, os espaços, os conflitos, os consensos e até mesmo os silêncios e vazios históricos. Aglutinam-se depoimentos sobre as histórias vividas pelos trotiskistas, de tal modo, que a História Oral passa a ser, conforme assinalamos, um procedimento, um meio, um caminho na elaboração do conhecimento histórico. Portanto, ela passa a ter um duplo aspecto sobre o passado e sobre o presente, sendo um procedimento que envolve o entrevistador, o depoente e os aparelhos para a gravação.

Outro aspecto importante diz respeito à imprensa, seria impossível um estudo mais detalhado do comunismo ou do anticomunismo sem observar os periódicos. A fonte periódica é rica em detalhes, o papel desempenhado pelos jornais em regimes autoritários pode assumir a forma de difusor de propagandas políticas favoráveis ao regime, ou mesmo de sutis resistências, ou até projetos alternativos podem surgir. Ainda na questão da pesquisa com fontes impressas, merece nossa atenção a obra de Capelato (1994), que afirma haver nos jornais um manancial dos mais férteis para a pesquisa histórica. A imprensa traz a possibilidade do acompanhamento das trajetórias dos homens diante das temporalidades. Os jornais que em outros períodos, eram considerados fontes suspeitas e pouco valiosas, hoje são valorizadas pela variedade de informações para o estudo de uma época. A imprensa trava uma permanente luta pelas emoções e consciências, registrando, participando, comentando e buscando “fazer a história sob seu ponto de vista”.

As principais fontes de nossa pesquisa são: 1. depoimentos dos ex-militantes da CS no Ceará. 2. gravações de três seminários da Comissão da Verdade, do documentário A Convergência Socialista e a Ditadura Militar e do evento A Convergência e a Ditadura Militar, realizado em Fortaleza; 3. exemplares do Jornal Convergência Socialista de 1984-1992; 4. referências bibliográficas e cadernos de formações internas da Convergência Socialista; 5. fotografias dos jornais e de membros nacionais da CS, 6- documentos encontrados em sites na internet.

### **1.3 Percurso metodológico**

A pesquisa que apresentamos é parte de uma trajetória iniciada em 2007, quando, na graduação no Curso de História da UECE, demos início ao estudo da tradição marxista do trotiskismo, com atenção a esses agrupamentos políticos na cidade



de Fortaleza. Em 2008, ingressei no Mestrado Acadêmico em História, desenvolvendo uma dissertação de mestrado sobre os grupos trotiskistas no Ceará durante os anos de 1963-1978. Parte do capítulo primeiro da tese é uma retomada desses estudos nos planos internacional e nacional com uma sucinta descrição do trotiskismo no Ceará. A necessidade de fazer esse longo caminho diz respeito aos elementos teóricos e históricos do trotiskismo.

Outro desafio foi o de aglutinar uma boa bibliografia sobre o tema. Por diversos anos, visitei e fui um assíduo comprador de livros, em sebos ou livrarias, que apresentassem algo sobre o tema do trotiskismo. Pela internet, busquei artigos, teses, dissertações e monografias, bem como jornais e fotografias. As redes sociais me aproximaram do acesso às fotografias, que podem ser observadas nos anexos de nosso trabalho.

O doutorado em Sociologia na UFC me ofereceu uma variedade de disciplinas que ajudaram a pensar conceitos e metodologias. Um conceito importante foi o de outsiders, que busquei nos estudos de Norbert Elias e John L. Scotson. Ao estudar os habitantes de um povoado da Inglaterra, Winston Parva, eles puderam mostrar como um povoado, aparentemente homogêneo, estava na realidade dividido em dois grupos: os estabelecidos e os outsiders. Os estabelecidos mantinham uma relação de poder, marcada pela antiguidade na região de Winston Parva, gerando estigmatizações sobre os outsiders, que eram associados aos crimes e delinquência na região. A unidade entre os dois grupos é complementar, tensa e desigual.

A partir daí, passei a pensar que dentro da tradição marxista não há uma homogeneidade, como muitas vezes se pensa. E que, nos anos em que a Terceira Internacional esteve sob a hegemonia de Stálin, os agrupamentos conhecidos, ou acusados de seguir as ideias de Leon Trotsky foram estigmatizados pelo grupo melhor estabelecido na Terceira Internacional. O stalinismo passou a adotar uma relação de poder por se apresentar como o verdadeiro herdeiro das vitórias e conquistas da Revolução Russa, criando estigmas sobre os grupos trotiskistas. A unidade entre ambos é complementar, tensa e desigual. Daí comecei a pensar os grupos trotiskistas como outsiders e os grupos stalinistas como estabelecidos.

A metodologia da História Oral me permitiu pensar as entrevistas, as perguntas a serem feitas, a ouvir bem os entrevistados e buscar captar suas entonações e emoções, transpondo e analisando, convergindo ideias, assuntos, cruzando informações e reelaborando a escrita que está marcada de memórias, sonhos, alegrias e decepções.

O capítulo segundo foi feito a partir de disciplinas cursadas no doutorado, de trabalhos finais, como artigos. Assim, foi na disciplina de sistemas simbólicos, com a Profa. Dra. Léa Carvalho, que escrevi o tópico: *A expulsão da Convergência Socialista do Partido dos Trabalhadores e seu drama social (1978-1992)*. Os outros tópicos do segundo capítulo foram escritos durante a disciplina do Seminário de tese, com meu orientador Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj. A cada semana, ou até duas semanas, cheguei a escrever e apresentar um tópico nas aulas, que era discutido e analisado pelo professor Jawdat e outros estudantes do Programa, que também cursavam essa disciplina. Foi algo enriquecedor e de uma troca de experiências e acolhimento de sugestões.

Os capítulos terceiro e quarto são o resultado do levantamento bibliográfico e das entrevistas cedidas por quatro ex-integrantes da Convergência Socialista. Isso me permitiu observar a atuação desse agrupamento trotiskista em Juazeiro do Norte e em Fortaleza. Também foi possível conhecer seus setores sociais de atuação, a forma como atuavam, as divergências, campanhas políticas. Em suma, trazer à tona as memórias da Convergência Socialista, para melhor compreender seu papel social e político nos anos de ditadura e redemocratização.

## 2 O TROTSKISMO

No livro da política, das edições globo, de 2013, cuja autoria é de Paul Kelly e outros autores, podemos encontrar um texto que procura falar da teoria de Leon Trotsky. Na verdade, o texto não fala da teoria de Trotsky, ou seu legado, mas dá ênfase a obra *A moral deles e a nossa*, escrita pelo revolucionário russo. A escolha dessa obra diz muito da intenção do livro. Trazer à tona uma discussão da moral para os revolucionários em meio a um livro de teoria política. Não foram escolhidos *A História da Revolução Russa*, *A Revolução Traída* ou *O Programa de Transição*, livros que poderiam trazer maiores contribuições ao debate e apresentar ideias políticas de Trotsky, mas o livro sobre moral, como uma forma de demonstrar que os revolucionários no terreno da moral utilizam qualquer fim para a revolução. Nada mais incorreto e deturpador, impossível. Somente o que avança a consciência e luta das massas serve de baliza para se iniciar essa discussão. Mas longe disso, pretendemos com esse livro, demonstrar como as editoras ainda mantêm uma visão estereotipada e falsificadora, quando se referem a Trotsky, e ou mesmo a Revolução Russa de 1917 e seu legado. Por exemplo, na citação da obra: “Um massacre foi perpetrado pelo exército vermelho de Trotsky durante a Guerra civil russa, levando críticos a comparar o bolchevismo ao expurgo de Stálin”. (KELLY, p. 245). O autor não diz qual massacre, nem lembra que a Rússia foi invadida por mais de dez nações ocidentais, dando apoio ao exército branco e não cita os críticos que comparam os momentos dos expurgos com a guerra civil, num anacronismo sem tamanho, e ainda abaixo do escrito, coloca uma fotografia de pessoas mortas, não se sabe em que local ou a fonte da fotografia, muito menos se trata do exército vermelho. Nossa pesquisa, os estudos que desenvolvemos sobre o trotskismo permitem seguramente afirmar, que esse tipo de trabalho promovido pelo livro da política a respeito de Trotsky e da Revolução Russa, procuram na verdade, desprestigiar seu legado e criar uma ideia de que todo esse processo revolucionário não merece atenção ou credibilidade, e não nos trará lições ou experiências. Devendo ser esquecidas e apagadas de nossa memória ou história.

Como se não bastasse isso, ainda destaca apoiado em Harry Haywood, que as ideias de Trotsky estavam fadadas ao fracasso, pois eram incorretas, não se conformavam a situação objetiva e as necessidades e interesses do povo. Eram incorretas em que pontos? Estavam fadadas ao fracasso, fatalismo de vontade histórica do autor, quais eram as condições objetivas na Rússia? Desconhece a lei do

desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky e Parvus, que melhor descreveram a formação social russa, não se adequavam aos interesses do povo. Trotsky foi eleito pelo povo presidente do Soviet de Petrogrado. O autor também desconhece. Por fim, citando Paul Mattick, não se sabe em que obra ele foi citado por Kelly que continua, “a Revolução Russa foi, por si só, tão totalitária quanto o stalinismo e que o legado do Bolchevismo, leninismo e trotiskismo serviu como uma simples ideologia para justificar sistemas capitalistas alternativos controlados por meio de um Estado autoritário” (KELLY, 2013, p. 245). Essa forma de julgar o a experiência da Revolução Russa, e o método de comparar como a mesma coisa: Bolchevismo, stalinismo e trotiskismo é um recurso muito utilizado para desconfigurar o interesse sobre essa revolução e seus pontos fortes e debilidades. O texto que apresentamos sobre Trotsky e a Revolução Russa procura mostrar isso: seus elos fortes e fracos. Nenhum processo revolucionário, sejam as revoluções burguesas clássicas: francesa, inglesa ou americana abdicaram da violência, pelo simples fato de que nenhuma classe social que esteve no poder abdicou de seu poder, sem lutar pela perpetuação do mesmo. No entanto, as diferenças entre a revolução russa e as burguesas são enormes. Outro aspecto importante é o de que jacobinos, girondinos e montanheses, grupos da revolução francesa, expressam projetos e ações políticas diferentes durante a marcha da revolução francesa. Se um estudioso, afirmasse que todos eram a mesma coisa, não se poderia levar a sério tal argumento. Comparar agrupamentos políticos nos processos revolucionários como idênticos, nos parece simplismo teórico que não ajuda a compreender diferenciações gestadas durante o curso das lutas de classes e conflitos. No intuito de destravar esse impasse gerado por Kelly, passo a apresentar quem foi Leon Trotsky e um pouco do que foi a Revolução Russa. Para iniciar vejamos uma posição interessante sobre Trotsky, elencada por Vânia Bambirra

Trotsky foi sem dúvida alguma, depois de Lênin, um dos maiores teóricos marxistas produzidos pelo processo revolucionário russo. Suas contribuições ao avanço do marxismo são múltiplas e diversificadas, pois ele fez incursões em vários campos da problemática das ciências sociais de sua época. Mas, Trotsky foi também entre os revolucionários russos aquele para quem a história deve contabilizar, de maneira objetiva, tanto grades acertos, como grandes erros. Talvez na sua balança a ponderação entre ambos alcances um equilíbrio quase inverossímil, paradoxal, e, contudo, muito típico dos heróis que marcaram uma época. (BAMBIRRA, 1993, p.261).

Pensamos que a citação de Vânia Bambirra faça mais justiça ao que representa um revolucionário como Trotsky e seu legado, acertos e erros e também seu

papel de destaque ao lado de Lênin, além do reconhecimento de suas elaborações teóricas. Em certa medida o desconhecimento sobre Leon Trotsky e o trotiskismo tenham sido efeito também do que revela Deustcher:

Durante cerca de 30 anos as poderosas máquinas de propaganda do stalinismo trabalharam furiosamente com objetivo de arrancar seu nome (Trotsky) dos anais da revolução, ou deixá-lo ali apenas como sinônimo de arquitetador. Para a atual geração soviética, e não apenas para ela, a história da vida de Trotsky é quase como uma antiga sepultura egípcia, onde sabemos que havia o corpo de um grande homem e a relação, gravada em ouro, de seus feitos. Mas ladrões de túmulos e vampiros saquearam-na e a deixaram tão vazia e desolada que não se encontra mais nenhum traço dos registros que conteve. No caso que tratamos, o trabalho dos violadores de túmulo foi tão persistente que afetou fortemente até mesmo o ponto de vista dos historiadores e estudiosos ocidentais independentes. (DEUSTCHER, 1968, p.2).

Devemos enfatizar que o poder das ideologias burguesas e stalinistas era indubitavelmente superiores, não só pelo seu esmagador poder material e por seu equivalente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes e da casta burocrática soviética, mas também porque esse poder ideológico só pode prevalecer e se consolidar pela predominância das mistificações elaboradas pelos mesmos. Assim os receptores sociais podem ser induzidos a endossar, silenciar e obscurecer valores, diretrizes políticas que eram opostas aos seus interesses viscerais.

O trotiskismo sendo inimigo da burguesia e adversário do stalinismo passa a ser atacado nos dois *fronts*, formando uma ideologia estabelecida e organizada na dinâmica social e política. Tal ataque duplo cria uma força enorme se levarmos em consideração o desequilíbrio indiscutível no poder material, político e cultural nas mãos dos grupos dirigentes. Uma história que se coloca como dominante não pode ir contra a ideologia dominante (DOSSE, 1992, p.54). Assim, por questionar e agir contra essa história dominante o estudo do trotiskismo por longos anos foi alvo de ataques e desqualificação por parte de seus inimigos e adversários. No entanto conforme assinalou Deustcher (1968, p.30): “Somente as idéias claras, ousadas e expostas de forma explícita podem entusiasmar as inteligências e os corações jovens”.

Entendemos que o estudo do trotiskismo só pode ser compreendido se levarmos em consideração a tarefa de se conhecer seu movimento numa amplitude maior, internacional, para que saia de seu terreno específico num dado momento e retorne a ele. Dentro dessa perspectiva precisaremos conhecer um pouco quem foi Leon Trotsky, qual sua contribuição e como se desenrolaram essas contribuições teóricas e políticas ao longo da história; como se desenvolveu a Revolução Russa, matriz

conceitual e experimental da primeira tomada de poder de um país, exercida pela classe trabalhadora e que inspirou e inspira gerações e mais gerações de trotiskistas. No decorrer desse processo de revolução surgiu o termo trotiskismo, que desencadeou a luta pelo melhor projeto de estratégia da construção do socialismo. De um lado, Stalin, reivindicando e impondo pelos métodos mais nefastos sua teoria do socialismo em um só país, do outro, o “Profeta Desarmado”, segundo Deustcher (1968), com a teoria e estratégia da “revolução permanente”. Diante de tais lutas, as experiências históricas de derrotas em várias revoluções sob a direção de Stalin e da Terceira Internacional iriam mostrar como o stalinismo conseguiu organizar as derrotas que sepultariam por longos anos os processos revolucionários. A última grande capitulação foi quando Stalin resolveu assinar um tratado com Hitler. Antes desse momento Trotsky já assinalava a capitulação e a Terceira Internacional não tinha mais a possibilidade de estar à serviço da classe trabalhadora. Na visão de Trotsky e alguns trotiskistas, diante da impossibilidade e das experiências de derrotas, foi fundada a Quarta Internacional.

O professor da Universidade Estadual de Campinas, Álvaro Bianchi, em um levantamento bibliográfico de Trotsky e das publicações trotiskistas, constatou com consternação que, contrariando o crescimento do número de organizações trotiskistas nos anos 1990<sup>14</sup>, em países como Brasil e Portugal, as publicações sobre o trotiskismo tinham sido acompanhadas por um declínio de suas publicações, concluindo que a história editorial de Trotsky no Brasil sempre foi acidentada.

## 2.1 Leon Trotsky e o Trotiskismo

Na construção de biografias não podemos incorrer em uma descrição linear, onde os sujeitos aparecem como seres personificados de uma perfeição quase a beirar o “Olimpo”. Bourdieu (1986, p.184) afirma que a história de vida passou a ser uma dessas noções que se incorporaram ao senso comum e contradizem o universo científico, passando a descrever a vida como uma estrada, uma carreira, um caminho sem sinuosidades. Em suma, um percurso linear, unidirecional como se os sujeitos históricos

---

<sup>14</sup> Os anos noventa foram anos de muita dificuldade para o marxismo. Diversos autores se comprometeram com a ideologia capitalista e decretaram que a queda dos regimes stalinistas do Leste Europeu e da URSS, era na verdade a queda do próprio marxismo e o fim da história para a luta pelo socialismo (Francis Fukuyama, Milton Friedmam ). Assim muitos Partidos revolucionários e militantes de diversos movimentos sociais perderiam seus referenciais teóricos. Em um tempo curto, muitas obras de referenciais marxistas passaram a cair em descrédito.

não fossem seres humanos. Não é nosso objetivo ao esboçar biograficamente a vida de Trotsky seguir esse percurso. Aglutinando informações dos mais diversos biógrafos tentamos uma descrição que traga informações importantes para compor o campo analítico da pesquisa, que se articule com indagações dos depoentes e se oponha ao senso comum estabelecido pela história tradicional. Não há em nossa pesquisa a intenção de elaborar uma “ilusão biográfica”, onde a vida passa a ser um todo, conjuntamente coerente e orientado, como uma expressão unitária.

A importância do estudo de Trotsky e de suas ideias é uma realidade que se desenvolve na medida em que acompanhamos suas análises políticas e sua contribuição para a história do século XXI, se levarmos em consideração os mais diversos grupos trotiskistas no mundo. O marxismo de Trotsky é marcado por uma negação das concepções mecanicistas que procuravam apontar o desenrolar da revolução por meio de aspectos econômicos apenas. De tal modo:

Dentre todos os socialistas que se destacaram no século XX, foi Trotsky quem identificou com maior clareza as principais tendências de seu desenvolvimento e as principais contradições de sua época. Foi também Trotsky quem formulou de maneira mais clara, uma estratégia emancipatória dos trabalhadores. Sua contribuição para a história deste século foi predominantemente política e não, como alguns têm dito puramente sociológicos, e teve um caráter eminentemente prático - teórico. Trotsky desenvolveu um conceito, ou modelo dos diferentes processos da luta de classes numa escala global e tirou conclusões práticas, táticas, organizacionais e estratégicas. (MANDEL, 1995, p.21).

O verdadeiro nome do revolucionário russo era Lev Davidovich Bronstein<sup>15</sup>, segundo Garza (1990, p.8), durante sua fuga de Verkholensk, local de uma prisão para militantes que lutavam contra o czarismo. Em sua primeira parada na longa jornada de fuga que enfrentava no inverno siberiano, com dezenas de quilômetros sendo cruzados a uma temperatura de 55 graus negativos, sob neve, florestas escuras, pequenos rios que congelavam, representando um arsenal de armadilhas, principalmente para aqueles que não conheciam a região, depois de conseguir um passaporte falso que surge o nome com o qual ele passaria a ser conhecido e assim:

[...] escreveu o primeiro nome que lhe veio à cabeça: Leon Trotsky. Era um sobrenome comum na Rússia, derivado da palavra alemã “trotz”, que significa coragem, confiança, atrevimento, insolência, obstinação. No futuro, o grande líder revolucionário ouviria essas expressões associadas ao seu

---

<sup>15</sup> A partir desse momento passaremos a grafar Lev Bronstein, até que diante da narrativa biográfica explicitemos o momento da escolha de Lev Bronstein pelo pseudônimo Leon Trotsky.

nome, em alguns casos como elogio, em outros como insulto. (GARZA, 1990, p.9).

Lev Davidovich Bronstein nasceu no dia 26 de outubro de 1879, em Yanovka, pequena cidade no Sul da Ucrânia, mais conhecida como cinturão do trigo. Podemos destacar que Lev Bronstein era filho de judeus e que estes sofriam duras perseguições do regime czarista. Seu pai chamava-se David Leontievich Bronstein e sua mãe era Ana Bronstein. (TROTSKY, 1978).

A Ucrânia era uma região destacada pelo czarismo para acolher os judeus, onde eles podiam se dedicar ao trabalho nos campos agrícolas. Foi durante um momento de breve apaziguamento na perseguição dos judeus que os Bronstein se mudaram para Yanovka.

Por meio de um esforço econômico e vivendo uma vida simples, eles conseguiram acumular uma soma pequena de capital e, antes do nascimento do Lev Bronstein, compraram alguns hectares de terra e arrendaram outros. Morando em um casebre de barro e coberto de palha, com cinco diminutos cômodos, os Bronstein passaram ao trabalho cotidiano. Os resultados dos lucros do trabalho fizeram com que David Bronstein, fosse o fazendeiro de Yanovka que empregava o maior número de camponeses e se tornasse, também dono de um moinho de trigo. Toda essa atmosfera de trabalho absorvia os Bronstein e sua atenção para com os filhos era escassa. Ao que se apresenta Lev Bronstein (Trotsky) teve uma infância solitária, apesar das brincadeiras com seus irmãos. Essa vivência na fazenda talvez o tenha levado a aprender a conviver com a solidão, habituando-se aos períodos mais extensos de reflexão. Após uma infância solitária, vivendo nos campos e na fazenda de seus pais, Lev Bronstein passou receber informações sobre a cidade. Um sobrinho de sua mãe, conhecido como Monya, vem para Yanovka e passa a ensinar ao primo boas maneiras, aritmética, geometria, gramática e a língua russa. Monya despertará em Lev Bronstein uma atmosfera de paixão por movimentos políticos, sonhos de democracia e liberdade. (TROTSKY, 1978).

Lev Bronstein é convidado por Monya para ser seu hóspede na cidade de Odessa, local onde vivia com Fanny, uma jovem culta com quem era casado. Com nove anos de idade, Lev Bronstein passa a ter uma avidez pela aprendizagem e uma forte disposição para os estudos. De acordo com Deustcher (1968, p.23): “O adolescente começou a ler Leon Tolstoi com tantas dificuldades para compreender, que



frequentemente se exasperava”. E também, “sentia-se quase humilhado ao ouvir referências a livros e autores que desconhecia”. Segundo esse autor:

A vida em Odessa limitava-se a escola e a casa, praticamente sem divertimentos. Não acompanhava os colegas nos esportes, passeios, pescarias, não chegou a ter nenhum amigo íntimo. Logo assimilou a idéia de que a cidade era o local de trabalho - onde se exigia estudo, disciplina e método - e o lazer ficava para as temporadas em Yanovka. O adolescente simplesmente não compreendia como é que se podia divertir ou praticar esportes numa cidade. (DEUSTCHER, 1973, p.27).

De tal forma, que aos 17 anos Lev Bronstein era um jovem talentoso, bastante intelectualizado, que manifestava interesse por dois campos aparentemente contraditórios: o estudo literário com a perspectiva de escrever peças de teatro, tendo iniciado alguns escritos e a matemática pura, através das quais desejava entrar para a Universidade.

No ano de 1896, Lev Bronstein precisa continuar seus estudos em Nikolaiev. Nessa cidade, Lev Bronstein irá ter experiências que mudariam sua vida e passaria a iniciar seu contato com o marxismo. Foi nessa mesma cidade que Lev conheceu sua primeira esposa a jovem Alexandra Sokolovskaia, quando tinha 17 anos apenas. (DEUSTCHER, 1968, p.40).

Morando em quarto alugado de uma pensão, ele tem os primeiros contatos com os debates políticos e com as mais variadas vertentes do socialismo na Rússia. Porém, a convite de um de seus colegas da escola vai à sua primeira reunião em um pomar, que tinha como arrendatário um homem de vinte e oito anos, de nacionalidade tcheca e que se chamava Franz Chigovsky. Ele era um homem culto, inteligente e que chamou a atenção do jovem Lev Bronstein. Os membros desse grupo se reuniam no pomar e se denominavam jardineiros. Lev achava que era este o momento de partir para a ação e fundou um sindicato, surgindo assim a União dos Trabalhadores do Sul da Rússia, não chegando a ter mais de duzentos membros. Após algumas ações acabou sendo preso e passou por muitas prisões e deportações (DEUSTCHER, 1968, p.43).

Foi ainda no presídio de Moscou que Lev se casou com a jovem Alexandra Sokolovskaia,<sup>16</sup> no ano de 1900. Mais tarde, depois da Revolução Russa de 1917, Alexandra sofreria com as perseguições de Stálin aos trotiskistas. Lev passou quatro

---

<sup>16</sup> Foi de muita importância esse encontro, devido a ser Alexandra quem introduz Trotsky nos debates sobre o marxismo, ainda que de forma confusa e conflituosa por parte de Trotsky. Coube a Alexandra a ajuda na fuga de Trotsky durante os anos de prisão. Seu papel é pouco destacado em vários biógrafos de Trotsky. A segunda esposa de Trotsky foi Natália Sedova com quem teve mais dois filhos. Que também era militante e o acompanhou durante toda vida em meios as deportações.

anos e meio na prisão, quando foi chamado a fazer parte do Iskra, juntamente com Lênin. Nesse mesmo período já havia escolhido o nome que o marcaria para a história, Trotsky<sup>17</sup>.

Daí em diante passou a colaborar com os revolucionários em torno do jornal Iskra, ou a Centelha. Diante do Iskra irão se abrir os primeiros passos para a divisão entre os Bolcheviques, os partidários de Lênin (Bolchevique era uma palavra derivada de *bolchevikiè*, que em russo é comparativo de grande) e Martov, a oposição dos Mencheviques (que quer dizer pequeno em russo). O centro do debate girava em torno da questão de quem era militante do partido. Martov defendia que aqueles que simpatizassem com o programa e o partido seriam militantes; já Lênin achava insuficientes essas condições, estabelecendo que seriam militantes aqueles que se reunissem em seus organismos seguindo as deliberações centralizadamente e financiassem seu partido. Todo esse debate ocorria no Partido Operário Social Democrata da Rússia. Segundo Garza (1986, p.24): Trotsky posicionou-se inicialmente com uma postura de independência política em relação a ambos, mas ressalta sua atenção para os perigos de uma organização do tipo Bolchevique no período.

Trotsky concordava com Lênin quanto à necessidade de uma única autoridade centralizadora, mas colocou-se ao lado de Martov por acreditar na importância de abrir o partido a todos os que se comprometessem a defender seu programa. Nesse congresso (**II Congresso do POSDR**),<sup>18</sup> consagrou-se como orador brilhante e debatedor agressivo e irônico de Leon Trotsky: “Os métodos de Lênin, disse ele aos congressistas, nos levarão à seguinte situação: a direção do partido acabará por substituir o partido como um todo; depois, o comitê central substituirá a direção e, por fim, um único ditador acabará assumindo o lugar do Comitê Central”. (GARZA, 1986, p.33).

Trotsky tentava encontrar formas para a unidade dos dois grupos, sem perceber que as diferenças organizativas estavam postas diante da constituição de uma organização partidária que efetivamente pudesse tomar o poder em meio à repressão e à luta contra todo um estado autoritário e repressivo. Ele mesmo faz seu balanço dando razão a Lênin e destacando que a tendência à unidade era forte, inclusive nos Bolcheviques.

Também entre os próprios bolcheviques a tendência a unidade era muito forte, e eu esperava que isso impelisse Lenine a tomar parte na Conferência. Lenine, porém, se opôs com todas as suas forças a conciliação. **Os fatos lhe**

---

<sup>17</sup> Daqui em diante, em vez de Lev usaremos seu nome de guerra: Trotsky.

<sup>18</sup> Grifo nosso para ressaltar o congresso.

**deram razão**<sup>19</sup>. A conferência reuniu-se em Viena em agosto de 1912, sem os bolcheviques, e eu me encontrei formalmente num “bloco” com os mencheviques e com grupos isolados de bolcheviques dissidentes. O bloco não tinha nenhuma base política, pois em todas as questões de princípio eu me afastava dos mencheviques. No dia seguinte ao da conferência retomei a luta contra eles. Todos os dias surgiam conflitos entre as duas tendências diametralmente opostas: a dos social-revolucionários e a democrático-reformista. (TROTSKY, 1978, p.194).

Diante dos acontecimentos políticos e protestos populares contra a política czarista, Leon Trotsky sai do exílio e volta clandestinamente para a Rússia. Passou a atuar na clandestinidade, tendo uma forte influência no processo revolucionário de 1905. Diante das greves surgem os *soviets*. Deustcher (1968) destaca que, com o desenvolvimento da greve (1905), nasceu uma instituição criada na essência da Revolução Russa: o primeiro conselho, ou *soviet*, dos representantes dos trabalhadores. O *soviet* não foi uma invenção bolchevique. Foi dentro do *soviet* de Petrogrado que surge a liderança de Trotsky. Sobre esses acontecimentos, Trotsky destaca:

Os acontecimentos de 1905 constituíam um vigoroso prólogo do drama revolucionário de 1917. Durante alguns anos, enquanto triunfava a reação, o ano de 1905 nos aparecia como um todo: a revolução russa. Atualmente perdeu esse carácter independente, sem deixar de manter integralmente seu próprio significado histórico. A revolução de 1905 surgiu ditretamente da guerra russo - japonesa, assim como a revolução de 1917 foi a conseqüência direta do grande massacre imperialista. Dessa maneira, tanto nas origens quanto no desenvolvimento, o prólogo continha todos esses elementos do drama histórico de que hoje somos testemunhas. (TROTSKY, 1977, p.13).

A luta de Trotsky no *soviet* de Petrogrado durou 52 dias. Em 1917, Trotsky era novamente o presidente do *soviet* de Petsburgo. No dia 3 de dezembro de 1905, o revolucionário russo foi preso, juntamente com outros companheiros e passou um tempo na prisão, onde elaborou o livro conhecido como *Balanços e perspectivas*. É nessa obra, em seu último capítulo, que ele dá uma explicação básica da teoria da “revolução permanente”. Sobre os acontecimentos de 1905, Trotsky ainda destaca que:

As minhas bases teóricas, o meu método político, encontravam pela primeira vez, aplicação prática na batalha. Diante dos acontecimentos, eu me sentia seguro. Compreendia-lhes o mecanismo pelo menos assim, me parecia, imaginava como teriam que repercutir na consciência dos trabalhadores e previa nas suas linhas mestras, o que podia trazer o dia seguinte. De fevereiro a outubro participei dos acontecimentos apenas como escritor. Em outubro, atirei-me no vórtice titânico e essa foi a prova maior. (TROTSKY, 1978, p.163).

---

<sup>19</sup> Grifo nosso para destacar a referência a Lênin. Segundo Deustcher, o mesmo Lênin afirmou: “depois da adesão de Trotsky ao bolchevismo não houve melhor bolchevique que ele”.

Os anos de 1907 até 1914 foram calmos em relação aos turbulentos anos de 1905-06, passando Trotsky a exercer uma atividade política bem inferior ao seu cotidiano, vivendo durante todos esses anos em Viena com sua segunda esposa Natália Sedova e os dois filhos, Liova e Serguei, nascidos dessa relação. Foram dez anos de exílio até os acontecimentos de 1917. (TROTSKY, 1978).

Foi durante os acontecimentos de 1917 que Trotsky passa a atuar dentro da Rússia novamente no *soviet* de Petrogrado. O país, em 1917, estava esgotado e, com ele, o Czarismo. Na primeira guerra as tropas russas lutavam contra as tropas alemãs e contra a falta de mantimentos, armamentos e equipamentos. As derrotas eram constantes, com espaços rurais arrasados e em revolta. Subiam constantemente os preços dos alimentos e bens de consumo, pois à medida que aumentavam seus valores, também passaram a sumir dos mercados. Havia um País com fome, cansado e em guerra sem as condições básicas de vida. Com a derrubada do Czar Nicolau II, em fevereiro de 1917, se colocava na ordem do dia: que tipo de governo? Como governar? Que tipo de regime? Com quem governar e para quem? As respostas estavam entre os dois grupos políticos: os Bolcheviques e os Mencheviques. (TROTSKY, 1973).

Diante dos dois programas, Trotsky se colocou decisivamente do lado dos bolcheviques. Já deixara de lado suas velhas polêmicas com Lênin, de acusá-lo de criar uma “ditadura dentro do partido”, e se colocava na defesa do projeto Bolchevique, de que somente um partido coeso, organizado e disciplinado poderia promover a insurreição e se impor no governo. Tal atitude mostrava que as antigas polêmicas com Lênin sobre a questão organizativa do partido tinham convergido para as interpretações teóricas de Lênin: Trotsky agora era um bolchevique-leninista convicto. Suas dúvidas quanto à forma organizativa passaram a não ter mais eco político e ele se colocou para o cumprimento das mais diversas tarefas políticas e organizativas dentro do Partido Bolchevique.

No dia 20 de agosto de 1940, Trotsky é assassinado por Ramon Mercader, nome do verdadeiro assassino que era um agente da polícia secreta stalinista (GPU) antecessora da KGB. O crime foi planejado durante um longo período estimado que durante alguns anos. Mercader viajou para a Rússia em 1937, permanecendo lá por seis meses. Depois foi para o México, único país a conceder asilo político a Trotsky. Ele conseguiu se aproximar de Trotsky por meio de sua secretária (Sílvia Ageloff), apresentando-se como um simpatizante de suas ideias. No dia do referido assassinato, com o pretexto de que Trotsky examinasse um texto escrito por Mercader, desferiu-lhe

um golpe mortal. Ressalte-se que, após sair da prisão, Mercader foi para a Rússia e foi condecorado com a medalha de Herói da União Soviética, em 1961.

O assassinato de Trotsky expressa uma política consciente do Stalinismo para eliminar qualquer laço de continuidade entre os experientes militantes da Revolução Russa de 1917 e as gerações novas. Leon Trotsky não tinha sido apenas o organizador do Exército Vermelho e um dos principais dirigentes da revolução. Foi ele quem primeiro identificou os perigos da crescente burocratização do partido e do Estado Operário soviético que colocavam em constante risco as conquistas da Revolução de Outubro, pois após a morte de Lênin, ele dedicou sua vida na luta prática e teórica pela libertação do movimento Operário Internacional da dominação burocrática do Stalinismo. Apesar de Stálin dirigir um aparato nunca visto antes na história (A Terceira Internacional), ele sabia o que poderia significar a presença de Trotsky em outros ascensos revolucionários. (MANDEL, 1995, p.63).

Leon Trotsky lutou dentro do *soviet* de Petrogrado, um dos mais importantes da Rússia, sendo sua principal liderança. Daí em diante, Trotsky passou a ser um dos principais dirigentes da Revolução Russa de 1917, participando de forma direta da tomada do poder pelos trabalhadores, destacando-se como liderança, também merecendo destaque na organização do Exército Vermelho<sup>20</sup>, durante o período de Guerra Civil, diante da invasão de 14 países capitalistas que buscavam derrotar o governo que buscava construir o socialismo. Até 1927, foi membro do Comitê Central e do Birô político do governo dos bolcheviques. Mereceu atenção também por ser um teórico original do marxismo ao esboçar as linhas mestras de suas teses sobre a “revolução permanente”<sup>21</sup>, desde 1905, além de líder da oposição a Stalin, foi o fundador da Quarta Internacional.

O esboço biográfico atende a nossa intenção de se conhecer mais sobre a vida de Trotsky. Ao longo de sua existência, o revolucionário russo passou por diversos países, organizando oposições ao Stalinismo e ao processo de burocratização do regime soviético, até que em 1940 ser executado por um agente de Stálin no México, onde esteve exilado. A trajetória e as ideias de Trotsky merecem ser conhecidas e estudadas, pois de acordo com Mandel:

---

<sup>20</sup> No que toca a isso, preferimos realçar seu papel de organizador do Exército Vermelho diante do panorama da Revolução Russa e do trotiskismo. O exército russo estava completamente arrasado diante da luta na Primeira Guerra Mundial, coube a Trotsky recrutar e reorganizar o Exército Vermelho, além de recompor a moral do mesmo. (DEUSTCHER, 1968).

<sup>21</sup> Sobre a Revolução permanente, iremos abordar mais adiante, quando tratarmos das divergências entre o Stalinismo e o Trotiskismo.

Após setenta anos de mentiras e difamações, e cinquenta de silêncio, podemos dizer: O moinho da História gira bem lentamente, mas gira, e gira. À luz dos acontecimentos atuais na Rússia e no mundo, não temos a menor dúvida de que a história fará justiça a Trotsky. (MANDEL, 1995, p.234).

## 2.2 O Trotiskismo e a Revolução Russa de 1917

O trotiskismo surge das lutas contra o processo de burocratização por que passou o Partido Comunista, mas, segundo Marie (1990, p.12): “O trotiskismo nasceu da Revolução de 1905”. Nossa discordância dessa afirmação ocorre por alguns pontos que questionamos: 1) O que surge em 1905 são as suas bases teóricas, como a teoria da “revolução permanente” e não as bases políticas para testar suas teorias, como por exemplo: a afirmação de um levante revolucionário contra o czarismo. 2) Os argumentos desse autor são de que, na cisão de Trotsky, em 1903, com os bolcheviques, já se antevia um processo de críticas ao modelo organizacional bolchevique e que haviam espaços estritos que mostram a posição política de Trotsky, além das facções mencheviques e bolcheviques. Ali apenas se apresenta uma independência política frente a ambas, nada há de organizacional entre os trotiskistas, aliás sequer podemos falar de trotiskismo.

Entendemos que o que ocorre nesse momento são as elaborações teóricas de Trotsky. Não existe no período um corpo organizado, politicamente atuante para se falar em trotiskismo. Conforme o autor citado, Trotsky recusa-se a constituir o seu próprio grupo político. Ora, será que isso marcaria o surgimento do trotiskismo apenas pela questão teórica, sem uma organização política e muito menos sem um programa claro e atuação concreta? Entendemos que não. Marie (1990) afirma que somente se pode analisar o trotiskismo durante os quatorze anos pelos elementos teóricos elaborados por Trotsky e por suas ações. Aqui se encontra o equívoco: não há trotiskismo, há elaborações teóricas de Trotsky que foram apropriadas para estudos e análises da realidade.

Se examinássemos dessa forma poderíamos apontar a existência do trotiskismo, até mesmo em momentos anteriores. Bastaria, para isso, observar os escritos de Trotsky anteriores a 1905 e ver quais contribuições ele deixou aos trotiskistas. Outro problema se refere à independência política de Trotsky em relação aos Mencheviques e aos Bolcheviques. Isso em nada caracteriza o trotiskismo que não

se postulou durante o período sequer existindo como setor de elaboração política e ação. Aliás, essas divergências, a independência política de Trotsky nesse período foi muito bem utilizada por Stalinistas dos mais diversos matizes para destacar que Trotsky não era um leninista. Marie (1990) percebe a independência, mas antecipa em muitos anos o surgimento do trotiskismo, Trotsky durante essa independência política, busca a unidade do partido acima de tudo não percebendo naquele momento que a forma organizativa que mais teria possibilidades para a tomada do poder era a bolchevique. Nesse sentido, somente a história concreta, a luta e a revolução mostraram em 1917, que os bolcheviques e Lênin tinham razão nesse aspecto, e que os Mencheviques, com sua forma organizativa tinham aspectos de capitulação ao regime parlamentar e a deficiência em concretizar as tarefas revolucionárias, como a destruição do parlamento (Duma) e o controle sob o governo dos *soviets* e as plataformas das “Teses de Abril” elaboradas por Lênin.

Para uma melhor compreensão do trotiskismo façamos uma análise histórica da Revolução Russa de 1917 e a sua relação com essa tendência política, para que possamos delimitar os marcos de seu surgimento, não apontando 1905 como sua origem, apesar de Marie (1990, p.15) contribuir para a identificação de seus aspectos teóricos que foram apropriados posteriormente pelos trotiskistas. Dentro dessa análise histórica poderemos esclarecer ao leitor os marcos de surgimento do trotiskismo, bem como suas contribuições teóricas, esboçadas por Trotsky e apropriadas pelos trotiskistas.

A Revolução Russa de 1917 tem duas histórias entrelaçadas, seu impacto sobre a Rússia e sobre o mundo e do mesmo modo que a Revolução Francesa, ela continuará a dividir as opiniões. Se atentarmos para o fato de que na Revolução Russa os trabalhadores pela primeira vez conseguem tomar o poder em um país já teremos as dimensões de seu impacto no mundo e seus desdobramentos se refletiram mundialmente mesmo após a revolução. Ela faz parte de um conjunto de fatos que constantemente são lembrados e rememorados por terem causado uma reviravolta no cotidiano desta ou daquela sociedade, alterando a ordem universal. Isso nos leva a indagar sempre sobre a necessidade de repensar as memórias históricas. (COGGIOLA, 2005, p.35).

A Rússia pré-revolucionária contava com uma população de mais ou menos 150 milhões de habitantes, repleta de contradições sociais como a autocracia do antigo regime Czarista, composto e apoiado socialmente pela classe dos grandes proprietários, do clero e dos oficiais do exército que detinham os títulos de terras. Havia toda uma

organização social e produtiva que buscava manter as relações servis. Para se ter uma noção, nem mesmo um estatuto de emancipação, de 1861, era cumprido para os camponeses que era a maioria esmagadora da população. Por esse estatuto, 40% das terras eram mantidas com a nobreza russa (boiardos), enquanto 80% da população camponesa (mujiques) permaneciam em péssimas condições de vida.

Trotsky desenvolve sobre esse aspecto toda uma teoria (Desenvolvimento desigual e combinado) que demonstra as contradições de uma Rússia semi-feudal e com uma tardia industrialização, com forte dependência dos capitais estrangeiros, diante de uma fraca burguesia nacional e poucos investimentos no campo, com a força de uma autocracia, onde os recursos estavam destinados em sua maioria para o setor militar. Assim, ele denuncia que o Estado Czarista retardava o desenvolvimento das classes sociais e procurava avançar em sua conformação tradicional com uma industrialização estrangeira, agravando a servidão ainda mais pelo destino dado aos recursos na indústria bélica. Com a abolição da servidão em 1861, se desloca toda uma mão-de-obra para a construção de ferrovias e portos para atender a criação de uma infra-estrutura que atendesse os capitais estrangeiros. Assim, vemos uma Rússia em parte dominada pelo atraso no setor agrário e repleta de uma estrutura industrial sob o patrocínio estrangeiro. (TROTSKY, 1978, p.112).

A indústria na Rússia, segundo Trotsky, não se desenvolveu passando pelos mesmos estágios da Europa: do pequeno artesanato à manufatura. Essa análise que Trotsky elaborou vigora sob o nome de lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, que se manifestava no terreno econômico de uma Rússia agrária servil, com um clero retrógrado em relação aos anseios da classe trabalhadora, a autocracia czarista e sua nobreza parasitária com seu corpo administrativo, em contradição com uma indústria nascente dos capitais estrangeiros e com uma burguesia nacional débil nos seus desejos políticos de tomada do poder e independência em relação aos capitais estrangeiros, mas com um proletariado novo e numeroso que surgia na Rússia. Assim, Trotsky demonstra que a “corrente do capitalismo rompeu no seu elo mais fraco”, a Rússia Czarista e em processo de industrialização dependente dos capitais estrangeiros. (TROTSKY, 2007, p.37).

O processo de industrialização implementado pelo Czar Pedro “O grande” (1682-1725), agonizou os contrastes agricultura–industrialização e do espaço no campo e na cidade. Há uma invasão dos capitais estrangeiros: franceses, ingleses, belgas e alemães após seu governo. Devido aos interesses dos Czares na ostentação de uma corte



e dos dispêndios em investimentos na ampliação da grandeza imperial a burguesia russa passa a ter um descontentamento com a política implementada pelo czarismo. Esse setor de classe na verdade é um setor débil se considerarmos os fortes investimentos dos capitais estrangeiros. Assim, Trotsky procurava demonstrar que a Rússia, era fortemente marcada por relações sociais herdadas do passado, mas já tinha um pé na civilização capitalista da qual se conectava com o mercado mundial. Em Petrogrado e Moscou uma moderna e concentrada classe operária encontrava seu lugar. Se o campo prendia a Rússia a seu passado asiático, as cidades a colocavam em direção ao futuro. Foi desse caráter combinado do desenvolvimento capitalista que surgiria a Revolução social de 1917. (COGGIOLA, 2005, p.56).

Mesmo com esse processo de contrastes no binômio agricultura - industrialização se agonizando, Trotsky não recaiu em sua teoria apenas a esse aspecto. Demonstrando como se desenvolveu nas classes sociais esse processo dialético. De tal forma que a classe operária assumindo as funções produtivas da pequena-burguesia, atribui-se em papel político de igualdade ao papel político que a burguesia poderia ter possuído e as pretensões históricas de direção das massas camponesa no processo revolucionário. De tal maneira que para ele a questão fundamental do processo revolucionário é a interferência direta das massas no processo histórico. Afirmando que as crises econômicas e a existência de condições de privação, não são condições suficientes para promover um processo de insurreição. (COGGIOLA, 2005, p.59).

Diante disso, se coloca a questão de que, mesmo sendo o campesinato numeroso e maior quantitativamente, foi o proletariado que cumpriu o papel de direção revolucionária. Mas o proletariado não teria tomado o poder sem o apoio das massas populares e camponesas. Diante desse quadro uma das afirmações para esse protagonismo do proletariado, seria a sua rápida formação, pois o proletariado russo, não teria passado pela fase de produção corporativa, não se defrontando com uma fase pequeno-burguesa pela qual passou o proletariado ocidental. A pouca expressividade numérica da burguesia nacional também auxilia na força desse proletariado.

Leon Trotsky esclarece ainda os motivos de não ser o campesinato a classe dirigente do processo revolucionário. Para o autor, nessa classe social na Rússia se manifestam alguns problemas. A primeira era a de que a situação agrária era uma questão de revolução da qual havia dúvidas se esses setores iriam conduzir a uma, devido a sua disseminação nos vastos territórios, ausência de uma união política, as revoltas organizadas por esses setores eram parciais, nos vilarejos, havia toda uma

heterogeneidade no campesinato. Ele assumiria um papel intermediário entre a burguesia que não conseguia conquistar para sua luta política nem o campesinato, nem o proletariado. A burguesia estava explorando o proletariado e não aceitando as reformas no campo, procurando manter seus privilégios e vantagens junto ao Czarismo. (TROTSKY, 1978, p.56).

Destaca Trotsky que o potencial revolucionário do campesinato sempre recebeu canalização através de outra classe. Como exemplo, Trotsky cita o papel político do campesinato nas revoluções burguesas que ocorreram na Inglaterra e na França, onde ele emprestou suas forças à burguesia. Com a Revolução Russa, Trotsky chega a conclusão de que, pela primeira vez na história, o campesinato passava a emprestar suas forças dentro de um processo revolucionário a outra classe que não era a burguesia, mas ao proletariado. Isso seria um fator de diferenciação da Revolução Russa a todas as outras, inclusive com alguns camponeses se proletarizando. Outro setor de classe analisado por Trotsky foi a Classe média, a “intelligentisia” que era pouco numerosa, sem independência política e que se apoiava no parasitismo estatal.

Para Trotsky a questão agrária era a chave para desvendar o enigma da Revolução. A situação no campo persistia mesmo após o nascimento da indústria, não fazendo a burguesia nenhum esforço no sentido da libertação dos camponeses, demonstrando que não seria a burguesia que aboliria os restos feudais, mas o proletariado. Ele chega à conclusão de que se a burguesia tivesse resolvido o problema no campo, dificilmente o proletariado tomaria o poder, percebendo que uma guerra no campo seria o auge do desenvolvimento burguês, caso ela tivesse assumido a tarefa e que uma insurreição proletária significaria o declínio da sociedade burguesa. Assim se desenvolveria de maneira desigual e combinada: a Revolução Russa seria proletária por seus métodos e ao mesmo tempo burguesa pelas tarefas diretas e imediatas que ela não se colocava a resolver. Como exemplo, poderemos ver a Plataforma das teses de abril: Paz, Terra e Pão. (COGGIOLA, 2005, p.67).

Com o agravamento da situação social, o proletariado russo passa a intensificar a utilização de suas escolas de guerra, instrumento político de defesa a avanço nas lutas: a greve. Elas começam a se intensificar entre 1896 e 1897 e 1902 em Batoum, no Sul da Rússia em 1903, em 1904 na cidade de Bakou, para em 1905, atingir um milhão e meio de grevistas e em 1917 dois milhões. A força demonstrada por um proletariado pouco numeroso num país atrasado foi também fruto da atuação do Partido Operário Social Democrata Russo que passou por uma cisão em 1903 que tinha uma

tradição nas greves. Isso ajudou para que o proletariado desenvolvesse uma consciência que se ampliava na passagem de greves econômicas para greves políticas que buscavam a tomada do poder, o que comprova o número de greves que subiu seis vezes, em 1916. Durante o ano de 1903, ocorre em Londres o segundo Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR). A marca decisiva desse Congresso foi a divisão do Partido em duas facções: Mencheviques e os Bolcheviques. A principal divergência que dividiu o partido em duas facções girava em torno da questão organizativa. Lênin defendendo um partido coeso, organizado, de conspiradores profissionais contra o Estado, além disso, defendiam a Ditadura do Proletariado e a aliança entre operários e camponeses.

O partido de tipo bolchevique se transformou numa ferramenta para aplicar o programa revolucionário e tinha a necessidade de verdadeiros profissionais especializados no ofício da revolução, uma percepção que foi concretizada pela ferramenta política que garantiu a tomada do poder. Os bolcheviques perceberam que não podiam contar com uma forma organizativa qualquer, precisavam assim de um instrumento com solidez, que conspirasse contra o Estado, constantemente, em manifestações de greves e na vida dos trabalhadores fazendo avançar as lutas e a consciência das causas mínimas (sindicais) para as máximas (revolucionárias). Seria preciso também muita disciplina organizativa para perceber e aplicar com clareza uma política que atendesse os objetivos ligados às massas trabalhadoras. (COGGIOLA, 2005, p.72).

Era de tal forma um partido com um programa operário, de composição majoritariamente operária e para as lutas operárias. Os bolcheviques somente foram à tomada do poder quando estavam com a maioria dos delegados votados e eleitos democraticamente nos *soviets* das duas mais significativas cidades operárias: Petrogrado e Moscou. Utilizavam o método do materialismo histórico para balizar teoricamente seu programa e sua política, elaborando-a a partir da realidade concreta, das experiências de lutas. Um partido com profissionais dedicados à revolução que dava o direito de votar e ser votado para aqueles que cumprissem os seus critérios, somente dependendo das contribuições de seus militantes e apoiadores. Com forte internacionalismo e defendendo isso como princípio. (COGGIOLA, 2005, 65).

Durante o ano de 1905 ocorreu a primeira experiência de luta e contestação mais generalizada, como um momento para desfazer as ilusões contra o Czarismo. A guerra russo-japonesa buscava sua expansão imperialista sobre os territórios da

Manchúria e Coréia que sustentava várias derrotas para o Japão, enquanto o czarismo ostentava toda uma estrutura exploratória, colocando a população em meio a um sacrifício insuportável na manutenção de uma guerra imperialista. O fim dessa guerra foi a prova de uma fragorosa derrota do Czar e seu projeto expansionista. (TROTSKY, s/d, p.5).

Com o agravamento da situação social ocorrem manifestações no ano de 1905, uma delas ficou conhecida como o Domingo Sangrento, era uma manifestação de caráter popular e pacífico em frente ao palácio do Czar Nicolau II. Os manifestantes buscavam apenas apresentar suas queixas ao Czar por meio de uma entrevista. Essa manifestação acabou brutalmente reprimida. Diante da repressão irradia-se uma onda de protestos contra o império russo: seu resultado foi uma greve geral e levantes militares como exemplo do encouraçado Potenkin. (TROTSKY, 1978, p.225).

O Czar Nicolau II recua e, na tentativa de conter os protestos, promete a instalação de uma monarquia constitucional. No entanto, os decretos czaristas revelam que mesmo com o parlamento (Duma era o nome do parlamento russo) instalado, os poderes do Czar estavam acima dela. Foi durante esse período que foram criados os soviets. Eles eram segundo (COGGIOLA, 2005, p.24): “[...] soviets era resultado de um movimento unificado de auxílio mútuo entre os trabalhadores, criado para enfrentar longos períodos de duração de greve geral reuniam-se periodicamente, editando um jornal de opiniões sindicais”. O *soviet* torna-se um instrumento de organização fundamental para os trabalhadores, soldados e camponeses russos, por ser um organismo de duplo poder, ou seja, existindo dentro das instituições oficiais como a Duma, mas passando a exercer uma forma de democracia mais ampla, pois com os soviets, passava a haver uma descrença na Duma e os trabalhadores, soldados e camponeses dentro de suas organizações passavam a tomar as decisões fundamentais da sociedade russa, exercendo uma democracia direta e não mais depositando nas mãos dos parlamentares as decisões sobre seus destinos. Eles aceleraram a experiência histórica dos trabalhadores em não mais acreditar no czarismo e na Duma.

A primeira guerra mundial irá acelerar ainda mais o desgaste do governo czarista com o povo, pois agravou ainda mais as contradições sociais, econômicas e políticas na Rússia. O país não tinha uma organização de poderio militar e tecnológico para enfrentar os exércitos alemães e sua economia estava arrasada. As deserções em massa selaram o desastre militar. O saldo foi à morte de mais de um milhão e meio de soldados.

Em março de 1917, o Czar Nicolau II é derrubado instalando-se uma forma republicana que tinha como centro político a Duma, dirigida politicamente por Alexandre Kerenski. No seu governo as contradições sociais políticas econômicas não foram solucionadas: A Rússia continuava na Guerra e as reformas sociais não haviam sido implementadas. Esse processo revolucionário que se frustrou no governo de Kerenski ficou conhecido como a “Revolução de Fevereiro”, pelo seu caráter democrático e popular. (TROTSKY, 1978, p.74).

Os bolcheviques lançam *As teses de Abril*, o programa que destacava o atendimento das questões centrais das necessidades do povo russo e se baseava na plataforma: Paz, Terra e Pão. Ou seja, a saída da Rússia da guerra, a divisão das grandes propriedades entre os camponeses e a organização e regularização do abastecimento interno. Sob a palavra de ordem “todo poder aos *soviets*”, os bolcheviques sob as lideranças de Lênin e Trotsky passam a contar com apoio “esmagador”. O recrutamento militar organizado por Trotsky já prenuncia a formação do Exército Vermelho a partir dos *soviets*. (TROTSKY, 1978).

Em novembro de 1917, os bolcheviques ocupam os principais setores públicos como o Palácio de Inverno e dão início ao Conselho de Comissários do Povo que passa a ser o novo governo. Os poderes passam a ser transferidos para os *soviets*. De 1917 até 1924 várias medidas são tomadas pelos bolcheviques e é iniciada uma forte campanha interna e externa para derrubar o governo dos revolucionários. As principais medidas são a nacionalização dos bancos estrangeiros e indústrias, redistribuição de terras e fim do armistício com o Tratado de Brest-Litoviski , que teve Trotsky a frente das negociações. (DEUSTCHER, 1968).

As mudanças sociais descontentaram um setor social antes privilegiado, por alterar profundamente as estruturas da sociedade, quebrando com o tradicionalismo reinante no Czarismo. Os mencheviques passaram a atuar juntamente com setores czaristas formando o que se chamou de Exército Branco, enquanto os bolcheviques se organizaram para uma guerra civil e ficaram conhecidos como Exército Vermelho. Destaca-se o apoio de diversas nações estrangeiras ao Exército Branco pelo fato da tomada do poder pelos bolcheviques e no medo de que se irradiava pelo mundo “esse mal exemplo”. Mesmo com a vitória do Exército Vermelho a guerra civil deixou a Rússia ainda mais arrasada, se levarmos em consideração os anos da Rússia na Primeira Guerra Mundial. (TROTSKY, 1979, p. 64).

Durante esse período se instala o Comunismo de Guerra que centralizava a produção e adotava uma política de eliminação da economia de mercado. Diante da guerra foi necessário ao governo fazer requisições forçadas, confisco da produção. Durante o ano de 1921 foi adotada a NEP (Nova Política Econômica), que era uma tentativa de recuperação da economia sob o planejamento estatal que buscava evitar o colapso total da economia, buscando estimular a pequena manufatura privada, o pequeno comércio e a livre venda de produtos. O governo tentava motivar a produção e o abastecimento de uma economia arrasada por séculos de exploração e duas guerras. Essa política dura até 1928, e consegue recuperar de maneira parcial a economia do país, dando nova força aos setores econômicos essenciais como o crescimento da indústria, agricultura e comércio.

Trotsky é encarregado de montar o Exército Vermelho e o faz primeiramente alistando os membros que impulsionavam a moral do exército, aqueles que estavam entusiasmados com a revolução e contagiavam outros. Logo após esse passo recorreu ao alistamento obrigatório, mesmo que em caráter experimental e começou pelos centros operários de Petrogrado e Moscou, formando um núcleo proletário coeso e confiante, para depois recrutar camponeses dando ênfase aos mais pobres. Ao ampliar a lealdade e a disciplina do exército, Trotsky conseguiu vencer várias batalhas e inclusive a guerra. Deustcher afirma que Trotsky na construção do Exército Vermelho utilizou dois métodos: a espada e a pena. (MANDEL, 1995, p. 56).

Em 1924 morre Lênin e diante desse processo abre-se uma disputa no interior do partido para se decidir quem seria o sucessor de Lênin no governo, girando em torno de dois nomes principais: Stalin, secretário geral do partido e Trotsky chefe do exército. As divergências entre ambos se davam no campo estratégico sobre as “teses da revolução permanente” defendidas por Trotsky e a “tese do socialismo em um só País” defendida por Stalin.<sup>22</sup> (DEUSTCHER, 1968).

### **2.3 Trotiskismo e Stalinismo**

A concepção que envolve o termo trotiskismo surgiu a partir das disputas internas dentro do Partido Bolchevique. Havia duas tendências em disputa no início

---

<sup>22</sup> Achamos melhor apresentar e diferenciar as teses estratégicas no próximo tópico por se tratar do surgimento das divergências essenciais entre trotiskistas e Stalinistas.

de 1923: uma era a Oposição de Esquerda que discordava da política estabelecida em torno da “forte centralização do partido e de sua burocratização” (NETO, 1993, p.35). A Oposição era liderada por Leon Trotsky e a outra era a chamada Troika, pois tinha três componentes que a lideravam. Eram eles: Kamenev, Zinoiev e Stalin, principal adversário político de Trotsky durante esse período. Diante das disputas internas a Troika passou a chamar de trotiskistas todos aqueles que discordavam de sua orientação e apoiavam as idéias da Oposição de Esquerda. Ao longo dos anos, com o processo de burocratização e com o acúmulo de forças conseguido por Stálin dentro do Partido, o termo trotiskista passou a ser sinônimo de traição. Podemos destacar que o próprio Leon Trotsky não concordava que fossem chamados de trotiskistas os membros da Oposição de Esquerda. Ele achava que o mais coerente era chamá-los de bolcheviques-leninistas, constituindo-se como continuadores das idéias e práticas propagadas por Lênin. No entanto, ao longo dos anos, o termo firmou-se e os seguidores das idéias de Trotsky passaram a ser conhecidos pelo nome de trotiskistas. Principalmente pela defesa da “Tese da Revolução Permanente” ao propagar a idéia de que o processo revolucionário se iniciaria no terreno local, estendendo-se ao terreno nacional e se desenvolvendo na arena internacional, até consolidar a vitória da Revolução Socialista pelo mundo. Essa era uma contraposição clara à teoria stalinista do “socialismo num só país”.

A teoria do “socialismo em um só país” foi uma verdadeira ideologia de abandono do marxismo. Era uma teoria nacionalista que entendia que a Rússia deveria (ou poderia) “seguir seu destino” ao socialismo, isoladamente, tendo em vista que os trabalhadores não tinham derrotado a burguesia nos outros países, principalmente os europeus. Assim, não seria possível contar com sua ajuda. Dessa forma, o stalinismo abandonava os princípios teóricos e práticos do marxismo e suas formulações contidas desde o *Manifesto do Partido Comunista*, ao defender que a classe operária era internacional e só haveria possibilidade de ser implantado socialismo se o sistema capitalista fosse derrubado em todo o mundo. O objetivo de todos os partidos comunistas do mundo foi submetido às determinações de Moscou que tentava construir uma caricatura do socialismo. Os erros políticos do stalinismo custaram muitas vidas, pois sua política internacional era caracterizada por um *slogan* esquerdista: “A Social - democracia e o fascismo são irmãos gêmeos” e a derrota do proletariado na Alemanha e na Espanha, os 20 milhões de mortos de 1914 a 1945, serão os preços dessa política.

A política de Stálin causou grandes derrotas para os trabalhadores. Na Alemanha, a ascensão de Hitler foi facilitada pela orientação sectária do PC

local, que atacou furiosamente os socialistas, recusando-se a formar com eles uma frente de todos os operários contra o nazismo. Essa derrota de imensa importância fez com que os trotiskistas mudassem de orientação. Para eles, a burocracia russa e os PC's haviam se transformado em obstáculos à revolução: eram irreformáveis e precisavam ser substituídos. (CAMPOS, 1981, p.10).

Aliás, era impossível que na Rússia ou mesmo no bloco dito “socialista”, alcançar uma média de produtividade do trabalho mais elevada do que a dos principais países industriais do mundo que faziam uso em benefício próprio, da divisão internacional do trabalho. A teoria e estratégia da “revolução permanente” tiveram uma base econômica consistente ao perceber isso. A grande disjuntiva que estava colocada era a de contrapor as operações internacionais do capital com as ações internacionais da classe trabalhadora. O internacionalismo revolucionário implica a solidariedade internacional para com os oprimidos e as massas populares, ou melhor, contrapor a política externa do capital em todo planeta, a política de luta mundial dos trabalhadores. Trotsky (1977) levava em consideração de que os principais problemas de nossa época somente poderiam ser resolvidos na escala mundial. Com a política do stalinismo houve uma deturpação clara de subordinação de todos os interesses dos trabalhadores internacionais ao dos aparatos burocráticos constituídos. (TROTSKY, 1977, p.45).

As teses de Trotsky foram incorporadas ao arsenal teórico do partido bolchevique e serviram de base para a elaboração política realizada nos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. Mas quanto a toda tradição marxista começou a ser posta em questão demolida por Stálin, a teoria da revolução permanente foi duramente atacada. Sua defesa tornou-se um dos pontos centrais do programa e da atividade prática dos trotiskistas (principalmente nos países atrasados), e uma das marcas distintivas nos países atrasados, e uma das marcas distintivas mais evidentes do trotiskismo. (CAMPOS, 1981, p.21).

Em 1927, Trotsky foi expulso do Partido, destituído de suas funções no Estado soviético e no início de 1928, deportado para o Cazaquistão. No ano seguinte, 1929, foi banido da URSS e sua condição de cidadão soviético foi cassada. Trotsky passava a ser um homem sem nacionalidade ou cidadania. Tinha início uma série de exílios e expulsões de diversos países: Turquia, Noruega, França, quando, por fim, chegou ao México em 1937. O motivo de sua expulsão fica claro ao se perceber que Trotsky passa a ser o principal adversário da ascensão do stalinismo, organizando em 1923 a Oposição de Esquerda e logo após a Oposição Unificada em 1926, que aglutinava Kamenev e Zinoiev. Segundo Campos:



Trotsky juntamente com uma grande parte da direção do Partido Comunista russo, discordou da nova política (**Socialismo num só país**)<sup>23</sup>. Houve sérias lutas internas. As tentativas de formar uma oposição a Stalin, Oposição de Esquerda em 1923 e a Oposição Unificada em 1926-fracassaram. Os vencedores, alinhados em torno do Secretário-geral Stálin, impuseram uma ditadura sobre o partido e toda a sociedade russa. Eles se afirmavam enquanto um grupo social que expropriou o poder dos trabalhadores e usou-o para seu próprio benefício à burocracia. Os opositores foram expulsos do Partido e da URSS. Trotsky líder mais conhecido dos dissidentes, foi um dos primeiros a serem deportados, em 1928. Na década de 30, os que não concordavam com a “linha oficial” passaram a ser condenados e fuzilados. (CAMPOS, 1981, p.11).

No ano de 1936 tiveram início os famosos processos de Moscou, nos quais foram criadas acusações falsas para aqueles que discordavam da política aplicada por Stalin, principalmente sobre os dirigentes bolcheviques que haviam colaborado com Lênin como Zinoiev, Kamenev, Bukharin, Antonov-Ovsenko, entre outros. Durante esses processos Trotsky também tinha sido condenado à morte. Sua acusação era a de ser um agente sabotador do imperialismo.

Um aspecto essencial para possibilitar o surgimento da burocracia foi o isolamento internacional da revolução russa, que possibilitou a supressão da democracia dos *soviets* e a apropriação do controle do Estado e o assassinato de toda a velha guarda de bolcheviques. Os mais experientes operários e membros da velha guarda que não foram fuzilados por Stálin haviam morrido nas guerras anteriores. Daí o Partido Bolchevique ter passado por uma renovação de quadros sem a mesma disciplina e experiência dos antigos bolcheviques. Esse fato pode ser colocado como mais um fator para o processo de burocratização. As condições desastrosas em que se encontrava a URSS favoreceram o domínio e aparecimento da burocracia. A luta pela sobrevivência em um país arrasado pela guerra, as derrotas nas revoluções exteriores não possibilitando a expansão da revolução para países desenvolvidos, o refluxo das lutas das massas trabalhadoras, o desaparecimento de seus organismos de representação fortaleceram os setores conservadores do partido, os quais promoveram uma contra-revolução ao se apropriar das conquistas da revolução e impor a burocratização sobre os trabalhadores, garantindo, assim, uma política de derrotas internacionais, Stalin organizou uma estabilização política interna e externa: o plano interno foi garantido pelas repressões; já no externo estabeleceu acordos com os países imperialistas e política conservadora dos PC's mundiais. (SAGRA, 2005, p.88).

---

<sup>23</sup> Grifo e acréscimo nosso.

O processo de burocratização do primeiro Estado Operário<sup>24</sup> se deveu a uma combinação de fatores, com peso decisivo para a derrota da revolução europeia, que deixou mais isolada ainda a URSS revolucionária. Esse isolamento se combinou com a exaustiva guerra civil que exauriu ainda mais as forças do proletariado, gerando inclusive o agravamento da crise econômica no país. A burocracia se apropriou do Estado em seu benefício e promoveu uma contra-revolução, conforme assinalamos, ao suprimir a democracia soviética, assassinando toda a geração que dirigiu a revolução com objetivo de manter o seu poder. Foi o stalinismo que oficializou a calúnia como arma de Estado. Diante disso, foram empreendidas várias “campanhas repugnantes” de depoimentos falsos, “confissões tiradas pela tortura”, para justificar os fuzilamentos. (SAGRA, 2005, p.90).

A categoria de Estado Operário burocratizado foi elaborada para analisar os países onde as burguesias nacionais e o imperialismo internacional foram expropriados. Como exemplos temos a ex-URSS, China, Cuba, Coreia do Norte e os regimes do Leste europeu. Essa categoria está constituída em sua base na historicidade dos acontecimentos nesses países, onde a apropriação privada dos meios de produção foi abolida e passou-se a ter um planejamento econômico conhecido por planificação econômica com monopólio estatal do comércio externo. Como também, da inexistência de uma produção marcada pela lei do valor, além do fato de essa economia já não se caracterizar por uma produção capitalista, pois já não existia um mercado para os grandes meios de produção e também para uma mão-de-obra que assumisse o papel de um exército industrial de reserva, não havendo a exploração da mão-de-obra como no capitalismo, na forma de mercadoria. Todos os benefícios e conquistas sociais com a expropriação da burguesia foram absorvidos pela burocracia que expropriou os trabalhadores da participação política. Diante disso, Trotsky, ao se referir ao problema, alerta da necessidade de uma segunda revolução nos Estados Operários, a qual teria um caráter de conquista do poder político que estava nas mãos da burocracia. Também destacava que, no caso dessas revoluções políticas não serem concretizadas, a

---

<sup>24</sup> Autores como Campos e outros destacam a responsabilidade do processo de burocratização a Lênin e a Trotsky por terem restringido a democracia operária. Mas não levam em consideração as terríveis condições da guerra civil na Rússia em (1918-1921), impulsionada pela burguesia, russos brancos, e pela intervenção de 14 exércitos das nações capitalistas. Para Lênin e Trotsky essa restrição era uma situação de exceção que não deveria passar a regra como o stalinismo aplicou, essa política de restrição da democracia operária deveria ser rapidamente corrigida quando as condições o permitissem.

restauração capitalista ocorreria na URSS, fato que ocorreu não só na URSS como em todos os outros Estados Operários. (HERNANDEZ, 2008, p.98).

O stalinismo se caracterizou também por seguir orientações políticas de partidos e governos de natureza política burguesa. Uma de suas deturpações (diante de tantas outras) foi a de utilizar e se apresentar como defensor e seguidor das ideias de Lênin<sup>25</sup>, falsificando ou deturpando suas ideias e documentos. (SAGRA, 2005, p.92).

Um dos malabarismos teóricos do stalinismo foi o de capitular a vários governos e partidos burgueses, se colocando como “leninismo” para não revelar seu papel contra-revolucionário. Como exemplo marcante podemos ver a deturpação das antigas teorias de Lênin sobre a “ditadura democrática do proletariado e campesinato” defendendo posições políticas opostas a de Lênin. Trotsky percebe mais essa deturpação nos anos de 1925 e 1927 diante da revolução nacional chinesa, apoiando o partido da burguesia chinesa o Kuomintang e se apoiando teoricamente na palavra de ordem: “ditadura democrática do proletariado e do campesinato”. Lênin trabalhou essa consigna em um momento pré-revolucionário, não exitando, em 1917, a abandoná-la ao perceber as mudanças na conjuntura da Rússia revolucionária e passou a adotar uma perspectiva de luta pelo poder sob a palavra de ordem “ditadura revolucionária do proletariado”, combatendo incansavelmente o governo burguês de Kerenski. (TROTSKY, s/d).

Anos mais tarde o stalinismo irá se reorientar com essa palavra de ordem “ditadura democrática do proletariado e do campesinato” para apoiar governos de Frente Popular. Os governos de Frente Popular são governos de coalizão entre partidos operários e partidos burgueses ditos “progressistas”. Essa foi a base política para as grandes derrotas do proletariado no mundo. O stalinismo se aliou com governos burgueses pelo mundo. No Brasil, o exemplo do PCB foi seu apoio a governos burgueses nacionalistas como o de João Goulart.

A estratégia stalinista gerou derrotas aos trabalhadores no mundo todo. As burguesias nacionais não tinham nenhuma disposição histórica de avançar para uma mobilização revolucionária, que libertasse os países da dominação imperialista exercida por burguesias estrangeiras, ao governarem subordinadas e em alianças com as burguesias internacionais. Para se ter uma ideia da indisposição burguesa nacional, sequer as tarefas democráticas como a reforma agrária foram implementadas no

---

<sup>25</sup> Aqui mais um fato muito caro ao marxismo, por um total desconhecimento, ou estudo mais profundo, diversos textos entendem que as ideias de Lênin são as mesmas de Stálin, ou mesmo, que ambos são dois ditadores.

continente latino americano. Esses processos quando tentados acabaram em golpes militares ou vitórias eleitorais de grupos da direita, impossibilitando aos trabalhadores organizarem alternativas independentes dos governos, da burguesia e do stalinismo. (MARGARIDO, 2010, p.27).

Outro problema identificado nas deturpações stalinistas e da burguesia foi a propaganda de que o stalinismo era igual ao bolchevismo de Lênin e de que o centralismo democrático era igual ao centralismo burocrático. O Partido Bolchevique tem histórias de ricas e variadas polêmicas, lutas políticas entre seus membros, votações divididas, nas quais Lênin ficou na minoria. Era um partido “profundamente vivo” e com o tempero da luta de classes, com um funcionamento que garantia a mais ampla democracia interna, com uma disciplina forte na aplicação da política externa. Seu funcionamento era balizado na garantia de um amplo e democrático debate interno, após esse debate era decidida a posição majoritária nos debates e aplicada a política em um movimento único, coeso, como um corpo só. Depois de aplicada a política da maioria o partido voltava a se reunir e avaliar se foi correta a posição, quais os erros e como deveria agir, isso se chamava balanço. Todo esse processo foi deturpado pelo stalinismo que aplicava sua política sem debates internos, sem democracia interna. Sua prática era a classificação das opiniões divergentes como traidoras e puni-las com calúnias e exílios, quando não praticava logo a eliminação física dos oponentes, mesmo os não trotiskistas. A lista de crimes do stalinismo é infinita se levarmos em consideração o número de dirigentes trotiskistas assassinados. Podemos destacar: Bukharin, Zinoiev, Kamenev, o filho de Trotsky (Leon Sedov) e vários jovens que foram fuzilados nas prisões stalinistas da Rússia e no campo de Vorkuta na Sibéria, vítimas das execuções da GPU que momentos antes de serem fuzilados gritavam: “Viva Trotsky!”. (BENSAID, 2010, p.14).

O próprio epíteto de “trotiskista” foi uma qualificação pejorativa e estigmatizante forjada pelos seus adversários. Nos anos 1930, na época dos processos, quando soava a meia-noite no século, as inteligências servis do Kremlin inventariam mesmo o oxímoro de “hitlero-trotiskismo”. Nos anos 1960, Léo Figueres escriba zeloso do stalinismo à francesa, insistia ainda no factum de encomenda: o “trotiskismo”, esse anti-leninismo”. A palavra equivalia a uma espécie de estrela amarela. O longo cortejo daqueles a quem Natália Sedova, a companheira de Trotsky, chamava de “fantasmas de rostos esburacados” como testemunho: Andréas Nin, liquidado nas prisões espanholas do NKVD, Rudolf Klément, assassinado na França, Pietro Tresso, liquidado pelos seus companheiros de detenção no Maquis, Tha-Tutau e seus companheiros assassinados pelos vietnamitas stalinistas, os trotiskistas, gregos executados pelos serviços especiais do PC grego, Zavis Kalndra executado pelos stalinistas thecos em 1950. Leon Trotsky foi ele

próprio apanhado pelos assassinos em 1940 no México. Milhares de vítimas dos expurgos e dos processos de Moscou foram fuzilados ou desapareceram no anonimato do Gulag. Se assumiram por desafio uma denominação que se queria infamante, os trotiskistas dos anos 1930 preferiam definir-se como “bolcheviques-leninistas”, “marxistas revolucionários” ou “comunistas internacionalistas”, pleonasma tornado necessário para se distinguirem do comunismo confiscado pela reação burocrática. (BENSAID, 2010, p.15).

Seria um equívoco apontar apenas os regimes stalinistas como assassinos e adversários dos militantes trotiskistas, apesar de serem os principais responsáveis. Vários governos burgueses também cumpriram seu papel no extermínio, prisão e tortura de militantes trotiskistas.

Mas os trotiskistas não são vítimas apenas das ditaduras fascistas e bonapartistas. Os assim chamados governos democráticos também atacam raivosamente nosso movimento e nossos camaradas: no Marrocos, na China, na América Latina, na França, nos Estados Unidos, em todo lugar, nossos camaradas são objeto de perseguição pela polícia. Na Espanha, enquanto os bandos mercenários de Franco assassinam, sem distinção de partido, os melhores lutadores das trincheiras republicanas, o governo Negrín persegue os militantes e revolucionários mais experientes quando não os abandona, simplesmente, aos agentes pagos por Stalin. (MARGARIDO, 2008, p.34).

Um dos fatores para a pouca expansão do trotiskismo pode estar associado ao aproveitamento que a burocracia stalinista fez das conquistas da Revolução Russa, reivindicando-se sua verdadeira herdeira e perseguindo com a eliminação física os militantes opositores.

O que se entende atualmente por trotiskismo tem a sua origem na Oposição de Esquerda do PCUS, criada em 1923 contra a política seguida pelo secretário-geral, Stalin. A oposição lutou tanto no plano da política interna (pelo direito de tendência e a revitalização dos soviets, por um plano de industrialização que fortalecesse a base social da ditadura proletária) como no da política internacional (contra a teoria do socialismo num só país contra a dissolução no KUOMINTANG na China e o comitê sindical anglo russo, pela frente única operária contra o nazismo). Seu destino é conhecido: a quase totalidade dos seus membros, entre os quais muitos dirigentes revolucionários de 1917, foi massacrada pela repressão stalinista, não sem antes se organizar internacionalmente, rompendo em 1933 (vitória de Hitler) com a internacional Comunista, e Fundando em 1938. A Quarta Internacional, considerada pelo organizador do exército vermelho como a obra mais importante de sua vida. (COGGIOLA, 1990, p.25).

## 2.4 O Trotiskismo Internacional

Uma caneta ágil não é suficiente para criar um partido revolucionário: é necessária uma base teórica granítica, um programa científico, uma firmeza no pensamento político e firmes princípios organizativos. (TROTSKY, 1977, p.188)

O senso comum observou o trotiskismo superficialmente, sem perceber que suas estratégias fundamentais eram a criação do Partido Mundial da Revolução Socialista (Quarta Internacional) e a mobilização permanente das massas trabalhadoras (Moreno 2009). O trotiskismo internacional é herança das Internacionais Socialistas, principalmente dos quatro primeiros congressos da Terceira Internacional. As diversas experiências das três Internacionais, seus erros e acertos políticos, trouxeram um cabedal de conhecimento nas estratégias e táticas para os trotiskistas. Daí um breve conhecimento das Internacionais ser de suma importância para o entendimento basilar do trotiskismo que procura fundar a Quarta Internacional, retirando um aprendizado das experiências passadas das suas antecessoras. Sem essa compreensão estaríamos desprezando o longo caminho histórico que adquiriu o trotiskismo com o passado. (SAGRA, 2008, p.96).

Durante longos anos de lutas ao longo da história do movimento operário, os trabalhadores perceberam a necessidade histórica de se organizar mundialmente. A Primeira Internacional tinha aglutinado socialistas e anarquistas e sua principal luta se deu na Comuna de Paris em 1871. Esse foi o primeiro passo dada para a construção do partido mundial contra o capital. Desde o surgimento do sistema capitalista, a construção de um partido mundial da revolução (as Internacionais) se tornou em uma tarefa sem precedentes históricos. Dentro do movimento de estruturação dos Estados - Nacionais, houve a expansão do mercado mundial capitalista, se desdobrando na divisão internacional do trabalho e na objetivação do intercâmbio mundial das mercadorias e da exploração do trabalho pelo capital. Esse fato da mundialização da economia capitalista, é o que desenvolve a luta de classes mundialmente. A exploração mundial coloca aos trabalhadores a tarefa de se organizarem mundialmente como ordem do dia. A necessidade de uma resposta conjunta na superação do capitalismo e suas formas de exploração, somente serão possíveis como uma luta e resposta mundial e assim seria possível selar a forma de sociabilidade gestada pelo capital e sua exploração. Os trabalhadores passaram ao longo da história por diferentes formas e estágios do desenvolvimento de suas lutas. Durante o ano de 1848, ocorreram várias revoluções democrático-burguesa que sacudiram a Europa, mas acabaram em derrotas. Países como França, Alemanha, Itália foram alguns exemplos dessas tentativas de revolução.

De vários desses países chegavam à Inglaterra muitos operários e democratas burgueses que foram perseguidos nesses anos de efervescência revolucionária. No início, procuraram atuar em associações comuns de emigrados,

depois se formaram clubes e associações literárias. Os trabalhadores começam a conquistar algumas vitórias como o direito ao voto e a revogação de leis que proibiam a criação de sindicatos. A Guerra Civil Norte americana no ano de 1825, gerou o embargo nas exportações do algodão se refletindo fortemente nos operários têxteis. Isso impulsionou para os trabalhadores procurassem seu caminho organizativo. Em 1862, foi realizada a Feira Industrial de Londres. Isso ajudou a que delegados de organizações francesas entrassem em contato com operários ingleses e mantivessem correspondência. Os contatos avançaram até que no dia 28 de setembro de 1864 foi fundada a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), depois de um ato que contou com a unidade entre operários franceses e ingleses. Seu discurso inaugural foi proferido por Karl Marx que também deu corpo escrito aos seus estatutos. (SAGRA, 2008, p.11).

A Primeira Internacional não chegou a se constituir como um partido, mas teve a importância de ser uma primeira experiência de combate que reunia uma frente de distintos grupos políticos, dando consistência a uma frente única operária de dirigentes políticos e sindicais: marxistas, anarquistas e sindicalistas. O apoio da AIT a Comuna de Paris, despertou ainda mais o ódio das burguesias contra a Primeira Internacional. A derrota da Comuna de Paris e as lutas internas entre os marxistas e anarquistas selou a sorte da Internacional que passou a sofrer também com a contrarrevolução que atacava os revolucionários. A tentativa não tinha sido frustrada no todo, ela pôde demonstrar que a unidade dos trabalhadores era tão possível quanto urgente. (SAGRA, 2008, p.14). Para Lambert, (2013, p.4) A Primeira Internacional reuniu todas as tendências do movimento operário, as tendências reformistas e as tendências revolucionárias marxistas, bakunistas, inclusive Garibaldi, que se situa nos limites do movimento operário. Marx foi encarregado de escrever a carta, que se tornou o programa da Primeira Internacional, reunindo todas as organizações do movimento operário existentes na época. A libertação da humanidade só terá lugar através da luta da classe operária pela libertação da exploração do homem pelo homem e da abolição da propriedade privada dos bens de produção-esse é o fundamento de princípio da primeira Internacional.

A Segunda Internacional ficou marcada por um maior número de partidos em seu interior, lutando pela jornada de trabalho de oito horas diárias. Ela era também conhecida como internacional socialista, ela foi criada em uma conjuntura diferenciada no ano de 1889, pois havia uma industrialização avançada que empregava uma grande mão-de-obra trabalhadora. Nesse período houve também um grande fortalecimento dos

sindicatos e crescimento dos partidos social - democratas e lutas que conquistaram vitórias como direito ao voto e jornada de oito horas de trabalho. Em 1914 com o início da Primeira Guerra Mundial, os principais partidos filiados à Internacional Socialista e sua direção apoiaram os governos de seus países a sob a bandeira do nacionalismo, para que fossem à guerra, deixando assim que operários de outros países matassem uns aos outros, para o regozijo das burguesias nacionais e seu projeto imperialista. Diante disso revolucionários internacionalistas como: Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Lênin e Trotsky acabaram reduzidos a um pequeno grupo que se opunha que operários se enfrentassem na “carnificina armada pelas burguesias imperialistas”. Com a vitória da Revolução Russa de 1917 ocorreu um novo impulso em direção ao desejo do internacionalismo. Para Lambert (2013.p.5), as bases materiais da degenerescência dos partidos da Segunda Internacional se encontram no Imperialismo, no capital financeiro que através da conquista das colônias, da super-exploração dos trabalhadores e dos povos colonizados, constitui, na classe operária, uma camada que Lenin chamou de “aristocracia operária ”-aqueles que, de fato, pensavam poder resolver sua questão social submetendo-se à burguesia. Os revolucionários perceberam que a Segunda Internacional estava derrotada ao assumir essa política e passaram a lutar para construir outro instrumento de luta que seria a Terceira Internacional. (SAGRA, 2008, p.23).

A Terceira Internacional ou Internacional Comunista foi fundada no ano de 1919, ela agrupava em seu interior Partidos Comunistas que haviam rompido com a social - democracia nos mais variados países. Distintamente da Segunda Internacional, a Terceira Internacional Comunista foi arcabouço de um verdadeiro partido mundial da revolução socialista, marcado por um programa revolucionário e o centralismo democrático. Durante os anos de vida de Lênin foram realizados quatro congressos <sup>26</sup> nos quais se discutiram as condições para que um partido pudesse aderir à Internacional Comunista. Neles estavam destacados: o apoio ao proletariado nos movimentos de libertação colonial, tática de frente única, trabalho dos comunistas nos sindicatos e participação nas eleições burguesas. Logo após a morte de Lênin, os princípios da Terceira internacional passaram a ser abandonados. A elevação do stalinismo na antiga URSS trouxe consigo a degeneração da Internacional. Ela passou a ser um aparato contra-revolucionário com a tese da “revolução em um só país” e com as políticas de

---

<sup>26</sup> Esses quatro congressos são os elementos básicos para a constituição do programa da Quarta Internacional, reunidos e sintetizados nos documentos de sua fundação e conhecidos como: Programa de Transição.



colaboração de classe das frentes populares, servindo também à coexistência pacífica com a burguesia e o imperialismo até que em 1943, quando acabou dissolvida por Stálin que atendia as imposições dos governos aliados na Segunda Guerra Mundial: o imperialismo norte-americano e inglês. A Terceira internacional foi fruto da Revolução Russa, lutando pela revolução socialista mundial até que a burocracia stalinista instalou seu regime de terror, eliminando toda uma geração de revolucionários e impôs sua política de conciliação das organizações operárias e a burguesia. (SAGRA, 2008, p.38). Para Lambert, (2013, p.9). Pouco, a pouco, Trotsky começa a analisar, a partir de 1923-1924, a degenerescência estalinista do estado operário. E mostra, no próprio processo das revoluções e crises revolucionárias que abalam a humanidade, como a pseudo-teoria do socialismo num só país, inventada por Stálin em 1924, levou à degenerescência gradativa dos partidos da Terceira Internacional. De instrumentos de auxílio à emancipação dos trabalhadores, os aparelhos dos PCs, subordinados a Moscou, se tornaram, junto com os aparelhos social democratas, organizadores do Fracasso.

A breve apresentação que expusemos procura demonstrar o fio de continuidade que precisa ser estabelecido na teoria política trotiskista. Ela não desprezou o internacionalismo e nem o debate estratégico que se colocava a respeito da Revolução Socialista Mundial ao fundar a Quarta Internacional. Passamos a expor como ocorreu esse fato e quais às condições históricas que se apresentaram para isso, que surge como resposta ao stalinismo. Por isso ela não era uma proclamação de intenções, era fruto das derrotas provocadas pelo stalinismo pelo mundo, tinha como objetivo retomar a compreensão comum dos acontecimentos e as tarefas imediatas para a tomada do poder pela classe trabalhadora.

A Quarta Internacional surge sobre os escombros da Segunda Internacional e da Terceira Internacional. De 1923 até o ano de 1928, a Oposição de Esquerda, grupo formado por militantes de vários países e da URSS que se opunham ao stalinismo, lutou, dentro da URSS, pela mudança na linha política burocrática e por uma política revolucionária para a Terceira Internacional. Foi durante os anos de 1930 que Trotsky, já exilado, organizou a Oposição de Esquerda Internacional. Em 1933, a política stalinista levou à derrota o proletariado alemão e assim colaborou diretamente para a chegada de Hitler ao poder. Trotsky, depois dessa derrota, concluiu que a Terceira Internacional estava morta e era preciso construir uma nova internacional. Em 3 de setembro de 1938, foi fundada a Quarta internacional em uma conferência com delegados de dez países: URSS, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália,

Grécia Holanda, Bélgica, EUA e mais um delegado da América Latina, o brasileiro Mário Pedrosa. Mantendo toda uma tradição marxista, os trotiskistas entendiam que o partido mundial da revolução era a única ferramenta que poderia derrotar o imperialismo.

Desde o seu surgimento, o marxismo levantou a bandeira de uma organização dos trabalhadores que se convertesse num partido mundial. Daí ter a frase emblemática no final do Manifesto do Partido Comunista de autoria de Marx e Engels: “Proletários de todos os países ,uni-vos!”. Se a economia é mundial e está acima do que é típico de um país, deve haver uma política e uma organização mundial dos trabalhadores para derrubar o capitalismo e impulsionar a revolução socialista, essa era uma premissa básica que os trotiskistas mantiveram. Assim, para se organizar e cumprir as tarefas postas mundialmente, a classe trabalhadora em cada país deveria construir um partido socialista revolucionário que seria seção integrante do partido mundial da revolução (Quarta Internacional). Para atuar na luta de classes os trotiskistas achavam obrigatório partir de uma análise correta da situação nacional, cuja tarefa era do partido nacional. Mas essa análise somente poderia se elevar a uma ação se fosse levado em consideração o contexto mundial em que esse país estava inserido e se fosse considerado também a experiência do movimento operário de outros países. Diante disso o papel da Quarta Internacional, não seria apenas o da solidariedade internacional nas lutas. Ela deveria também ajudar na elaboração política dos partidos nacionais que eram seções da Quarta Internacional. (SAGRA, 2008, p.98).

Para Lora (2001, p.47), a proclamação da Quarta Internacional não comoveu as massas do mundo nem tampouco fez estremecer a II e III Internacionais, que saíam da euforia de frente popular e começavam a ser arrastadas pela voracidade da guerra mundial. Ou melhor, continuou, nas próprias fileiras trotiskistas a polêmica acerca da fundação da internacional revolucionária. O próprio Programa de Transição se viu obrigado a intervir na disputa: “Os céticos se perguntam: é o momento de proclamá-la? A IV Internacional - respondemos - não tem necessidade de ser proclamada. Ela existe e ela luta.”

Dessa forma os trotiskistas entendiam que, para acabar com a exploração, a fome e a miséria que o capitalismo em sua fase imperialista submetia o mundo, seria necessária uma revolução mundial, primeiro passo para a construção do socialismo. Essa revolução se iniciaria em nível nacional com a tomada do poder pelos trabalhadores, a destruição do Estado e das forças armadas sob o comando da burguesia

e a construção de estados de novo tipo (Estados Operários). Nesse aspecto era imprescindível estender essa revolução em nível mundial, tomando o poder principalmente nos países capitalistas centrais até derrotar definitivamente a burguesia. Caso contrário estaria aberta a possibilidade histórica de restauração das forças capitalistas nos Estados Operários devido aos ataques militares e econômicos exercidos pelas potências capitalistas através da luta armada, ideológica e de bloqueios e do isolamento econômico. Por essa razão não existia a possibilidade para construção do socialismo em um só país, como tentou sustentar o stalinismo e suas variantes.

As tarefas que estão colocadas para tomar o poder da burguesia no plano nacional, para os trotiskistas, eram retiradas da experiência da Revolução Russa: expropriação da burguesia transferindo ao novo Estado Operário o controle absoluto dos principais recursos da economia; estabelecimento do monopólio estatal do comércio exterior e aplicação de um plano econômico central a serviço das necessidades dos trabalhadores e do povo. Outro aspecto de suma importância, destacado pelos trotiskistas que reivindicavam o Programa de Transição e a Quarta Internacional dizia respeito à democracia operária que foi ceifada pelo stalinismo na antiga URSS. O Estado Operário seria baseado em instituições dos trabalhadores e do povo. Como exemplo, eles apontam *os soviets* que foram destruídos pelo stalinismo. Dessa forma, a democracia operária, as instituições que expressavam a classe trabalhadora, seriam os pilares imprescindíveis na construção do socialismo. De acordo com as diversas análises trotiskistas, todas as tentativas históricas de construção do socialismo, dirigidas por “secretários gerais geniais”, ou “comandantes infalíveis” estiveram condenadas ao processo de degeneração burocrática e ao fracasso<sup>27</sup>.

A expulsão de Trotsky e seus companheiros levaram à formação da Oposição de Esquerda Internacional, que passou a lutar contra o processo de burocratização que atingia os Partidos Comunistas no mundo. A Oposição Internacional não procurava ser uma organização trotiskista, estando de acordo com a adesão de outras correntes políticas, desde que estas estivessem em concordância com seu programa que continha onze pontos básicos para o acordo programático. Campos (1981) enumera alguns: a) independência do partido operário em todas as circunstâncias ; b) reconhecimento do caráter permanente da revolução; c) reconhecimento da URSS com um Estado Operário e da necessidade de sua defesa frente ao imperialismo;

---

<sup>27</sup> URSS, China, Cuba e Coréia do Norte e outros como os regimes stalinistas do Leste Europeu.

d) reconhecimento da necessidade de atuar nos sindicatos reformistas e condenação da teoria e práticas sectárias em que se baseavam a formação dos “sindicatos revolucionários”; e) necessidade da política de Frente Única Operária; f) necessidade da democracia no partido. (CAMPOS, 1981, p.38).

O trabalho desenvolvido pela Oposição Internacional procurava irradiar-se para todos os grupos e organizações que eram discordantes com os rumos impostos pela política de Stálin. A Oposição procurou também uma forma de centralizar suas idéias, programa e política através de um jornal internacional, o Boletim da Oposição.

Percebemos a batalha política de Trotsky e da Oposição em buscar uma reviravolta na política stalinista e nos rumos que estava tomando o movimento operário internacional via os PC's e a Terceira Internacional, batalha política que não visava criar nenhuma alternativa a essas organizações. Porém, a conjuntura internacional impôs novos desafios a Oposição de Esquerda Internacional com a subida de Hitler ao poder, no ano de 1933. A capitulação do Partido Comunista Alemão, orientado pelos dirigentes da Rússia, em formar uma frente com os socialistas contra os nazistas, representou um caminho aberto a Hitler e sua tomada do poder esmagando o movimento operário alemão.

Diante da derrota do proletariado alemão, da completa política sectária da Terceira Internacional, que sequer fez qualquer autocrítica pela derrota alemã, os membros da oposição e Trotsky caracterizam a falência da Internacional para uma política revolucionária e passam a defender a construção - criação de uma nova organização que seria a Quarta Internacional.

A proclamação da Quarta Internacional, em 1938, foi a resposta do proletariado revolucionário às piores derrotas até então sofridas pelo movimento operário: a ascensão do nazismo, o esmagamento do proletariado alemão e o extermínio da vanguarda revolucionária da revolução de outubro pela burocracia stalinista. Foi, ao mesmo tempo, a proclamação da continuidade e da vitalidade da vanguarda revolucionária nas condições de isolamento e de retrocesso, político e ideológico, criadas por esses acontecimentos. (COGGIOLA, 1990, p.47).

O ano de 1940 é marcado como o ano do mais duro golpe que sofreu a Quarta Internacional, pois no dia 20 de agosto desse ano em Coyacan no México, era assassinado por um agente stalinista Leon Trotsky. O movimento dos bolcheviques leninistas (trotiskista) perdia a experiência e a elaboração teórica de Leon Trotsky para os próximos desafios internacionais. Durante a “meia - noite nazista,” vários dirigentes trotiskistas foram mortos e isolados. A heróica participação dos trotiskistas na

Alemanha traz lembranças da atuação do grupo nas lutas mundiais e sua abnegação. Segundo Campos (1981, p.50): Os trotiskistas participaram das guerrilhas de resistência e tentaram organizar células clandestinas no próprio exército alemão editando um jornal dirigido aos soldados alemães das forças de Hitler – *o Arbeiter und soldat*, dirigido por Martin Monat que foi preso e executado pela Gestapo.

Trotsky está bem consciente de que as condições de criação da Quarta Internacional são absolutamente inéditas e particularmente difíceis: trata-se de uma Internacional, sem nenhuma seção de massas, que ele qualifica como uma “Internacional de quadros, “encarregada,” antes de tudo, de transmitir uma herança e de preparar o futuro; ela nascia de uma série de derrotas do proletariado mundial, das quais a contra-revolução burocrática na URSS não era a menor; constituía-se num contexto em que o movimento operário não desenvolve as suas primeiras experiências, mas se encontra solidamente enquadrado, em numerosos países-chave, pelos aparelhos social-democratas e stalinistas, que se alimentam mutuamente; a corrente stalinista internacional dispõe ainda, com a existência de uma “pátria do socialismo,” ainda que “burocraticamente degenerada,” de uma base material específica. (BENSAID, 2010, p.45).

Os anos seguintes do trotiskismo são marcados por diversas dificuldades. A Segunda Guerra Mundial ajudou a isolar ainda mais os trotiskistas. Uma forte repressão por parte dos nazistas e stalinistas sobre os trotiskistas também pode ser apontada como fator de relevância para seu isolamento, mesmo com atuações destacadas na Segunda Guerra como no caso da Alemanha. Os momentos finais da Guerra marcaram um forte crescimento de organizações Sociais-Democratas e os Partidos Comunistas que seguiam as orientações do stalinismo. Os PC’s fizeram um “esforço enorme” para travar as lutas e mobilizações dos trabalhadores durante o período, inclusive colaborando para que muitos estados capitalistas europeus, que mal podiam se sustentar devido a Guerra, tivessem suas revoluções sociais e desabassem. A política dos PC’s seguia a orientação que ficou estabelecida nos acordos assinados em Ialta e Potsdam ao final da Guerra, por Stálin, Churchill, Roosevelt. Assim, os vitoriosos dividiam o mundo entre si, criando suas áreas de influência. Devido aos acordos foi selada uma política de colaboração de classe onde deveria ser garantida a “Paz e Estabilidade Mundial”. As consequências foram desastrosas com os PC’s adentrando em diversos governos burgueses, oprimindo greves dos trabalhadores e ocupando vários ministérios desses governos. Toda influência e domínio político dos Partidos Comunistas nesse período foram utilizados para frear qualquer mobilização dos trabalhadores, com sucesso inclusive. A união dos grupos stalinistas, burgueses e sociais-democratas apresentava uma plataforma que dava uma forte ideologia às

massas, como era a reconstrução nacional e a busca pela democracia. Assim, em meio a uma conjuntura desfavorável, os trotiskistas são ainda mais isolados e sofrem duros ataques da “união sagrada pela democrática reconstrução nacional” de stalinistas, burgueses e Sociais–Democratas. (MARIE, 1977, p.81).

A repressão abateu-se sobre a Quarta Internacional, que se teria podido crer por um instante desmembrado. Em 1941, o SWP (Partido Socialista dos Trabalhadores) norte americano teve de retirar-se, após o voto da lei Voorhis, que proibia toda filiação internacional de uma organização norte–americana e, ao mesmo tempo 18 militantes do SWP e militantes da seção sindical “504” do CIO (Congress off Industrial Organization), em Mineapólis, foram incriminados por propagação de ideias revolucionárias contra a Guerra e condenados a penas de prisão, variando de 12 a 16 meses. Os nazistas fuzilaram o alemão Marcel Widelin, organizador de células clandestinas na Wehrmacht e redator do jornal *Arbeiter und Soldat* (trabalhador e Soldado); o antigo membro do CC do PC alemão, Werner Scholem; o ex –secretário do PC grego, Pandelis Pouliopoulos; o Secretário Geral do POI, Marcel Hic; o belga Abreham Leon; Henryk Sneevliet e toda a Direção do PRSA holandês, próximo da Quarta Internacional; Leon Lesoil, antigo membro do Comitê Central do PC belga, os japoneses fuzilaram o sucessor de Chen –Du- Si , morto entre as mãos de Chiang –Kai – Chek frente dos trotiskistas chineses, Tchen-Chi-Chiang; o PCF fez executar Pietro Tresso, ex- Secretário para a organização do PC Italiano; o Comando do Exército de Mao fez fuzilar o líder dos adeptos trotiskistas Tchu –li – Ming, Ho- Chi –Mimh fez executar o líder trotiskista Ta-Thu –Thau, antigo dirigente da Comuna de Cantão, Tito fez abater Slobodam Maulic e os trotiskistas de Belgrado. (MARIE, 1977, p.82).

Para um grupo político pequeno, o assassinato de dirigentes representou um forte impacto, pois, seriam esses dirigentes que organizariam suas seções nacionais com intuito internacional da revolução socialista. Mas os grupos trotiskistas não conseguiram dar respostas corretas às massas, tentando participar de setores proletários para aproveitar o momento político, buscando construir e ampliar o número de militantes no seio operário. Esse período é marcado por derrotas e recuos no movimento operário, deixando essa herança política para os trotiskistas tentarem se inserir em seus espaços políticos.

Seria exagerado afirmar que este expurgo sangrento impediu apenas a Quarta Internacional de “encontrar o caminho das massas”, mas, numa organização tão jovem e que uma parte de seus dirigentes experimentados acabava de deixar no dia seguinte à morte de Trotsky, esse massacre de seus “cabeças” pesou muitíssimo sobre seu crescimento e tornou mais fino ainda o foi que ligava à tradição histórica de que ela se valia. (MARIE, 1977, p.82).

Todos esses fatores foram fundamentais para a divisão ocorrida no interior da Quarta Internacional durante o início dos anos 50. A cisão teve início com a expulsão de membros do Partido Comunista Internacional (PCI), seção francesa. Muitos quadros

do PCI foram expulsos da Quarta internacional devido aos rumos políticos adotados. A maioria de seus dirigentes, o secretariado internacional que tinha a sua frente Michel Pablo, partia da ideia de que diante de uma nova Guerra Mundial, agora entre EUA e URSS, e esse fato obrigaria, de forma objetiva, à burocracia soviética tomar os rumos de uma política revolucionária, transformando essa guerra em revolução. Essas teses foram debatidas no Terceiro Congresso da Quarta Internacional em 1951. O argumento teórico de Michel Pablo era que diante dessa guerra, os PC's, devido a conjuntura dariam uma guinada à esquerda, exercendo um papel revolucionário, diante disso a orientação era a de que os trotiskistas deveriam fazer o "entrismo" nesses partidos, ou seja, deveriam ingressar nos PC's e colaborar em tudo para esse processo revolucionário desencadeado com a teoria Pablista de "luta entre dois campos políticos": o dos EUA e o da URSS. Essa forma de "entrismo," colocava os trotiskistas reféns de uma política de capitulação à construção da Quarta Internacional

Este entrismo sui generis porque não era como o aconselhado por Trotsky nos anos 30, por um curto período, mantendo independência política e combatendo as direções social-democratas para empalmar as correntes que estavam em processo de ruptura pela esquerda. Pelo contrário, Pablo propunha que a entrada nos Partidos Comunistas fosse para acompanhá-los, sem críticas, até a tomada do poder. A mesma caracterização feita sobre os PC's, servia para os movimentos nacionalistas pequeno-burgueses ou burgueses dos países dependentes. (SAGRA, 2004, p.170).

Era um entrismo sem tempo determinado, sem independência política e sem reconhecer as devidas diferenciações entre os partidos comunistas e os nacionalistas burgueses, abandonando, assim, a própria construção da Quarta Internacional em favor de uma equivocada análise de conjuntura e desencadeando prognósticos políticos de erros estratégicos. As cisões nos grupos trotiskistas por vezes são destacadas em um tom avesso a um debate mais profundo, ou seja, como forma de escárnio, talvez esses argumentos estejam impedidos de perceber mais detalhadamente as cisões.

Argumenta-se, contra a viabilidade do trotiskismo, as suas frequentes e numerosas divisões. Isso é esquecer que as divisões e divergências caracterizam a vida de um organismo; diferentemente do monolitismo, da morte. Sob Stálin, a Internacional Comunista não conheceu quase divergências. Quando ele a dissolveu em 1943, não achou resistência, pois a IC já era cadáver... Outra coisa é que o trotiskismo não seria capaz de processar suas divergências num quadro unificado, num funcionamento centralista e democrático como partido mundial da revolução socialista: essa divisão indica a atual crise política e organizativa do trotiskismo. Mas crise não é morte. A crise supõe simplesmente que o partido revolucionário (fator subjetivo) não é alheio ao desenvolvimento objetivo da luta de classes que sofre as suas pressões e pode perder a bússola. (COGGIOLA, 1984, p.89).

Diante do exposto pode-se perceber que as divisões que seguem no trotiskismo expressam divergências que mostram a vida desse partido e suas tarefas postas pela realidade na busca de intervir e construir a revolução socialista internacional. A política e sua forma de intervenção dentro da luta de classes e dos acontecimentos conjunturais levavam que as elaborações teóricas e práticas dos trotiskistas fosse diferenciada, demonstrando uma diversidade política que impõe limites à unidade por ter diferenças de princípios e métodos de intervenção na luta de classes. Isso caracteriza a rica experiência elaborativa e analítica do trotiskismo e sua busca na melhor forma de intervir no movimento de massas para conseguir o desencadeamento de um processo revolucionário que conduzisse ao socialismo.

Os membros do Partido Comunista Internacional (PCI) - seção francesa da Quarta Internacional, teriam críticas à política de Michel Pablo, argumentando que essa política era o abandono do programa da Quarta Internacional, pois nesses campos havia divisões entre as classes e que a burocracia tinha se tornado irreformável. A camada burocrática não abandonaria o poder. Além disso, questionavam: qual importância teria a Quarta Internacional se os PC's eram revolucionários? No ano de 1952, o PCI é expulso, mesmo diante de sua afirmação em permanecer dentro da Internacional, fazendo suas considerações críticas. Essa política "pablista" levou às divisões entre os partidos que compunham a Quarta Internacional, gerando a formação de dois grupos.

De um lado, o Secretariado Unificado da Quarta Internacional, cujo principal líder é o economista e militante belga Ernest Mandel. Seus grupos mais influentes são a Liga Comunista Revolucionária francesa, que voltou a lançar candidatura de seu dirigente Alain Krivine, para as eleições presidenciais de 1981, o partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) americano. De outro, o Comitê Internacional da Quarta Internacional, que prossegue na luta iniciada pelo PCI em 1952. Seus dirigentes mais conhecidos são o francês Pierre Lambert, também membro do Comitê Central da Organização Comunista Internacional, e Nahuel Moreno, do Partido Socialista dos Trabalhadores da Argentina. Somadas, as duas correntes agrupam hoje aproximadamente 40 mil militantes, espalhados por mais de 45 países. (CAMPOS, 1981, p.55).

Sem dúvida, essa foi a divisão mais marcante na história do trotiskismo. Somente em 1968 seguiu-se uma unidade maior dentro das organizações trotiskistas, ocorrendo novos agrupamentos em vez das diversas cisões geradas pelo embrião de 1952, da política pablista. Em alguns países, o trotiskismo teve uma atuação importante e assim, destacaremos a atuação dos trotiskistas na URSS, EUA e Ceilão. O destacado



papel do trotiskismo na Bolívia será descrito no próximo tópico que se refere ao movimento na América latina.

Na antiga URSS, os trotiskistas foram duramente reprimidos por formarem uma oposição às medidas de burocratização stalinistas. Muitos foram fuzilados nos campos de concentração, uma prática recorrente do stalinismo com a eliminação física dos seus opositores. O embrião do internacionalismo trotiskista foi a URSS.

De janeiro de 1928 a 1938, as colunas de trotiskistas, reais ou pretensos não param de preencher os campos, onde, em geral, eles controlam a maioria dos milhares, a seguir, das dezenas de milhares de deportados comunistas. Ciliga, comunista iugoslavo deportado ao principal dos “isoladores políticos” testemunha: a imensa maioria dos detidos comunistas eram trotiskistas”. Em Verkhene-Uralsk, que edita dois boletins: O pravda na Prisão e o Bolchevique Militante. O coletivo dos prisioneiros do campo era dirigido por um trio de antigos três trotiskistas. As figuras mais eminentes de Verkhene-Uralsk eram Dingelstedt, chefe de todas as comissões de greve que estimularam incansáveis greves de fome até 1937, e Solntsev, que morreu em 1933. (MARIE, 1977, p.70).

Nos campos de concentração de 1937, os trotiskistas foram exterminados com metralhadoras, e em Leningrado os jovens militantes comunistas eram assassinados e suas últimas palavras eram: “Viva Trotsky!”.

A atuação do trotiskismo também foi exemplar no Ceilão (atualmente Sri - Lanka). Durante a década de 30 um grupo de estudantes que haviam tido sua formação na Universidade de Londres funda o Lanka Sama Samaya Party (LSSP). Esse partido tinha por base dois elementos de constituição política que era o apoio à crítica trotiskista ao stalinismo e a luta pela independência do Ceilão, tendo aliado sua política ao “pablismo” em 1953, visando sua independência. O partido passou à Quarta Internacional no início da década de 40, mas foi sendo dissolvido pelo governo imperialista britânico. Tinha uma atuação em vários sindicatos (comércio, indústria, transportes, estivadores). Durante o ano de 1953 uma greve geral levou os trabalhadores do Ceilão à linha de frente na luta contra os “exorbitantes” aumentos nos preços do arroz. Daí em diante as orientações do “pablismo” ao SSLP o levaram a capitulações as políticas da Frente Popular com partidos reformistas centristas (SLFP) e PC’s stalinistas da região, participando de governos de coalizão com o (SFLP) e o PC. Se configurando como um partido reformista. (MARIE, 1977, p.68).

Os EUA foram outro local onde houve certo desenvolvimento de um partido trotiskista com uma maior influência sobre setores dos trabalhadores. O *Socialist*

*Workers Party* conhecido pela sigla SWP<sup>28</sup> foi um dos maiores partidos trotiskistas, o qual dirigia um setor importante como o sindicato dos caminhoneiros de Mineapólis, contando com 18 dirigentes na década de 1940. O isolamento do movimento europeu, a forte repressão do governo dos EUA e a repressão dos stalinistas trouxe para os trotiskistas do SWP a política de proteção de seus quadros e a formação de seus militantes, sem deixar de lembrar suas posições políticas de anti - defensismo da URSS. A situação provocou polêmicas com Trotsky sobre a natureza da URSS e a possibilidade de sua defesa no caso de um ataque do imperialismo sobre o Estado Operário Degenerado. Essas polêmicas ficaram registradas na obra *Em defesa do marxismo*, escrita por Trotsky. Houve em meio a luta em Cuba um apoio do SWP ao Castrismo até a sua completa capitulação ao mesmo. Desenvolveu-se uma adaptação ao Castrimo e aos círculos intelectuais nortes-americanos. (MARIE,1977, p.69).

Esses exemplos ilustram que as tentativas de desenvolvimento do trotiskismo no mundo estavam interligadas ao desenvolvimento da luta de classes na Europa e a políticas de capitulações aos regimes castristas e parlamentares de Frente Popular. Diante de fracassos em greves gerais, momentos de ascenso da luta de classes e sua não efetivação na conquista do poder, houve retrocessos na luta de classes que avançaram na repressão sobre os trotiskistas. As orientações da Quarta Internacional com a política “pablista” serviram de suporte teórico e prático para derrotas e mais derrotas dos trotiskistas, dificultando ainda mais o processo de mobilização e construção revolucionárias em seus aspectos subjetivos e objetivos. Passemos a esboçar um pouco do panorama do trotiskismo na América Latina onde o exemplo mais emblemático de luta foi na Bolívia, na luta dos trabalhadores da mineração.

## **2.5 América Latina e “Los Troskos”**

“Los Troskos”, como são conhecidos os grupos trotiskistas da América Latina, tiveram uma atuação desligada das correntes internacionais da Europa, intervindo na realidade dos seus países e no continente, mas não conseguiram irradiar-se como um movimento unificado por toda América do Sul. Os primeiros grupos

---

<sup>28</sup> Para Cannon (2015, p.141) O trotiskismo em escala mundial estava em marcha.Estávamos, em movimento nos estados Unidos. Na verdade, estávamos,encabeçando a marcha de nossa organização internacional, aproveitando toda oportunidade e avançando confiantemente em todas as frentes.E quando veio nossa grande e real oportunidade com o movimento sindical, na grande greve de Mineapolis de maio e julho-agosto de 1934,estávamos completamente prontos para mostrar o que podíamos fazer, e o fizemos.

trotiskistas que surgiram no continente sul-americano foram o resultado de rompimentos com os Partidos Comunistas. Diante das lutas da Oposição de Esquerda na URSS, contra a política stalinista, diversos grupos rompem com os PC's para se juntarem a política da Internacional Comunista, que afirmava as considerações de que todos os governos burgueses ou mesmo os antiimperialistas, na realidade, eram identificados com o fascismo. Até mesmo as organizações operárias que não fossem comunistas eram caracterizadas como "social fascistas". Ocorria uma profunda discordância ao combate a essa política do stalinismo para a América Latina. Para completar sua desastrosa política, os PC's, ainda repletos de um sectarismo exacerbado, criavam seus próprios sindicatos, os sindicatos vermelhos, recusando atuar nos sindicatos institucionais e nos ilegais que não tivessem à frente sua direção política.

A Oposição de Esquerda latino-americana se forja na luta contra essa política. Nos anos 30, grupos ou partidos da Oposição são criados: Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Costa Rica, México, Cuba, Panamá, e Porto Rico. Até 1933, vão lutar pela reforma dos partidos comunistas e da IC, da qual se consideram uma fração excluída. A partir da ascensão do nazismo, e conforme o balanço feito pela Oposição Internacional, se encaminharão em direção à formação da Quarta Internacional. (COGGIOLA, 1984, p.19).

Com as divergências políticas destacadas no Chile ocorreu a formação do partido Esquerda Comunista nos anos 30, que se alinhou politicamente com Andrés Nin do POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) da Espanha. Eram conhecidos como hidalguistas por ser Hidalgo seu principal dirigente político. Esse grupo teve uma intervenção destacada no Chile com experiência de autogestão na construção do Hospital Policlínico, com a substituição das empreiteiras pela autogestão e conseguindo reduzir a jornada de trabalho. Mas durante o ano de 1936 a Esquerda Comunista se alinhou a Frente Popular, ingressando nela, inclusive, com seu principal dirigente político Hidalgo, tornando-se embaixador da Frente Popular no México. Diante desse erro político um grupo da Esquerda Comunista discorda desse alinhamento político e, junto com Enrique Sepúlveda, passa a atuar politicamente em Santiago, constituindo em 1935 o Grupo Bolchevique Leninista que se alinhou politicamente à Quarta Internacional. No ano de 1937 esse grupo constituiria o Partido Obrero Revolucionário (POR) - Boliviano<sup>29</sup>. (COGGIOLA, 1984, p.53).

---

<sup>29</sup> Cabe destacar que esse grupo político não é o POR-T no qual tem como principal dirigente José Posadas e somente é fundado na Década de 50. Falamos nesse momento do POR boliviano que teve como principal dirigente político Guillermo Lora.

Na Argentina, durante a década de 30, o trotiskismo sequer chegou a se estabelecer como um partido com forte influência de massas, mesmo contando com um dos principais dirigentes sindicais da época, conhecido como Mateo Fossa. As divergências políticas perderam espaço para polêmicas de cunho pessoal entre os grupos trotiskistas no país, dificultando a constituição de uma organização mais consolidada no movimento de massas. O fato era que esses grupos estavam desligados do movimento operário, destruindo assim uma forma organizativa que tivesse consolidação e construção no movimento, um grupo ganhasse destaque diante do nacionalismo que arrastava organizações operárias. É o Partido Operário da Revolução Socialista (POSDR), que, diante de uma polêmica de libertação nacional ou socialismo, era apoiado por um delegado da Quarta Internacional, dando seu apoio à política clara de que somente a revolução socialista poderia garantir uma real libertação. A divergência girava também sobre o apoio do setor burguês ao nacionalismo. Enquanto partido teve curta duração dividindo-se em vários grupos no início da década de 40, levado, principalmente, pela onda do peronismo. Destaca-se aqui a presença de José Posadas<sup>30</sup> como dirigente político desse grupo juntamente com Esteban Rey, Jorge A. Ramos e Ernesto Sábato estudante na época. (COGGIOLA, 1984, p.57).

Depois da Segunda Guerra Mundial a Argentina destacou-se como um forte centro do trotiskismo na América Latina. O peronismo trouxe o país para o centro dos debates políticos da época. Os diversos grupos trotiskistas estavam separados diante da estratégia política a ser levada a cabo em relação ao peronismo. Existiam três grupos: 1) O Grupo Outubro que caracterizava o peronismo como fruto de uma revolução democrático-burguesa, destacando sua progressividade e, assim, politicamente dando seu apoio crítico. Sua principal liderança era J.A. Ramos, que em 1948 rompe com a Quarta Internacional por “ser imperialista” segundo ele. 2) O grupo Quarta Internacional (mais adiante conhecido como POR-T) cujas interpretações políticas se assemelhavam ao primeiro grupo, mas defendia independência operária e a se manter ligado à Quarta Internacional tendo como principal dirigente político José Posadas. 3) O Grupo Operário Marxista – (GOM). Esse grupo avaliava o peronismo como um movimento de direita, de cunho reacionário, tendo como principal expoente político Nahuel Moreno. Depois de toda disputa política sobre a caracterização do tipo de partido e da política a ser adotada contra o populismo, no Congresso de 1948, da Quarta

---

<sup>30</sup> José Posadas foi o fundador do POR –T. Sendo também seu principal dirigente político esse grupo trotiskista atuou em Fortaleza durante os anos depois do golpe militar.

internacional, não foi resolvida a questão e o militante uruguaio Ortiz passou a percorrer a América Latina como membro do Comitê Executivo, buscando organizar e dar coordenação aos trotiskistas latino-americanos. (COGGIOLA, 1984, p.55).

A Bolívia foi o local de refúgio de alguns militantes trotiskistas brasileiros como Fúlvio Abramo, Marino e Inês Buhuchet que buscavam fugir da repressão do Governo Vargas no ano de 1937. Nesse país passaram a manter contatos com os trotiskistas Guillermo Lora e Walter Asbun. Antes desse período já havia surgido uma primeira geração de trotiskistas bolivianos que teve como liderança José Aguirre Gainsborg, um dos fundadores da Esquerda Comunista do Chile. O POR foi resultado da fusão da Esquerda Comunista com o grupo Tupac Amaru. A morte de Aguirre, em um acidente no ano de 1938, enfraqueceu o POR durante vários anos, mas uma segunda geração de militantes surgiu, a qual tinha como principal expoente político o estudante de direito Guillermo Lora. Esse partido desenvolveu um forte trabalho entre os mineiros, os quais impulsionaram greves de massas, uma delas conhecida como o massacre de Catavi, quando os operários das minas fizeram uma massiva greve que foi duramente reprimida no ano de 1942. (OLIVEIRA, 2007, p.72).

O POR boliviano tinha um trabalho de base no operariado das minas. No ano de 1944 foi organizada a FSTMB- (Federação Mineira). Em março de 1946 realizou o III Congresso que também tinha à frente o MNR (Partido Nacionalista burguês da Bolívia), os quais aprovaram grande parte do Programa de Transição da Quarta Internacional, que incluía controle operário da produção, milícias operárias, escala móvel de salários e das horas de trabalho. Depois desse acontecimento, vários trotiskistas foram eleitos para a direção da FSTMB. No final do ano de 1946, é reunido um novo Congresso que aprova as “Teses de Pulacayo<sup>31</sup>”, e se coloca à disposição de combater a conhecida oligarquia do estanho, pois a direção nacionalista do MNR era incapaz de defender-se da reação que os setores burgueses estavam articulando (governo da “rosca”, oligarquias do estanho). (OLIVEIRA, 2007, p.75).

O correto é dizer que as teses de Pulacayo empregam-se o método do programa de Transição, que por outro lado foi uma das preocupações da Internacional Comunista da primeira época: conseguir mobilizar as massas para a tomada do poder, partindo de sua luta diária, da real evolução de sua

---

<sup>31</sup> Para Lora,(2009, p.7-8) O aspecto básico e transcendental das teses de Pulacayo consiste em que é um programa de transição, que inclui em seu texto os aspectos vitais da vida das massas. De maneira geral, os diferentes documentos sindicais, suas plataformas de reivindicações, se limitam ao enunciado dos objetivos imediatos, ou, se quiserem, salariais.

consciência e, inclusive, de seus prejuízos. Tomam-se algumas consignas do programa da Quarta Internacional, ainda que se as imprimam características particulares, consignas que fazem parte da tradição do movimento operário e revolucionário: a escala móvel de salários, o controle operário, a ocupação das fábricas, por exemplo. A experiência tem-nos ensinado que se podem reagrupar as massas dispersas ao redor das consignas transitórias. (LORA, 1948, p10).

Esse momento da história Boliviana tornou-se o ápice do movimento trotiskista, pois estava na ordem do dia a tomada do poder pela primeira vez na história da humanidade por um grupo trotiskista, e sua luta na concretização da teoria da revolução permanente.

Em novembro de 1946, reúne-se na cidade de Pulacayo um Congresso extraordinário da Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB) e aprova um documento, conhecido desde então como Teses de Pulacayo. Os militantes do POR (Partido Obrero Revolucionário), fundado em 1934), especialmente Guilherme Lora, foram os principais redatores deste texto claramente inspirado na concepção trotiskista da Revolução Permanente. Portanto, esta é uma exceção notável no movimento operário latino – americano deste período, dominado pela estratégia muito moderada de “união nacional”, pregada pelos partidos comunistas. As Teses de Pulacayo tornar-se-ão um documento de referência central do movimento operário boliviano e continuam em vigor nos dias atuais. (LOWY, 2006, p.180).

Nesse contexto existia uma situação de alternâncias no poder pelos “chamados barões do Estanho” que eram os donos das principais minas do país como as seguintes: Rotschild, Patino e Aramayo. Diante de um quadro de superexploração, por exemplo, Oliveira (2007, p.118) afirma que metade da população, principalmente, os camponeses indígenas, não tinham sequer os seus direitos civis reconhecidos, nem direito à educação, trabalhando em situação servil para os grandes latifundiários, além da passagem pelas cidades ser restrita. Como assinalamos, desde a década de 40, estavam ocorrendo fortes processos de organização dos trabalhadores devido à agudização das lutas isso que se dava tanto nos setores operários quanto no dos camponeses.

Na organização dos trabalhadores, e no quadro dos partidos políticos podemos perceber que o stalinismo não conseguiu se firmar na classe trabalhadora, mas o trotiskismo conseguiu desenvolver esse trabalho sendo referência para os trabalhadores mineiros. Quando em 1951, o MNR (partido de cunho nacionalista burguês) venceu as eleições, o exército apoiado nas elites mineradoras deu um golpe e instalou uma ditadura que se caracterizava pela sua extrema repressividade. Alguns setores do exército e da polícia durante o ano de 1952, tentaram uma retomada do

governo, mas foi derrotado entregando algumas armas aos trabalhadores fabris de La Paz. Os mineiros de Oruro levantaram-se contra o golpe destruindo o exército na região e se deslocando para a capital La Paz. Os trabalhadores expropriaram um trem repleto de armas e desde esse momento enfrentaram-se com sete regimentos do exército, derrotando todos e retirando os armamentos. Esses sete regimentos derrotados formavam a espinha dorsal do exército boliviano. (COGGIOLA, 1984, p.54).

Nos marcos de toda essa efervescência revolucionária foi organizada a COB (Central Operária Boliviana) com suas milícias operárias. Depois dessa vitória, a presidência do país foi entregue a Vitor Paz Estenssoro. Nesse período, as únicas forças armadas no país estavam em poder da COB, que eram as milícias operárias e que tinham como co-direção o POR boliviano. A revolução ganhou novo fôlego com as insurreições camponesas que ocuparam latifúndios e terras nos vales de Cochabamba. Frente a toda essa situação revolucionária o trotiskismo perdeu uma enorme oportunidade de consolidar o que seria o primeiro processo revolucionário vitorioso dirigido por um partido trotiskista. De acordo com Sagra:

O SI da Quarta Internacional, dirigido por Pablo e Mandel, deu a orientação de apoiar o governo do MNR, e inclusive aconselhou o POR a entrar nesse partido, caracterizado por Pablo como um partido da “baixa burguesia mineira”. O POR não chegou a entrar no MNR, porém deu apoio crítico ao seu governo. Em uma resolução da X Conferência do partido boliviano, de junho de 1953, lê-se: No presente momento, nossa tática consiste em agrupar forças, em aglutinar o proletariado e os camponeses em um só bloco para defender uma iminente ameaça da reação ao latifúndio e do imperialismo (...) chamamos o proletariado internacional a defender incondicionalmente a Revolução boliviana e seu governo (MNR de Paz Estenssoro) é importante observar que em nenhum momento o imperialismo atacou o governo do MNR, pelo contrário, o apoiou desde o início. (SAGRA, 2005, p.175).

Diante disso o trotiskismo latino-americano entrou em polêmicas com o Secretariado Internacional da Quarta (SI), pois atestava que somente o governo da COB poderia cumprir o programa revolucionário das massas bolivianas.com a palavra-de-ordem: Todo poder a COB! Porém, somente em 1956, depois do exército burguês ter sido reconstruído e se fortalecido e quando movimento de massas está completamente desmobilizado, é que os trotiskistas bolivianos do POR, chamaram a consigna de: Todo poder a COB! Diante disso, a orientação “pablista” mostrou sua perspectiva de colaboração de classe. A Bolívia foi a única possibilidade histórica aberta para que uma seção da Quarta Internacional conquistasse o poder em um país no pós-guerra. Fracassou por erros estratégicos e por uma orientação política centrada na colaboração de classes, segundo Oliveira:

Tais orientações levaram o POR a por em segundo plano seu próprio lugar e seu fortalecimento como partido e apostar cada vez mais o futuro da revolução na esquerda do MNR. De fato, o partido deixava passar o momento de duplo poder que se desenvolvia com a construção da COB e nada dizia sobre a necessidade de a COB tomar em suas mãos tarefas concretas de governo, possibilidade existia. (OLIVEIRA, 2007, p.121).

Outros países como Chile ou mesmo, Cuba podem ser apontados como locais onde os trotiskistas atuavam, ou mesmo na Guatemala e Nicarágua. Devido à delimitação da pesquisa apresentamos a Bolívia e a Argentina por terem ligações com nossa pesquisa. A Argentina por ter sido berço dos dirigentes Posadas e Moreno, os dois teóricos e principais dirigentes do POR-T e da FBT respectivamente, já a Bolívia por ter sido marco importante do trotiskismo latino americano. Passemos agora ao capítulo dois onde falaremos das origens do trotiskismo no Brasil e dos grupos que pesquisamos.

## **2.6 O Trotiskismo no Brasil (1928-1990)**

Desde a morte de Lênin em 1924 até seu assassinato no México, Trotsky sempre se considerou como um continuador de Lênin e um representante do leninismo autêntico contra a falsificação stalinista da herança bolchevique : seus partidários (também no Brasil, se apresentavam como ‘Bolcheviques-Leninistas.’ Esta autodefinição não é arbitrária: as idéias de Trotsky sobre o partido de vanguarda, o internacionalismo, a frente única contra a operária, a revolução como processo insurrecional contra o Estado burguês, têm nítido corte leninista. (MORAES,1995, p.223)

O trotiskismo no Brasil só começa a ser estudado por jovens intelectuais nas pesquisas universitárias no período de (1990-2000) quebrando um hiato histórico e a visão única pregada pelo stalinismo durante muito tempo. Esses hiatos históricos ou mesmo a versão da “vulgata stalinista” sobre o trotiskismo não auxiliam na compreensão do fenômeno. Essas pesquisas possuem importância por destacar de forma mais apurada o que significou e qual a influência da esquerda trotiskista na compreensão do passado. A importância do seu estudo também reside no seguinte fato:

Durante mais de três décadas o trotiskismo brasileiro envidou esforços para a construção de organizações revolucionárias inclusive durante períodos políticos muito difíceis e repressivos. Os resultados obtidos atingiram alguma importância, mas sempre efêmera e, como corrente política, o trotiskismo brasileiro se caracterizou pela descontinuidade, além das já conhecidas divisões, as mais das vezes refletindo debates internacionais (que provocaram divisões, as divisões e cisões também nessa escala). O trotiskismo, por outro lado, foi uma referência mais que notável para a intelectualidade revolucionária, a ponto de vários dos intelectuais de esquerda dessas quatro décadas (de 1930 até 1960) como Mário Pedrosa, Hermínio Sachetta, Pagú, Lívio Xavier, Rodolfo Coutinho, Florestan



Fernandes, Moniz Bandeira, Edmundo Moniz e outros também mencionados acima, terem no trotiskismo e na Internacional um quadro fundamental de suas experiências e elaborações teórico-políticas. Mas estas mal e mal conseguiram estabelecer como uma “tradição teórica”, provavelmente devido à própria descontinuidade político-organizativa do quadro partidário que lhe servia de referência estratégica. O resgate dessa tradição, que com certeza inclui boa parte do que de melhor se produziu no pensamento marxista brasileiro, implica, porém, para ser completa e crítica, a reconstituição da trajetória política que lhe forneceu o seu leito histórico. (COGGIOLA, 2003, p.269).

O trotiskismo no Brasil surge por volta de 1928, com as frações nos partidos comunistas da América do Sul. Na realidade, algumas frações passam a ter contato com a Oposição de Esquerda Internacional que tinha Leon Trotsky a sua frente. Daí em diante surgiram várias gerações de grupos trotiskistas.

As primeiras manifestações do trotskismo, em fins dos anos 1920, surgiram com uma dissidência na célula 13 do PCB, no Rio de Janeiro e tinha como expoentes da divergência João da Costa Pimenta e Hilcar Leite, as lideranças da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro em completa oposição em torno da política sindical adotada pelo PCB. A Oposição Sindical criticava o PCB por fazer dos sindicatos células partidárias.

Também houve uma ala intelectual que rompeu com o PCB por estar em oposição divergente às diretrizes políticas do Partido que eram extremamente nacionalistas, e por sua aproximação política com a Coluna Prestes. Podemos destacar os nomes de Lívio Xavier, Fúlvio Abramo e Rodolfo Coutinho. Esses militantes do PCB tinham influência na juventude comunista, trazendo Hilcar Leite e Aristides Lobo para as fileiras do PCB.

A partir da intervenção desses homens, a cultura política de esquerda, antes marcada pelo anarquismo, posteriormente pelo comunismo, veria crescer, dentro desse último, e na segunda metade dos anos 20, o que posteriormente se chamou de “trotiskismo” ou Quarta Internacional. (NETO, 1993, p.24).

Diante das divergências internas os dissidentes tiveram acesso aos documentos da Oposição de Esquerda Internacional enviados por Mario Pedrosa, que se encontrava na Europa. Mário entrou em contato com documentos e militantes da Oposição de Esquerda Internacional na Alemanha, logo mais viajando para Paris. Ao enviar os documentos encontrou adesão de Lívio Xavier, Hilcar Leite e Rodolfo Coutinho. Mário Pedrosa havia ficado doente na Alemanha e entrado em contato com Benjamin Péret e Pierre Naville, juntamente com outros escritores surrealistas.

O surgimento do GLC, que contestava a política dos comunistas em favor de uma regeneração do PC nos moldes bolcheviques, colocou o Brasil no debate realizado pelos maiores partidos comunistas do mundo, em que se definiram os rumos da III Internacional (NETO, 2007, p.28).

Em fins de 1929, Mário Pedrosa foi expulso do PCB por estar ligado a idéias européias (da Oposição de Esquerda). O agrupamento dos setores que dialogaram com Pedrosa formou o GLC (Grupo Comunista Lênin) que, por volta do mês de maio de 1930, publicou um jornal na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como Luta de Classe. Sua ação era dirigida aos trabalhadores mais avançados na consciência de classes, ou seja, aos trabalhadores que representavam uma vanguarda, procurando reverter toda orientação Política do PCB. O GLC não procurava inicialmente combater o PCB, mas recolocá-lo na sua linha política traçada na sua fundação. (NETO, 1993, p.26).

Somente no ano de 1931 foi formalizada a LCI (Liga Comunista Internacionalista) a qual passou a ser a Seção Brasileira da Oposição de Esquerda Internacional. Suas bases organizativas eram as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Tinha uma atuação dirigente na União dos Trabalhadores Gráficos e inserção por intermédio da Federação dos Sindicatos em diversas categorias: tecelões, metalúrgicos e comerciários, de estações elétricas e transportes. Durante o ano de 1930 foi criado o Boletim Internacional da Oposição de Esquerda da Terceira Internacional, com a presença do grupo brasileiro e outras organizações de outros países. Foi também criado um birô-político e um secretariado, cuja formação influenciou a passagem do GLC para a LCI.

A Liga Comunista, liderada por Trotsky e Rakovsky-ambos deportados e perseguidos por defenderem a integridade dos princípios que em 1917, deram a vitória aos trabalhadores da Rússia, tem um caráter bem definido de fração de esquerda do partido, o que vale dizer: fração de esquerda internacional comunista. Reivindicando o restabelecimento da liberdade de discussão nas fileiras do partido, ela é antes de tudo o reflexo de uma posição histórica: a luta pela regeneração da ditadura do proletariado na URSS, cuja estabilidade vem sendo ameaçada pelo perigo termidoriano, e a continuação proletária em todos os setores da luta de classe. (KAREPOVS, 1987, p.93).

Durante esse período esteve também na organização o militante Salvador Pintaude que era diretor da Editora Unitas, o qual fez as primeiras traduções dos livros de Trotsky para a língua portuguesa, contando com a orientação de Mário Pedrosa, Aristides Lobo e Lívio Xavier. Além disso, elaboraram um suporte teórico de análise da realidade brasileira a partir do marxismo.

O texto “Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil”, de autoria de Mário Pedrosa e Lívio Xavier, é um notável produto, além de apresentar as origens e especificidades do desenvolvimento capitalista brasileiro, demonstra que suas formas específicas, resultado da coexistência de formas atrasadas e avançadas de dominação política e produção econômica, condicionaram processos de constante instabilidade política e econômicas que governos centralistas buscavam manter sob seu controle. (FERREIRA, 2007-I, p.398).

A LCI foi responsável por uma análise da revolução de 1930 que se dedicava a entender tal processo a partir de fatores ligados à dinâmica interna da luta de classes. A LCI destacou como palavra de ordem a reivindicação da formação de uma Assembléia Constituinte, provocando ataques do PCB, que acusou seus militantes de “lacaio do imperialismo”. Para o PCB, o processo da dita “Revolução de 30” foi tão somente um capítulo da luta interimperialista, gerando uma crise e o isolamento do Partido. Além disso, seu mérito residiria também em:

[...] reunir as diversas frações que se identificavam de um modo ou de outro com os argumentos da Oposição de Esquerda russa, foi um longo caminho que, de fato, só começou a se concretizar em meados de 1930. Nesses anos que precederam o primeiro encontro internacional da Oposição de Esquerda a não organização do movimento contribuiria para a dispersão. Os militantes revolucionários descontentes com o PC ou abdicavam da militância, ou atuavam sindicalmente, com eventuais debates localizados sobre os problemas internacionais do socialismo. (NETO, 2007, p.127).

A defesa da LCI do “chamado” à Assembleia Constituinte partia da análise da formação histórica brasileira e dos trajetos políticos que estavam colocados. De acordo com a compreensão dos trotiskistas essa Constituinte seria do proletariado, diferente da constituinte burguesa. Isso ocorreria pela via dos *soviets* (organismos de duplo poder) em paralelo com a elaboração da Constituinte, com autonomia municipal e a gestão direta da população. Isso seria realizado apenas com a guinada da política do PCB, e só seria possível se houvesse uma luta conjunta do proletariado e do PCB na formação dos *soviets* de forma paralela à Constituinte. A LCI defendia que a unidade nacional efetiva somente poderia ser feita pelo proletariado, em detrimento do conflito burguês de 1932, ou não. Ou seja, somente a ditadura do proletariado poderia libertar o Brasil da dominação imperialista, conservando a unidade nacional. A LCI também caracterizava que a gênese da burguesia brasileira provinha do campo e não do setor urbano, exemplo da Europa e de sua burguesia.

A Liga Comunista foi fundada por Lívio Xavier que manteve seu codinome Lyon, Mário Pedrosa codinome Cunha, Aristides lobo codinome Antônio e mais seis companheiros. Até março de 1933, alcançou o número de 54 adeptos entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Mais do que o número de adeptos de outros grupos. No entanto é importante observar a importância da Liga na radicalidade de sua crítica e de sua intervenção política, a mesma observação feita em relação ao GCL. (BARBALHO, 2003, p.60).

A atuação sindical dos trotiskistas foi destacada no sindicato dos gráficos, tecelões, ferroviários e bancário e juntamente com os anarquistas formaram a Coligação dos Sindicatos no ano de 1934. Nesse mesmo ano, devido ao impulsionamento dos trotiskistas surgiu uma Coligação das Esquerdas, reunindo também outros grupos como os anarquistas, os socialistas, grupos de operários estrangeiros e também o comitê São Paulo do PCB, que tinha como direção o jornalista, Hermínio Sachetta. Todos esses grupos se reuniram em uma espécie de frente única contra o fascismo brasileiro, o integralismo. Sem dúvida, os trotiskistas da LCI teriam essa unidade como um dos seus principais feitos. (COGGIOLA, 2003, p.241).

Os trotiskistas Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo já tinham feito análise do fascismo por meio da arte cinematográfica no filme *Scarface*. Eles fizeram uma espécie de analogia entre o fascismo e a máfia, como uma classe de lupemproletários que havia tomado ou se apossando do Estado sob o apoio das classes dominantes, assim evitando qualquer ascenso revolucionário.

A LCI fez uma frente com a coligação dos Sindicatos e o Partido Socialista Brasileiro (PSB), participando assim da Coligação das Esquerdas ou Esquerdas Proletários que se aglutinaram, procurando disputar as eleições para a Constituinte Paulista e a Câmara Federal. Em seu programa a frente apresentava: reivindicações econômicas imediatas e reivindicações nacionais para as massas. Mesmo sendo um grupo pequeno em relação aos grandes partidos, a Coligação Proletária chegou a ter uma votação mais expressiva do que a Ação Integralista Brasileira e o PCB. Chegaram a ter 8.508 e 8.289 votos respectivamente para a Assembléia e a Câmara Federal. (COGGIOLA, 2003, p.244).

Provavelmente um feito histórico dos trotiskistas foi de ter participado das lutas antifascistas no dia 1 de maio de 1934, quando ocorreu uma manifestação pública antifascista. Essa manifestação era dirigida e organizada pela Frente ou Liga e os anarquistas. Mário Pedrosa no mesmo dia, propagandeia pela primeira vez, no Brasil, a urgência de se construir a Quarta Internacional, relatando a política de capitulação do PC alemão, no ano de 1933, abrindo caminho para Hitler. Para se firmar uma frente

antifascista, houve toda uma campanha no ano de 1934, com a LCI, os anarquistas e os socialistas ao redor do periódico “*O Homem Livre*” O PCB somente ingressou nessa luta antifascista na Praça da Sé, no ano de 1934.

Entretanto, ocorreu uma contra manifestação aos integralistas nesta Praça, resultando em um conflito que teve a utilização de até mesmo armas de fogo. Esse episódio ficou conhecido como “A revoada dos galinhas-verdes”, devido aos integralistas utilizarem camisas verdes. Os jornais noticiavam: “Os pequenos burgueses mussolinianos de Plínio Salgado abandonaram até as camisas na fuga.” (COGGIOLA, 2003, p.246).

Diante da Quartelada, (*Pustch*) do PCB, com a tentativa de organizar um levante nacional, a partir de Natal (Rio Grande do Norte), o governo Vargas reprime intensamente o movimento operário. Os trotiskistas combateram e não pouparam críticas ao autoritarismo do PCB nos anos de 1935 e 1936. A esquerda foi reprimida com os trotiskistas sendo presos, exilados. Os dirigentes trotiskistas foram presos, ocorreu a morte do militante Manuel Medeiro. Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo se exilaram na Bolívia, juntamente com outros militantes, como Mariano e Inês Besouchet que presenciariam o surgimento do POR-Boliviano. A consequência do *pustch* do PCB e da ANL foi à completa repressão e esmagamento do movimento operário sob o governo Vargas. Para os trotiskistas não foi diferente, a sua organização foi completamente cindida.

O fato é que a violenta repressão da ditadura getulista ao movimento operário organizado, partidos e sindicatos, fez com que os trotiskistas praticamente regressem, de 1936 em diante, ao estágio de grupo de propaganda, cuja maior audiência, desta vez involuntariamente eram os comunistas (Nunca é demais lembrar que este foi o período dos processos de Moscou, em que o trotiskismo era a “besta negra” do movimento operário). (MORAES, 1995, p.243).

Os quadros militantes que restaram procuraram se organizar e fundar uma outra organização. Em 1936 no Rio de Janeiro, organizaram a fundação do Partido Operário Leninista (POL), que teve curta duração, sequer chegando a se consolidar.

Nesse período há divergências internas na LCI que provocam a ruptura de alguns militantes como: Aristides Lobo e Raquel de Queiroz, escritora cearense, além de Vitor Azevedo. Esses tecem críticas ao modo “aventurístico” e “militarista” da LCI. Talvez a maior contribuição do POL tenha sido a de realizar balanços consequentes do

PCB e seu “desvio direitista” e do integralismo no Brasil, da inexistência da ANL como uma organização própria.

É certo que hoje, 63 anos depois, já com o olhar voltado para a história daqueles anos, não é difícil entender que a dispersão seria o resultado mais previsível para aqueles que se opunham à IC e as suas seções nacionais. Trotsky havia sido derrotado na URSS, “pátria do socialismo”, expulso do PC e do território russo pelo governo que ajudara a construir. O trotiskismo como sinônimo de contra-revolução já havia transposto o território soviético, era utilizado como escudo protetor dos partidos comunistas contra as críticas dirigidas à sua política. (NETO, 2007, p.127).

Por volta do ano de 1937, diante da façanha golpista do Plano Cohen, em pleno Estado Novo, ocorre a viagem de Mário Pedrosa para a França, onde auxilia e participa do congresso de fundação da Quarta Internacional, em setembro de 1938. Pedrosa foi o único representante da América Latina. Uma outra geração de trotiskistas brasileiros, ou seja, a segunda geração do trotiskismo brasileiro tem sua origem na união entre um grupo de militantes expulsos do PCB, sob a liderança de Hermínio Sachetta que era redator do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB, e dirigente do Comitê Estadual de São Paulo e o POL. O grupo de Hermínio Sanchetta, se denominava Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda. A junção desse grupo com o POL deu origem ao PSR (Partido Socialista Revolucionário). Esse partido conseguiu adesão de Patrícia Galvão, a poetisa Pagu, Florestan Fernandes que se afastou do PSR nos fins da década de 40, devido a uma proposta de bolsa de estudos no Exterior. Isso gerou uma crise de consciência em Florestan. (SACHETTA, 1992, p.43).

O PSR desenvolveu particular relação com o Partido Obrero Revolucionário, dirigido por Nahuel Moreno, e manteve grande identificação com esta organização, pela postura comum que ambos tiveram contra os movimentos nacionalistas de seus países no final dos anos 1940. (RIDENTI, 2007, p.143).

No ano de 1939, os partidários do SWP norte americano (*Socialist Worker's Party's*), que era uma Seção da Quarta Internacional nos EUA, entra em uma polêmica com Trotsky sobre o caráter e a defesa da URSS, que Trotsky insistia em defender como uma conquista de classe operária e da perspectiva de um ataque imperialista. Trotsky acrescentava que URSS era um Estado Operário burocratizado, que nesse país havia ocorrido uma “Revolução social” que expropriou a burguesia, mas que uma “casta burocrática” havia se apropriado das conquistas, aproveitando-se dos privilégios para manter o poder. Daí, Trotsky afirma que seria necessário uma Revolução Política das massas operárias contra a burocracia, essa “Revolução política” retiraria a burocracia do

poder. Caso tal não ocorresse o capitalismo seria restaurado na antiga URSS. Esse prognóstico de Trotsky foi confirmado 50 anos depois. Os membros do SWP, discordavam da política e análise de Trotsky sobre a natureza da URSS e sua defesa. Um dos principais representantes da teoria anti-defensista era Max Schatman, que acabou se desligando da Quarta Internacional. (TROTSKY, s/d, p.65).

No Brasil, Mário Pedrosa seguiu a tendência anti-defensista. Ele passa a viajar pela América Latina, fazendo propaganda e buscando recrutar adeptos do anti-defensismo. No entanto, no Brasil quem se destacava era o PSR, que passou a se aproximar da Quarta Internacional, passando a ser uma secção desta a partir do ano de 1943. Diante da queda do Governo Vargas, no Estado Novo, e o processo de redemocratização e das eleições presidenciais, o PSR adota a posição de defesa de uma candidatura classista ou o voto nulo. O PSR também elaborou fortes críticas às concepções etapistas do PCB, por meio do periódico *Orientação Socialista*. Sua atuação era mais concentrada no Estado de São Paulo, onde chegou a ser a principal direção política do sindicato dos jornalistas e o sindicato dos vidreiros. Também tinha atuação no Rio de Janeiro e no Paraná.

Existiram constantes críticas do PSR ao PCB, que para eles exercia uma política de colaboração de classes, ao fazer alianças com a burguesia sob a orientação dos stalinistas soviéticos. Esse projeto se esboçava na “revolução democrática” defendida pelo PCB. Prestes defendia que a linha do partido e sua justa aplicação eram problemas menos importantes. O PCB antes já propunha a unidade nacional em torno de Vargas defendendo a tese da pacificação nacional como uma tática de combate ao fascismo. Era a conciliação nacional que deveria envolver, também, o proletariado, de tal forma que Prestes afirmava que uma vitória sobre o fascismo era o elemento que também eliminaria o imperialismo, e desse modo, até mesmo o capital estrangeiro auxiliaria o desenvolvimento nacional. Já o PSR pretendia lutar contra o imperialismo, porém não com medidas imperialistas. Os trotiskistas não defendiam uma “revolução democrática” para o Brasil, que era caracterizado como um país de capitalismo retardatário. Na crítica dos trotiskistas às teses do anti-imperialismo do PCB, havia uma forte divergência sobre a teoria do PCB de ter havido um feudalismo no Brasil, e de que não havia necessidade de um tratado teórico para distinguir o latifúndio brasileiro do feudalismo que o PCB avaliava ocorrer no campo brasileiro. Não ocorria uma discordância entre o latifúndio brasileiro e o feudalismo europeu. (COGGIOLA, 2003, p.253).

Essa tese da feudalidade brasileira foi contra-atacada por uma análise teórica elaborada pelos trotiskistas, na qual procuravam compreender o processo de industrialização capitalista, acentuando suas ligações com o desenvolvimento do capitalismo mundial, identificando, assim, quais eram as relações entre o campo e a cidade diante do capitalismo. De tal forma que o PSR, procurou entender as relações entre a agricultura e a indústria, dentro de um programa em que a produção do latifúndio estava interligada, ou viria a partir da produção capitalista, elucidando e se apropriando da “lei do desenvolvimento desigual e combinado”.<sup>32</sup>

As teses das Frentes Populares do PCB, que criavam uma ideologia de um capitalismo progressista, com uma burguesia nacional que passava a se enfrentar com a burguesia internacional, levaram até mesmo o PCB a se opor às greves operárias, durante a Presidência da República do general Eurico Gaspar Dutra. O fato foi denunciado e observado pelos trotiskistas como verdadeira capitulação ao governo burguês. O PCB, elegendo os trotiskistas como principal adversário, não poupou esforços para indicá-los como traidores e colaboradores da burguesia. A política de alianças com a “burguesia progressista” e seu incondicional apoio ajudava a confundir os operários, exercendo uma verdadeira colaboração de classes segundo os trotiskistas. (MORAES, 1995, p.229).

Somente pelo combate teórico e político dado pelo PSR ao PCB e suas teses programáticas e políticas já é possível perceber a importância desse partido, PSR, e de seu estudo. Porém, por volta do ano de 1951, depois do III Congresso da Quarta Internacional, Hermínio Sachetta, principal dirigente do PSR, mostra-se descontente com a política que foi votada e aprovada no Congresso. O pablismo, com sua teoria do “*entrismo sui generis*” nos partidos comunistas, seu rompimento com o trotiskismo, o leva a se orientar politicamente com as posições de Rosa Luxemburgo, fundando organizações com essa orientação política, como a Liga Socialista Independente (LSI) e o Movimento Comunista Internacionalista (MCI). Assim o PSR se dissolve em 1952, devido, principalmente, à linha política do “pablismo” e ao descontentamento de seu principal dirigente, mas ainda não são claros os motivos, segundo Ridenti:

---

<sup>32</sup> A Lei do desenvolvimento desigual e combinado foi esboçada pela primeira vez na obra: “Balanços e Perspectivas” de Leon Trotsky. Essa teoria procura mostrar como o processo de desenvolvimento de determinadas formações sociais acaba por conter dentro de si as combinações de elementos correspondentes a diferentes etapas do desenvolvimento de outras formações sociais. Em um país como a Rússia Czarista de 1917 coexistiam formações econômicas feudais e capitalistas. Existindo ritmos diferenciados, mas que pertenciam a um mesmo processo histórico.



Não são claras as razões por que o PSR deixou de existir em 1951 ou 1952. Há, de um lado, indícios do esvaziamento progressivo desse partido após o fim da Orientação Socialista. De outro, existem depoimentos que mostram desacordo das lideranças do PSR com a orientação definida, em reunião plenária realizada em fevereiro de 1952, de se fazer “entrismo” dos partidos trotiskistas nos partidos socialistas e comunistas, seguindo as orientações do III Congresso da IV Internacional. Há ainda, outras fontes que afirmam que uma parte da liderança do PSR avaliava que Trotsky errara ao defender a URSS e abandonou o partido, deixando-o ser conduzido por um grupo de militantes jovens e sem experiência política. Talvez não seja incorreto especular uma combinação dos três e é algo que ainda necessita ser examinado. (RIDENTI, 2007, p.147).

Podemos destacar uma terceira geração de trotiskistas que se inicia com o POR-T (Posadista) que foi um dos principais partidos trotiskistas do Brasil<sup>33</sup>, inclusive na América Latina. A “quarta posadista”, com sua seção de maior importância na Argentina, foi bem significativa nas décadas de 50 e 60. Teve atuação nas lutas de operários metalúrgicos, nos sindicatos agrários do Nordeste com destacada atuação, através de um dos seus militantes de codinome Jeremias. Tratava-se de Paulo Roberto Pinto que recebeu homenagem de Antônio Candido no livro *Quarup*. O personagem Levindo, o protagonista, foi inspirado em Paulo Roberto Pinto, o qual foi assassinado no confronto direto com latifundiários, no ano de 1963, na Cidade de També. Um dos nossos entrevistados, Gilvan Rocha, teve contato com Jeremias que o influenciou a incorporar-se ao POR-T.

O jornal do POR-T era conhecido como Frente Operária (F.O) e esteve sob a direção do sociólogo Leôncio Martins Rodrigues. No entanto, Posadas, com o codinome do argentino Homero Cristali, sempre filtrava as elaborações teóricas e políticas do jornal, o que demonstrava o quanto as atividades gravitavam em torno dele. Essa forma de Posadas deixava claro o quanto tudo girava sob sua órbita, estabelecendo um ultra-centralismo, pois suas elaborações políticas eram muito questionadas por ex-militantes trotiskistas, inclusive dos trotiskistas não posadistas. A linha política do POR-T, seguiu revestida de apoio aos setores nacionalistas e colaboração ao governo do

---

<sup>33</sup> Para maiores análises sobre esses grupos trotiskistas (LCI e PSR) recomendamos a observação em nossos anexos II, onde se encontram documentos raros dos dois grupos que tratam da conjuntura internacional, da Oposição de Esquerda e da situação nacional. Os documentos se encontram em nosso trabalho para que haja mais uma fonte de preservação e consulta aos futuros pesquisadores do trotiskismo, eles podem ser encontrados também na UFC no setor de micro-filmagem do NUDOC. Foram cedidos pela estudante Sara Campelo. Dessa forma tentamos cumprir mais um objetivo que é despertar para a preservação e ampliação das fontes garantindo outro acesso aos futuros pesquisadores que poderão encontrar esses documentos em nossa pesquisa no Mestrado Acadêmico de História da UECE.

Presidente Jânio Quadros no ano de 1953, tendo-o caracterizado como um governo que apresentava uma política e programa anti-imperialista.

As capitulações do POR-T se expressam no plano internacional devido, principalmente, por ter como orientação política o Secretariado Unificado da Quarta Internacional de Ernest Mandel e Michel Pablo que seguiam toda política pablista. A política de Michel Pablo levava em consideração, e tão somente, os elementos objetivos e com caracterizações e avaliações deslocadas da realidade. Por exemplo, o apoio ao Governo Jânio Quadros e sua caracterização como um governo anti-imperialista é uma demonstração clara de um erro na análise, caracterização e política trotiskista. Outro ponto de destaque é o desprezo, a incompreensão ou a falta de clareza política na estratégia da construção do partido revolucionário de massas. O posadismo e seu sectarismo o levou a criar sua própria Quarta Internacional, rompendo com o Secretariado Internacional, durante o ano de 1959. Posadas tinha se candidatado para a secretaria da Quarta, mas foi derrotado por Lívio Maítan. Em 1962, descontente, acusou os dirigentes europeus de “intelectuais” e criou sua própria Quarta Internacional, a qual era a Posadista, isolando-se ainda mais do movimento de massas e do internacionalismo proletário.

Durante a ditadura militar, o POR-T, assim como vários outros grupos de esquerda sofreram forte repressão. Como exemplo de baixas, ou desaparecidos durante a repressão, no POR-T, tem o caso do operário Olavo Hansen, no ano de 1970, e Rui Osvaldo que teve contato com os trotiskistas cearenses como Mário Albuquerque que nos relatou o contato. Assim, desde o golpe civil-militar, os militantes do POR-T que não conseguiam ampliar seus quadros, nem atuar nas massas operárias, foram atingidos pela repressão e, com os erros políticos de Posadas, passaram por diversos rachas que geraram a FBT e a organização Primeiro de Maio dos Trabalhadores. O posadismo continuou durante os anos posteriores, mas com um forte esvaziamento.

Excetuando-se o período de 1937-34, a trajetória do trotiskismo no Brasil ficou sempre circunscrita a pequenos agrupamentos, sem que seu posicionamento produzisse qualquer grande efeito na classe operária. No entanto, em uma época em que se contrapor aos partidos comunistas era algo extremamente penoso, pois os PC's carregavam a “Aura” da Revolução Russa consigo, os trotiskistas tiveram o mérito de apresentar umas outras e deitar raízes de muitas das bandeiras hoje hegemônicas no movimento operário brasileiro. (MORAES, 1995, p.241).

Nos anos de 1960, outras organizações trotiskistas irão surgir, como o Partido Operário Comunista (POC), que teve inclinação política do secretariado

unificado dirigido pelo economista belga Ernest Mandel. Aderindo oficialmente a essa orientação em 1972. Adotando posições de luta armada, nos aumentos salariais, contra o desemprego e a organização com independência de classe. Terminaram com sua dissolução em 1978. Das dissidências e crises do Posadismo se destacam duas outras organizações trotiskistas: a Organização Primeiro de maio e a Fração Bolchevique que acabaram fazendo uma fusão com os lambertistas (grupo de trotiskistas dirigido pelo francês Pierre Lambert). E originaram a maior organização de matriz trotiskista do Brasil naquele período a OSI (Organização Socialista Internacionalista). (CAMPOS, 1985, p.73).

A OSI sofreu forte oposição do Regime militar, suas ideias e política passaram a ser defendidas por meio de sua famosa e ativa tendência estudantil, liberdade e luta, também conhecida como “libelu”. A rejeição da luta armada, e métodos de guerrilha buscando reorganizar os trabalhadores por meio dos locais de trabalho estavam na agenda da OSI. Pregava a criação de uma Central Sindical Independente. Inicialmente se colocou contra a fundação do PT, para nos anos 1980 mudar sua orientação e aderir a proposta de fundação desse partido. (CAMPOS, 1985, p.74).

No final dos anos de 1970, surge a Convergência socialista e logo depois nos anos 80, outros agrupamentos trotiskistas que destacamos: A DS (Democracia Socialista), A corrente O Trabalho, e a Causa Operária. Todos esses agrupamentos se constituirão dentro do PT, como correntes internas, separando-se dele ou permanecendo. A C.S e a Causa Operária não permanecem no PT, o contrário da DS e O trabalho que permanecem no PT durante os anos de 1990.

## **2.7 Breve Histórico do Trotiskismo no Ceará**

O trotiskismo esteve presente no Ceará, suas ideias revolucionárias, a Quarta Internacional como expressão de uma organização mundial contra a burguesia e o Imperialismo, a teoria da revolução permanente, suas críticas ao stalinismo, a questão da democracia socialista, sua criatividade teórica constituem um patrimônio inestimável para as esquerdas e estiveram presentes em Fortaleza, por meio de diversos grupos trotiskistas, ou intelectuais trotiskistas cearenses (MARIANO, 2011, p.96).

Apesar de Lívio Xavier e Raquel de Queiroz terem pertencido ao agrupamento trotiskista Liga Comunista Internacional, o trotiskismo somente chegou de forma organizada no Ceará por meio do Partido Operário Revolucionário Trotiskista

(POR-T), de orientação do argentino Homero Cristali (José Posadas). Daí esse grupo ser chamado de posadista.

A chegada do POR-T à Fortaleza ocorreu com a vinda de dois militantes, Gilvan Rocha e Rômulo Augusto Romero Fontes, da organização de Pernambuco para Fortaleza. Esses militantes haviam saído das ligas camponesas e de guerrilhas rurais no norte de Goiás, quando ainda eram membros do PCB.

As críticas ao PCB levaram os dois militantes a criar um grupo conhecido como Vanguarda Leninista, atuando principalmente em Pernambuco e na Paraíba. Era um grupo jovem e ativo nas lutas na região. O descontentamento com o PCB fez com que entrassem em contato com dois militantes do POR-T que eram: Pedro Makovisk e Jeremias. Havia um bom número de acordos entre os dois grupos: POR-T e a Vanguarda Leninista que acabaram se aglutinando. (MARIANO, 2011, p.97).

Com a repressão da ditadura militar em Pernambuco, os militantes do POR-T tiveram que se deslocar para o Estado da Paraíba, onde eles também foram perseguidos. Gilvan Rocha vem da Paraíba para o Ceará, após a prisão de dois militantes do POR-T que foram torturados. Gilvan foi para Solonópole, no sertão cearense, e logo mais estabelece contato com Rômulo Augusto Romero Forte, militante do POR-T, em Fortaleza.

O POR-T passou a atuar no movimento estudantil secundarista e universitário. Realizou uma Escola de Quadros em Fortaleza, mas seu pouco cuidado na clandestinidade levou à prisão de seus militantes. As divergências internas no POR-T levaram a criação de um outro grupo: a Fração Bolchevique Trotiskista (FBT). Sofreu forte repressão no Regime militar e não constituiu um fio condutor para outras organizações trotiskistas. Isso nos idos dos anos de 1970.

Segundo Ozaí (s/d, p.135),

Resistindo à política do latino-americano posadista, um grupo de militantes do Rio Grande do Sul acaba formando, em 1967, uma tendência de oposição à direção. Logo após, em 1968, os dissidentes são expulsos do POR-T e formam a Fração Bolchevique Trotiskista (FBT), que busca estabelecer contatos com outros militantes do Nordeste e de São Paulo, na tentativa de formar a tendência, a nível nacional. Mas o pano de fundo que gerou a cisão foi o fato de que a Internacional posadista a qual se filiava o POR-T tentou implantar uma linha de atuação que, conforme o depoimento de ex-militantes negava totalmente o trotiskismo.

No Ceará, pertenceram ao agrupamento do FBT (Fração Bolchevique Trotiskista): José Arlindo Soares, Inocêncio Uchôa e Paulo Emílio Andrade Aguiar. Foi realizada uma Conferência Regional no Nordeste, com a participação de trotiskistas de

Fortaleza. Nessa conferência, estabeleceu-se as bases teóricas da FBT. A FBT atuou principalmente no movimento estudantil em Fortaleza. (MARIANO, 2008, p.106).

Nos anos de 1980, com a chegada do PT em Fortaleza, temos mais agrupamentos trotiskistas – Convergência Socialista (C.S.), a corrente O Trabalho, Causa Operária, Democracia Socialista (DS), todos eram tendências internas do PT.

Na década de 1990, a C.S. passa a ser o PSTU e, nos anos 2000, temos o surgimento do PSOL, com agrupamentos trotiskistas. A DS e O Trabalho continuaram como tendências internas do PT.

Não sabemos o ano de surgimento em Fortaleza, mas temos também, nos anos de 1990, o POR (Massas), de orientação nos escritos de Guilherme Lora, trotiskista boliviano e a Liga Bolchevique Internacional (LBI).

### 3 A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA

#### 3.1 A Convergência Socialista e a construção por um projeto revolucionário brasileiro: pressupostos para compreender a crise das esquerdas brasileiras

Estudar a história de um partido significa escrever a história geral de um país.

(Antônio Gramsci - Cadernos do Cárcere).

O texto que apresentamos ao leitor parte de uma hipótese que é a seguinte: a partir do estudo e da revisão bibliográfica, realizados sobre a Convergência Socialista podemos perceber que a mesma apresentava um projeto de partido revolucionário para o Brasil, ou seja, construir uma organização política a qual promovesse um conjunto de propostas que pudessem mobilizar a classe operária brasileira para a derrubada da ditadura civil-militar e que avançasse para uma revolução de caráter socialista no Brasil. Essa proposta da Convergência Socialista não se concretizou, por diversos fatores que poderemos destacar ao longo desse estudo, porém o abandono desse projeto revolucionário por parte de alguns partidos da esquerda brasileira gerou a modificação de sua atuação, e por conseguinte, desencadeou o que chamamos de crise das esquerdas brasileiras<sup>34</sup>.

Procuramos compreender como o estudo da C.S. ajuda a entender parte da crise das esquerdas brasileiras, no sentido de abandono do projeto revolucionário para o

---

<sup>34</sup> A crise das esquerdas brasileiras é um fenômeno complexo de adaptação ao regime democrático burguês afetando a estratégia socialista que se passa a ser esquecida ou abandonada em detrimento das eleições e disputas eleitorais que se tornam a estratégia e um fim em si mesmo, ao mesmo tempo se perdem o controle sobre sua independência financeira e política ao se aceitar financiamento de empresas em suas campanhas, os partidos de esquerda não tem mais a ideia de cotizações dos próprios militantes que também não tem mais o controle sobre seus dirigentes e representantes, passando a nem se quer ser consultados sobre o programa político defendido pelo partido ou organizações de esquerda. A democracia interna vira uma mera obediência e apoio. Minando toda vida orgânica e as relações entre seus membros que passam a representar relações burocráticas e a disposição dos militantes mais próximos dos candidatos eleitos pelo partido na administração de cargos do Estado quando da vitória eleitoral, em alguma esfera do Estado brasileiro: município, estado ou federação. Uma observação, com isso posto não queremos de forma alguma deixar entender que os partidos de esquerda não devem disputar eleições, mas tão somente evidenciar que isso se trata de um plano tático, que esteja necessariamente conectado a sua estratégia socialista. Perder esse sentido, é perder o horizonte da revolução socialista e direcionar as ações a um outro fim em si mesmo: Eleger parlamentares para sobreviver dentro do capitalismo. Em suma, a discussão se pauta na correlação entre reforma e revolução, ou seja, no plano de abandono ou não da estratégia socialista. Essa crise se expressa também devido a fatores objetivos, como as crises capitalistas, onde as burguesias buscam implementar programas de austeridade que afetam diretamente a classe trabalhadora, colocando-a como a responsável por arcar com as perdas da queda tendencial de sua taxa de lucro, provocadas pela sanha dos capitalistas. Em suma, as crises capitalistas e seus fatores objetivos são pressupostos para situações revolucionárias, impactando também as esquerdas, que podem buscar soluções através de reformas e administração da crise ou buscar sua superação por meio da revolução socialista.

Brasil, modificando ao longo dos anos sua atuação, se adaptando ou se incorporando acriticamente a lógica capitalista e ao regime democrático burguês, abdicando da ideia de Revolução Socialista e defendendo reformas que não se chocam ou criam tensões com o Estado Burguês, e também não se enfrentem radicalmente com a estrutura do capitalismo. Por meio dessa adesão acrítica, se traça um caminho de conciliação, acordos e adesões que buscam ocultar o antagonismo existente e manifesto entre a classe trabalhadora e a burguesia nacional e internacional. E é justamente nessa adaptação que se encontra a essência para se compreender a crise por que passam as esquerdas brasileiras, na perda de sua identidade revolucionária e em seu papel de submissão aos interesses do capital.

Para esboçar esse conjunto de argumentos que constituem nossa hipótese, recorreremos a bibliografia pesquisada sobre a Convergência Socialista. De tal maneira, que logo percebemos, através desse levantamento bibliográfico, é que não existe no mercado editorial brasileiro uma obra escrita, de caráter específico, sobre tal agrupamento político. O que existe e foi escrito são capítulos de livros que tratam ou do trotiskismo em geral ou dos agrupamentos marxistas brasileiros e dessa forma aparece a Convergência Socialista nos livros publicados e destacados por nós. Nesse sentido, o trabalho de revisão bibliográfica, contribui decisivamente para aglutinar um material com informações dispersas, fazendo cruzamentos e análise dessas ideias dispersas nas obras. Ao mesmo tempo esse conjunto de informações busca suprir e dar aporte teórico a nossa hipótese, de na medida em que mostramos as propostas da C.S vemos hoje a crise das esquerdas brasileiras e sua perda de identidade revolucionária. Buscamos apresentar uma síntese dessa bibliografia em que destaque nossa hipótese e supra uma lacuna de pesquisa sobre a C.S.

A Convergência Socialista foi a primeira organização a defender a fundação de um Partido dos Trabalhadores nos anos 1980. E logo após a fundação do PT, passou a atuar nesse partido como uma corrente interna. Sendo expulsa no ano de 1992, após intensos debates sobre a política do Fora Collor! Pelo que pudemos perceber na pesquisa bibliográfica, nenhum dos autores que escreveram sobre a C.S. buscou abordar sua trajetória conforme a hipótese levantada nesse texto: em que medida o estudo da C.S. fornece elementos para se compreender a atual crise das esquerdas brasileiras, no ano de 2019.

No momento em que apresentamos nossa revisão bibliográfica, refletimos sobre essa temática e apontamos possibilidades de pensarmos as esquerdas de hoje e se

a C.S. em sua experiência política pode oferecer algumas pistas para se compreender essa crise e ao mesmo tempo se apresente como propostas de renovação ou retomada de projetos no marxismo e para as esquerdas brasileiras hoje. Existiria algum legado que ajude a repensar táticas e estratégias políticas para a esquerda atualmente.

O primeiro autor que estudamos é Campos (1985). Destaca que a C.S. era um grupo trotiskista, com vários de seus militantes saídos da antiga organização conhecida como Liga Operária, que havia surgido em São Paulo no ano de 1975, onde seu principal espaço de atuação política era o movimento estudantil. Ocupando também espaços nas lutas sindicais defendiam uma política de independência de classe e a organização dos trabalhadores pelas bases. No aspecto das táticas eleitorais nesse momento, defendiam a proposta de voto nos candidatos “socialistas” do Movimento Democrático Brasileiro, durante as eleições legislativas de 1978. (CAMPOS, 1985, p.75-76).

Ainda segundo o mesmo autor, a C.S. propunha a construção de um partido operário, que a princípio deveria ser um Partido Socialista de massas. Devido à mudança no movimento sindical e seu ascenso nas greves do ABC paulista, a C.S. passa a debater a possibilidade de formação do Partido dos Trabalhadores-PT. Passando os militantes da C.S. a se integrar nos debates sobre o PT. Outra proposta da C.S. que chama a atenção era a da convocação de uma Assembleia Constituinte que se configurasse democrática e soberana. Dando fim ao aparato repressivo da ditadura civil-militar. (CAMPOS, 1985, p.75).

Comentamos algumas dessas ideias, propostas pela C.S. A primeira diz respeito ao seu principal espaço de atuação ainda enquanto Liga Operária no movimento estudantil que assumia um forte protagonismo e combatividade à Ditadura, sofrendo com a brutal repressão. Mesmo assim, o movimento estudantil fornecia quadros e militantes para a C.S. E a partir desses embates surgiam experiências e lideranças estudantis que se inseriam no movimento operário brasileiro, seja apoiando e participando das lutas sindicais, seja se incorporando nas fábricas como operários. Se proletarizando, é esse o caso de José Maria de Almeida, estudante que se incorporou ao movimento operário metalúrgico. Diante disso, a C.S. atuava nos dois setores mais combativos e dinâmicos que lutavam contra a ditadura civil-militar naquele momento. Será que nos dias de hoje a esquerda brasileira procura se inserir nos setores mais dinâmicos da sociedade, qual seria sua atual relação com o movimento operário e os trabalhadores assalariados? São questões que merecem uma maior reflexão pois



determinam diretamente a composição social dos partidos de esquerda e sua atuação política bem como sua relação com esses setores da sociedade.

Talvez um aspecto central desse processo seja a forma como a C.S. se propõe a fazer isso, dito de outra forma, como busca levar suas propostas para a organização do movimento operário. Defendendo a independência de classe, se opunha a fazer um movimento sindical que colaborasse com a repressão militar, ao mesmo tempo reforçando a combatividade e confiança do movimento sindical e operário e seu protagonismo na luta contra a burguesia nacional, as multinacionais e o projeto imperialista no contexto da Guerra Fria e do apoio as ditaduras na América Latina pelos EUA. A procura e defesa de organizar a classe trabalhadora pelas bases, por locais de trabalho e por meio dos sindicatos, impulsionando a democracia sindical em meio a um País sem democracia, o surgimento de novas lideranças sindicais autônomas em relação ao Estado e a ditadura renovam as forças e reeducam todo um movimento que cresceria e seria o ator principal na derrubada da ditadura brasileira. Essas ações se chocavam com direções políticas burocráticas e pelegas instituídas pelo Regime militar, impostas após o golpe de 1964 ao movimento operário brasileiro.

No plano de construção organizativa, cabe destacar que inicialmente a proposta da C.S. era a de um Partido Socialista de massas, e não de um Partido dos Trabalhadores, que passou a ser tema político, a partir da leitura conjuntural das greves do ABC paulista e da necessidade de um partido classista, anti-imperialista que lutasse contra a Ditadura Militar.

A proposta de convocação de uma Assembleia Constituinte seguia o forte sentimento de oposição à falta de democracia vivido no Brasil, que se expressou no *movimento Diretas Já!* e nos mais diversos setores da sociedade brasileira. De tal forma, que anos mais tarde os trabalhos de uma Assembleia Constituinte elaboram a CF de 1988, vigente até hoje. Expressando uma conquista de anos anteriores na luta pela democratização da sociedade brasileira que buscava a redemocratização do País. A justeza da reivindicação da C.S. se expressava numa leitura correta dos anseios sociais daquele momento. A C.S. teve o mérito de fazer essa leitura e traduzi-la numa reivindicação política que mobilizou a sociedade brasileira naquele momento e outros agrupamentos e partidos que participaram ativamente desse momento de luta pela redemocratização da sociedade brasileira e que se encontra ameaçado hoje.

Três elementos se destacam para observarmos em relação a C.S. e as esquerdas hoje: a independência política, a organização pela base e a luta pela

redemocratização. Nos dias de hoje para a esquerda, a manutenção de sua independência política em relação ao Estado, a burguesia nacional e internacional e ao Imperialismo assume contornos de uma “catástrofe anunciada”. Caso não se tenha por horizonte tal princípio, fica delimitado o papel da organização. Passando suas decisões a serem tomadas não por suas bases políticas, mas sofrendo interferências externas aos seus projetos táticos e redefinindo suas estratégias ao gosto e vontade de seres estranhos aos projetos da classe trabalhadora. A independência política dos agrupamentos de esquerda, ou partidos não pode ser abandonada, sob pena de os agrupamentos passarem a se descaracterizar e perder sua autonomia e identidade compromissada com a transformação da sociedade e sua luta contra o Capitalismo. Em suma, deveria ser um princípio irrevogável e irrenunciável. A renúncia a esse princípio por parte das esquerdas demonstra a mudança de sua forma organizativa, suas táticas e estratégias, pois passam a considerar o financiamento privado e do Estado como elemento central de sua política, passando a depender das eleições para se manter política e financeiramente.

Outro aspecto é o da organização pela base, principalmente nos locais de trabalho. A C.S. ao propor uma organização pelas bases sindicais, pôde ajudar na retomada da luta pela autonomia sindical e pela democracia sindical, questionando as burocracias sindicais, elegendo diretorias compromissadas com os interesses classistas, superando o corporativismo e fazendo surgir novas lideranças. Organizar-se pelas bases, exercitar a democracia nos espaços dos trabalhadores, e apoiar novas lideranças são lições importantes para as esquerdas brasileiras atualmente. Além de procurar superar o corporativismo sindical, fator de fragmentação das lutas e derrotas que enfraquecem a esperança de conquistar direitos e melhores condições de trabalho. Criando um pessimismo e economicismo que mais divide a classe trabalhadora e preserva a exploração no capitalismo.

Por fim, o processo de redemocratização traz a lição de que sob o regime democrático burguês, a esquerda não pode deixar de fazer questionamentos que ampliem a democracia aos segmentos sociais destituídos da mesma. Porém, não pode parar apenas na ampliação da democracia burguesa, mas manter uma combinação que tencione a todo momento a burguesia e o capitalismo buscando ampliar sua influência na busca pela superação dessa forma de sociabilidade, precisa ter como horizonte a sociedade socialista. Não se deter apenas nas conquistas democráticas, mas procurar avançar no processo revolucionário. Essa era uma perspectiva da C.S. pode ser levada

em consideração, mesmo em meio as lutas defensivas (contra a perda de direitos), é fundamental não perder o horizonte.

Outro autor que faz apontamentos sobre a C.S. e sua relação com o PT é Secco (2011). Segundo ele, vários grupos organizados acabaram se inserindo no PT. Mesmo vendo nele uma frente eleitoral ou um partido tático. Daí ele citar a C.S. como participante das articulações iniciais de formação do PT. Sendo no final do ano de 1979 uma associação civil pensando em ser um partido. E logo mais, desistindo para ingressar no PT. (SECCO, 2011, p.47). A C.S. passa a atuar como tendência interna no PT, como uma corrente de opinião estruturada e organizada no interior do Partido dos Trabalhadores. Utilizando sua estrutura própria, a tendência passou a ter sede própria, jornal próprio e finanças próprias, emitindo suas opiniões, políticas e ideias, com direção interna formada pelos próprios membros da C.S. Poderíamos dizer que as tendências são embriões de futuros partidos menores no interior de um partido maior. Embora nem sempre os “embriões de partidos”, ou tendências cheguem a se configurar enquanto outro partido. No caso da C.S. ele após a sua expulsão do PT em 1992, dos militantes que ficaram em sua maioria, procurou se organizar em um partido, fato que se consolidou em 1994, dois anos após a expulsão dando origem ao PSTU (Partido Socialista do Trabalhadores Unificado).

Os destaques que faremos é a da própria forma de atuação da C.S. dentro do PT. Através dessa sigla foram lançadas candidaturas para as eleições durante os anos 1980 e de 1990-92, quando foi expulsa. Ou seja, a entrada no PT era uma tática. Poderia ocorrer ou não, e foi utilizada para impulsionar os quadros no teste da luta eleitoral. Outra observação importante é a de Secco, (2011), o mesmo destaca que a C.S. tentou se transformar num partido antes da entrada no PT. Isso posto, podemos pressupor que a decisão de entrada no PT não foi uma decisão instantânea, mas que deve ter sido discutida entre os militantes, pois havia a tática de se construir enquanto partido.

Essa tática foi abandonada pela tática do “entrismo”, que consiste em ingressar no PT. Sob algumas condições: com independência política e financeira em relação ao PT, com jornal e sede próprios e por um curto período de tempo, segundo o pensamento trotiskista. No caso da C.S., é preciso levar em consideração esse curto período, que durou mais de dez anos.

Outro autor que fornece pistas para se compreender a C.S. é Ozai, (s/d). Destacando a origem da C.S., a partir do exílio de um grupo de brasileiros do Chile sob a ditadura de augusto Pinochet – do agrupamento conhecido como Ponto de Partida, que

passaram a se organizar na Tendência Leninista Trotiskista. Ao regressar ao Brasil em 1974, se juntam a integrantes da FBT e originam a Liga Operária - que tinha como principal expoente o PST da Argentina, dirigido pelo trotiskista argentino Nahuel Moreno. (OZAI, s/d, p.185).

Após o seu II Congresso, em 1975, a Liga Operária decide ter atuação política nos dois setores mais ativos no combate à ditadura, o movimento estudantil e o movimento operário. Para isso, incentiva aos militantes do movimento estudantil que passem a desenvolver o trabalho político nas fábricas. A finalidade era ter inserção e maior atuação no movimento operário, formando oposições sindicais as direções pelegas. (OZAI, s/d, p.185).

Mas foi durante julho de 1977, numa conferência que a Liga Operária realiza a mudança de seu nome para PST- Partido Socialista dos Trabalhadores. E lança posteriormente, o Movimento Convergência Socialista, com o escopo de aglutinar no seio desse movimento setores e militantes socialistas para dessa maneira, organizar um Partido Socialista no Brasil.

Dessa forma, o pensamento era criar um espaço (Movimento Convergência Socialista) que aglutinasse num único polo atrativo todos os descontentes com a ditadura e propiciar o surgimento de um partido socialista que abrigaria esses descontentes, nesse momento o PST passa a receber colaboração e apoio de setores independentes e outros trotiskistas como os posadistas. (OZAI, s/d, p.185). Ainda segundo o mesmo autor:

Em meados de 1978, é lançado o jornal Convergência Socialista. Em agosto do mesmo ano, realiza-se a Conferência do Movimento Convergência Socialista, no bairro do Cambuci-SP, a qual contou com a presença de independentes, de amplos setores que se reivindicavam das ideias socialistas e, até de personalidades internacionais como Nahuel Moreno. Apesar da ampla participação do evento, de ter se discutido a questão do socialismo e a organização do Partido Socialista é basicamente o PST que continua no interior do movimento Convergência Socialista. Assim, apesar de não se extinguir formalmente, o PST deixa de existir na prática, pois suas reuniões, por exemplo, tornam-se as mesmas do Movimento Convergência Socialista. (OZAI, s/d, p.185).

Durante o ano de 1979, o PST passa a ter uma existência formal dando origem ao grupo Convergência Socialista. Após se constatar que a tentativa de convergir “o polo operário e socialista não poderia ser concretizado. Passando em congresso do mesmo ano, a debater sobre a formação de um Partido dos Trabalhadores, no Congresso de metalúrgicos em Lins-SP, integrantes da C.S. defendem essa proposta,

dando início as discussões de fundação de um Partido dos Trabalhadores. (OZAI, s/d, p.186). Já no plano das ações políticas e luta contra a ditadura militar a C.S. terá os seguintes posicionamentos:

Na resolução política do VIII Congresso, a C.S. afirma que existem condições para a derrubada da ditadura a curto prazo, se houver uma direção que dê continuidade à luta pelas diretas e que conduza esta luta para a realização de uma greve geral; e, define como eixo de sua propaganda a defesa do não pagamento da dívida externa e o lançamento de “Lula para presidente”, associando essa palavra de ordem com a de “Por um governo dos trabalhadores e de defesa do programa da CUT, incorporando também na propaganda a palavra de ordem de Assembleia Constituinte (OZAI, s/d, p.188).

A avaliação da C.S. se dá em meio às mobilizações contra a ditadura e localiza o elemento subjetivo, a questão de uma direção política que conduza esse processo na perspectiva da campanha pelas eleições diretas, chegando a necessidade de uma greve geral. A proposta da candidatura de Lula para presidente se conecta a popularidade do mesmo a partir das greves do ABC paulista, a do não pagamento da dívida externa que durante os anos 1980, consumia despesas através de juros exorbitantes, drenando recursos que poderiam ser investidos em políticas salariais corrigindo o arrocho salarial ou mesmo em políticas sociais, em benefício das classes trabalhadoras, mostram que a C.S. localizava bem os problemas da época procurando por meio de reivindicações reverter tal processo. Além disso, essas bandeiras de luta se chocavam diretamente com a ditadura militar e o imperialismo norte-americano, representado pelo FMI. Pois, passava a questionar tal dívida e defender o seu não pagamento. Os mecanismos de dívidas externas eram verdadeiras “bombas de sucção” dos recursos financeiros de países na América Latina, que generalizavam como consequência o corte de gastos nas áreas sociais (saúde, educação) e na superexploração dos trabalhadores. O fato é que quanto mais se pagavam as dívidas mais elas cresciam, se tornando impagáveis.

Essas pautas tidas como mais radicais, foram incorporadas pelo PT, nas eleições presidenciais no fim dos anos 80, conferiam um viés anti-imperialista ao Partido. Cabe observar o quanto a C.S. contribuiu para isso, ou se era uma pauta geral da esquerda. O que de certa forma não retira o papel da C.S. e de sua influência para adoção dessas bandeiras de luta. E segundo Ozai (s/d, p188),

A C.S. ao analisar a conjuntura, conclui que em 1984 houve uma revolução democrática semelhante ao fevereiro de 1917. Segundo a C.S., o processo de transição que resultou na “Nova República”, não foi uma continuidade

política de abertura, mas sim reflexo de mobilizações populares que teriam forçado a derrubada da ditadura, o que representou um momento de “crise revolucionária”, uma ruptura momentânea onde a classe dominante não estava conseguindo governar, que foi logo controlada e estabelecidas as condições para instauração de um regime de democracia burguesa. Essa análise, os leva a modificar a sua linha política e a aprofundar a priorização, da atuação na CUT: a luta pelas liberdades democráticas (a questão democrática) deixa de ser o eixo de sua ação; que passa a ser uma política de classe contra classe. (OZAI, s/d, p.189).

O suporte analítico da C.S. é composto por uma analogia entre a Revolução de Fevereiro de 1917, na Rússia e o processo de redemocratização brasileiro. Em que pese as diferenças históricas, sociais e culturais de tal análise, percebemos que analogia carece de elementos comparativos importantes, como por exemplo o que seria analogamente os soviets no Brasil? Diante daquela conjuntura, a analogia busca evidenciar a passagem ao regime democrático burguês e seu estacionamento no Brasil, não chegando a se completar numa revolução de outubro - de caráter socialista. A ênfase da analogia se concentra nas mobilizações, porém, se perde a conexão entre os dois momentos e o papel das organizações de esquerda nos mesmos.

No entanto, resta outra dúvida, na medida em que se conquistam as liberdades democráticas a mudança do eixo de atuação para a consigna classe contra classe, já não deveria ser um eixo presente e permanente nesse processo. Dito de outra maneira, mesmo durante a ditadura, não continua válido e presente a vigência do eixo de classe contra classe? Se a resposta for negativa quais seriam os elementos que levam a essa conclusão? Um etapismo das pautas? E se for positiva quais seriam os motivos de sua não adoção? A indisposição da classe trabalhadora não poderia ser colocada em nossa visão, as greves do ABC- paulista mostram disposição de luta. Diante disso, nos resta apontar que a C.S. apostava na possibilidade de um “outubro brasileiro”, daí adotar tal eixo político.

Outro autor investigado foi Faria (2005). Sua pesquisa de detém no estudo do movimento Convergência Socialista. Com esse movimento se edita um importante jornal: *Versus*. Nesse veículo de comunicação diferentes intelectuais expressavam suas ideias e opiniões políticas, dentre eles: Fernando Henrique Cardoso, José Álvaro Moisés, Mário Pedrosa, Otávio Ianni, Moniz Bandeira, Francisco Weffort, Celso Furtado, Frei Betto, D. Pedro Casadálglia, Almino Afonso. Para Fernando Henrique Cardoso, o partido de tipo popular deveria ser organizado como uma confederação de movimentos sociais, com relativa independência e consolidado em suas bases. Nesse sentido, o movimento convergência socialista cria um espaço onde se aglutinam

diversos intelectuais brasileiros, que divulgam suas ideias. Além disso, podemos afirmar que já se pautavam lutas através dos movimentos sociais e de sua importância. Era o momento de articulação de grupos homossexuais, negros, mulheres, ecologistas, além de outros. (FARIA, 2005, p.233).

Consequentemente, o Movimento Convergência Socialista contribuiu para a criação de um espaço democrático e plural de ideias, aberto as discussões na conformação de um partido que se conectasse aos movimentos sociais que surgiam. Ainda que não surgisse esse partido socialista pretendido pelo movimento Convergência Socialista, esse espaço aglutinou debates e experiências que ajudaram no futuro a fundar o PT.

Por último, trazemos o trabalho de Karepovs e Leal (2007), podemos ter uma ideia da relação estabelecida entre o PT e a C.S.

Portanto, desde o começo se estabeleceu uma relação tensa, em que a convergência socialista sofreu pressões diluidoras em seu novo meio de trabalho, tendo que se esforçar por delimitar seu território, pressionando para que o PT tivesse um caráter classista e uma orientação programática socialista. Por outro lado, cedo começaram as acusações de que a Convergência Socialista negava que houvesse pretensão de que o PT adotasse todo seu programa, entretanto considerava necessário combater a concepção do PT como um partido “dos trabalhadores” e da sociedade. Para ela o PT deveria ser o canal efetivo de expressão política e partidária dos trabalhadores de cidade e do campo e de todos os setores explorados pelo capitalismo. Propunha-se que o PT se pronunciasse por um governo dos trabalhadores, palavra de ordem defendida pela Convergência Socialista nos anos seguintes. (KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 173).

Sendo um grupo interno do PT, com uma proposta classista, a C.S. apontava os desvios de rota do PT com antecedência, ao se tentar ser um partido da conciliação de classes. A tensão entre a C.S. e o PT com o passar dos anos somente cresceria. O abandono do PT e de parte da esquerda brasileira, do classismo e da luta socialista, bem como a opção de adaptação ao regime democrático burguês, custaram o golpe midiático-jurídico-financeiro de 2016, e a resignação em não convocar atos de rua, na defesa do governo Dilma Rousseff, custaram também uma série de ataques aos direitos da classe trabalhadora, a prisão de Lula, e ao avanço do Fascismo campanha alimentada pelo antipetismo midiático.

A adaptação ao regime democrático burguês, a conciliação de classe, o abandono do classismo, as eleições como um fim em si mesmo, o processo de perda da independência política e financeira, o abandono da estratégia socialista são os traços marcantes de uma tragédia anunciada da atual crise das esquerdas brasileiras

principalmente do seu principal partido o PT. A relação tensa entre a CS e o PT já davam sinais do aprofundamento dessa crise e de como se torna importante que os novos partidos de esquerda adotem os princípios do marxismo clássico mas tenham uma total flexibilidade tática. Não abandonar os princípios e aplicar as mais variadas táticas sem abandonar o classismo, a independência política e financeira, e ter a estratégia socialista como horizonte são lições do passado que permanecem atuais nos dias de hoje. Estes são os pressupostos de nossa hipótese. Agora apresentamos os principais conceitos que nortearam as ideias, política e as interpretações da C.S.

Nosso objetivo neste texto é apresentar sucintamente as ideias centrais presentes em obras clássicas para a Convergência Socialista. Nesse caso, as obras que destacamos pertencem a três autores que são paradigmas ou referências para o trotiskismo: Leon Trostky, o argentino Nahuel Moreno e Karl Marx. De Trotsky, selecionamos três livros: *A Teoria da Revolução Permanente*, *A Revolução Traída* e o *Programa de Transição*. Já de Nahuel Moreno, selecionamos: *O Partido e a Revolução*. A obra selecionada de Karl Marx é o *Manifesto do Partido Comunista*.

A justificativa para a escolha das obras se encontra nos textos e cursos de formação política, promovidos pela C.S., ou mesmo em seu jornal, a partir dos quais podemos perceber que essas obras norteiam a sua política e as interpretações sociais dos acontecimentos históricos do Brasil e no mundo. Ainda que tenham o cuidado de não transpor mecanicamente os conceitos para outras realidades.

Não pretendemos realizar uma análise de fôlego sobre as obras, mas tão somente identificar o argumento central de cada obra utilizado pela Convergência Socialista.

Dessa forma, a própria escolha das obras implicou numa seleção que teve que excluir outras, embora possam vir a ser acrescentadas ao longo da pesquisa. Nesse momento, nossa atenção se volta apenas para essas cinco obras, por terem destaque em aspectos conceituais, os quais acreditamos levar a uma compreensão mais simples, porém aproximativa do que se tornou elemento conceitual essencial do trotiskismo da C.S.

Discutiremos os seguintes conceitos das obras selecionados: do *Programa de Transição*, optamos pela questão da crise de direção revolucionária e a fundação da Quarta Internacional; da *Teoria da Revolução Permanente*, a própria revolução em seu aspecto mundial; e da *Revolução Traída*, os conceitos de revolução social e revolução



política. Do livro *O Partido e a Revolução*, trataremos do caráter organizativo do partido revolucionário.

Por fim, trazemos também alguns comentários sobre O Manifesto do Partido Comunista, por se tratar de obra introdutória na formação teórica dos mais diversos agrupamentos políticos e também do trotiskismo. Daremos destaque aos conceitos de classes sociais, a luta de classes e ao internacionalismo proletário, aspectos centrais no marxismo revolucionário.

Começemos pelo *Programa de Transição* em seu início e a ideia de crise de direção revolucionária: “A situação política mundial como um todo caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado” (TROTSKY, 2009, p.29).

Essa ideia é marcante por destacar o papel subjetivo no processo revolucionário, sem a ação e atuação de um grupo revolucionário que, abraçado pelas massas trabalhadoras, possa levar, como liderança reconhecida pela classe trabalhadora, um processo revolucionário até seu âmago, ou seja, a tomada do poder político, se tem o fracasso dos mais diversos processos revolucionários. As crises capitalistas empurram as massas ao peso das privações e sofrimentos, levando ao aumento do desemprego e ao fracasso de governos democráticos e fascistas (TROTSKY, 2009, p.29).

O grupo da C.S. terá essa ideia como um conceito que a leva a uma ação: se tornar uma direção revolucionária que conduza esse processo. Esse seria um primeiro conceito importante.

Outra ideia ou conceito importante aqui é o da teoria da revolução permanente, em que se procura explicar como um país, extremamente atrasado como a Rússia, a classe trabalhadora chegaria ao poder antes da burguesia. Trotsky afirma que a fragilidade e dependência da burguesia russa debilitavam sua atuação, cabendo ao proletariado cumprir as tarefas democráticas, como a reforma agrária, mas que o proletariado, tendo conquistado o poder político, para consolidar suas conquistas teria que ultrapassar essa etapa democrática burguesa e caminhar para a destruição do Estado burguês e à implementação da ditadura do proletariado (TROTSKY, 20, p.9).

O terceiro conceito importante estaria ligado a análise sobre o caráter de classe da antiga URSS, sob o domínio de Stálin e seus seguidores da troica, do socialismo num só país. Trotsky (2005) aponta que: o prognóstico político tem um caráter alternativo, ou a burocracia, convertendo-se cada vez mais no órgão da burguesia mundial no Estado Operário, derrotará as novas formas de propriedade e voltará a afundar o país no capitalismo ou a classe operária derrotará a burocracia e

abrirá o caminho para o socialismo. Ou seja, houve uma revolução social na Rússia, que destruiu as formas de propriedade burguesa, implementando um controle operário, Estado Operário que degenerou devido ao papel de casta parasitária da burocracia stalinista, e que era preciso uma revolução proletária para retirar a casta burocrática do poder.

De Nahuel Moreno, selecionamos a ideia contida no livro; *O partido e a revolução de 2008*, destacando a forma organizativa do partido que visa tomar o poder: um partido coeso, com militantes profissionais, com centralismo democrático, sob um programa revolucionário e internacionalista. Essas características seriam semelhantes ao partido bolchevique idealizado por Lênin na obra *O que fazer?*

Outra ideia ou conceitos que se apresentam nos escritos, jornais e cursos de formação da C.S. é o de burguesia e proletariado, contidos no Manifesto do Partido Comunista. Onde se expressa que por burguesia se entende os capitalistas modernos, que são os proprietários dos meios de produção social e que empregam o trabalho assalariado. Os proletários são os assalariados modernos, que, por não terem seus próprios meios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho. (MARX, p.108, 2008). Dessa maneira, a C.S. se utiliza desses conceitos para definir o antagonismo fundamental das sociedades capitalistas na esteira de Marx e Engels, atribuindo ao proletariado o papel de sujeito revolucionário na destruição da sociedade capitalista.

Todas as classes precedentes que tomaram o poder procuraram fortalecer sua situação já adquirida sujeitando toda sociedade as suas condições de apropriação. Os proletários não podem se tornar senhores das forças produtivas da sociedade senão abolindo o modo de apropriação próprio a estas e, portanto, também cada modo de apropriação em vigor até hoje. Eles não têm nada que seja seu a assegurar e fortificar. Sua missão é destruir todas as garantias e seguranças de propriedade individual existente. (MARX, 2008, p.53).

### **3.2 A Convergência Socialista e a revolução brasileira**

A Convergência Socialista (CS) surgiu no final dos anos 1970, no contexto histórico da ditadura civil-militar brasileira. Com o golpe cívico-militar de 31 de março de 1964, sob a coordenação e apoio norte-americano, se instaurou um regime que atacou a classe trabalhadora e suas organizações. Havia uma profunda desconfiança do imperialismo norte-americano e da burguesia nacional de que o

governo do então presidente João Goulart não teria a capacidade de conter o progressivo crescimento das mobilizações promovidas pela classe trabalhadora brasileira. Nesse sentido, o Brasil era um país periférico do capitalismo que, sob o domínio do imperialismo norte-americano, ou como zona de influência, servia de ponte para contenção de movimentos revolucionários na América Latina sob a inspiração da Revolução Cubana de 1959 e em plena Guerra Fria.

A resistência e as lutas da classe trabalhadora brasileira contra a ditadura civil- militar no Brasil prosseguiram nos anos seguintes ao golpe de 1964, com um ascenso no ano de 1968, quando surgiram greves em Belo Horizonte, Contagem, João Montevale, Timóteo e Osasco. Essas greves não estavam pautadas apenas por reivindicações econômicas, mas levantavam bandeiras de luta contra a ditadura (GOMES, 2013). Segundo o mesmo autor,

Uma década depois, os operários voltaram à cena, agora no ABC, com lutas econômicas que logo passaram a luta política contra a ditadura. Iniciando-se na greve da Scania, em 1978. Neste ano foram realizadas 118 greves. [...] Essas lutas forçaram a ditadura a ceder, fazer concessões econômicas, acelerar a abertura, conceder anistia e permitir a legalização de novos partidos políticos.

### **3.3 Trajetória da Convergência Socialista**

Em meio a essas lutas da classe trabalhadora brasileira contra a ditadura civil-militar é que fomenta e auxilia a explicação do surgimento da organização trotiskista conhecida como Convergência Socialista.

A Convergência Socialista foi fundada a partir da proposta dos militantes da organização clandestina Liga Operária de origem trotiskista. A fundação da Liga Operária se deu a partir de quatro militantes brasileiros exilados no Chile, que tiveram de voltar ao Brasil após o golpe de Pinochet, em 1973. Esses militantes passaram um breve período na Argentina, militando com a organização trotiskista PST, dirigida por Nahuel Moreno: Maria José Lourenço (a Zezé), Jorge Pinheiro, Waldo Mermelstein e Valderéz Duarte. A Liga Operária conheceu um importante crescimento entre 1974 e 1978, chegando a ter uma implantação no movimento estudantil de São Paulo e Rio de Janeiro, e inclusive um começo de implantação no movimento operário do ABC. (REVISTA COVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015, p.8).

A partir da vinda desses quatro militantes, fugindo da repressão instaurada pelo golpe militar, dirigido por Augusto Pinochet, no Chile, no ano de 1973, é que

surgirá o embrião da proposta de criação da Convergência Socialista.

Em 1978, a Liga Operária formulou a proposta da formação de um amplo movimento no Brasil, cujo objetivo era reunir os socialistas numa organização para participar abertamente da vida política brasileira. Nesse momento, só haviam dois partidos legais, ARENA e MDB. O movimento visava formar um partido socialista legal, contestando ambos os partidos existentes e desafiando a legislação repressiva. Inspirados nos processos de Portugal e Espanha, os trotiskistas da LO propuseram esse movimento como um primeiro intento de dar uma alternativa política para a classe trabalhadora. (REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015, p.8).

Podemos perceber que o pensamento dos organizadores da Liga Operária (LO), sentindo o avanço das lutas promovidas pelos trabalhadores no Brasil, Portugal e Espanha, procuraram apresentar uma possibilidade de aglutinar em uma organização política revolucionária setores da classe trabalhadora dispostos a lutar contra a ditadura militar e pela construção de um processo revolucionário que se efetivasse no socialismo. A questão não se esgota apenas no terreno da estratégia revolucionária, pois, naquele momento, as alternativas partidárias que se apresentavam aos trabalhadores eram a ARENA e o MDB, dois partidos políticos que não exibiam qualquer proposta de aproximação mínima com o socialismo, ou até mesmo um horizonte de classismo. Nesse sentido, a proposta audaciosa de construir uma organização revolucionária e classista dos membros da Liga Operária resultou na criação do Movimento Convergência Socialista, por meio de uma forte convenção nacional, no ano de 1978.

Uma data a ser lembrada: 19 de agosto de 1978. A primeira convenção nacional do Movimento Convergência Socialista reúne mais de 300 delegados, com a presença de 1.200 pessoas vindas de oito estados brasileiros. A proposta aprovada: ser o primeiro partido de esquerda brasileiro legalizado no Brasil, durante a ditadura militar pós-1964. (REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015, p.8).

Pode-se afirmar que era um projeto ambicioso e que pelo número de 300 delegados e a presença de 1.200 pessoas vindas de oito estados brasileiros expressa a insatisfação e a determinação para a construção de uma organização revolucionária, atestando a sincronia daquele momento histórico no Brasil e a real necessidade de um partido revolucionário, tão bem percebido pelos membros da Liga Operária, agora Movimento Convergência Socialista. Um acerto precioso nesse aspecto, mas que nos revela um erro em outro. No tocante a própria ditadura no Brasil, no período de fins

dos anos 1970, seria possível mesmo em meio ao seu desgaste, que a burguesia nacional, o imperialismo norte-americano e os setores militares permitissem a existência de um partido revolucionário que colocasse em risco a polarização MDB e ARENA como partidos que atuavam dentro das regras impostas?

O resultado político se revelou dois dias depois, em 21 de agosto de 1978, 24 militantes da Convergência Socialista, todos ex-integrantes da Liga Operários, são presos e enquadrados na Lei de Segurança Nacional, permanecendo encarcerados durante todo o ano de 1978.

O erro de caracterizar e analisar o momento histórico como uma situação revolucionária, ou mesmo pré-revolucionária, levou a menosprezar a força repressiva da ditadura sobre o movimento dos trabalhadores. Esse erro de análise, fruto de uma imaturidade ansiosa por transformações, teve consequências ainda mais drásticas para o trotiskismo em escala internacional. É que, entre os membros da Convergência presos, estava o dirigente trotiskista argentino Nahuel Moreno, da corrente trotiskista internacional que a Convergência Socialista era ligada. (REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015).

A prisão do dirigente argentino Nahuel Moreno revela a inexperiência de um movimento que procurava amadurecer em meio a condições restritas de atuação, nas quais a repressão e a tortura aos opositores ainda era uma arma (prática institucional) que vicejou e viceja por outros pólos na sociedade brasileira. Isso quase custou a vida de um experiente dirigente trotiskista, reconhecido internacionalmente. Se corria o risco de Nahuel Moreno ser deportado para a Argentina, que vivia uma ditadura militar, na qual a eliminação física dos membros da esquerda e da classe trabalhadora era uma prática recorrente. A resposta à prisão de Moreno e dos membros da Convergência Socialista foi dada por meio de uma campanha internacional pela libertação do dirigente trotiskista argentino, que contou com o apoio de ativistas brasileiros.

Uma campanha internacional foi deflagrada pela libertação dos militantes, que fizeram greve de fome e contaram com o apoio fundamental do movimento estudantil, inclusive vários ativistas fizeram uma greve de fome em apoio aos presos políticos da CS. O local da greve de apoio foi o famoso Salão Beta da PUC de São Paulo. Essas prisões e a campanha obtiveram expressiva repercussão internacional, com diversas mensagens pela libertação, entre elas, a do escritor Gabriel Garcia Márquez. A ditadura foi obrigada a deixar que os estrangeiros saíssem do Brasil. (REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015, p.8).

O apoio no movimento de massas, especialmente no movimento estudantil,

foi fundamental nos processos de solidariedade aos presos políticos durante a ditadura militar no Brasil. Os membros da Liga Operária já haviam recebido esse apoio antes.

Em abril de 1977, militantes da Liga Operária (LO), depois Convergência Socialista, são presos no ABC paulista, distribuindo panfletos do 1º de maio. Entre eles, os operários Celso Giovanetti Brambilla, José Maria de Almeida e Márcia Basetto Paes, além de Ademir Marini, Fernando Antonio de Oliveira Lopes e Anita Maria Fabri. Foram barbaramente torturados. Incomunicáveis, corriam o risco de morte nas mãos da polícia, que não reconhecia as prisões. A Liga Operária teve a política de buscar apoio no movimento de massas, especialmente o estudantil. Operários vão a Universidade de São Paulo (USP) pedir solidariedade. Ela veio no dia 2 de maio, quando estudantes da USP entram em greve contra as prisões. Os protestos chegam a Universidade Federal de São Carlos e na Unicamp. A greve se alastra por todo o estado de São Paulo, são mais de 80 mil universitários parados. No Rio de Janeiro e na Universidade de Brasília (UnB), são registrados protestos. Com as manifestações de 1977 e o começo das greves operárias em 1978, a resistência à ditadura passa a utilizar os métodos da classe operária. (GOMES, 2012, p.13).

A atuação da Convergência Socialista se dará por meio dos dois pólos mais ativos de combate à ditadura militar, as greves e as lutas da classe trabalhadora e também as manifestações do movimento estudantil. A combatividade dos militantes da Convergência Socialista pode ser apontada como uma característica que os coloca para serem alvos da ditadura. Os membros da Convergência Socialista foram violentamente atacados por meio da Operação Lótus. Foi justamente essa operação que prendeu parte da direção do Movimento Convergência Socialista juntamente com o dirigente trotskista argentino Nahuel Moreno

[...] os órgãos de repressão abortam esse processo. O operativo vinha sendo preparado há um ano pelos órgãos repressivos e tinha o nome de Operação Lótus. Ela resultou na prisão de boa parte do Comitê Central e dirigentes internacionais. Dentre eles Nahuel Moreno, que correu grave perigo. A Argentina vivia sob uma ditadura genocida, que massacrava mais de 30 mil militantes políticos. Moreno, conhecido dirigente socialista, estava exilado na Colômbia. Se fosse deportado para a Argentina, seria certamente assassinado [...]. A Liga Operária (Movimento Convergência Socialista) foi atacada pela repressão não porque atuava na luta armada. Mas sim por buscar se implantar no movimento de massas, em especial entre os operários que, pouco depois, iriam protagonizar a luta que marca a derrocada da ditadura. (GOMES, 2012, p.15).

A Convergência Socialista também foi alvo da repressão no tocante a sua imprensa, seu jornal *Versus*. A Operação Lótus atacou os jornais alternativos da época e junto com eles a imprensa da Convergência Socialista.

Em setembro de 1978, o delegado Edsel Magnotti, diretor do DOPS-SP e antigo discípulo do torturador delegado Fleury, envia um ofício ao delegado Regional do Trabalho solicitando fiscalização junto à sede do jornal *Versus*. Em seguida, o jornal foi atingido por uma bomba e coberto por pichações. Em março de 1979, os diretores e redatores do Jornal Convergência Socialista são vítimas de um Inquérito Policial Militar (IPM) para “investigar” a atividade das organizações de esquerda no movimento grevista dos metalúrgicos do ABC. Em 1980, a CS sofre um atentado a bomba na sede do Rio de Janeiro, e em 3 de agosto, uma bomba é lançada na sede de Santo André. (GOMES, 2012, p.15).

O jornal *Versus*, da Convergência Socialista, após três anos de perseguições, é atacado, ainda, por meio de outras medidas repressivas como o estrangulamento financeiro e contábil, acabando por não resistir e fecha. Dessa forma, é organizada a Editora A Convergência Socialista Ltda. que publica o jornal *Convergência Socialista*. Outro jornal da mesma organização era o *Alicerce da juventude socialista*, mais voltado para o movimento estudantil da época. (GOMES, 2012).

Os ataques e a repressão da ditadura militar aos membros da Convergência Socialista expressam que o Regime militar via essa organização como uma ameaça aos seus interesses e aos da burguesia nacional. O enraizamento, inserção dos membros da Convergência, nos dois setores mais ativos contra a ditadura – a classe trabalhadora e o movimento estudantil, bem como sua vinculação ao grupo de Nahuel Moreno, PST- argentino e a defesa do socialismo, assim como sua imprensa alternativa e sua militância atuante, eram ameaças evidentes ao regime e aos interesses capitalistas e burgueses no Brasil naquele momento histórico.

Segundo Gomes (2013, p.16),

A história da Convergência Socialista se confunde muitas vezes com a história do movimento de massas. Foi em resposta ao chamado da CS que o movimento estudantil saiu às ruas pela primeira vez em 1977, para protestar contra a prisão e tortura de operários socialistas na panfletagem do 1º de maio. Foi a primeira organização a reivindicar a legalização de um partido socialista no país, e por isso teve dois terços de sua direção presa. A CS dirigia um dos mais importantes jornais da imprensa alternativa à ditadura, o *Versus*. [...] Seus quadros estiveram na linha de frente das primeiras greves operárias em 79 e por isso a CS foi atacada várias vezes por ministros da ditadura em pronunciamentos oficiais na TV. Foi parte integrante das direções sindicais do ABC que dirigiam as greves de 79-80 o que levou Zé Maria à prisão junto com Lula. (GOMES, 2013, p.16).

A história e trajetória da Convergência Socialista é um percurso que não

pode ser analisado a partir de sua desvinculação das principais lutas sociais e políticas que ocorreram para a derrubada da ditadura militar nos anos 1980. Foi a primeira organização inclusive a propor a organização do Partido dos Trabalhadores (PT). Durante os anos de 1980, atuou como uma corrente interna do PT e esteve presente nas principais lutas políticas e sociais.

Nossas colunas estiveram presentes no 1º de maio de 1980, na Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, com faixas, bandeiras e palavras de ordem, junto com os mais de 100 mil manifestantes. Em 1981, estivemos na Conferência Nacional dos Trabalhadores (Conclat), defendendo e fazendo parte da Comissão Nacional Pró-CUT. Da mesma maneira, militantes da CS estiveram à frente dos piquetes da Greve Geral de 1983, tendo muitos militantes presos e golpeados pela polícia. Em 1984, nossas colunas ficaram famosas nas marchas pelas “Diretas Já!”. (GOMES, 2013, p.15).

A Convergência Socialista atuou como corrente interna do PT até o ano de 1992, quando foi expulsa por se posicionar a favor do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. A adaptação do PT ao regime democrático burguês é apontada como o principal contraste entre a Convergência e o Partido dos Trabalhadores.

Mas no decorrer dos anos, quanto mais o PT se adaptava às normas do jogo eleitoral, mais guinava à direita, mais burocrático se tornava o partido. Nas eleições de 1988, ao eleger prefeitos em várias cidades importantes, a orientação da direção foi que fizessem um “governo para todos”. Mas como governar ao mesmo tempo para os trabalhadores e os patrões? (REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015, p.8).

A expressão máxima para a ruptura entre PT e CS, ou melhor para a expulsão da Convergência do PT, se deu com o antagonismo político entre suas posições.

O limite desse antagonismo político entre a Convergência e PT acontece em 1992, durante o movimento pelo impeachment de Fernando Collor de Mello. A direção do PT estava contra que se exigisse a saída de Collor da presidência. A Convergência Socialista fez campanha aberta pelo Fora Collor e pela realização imediata de novas eleições presidenciais, contrariando a direção do PT, o que levou à sua expulsão. (REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, 2015, p.9).

Dois anos mais tarde, em 1994, após um congresso que unifica outros setores de esquerda junto à Convergência Socialista, se funda o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).



A reconstrução histórica da trajetória da Convergência Socialista e sua luta contra a ditadura militar, sua atuação no Partido dos Trabalhadores, bem como a sua luta por uma revolução brasileira de caráter socialista, são fatores que nos ajudam a perceber as contradições presentes no capitalismo periférico e dependente no Brasil e os impasses que a esquerda brasileira se encontrou no passado e no presente. Mesmo hoje, com o regime democrático burguês vigente, presenciamos práticas repressivas e autoritárias à classe trabalhadora, aos movimentos sociais e estudantis. A luta protagonizada pelos militantes da Convergência Socialista apresenta alternativas a serem entendidas e superadas, a sua história permanece oculta, desprezada pelos setores burgueses. Buscamos ser um elo de ligação e preservação histórica de uma tradição de esquerda que lutou e deixou lições históricas importantes a serem apropriadas por aqueles que alimentam a utopia de promover uma revolução socialista no Brasil. Foram dados passos importantes na perspectiva de reconhecimento da importante atuação da Convergência Socialista durante o Regime militar no Brasil.

Em 25 de outubro, a 77ª Caravana da Comissão da Justiça reconheceu o papel da Convergência Socialista (CS) na resistência e derrubada da Ditadura. Além da reparação e reconhecimento de militantes que lutaram e foram perseguidos pelo regime, permitiu que os jovens conhecessem a história e relevância daqueles que travaram um duro combate contra a ditadura na defesa das liberdades democráticas. (GOMES, 2014, p.13).

### **3.4 A Expulsão da Convergência Socialista do Partido dos Trabalhadores e seu drama social (1978-1992)**

O presente tópico busca investigar o processo de expulsão da Convergência Socialista - C.S.<sup>35</sup> do Partido dos Trabalhadores - PT como um drama social<sup>36</sup>, conceito

---

<sup>35</sup> A Convergência socialista, surge em 1978, de um grupo de militantes brasileiros, pertencentes a organização Ponto de partida, que fugiam da sangrenta ditadura de Augusto Pinochet, no Chile. Chegando ao Brasil passaram a atuar em algumas Universidades, mas tendo como prioridade a atuação de seus militantes no setor operário. Na década de 1980, a C.S foi o primeiro grupo a propor a formação de um Partido dos Trabalhadores, que logo adiante ainda nesse ano, será fundado. A C.S atuou como tendência interna do PT por doze anos(1980-1992) quando foi expulsa por apoiar e chamar a palavra-de-ordem Fora Collor! Não acatando as deliberações da direção do PT, do grupo conhecido como Articulação.

<sup>36</sup> Analisar situações sob o ponto de vista conceitual do drama social é uma possibilidade teórica e metodológica de abordar um vasto campo de conflitos, disputas simbólicas e a relação entre estrutura e antiestrutura, além das próprias perturbações da vida social. Os dramas sociais podem ocorrer entre pessoas e grupos, ou mesmo no cotidiano. As principais fases do drama social descritas pelo antropólogo Victor Turner e sintetizadas por nós aqui são: primeira fase-quebra de normas regulares, segunda fase-estado de crise com cisão irreversível, Terceira fase- o acionamento de mecanismos reguladores, quarta

operado pelo antropólogo Victor Turner<sup>37</sup>. Procuramos perceber também processos liminares e os laços sociais de camaradagem, que os membros da C.S tendem a criar entre si, bem como focalizar possíveis contradições e ambiguidades que se abrigaram nesse grupo político. Damos destaque as subjetividades e ao papel que o simbólico enseja na vida dos militantes e das militantes.

Nosso intento é identificar traços de coesão social, proporcionados pelas experiências políticas em meio aos contextos sociais da ditadura militar, o processo de redemocratização e a importância dos rituais políticos promovidos pela Convergência, para responder a esse contexto social, político e cultural.

Na forma como a C.S se organiza, em pequenos grupos e centralizados democraticamente, existe uma estrutura de solidariedade social que se reveste de funcionalidade nos sistemas simbólicos e culturais que conectam as pessoas e as levam ao convencimento de agir politicamente na mesma direção, em outras palavras de forma centralizada.

No entanto, percebemos que essa unidade social, no interior da C.S<sup>38</sup> deve ser encarada como uma unidade problemática, aberta as situações de limiaridade. Toda a simbologia presente nos grupos trotskystas, como a ideia de Revolução, a utopia socialista, a ideia de uma Quarta Internacional nos moldes de Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo e Trotsky se revelam como símbolos, ferramentas, utilizados para alcançar a finalidade específica de reprodução das convicções e coesão grupal em torno das ações políticas. Esses símbolos podem ser representados como objetos ritualísticos que acabam se desdobrando em complexos símbolos instrumentais, ou meios para atingir fins políticos e que são conscientemente manipulados nas reuniões, atos, passeatas, protestos, greves, como forma de manutenção da coesão grupal e sua ação em torno de atingir uma finalidade política.

As ideias da C.S, suas formas de reunião em pequenos grupos de cinco ou seis pessoas, que debatem em torno de questões internacionais, nacionais, ou até mesmo

---

fase-reintegração do grupo. Iremos trabalhar com esse conceito de uma forma não estática, mas dinâmica procurando perceber as situações de limiaridade, além de sua processualidade e conflitividade.

<sup>37</sup> Victor Turner foi um importante antropólogo que nasceu em Glasgow, na Escócia, no dia 28 de maio de 1920 e faleceu em 1983. Dentre suas obras destacamos a pesquisa de campo sobre os Ndembe, na atual Zâmbia, antiga Rodésia Africana.

<sup>38</sup> Desse momento em diante, passaremos a grafar C.S para Convergência Socialista e PT para Partido dos Trabalhadores.

locais, demonstram um aspecto ritualístico<sup>39</sup> e que, com seus símbolos, retrocitados, objetivam dar capacidade de sustentação à unidade grupal, abarcando suas contradições.

Os diversos rituais a que estavam submetidos os membros da C.S, como greves, atos, passeatas, reuniões, clandestinidade e, principalmente, a expulsão do Partido dos Trabalhadores, que é um período de limiaridade, ou seja, um espaço psicossocial efêmero, no qual os arranjos sociais são sujeitos a transformações, inversões e afirmações. Sob esse aspecto, as noções de estrutura social são desfeitas através da separação física e simbólica de certos indivíduos do grupo anterior – no caso o PT. A saída da C.S, ou melhor, sua expulsão, gerou uma espécie de antiestrutura. O lado político expresso pelo caos ritual, gerado pela expulsão, abriu espaço para novas, como a fundação de um novo partido, o PST – Partido Socialista dos Trabalhadores, e logo após 1994, o PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. Buscando dessa forma, superar a limiaridade gerada pela expulsão do PT, reconhecer e reafirmar a coesão da estrutura básica, por meio da fundação de um outro Partido – O PSTU, no caso. Podemos perceber que a ideia de drama social nos ajuda a observar atores e grupos sociais em diferentes circunstâncias, e incorporar o conflito como parte do processo social, a base do drama social seria o conflito, o drama aparece aqui como o confronto com a ordem – no caso, do PT, que proibia qualquer tendência interna do Partido a apoiar o Fora Collor, no ano de 1992. Emerge desse conflito a manipulação de valores e símbolos que entram em contradição.

A solidariedade e um novo sentido é dado ao grupo da C.S com a fundação do PSTU, que não é nosso objetivo analisar, mas que mencionamos para localizar a superação de uma fase limiar (expulsão do PT) e a abertura a uma nova fase (PSTU – que terá outros dramas sociais, que não são objetos de nossa análise).

Os estudos realizados na disciplina de Sistemas Simbólicos, ministrados pela Profa. Dra. Lea Carvalho, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, nos forneceu as bases teóricas para buscarmos entender esse processo de expulsão da C.S do PT como um drama social, e ver possibilidade teóricas e metodológicas para tal estudo. Uma dúvida era a de como entender esse grupo

---

<sup>39</sup> Os aspectos ritualísticos podem ser entendidos como um sistema de comunicação simbólico, com repetições orais, gestuais, de ideias e reuniões que apresentam-se como resultados esperados, mesmo com situações limiarias. Na expressão de Arnold Van Genep, se fala em processo ritualístico, indicando a natureza tríplice do ritual que envolve separação da sociedade, transição a uma nova situação e nova incorporação na sociedade.

político, a C.S. Em diálogo com a Profa. Lea Carvalho, foi sugerida a ideia de *communitas*, que seria a fusão ritualística dos indivíduos em uma identidade coletiva. Acreditamos que a C.S pode ser pensada dessa forma: a fusão ritualística se daria nas reuniões, compartilhamento das mesmas ideias e ações comuns em atos, passeatas, greves e confrontos com a ordem estabelecida – ditadura militar no Brasil, reabertura, tensões internas no PT, tudo isso, todos esses rituais, cimentaria uma identidade coletiva nos membros da C.S.

As reuniões internas da C.S e sua atuação em diversos espaços sociais – são entendidos aqui como símbolos rituais – ou fatores de ação social. Esses rituais sedimentariam a identidade coletiva dos trotiskistas pertencentes a C.S. Toda essa simbologia manteria propriedades específicas no comportamento ritual. Daí pensarmos que a agudização do conflito entre a C.S e o PT se expressariam como um confronto de símbolos: revolucionários x reformistas, os que são pelo Fora Collor x os que viam como mais importante a eleição de Lula. Dessa forma, os símbolos rituais passam a ser fornecedores de fortes estímulos emocionais, para que valores e normas de um grupo possam se expressar como ideias coletivas e serem incorporadas e perseguidas como fins dos indivíduos pertencentes a tais grupos. O drama social entre a C.S e o PT emergiu desses conflitos simbólicos e da relação dialética entre estrutura e antiestrutura.

Os estudos na área política têm procurado observar outras dimensões qualitativas, subjetivas e culturais, que não haviam sido estudadas, ou merecido atenção. Ações coletivas e individuais, suas representações, bem como toda simbologia criada e recriada pelos grupos políticos passam a ser reabilitadas nos estudos e pesquisas. Isso tem aberto novas possibilidades analíticas e metodológicas, quando percebemos que essa simbologia está imersa em rituais de pertencimento, fortalecimento ou rupturas e situações limiares de grupos políticos.

As organizações, partidos, ou grupos políticos estão, ao nosso ver, na mesma teia de ações rituais que buscam reforçar, ou se pretendem reforçadores de laços sociais, conferindo em atos, ações, debates, as suas posições (símbolos) no interior do seu grupo. Em todos esses momentos ritualísticos, se elaboram elementos simbólicos que buscam reafirmar o pertencimento ao grupo: 1) indivíduo em relação ao grupo – membro da C.S, por exemplo; 2) o indivíduo e as regras do grupo – obrigação de reunir, cotizar e operacionalizar as ideias políticas discutidas e decididas; 3) como participar e expandir o grupo – veiculando suas ideias, através dos jornais impressos pelo grupo; e 4) como se estabelecer no grupo – por meio do esforço e abnegação militante. O

membro de um grupo político, o militante, passa a, em meio as reuniões, passeatas, comícios, protestos, debates, greves, a se utilizar dos símbolos, ideias e experiências sociais no sentido de exercer uma *performace*<sup>40</sup> condizente com o grupo e se legitimar perante o mesmo e os outros.

Os estudos sobre as questões detidamente políticas podem se conectar com os estudos antropológicos e buscar um diálogo que possibilite novos olhares sobre temas, objetos e métodos de pesquisa. Buscando perceber como problemas de natureza política, social ou cultural repercutem e se expressam nos grupos e indivíduos e como esses mesmos os ritualizam, ou respondem por meio de variadas *performaces* a esses problemas. Conforme Rodrigues (2004, p.26), analisando os processos de demissões voluntárias, realizados pelo Banco do Brasil,

[...] a utilização da metodologia e dos referenciais antropológicos pretendeu construir uma etnografia que possibilitasse apreender os acontecimentos em sua plenitude, atentando para a forma como os mesmos repercutiram sobre uma variada gama de situações individuais e coletivas, como os diferentes agentes se colocavam no decorrer do processo, que estratégias desenvolveram, que ideias, imagens, princípios e valores se tornaram manifestos e o que gerou esse processo para as diversas partes em confronto naquele momento e para o conjunto da empresa.

Apreender a dinâmica das tensões, as ações individuais e coletivas percebendo os rituais, símbolos, dramas sociais e atos performativos dos agentes dão uma dinâmica a trama social e histórica em que estão envolvidos. A expulsão da convergência socialista do partido dos trabalhadores no ano de 1992, é parte dessa trama que buscamos compreender, e de como esses atores do passado lidam hoje com essas e outras situações políticas reencenando suas vidas e experiências passadas nos palcos das lutas sociais do passado e do presente.

Passemos a apresentar um pouco do pano de fundo desse teatro social, ou seja, a conjuntura do surgimento da Convergência socialista – em meio à ditadura civil-militar brasileira, o processo de redemocratização e o governo Collor, que é quando ocorre, a expulsão da C.S do Partido dos Trabalhadores e os dramas sociais desse conflito que permanecem latentes pós-drama social.

---

<sup>40</sup> Para Shechner (2013, p.40-41), “[...] a performance é o comportamento duplamente comportado, o comportamento restaurado. A performance é um amplo espectro de formas de entretenimento, artes, rituais, política, economia, e interações de pessoa a pessoa. Toda e qualquer coisa pode ser estudada “como performance”. “O que a performance faz é criar mundos, ou se levarmos ao pé da letra o que afirmam mestres de cerimônias sagradas, proporcionar o acesso a outros mundos e relações interativas [...]” (SCHECHNER, 2013, p.63).

Em seguida, pretendemos analisar a C.S e sua conexão com o drama social e suas fases. A entrada no PT na década de 1980, a convivência conflitiva, até a quebra das normas regulares (primeira fase) que seria a desobediência ao apoiar e chamar o Fora Collor! O estado de crise desencadeado com a direção do PT, até o processo de cisão (segunda fase) que se expressa na expulsão da C.S do PT, e o acionamento de mecanismos reguladores- quando a C.S busca fundar um partido através de uma frente de grupos que eram contra sua expulsão (terceira fase), outro momento será a reintegração do grupo com a fundação do PSTU (quarta fase). Abrindo novos dramas sociais e situações de limiaridade. Destacamos a processualidade destas fases como elementos norteadores do drama social.

O contexto mundial nos anos de 1960 e 1970 do século passado foram marcados pela Guerra fria, onde dois centros de poder se apresentavam como alternativas ao desenvolvimento econômico e social dos países: Os EUA como representantes do capitalismo e a URSS como representante do comunismo, era a época da bipolaridade dos poderes desses países. Em 1959, ocorreu a Revolução Cubana, que elevou a categoria de mitos os revolucionários cubanos Fidel Castro e Ernesto Che Guevara ao serem os principais líderes da revolução que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista e seus aliados norte-americanos. O receio dos EUA de que várias “Cubas” se instalassem na América Latina e do modelo de guerrilhas cubanos promovessem outras revoluções no continente fez com que os EUA, apoiassem diversas ditaduras na América Latina, através da Operação Condor e do Programa Aliança para o Progresso.

No Brasil, em 1964, ocorreu um golpe civil-militar, com apoio do EUA que durou vinte e um anos. Foi um período de violenta repressão aos trabalhadores, estudantes, intelectuais, artistas e políticos que se opuseram ao Regime militar, não aceitando a deposição do presidente João Goulart e a perda de diversos mecanismos democráticos. Ocorreu nesse período de ditadura militar, o fechamento do congresso, eleições indiretas, a tortura foi institucionalizada, foram suspensos o direito à greve e também manifestações, além da suspensão do *habeas corpus* no decorrer desse vinte e um anos de Regime militar.

Os principais atores do golpe de 1964, passaram nesse período de Regime militar, a servir como base de sustentação do mesmo. Se destacavam como apoiadores e idealizadores do regime: setores da UDN (União Democrática Nacional), militares, setores da Igreja Católica-conservadores, a débil burguesia nacional e a burguesia

internacional, com multinacionais instaladas no Brasil, além do apoio norte –americano e a propagação de um mito do anticomunismo doentio instaurado em muitos desses setores, que não entendiam a própria crise do populismo, que Jango estava imerso, buscando ou tentando, tardiamente se reaproximar das classes trabalhadoras urbanas e rurais com as reformas de base.

Porém, durante os vinte e um anos do Regime militar (1964-1985) no Brasil, a classe trabalhadora, os estudantes, intelectuais, artistas e outros setores não aceitaram passivamente a repressão. Forjaram suas formas de luta contra o Regime militar através de *performances* como atos, comícios relâmpagos, panfletagens, pichações, guerrilhas urbana e rural, com os *Centros Populares de Cultura*, peças de teatro como *Eles não usam black-tie*, música de opinião, nas artes plásticas com as exposições de opinião 65 e 66, o *Cinema Novo* de Glauber Rocha, os festivais de música popular brasileira, o movimento *Tropicália*, o grupo *Oficina* de José Celso Martinez. Todos esses movimentos contestatórios expressam uma rebeldia que se engajava em *performances* contra o Regime militar.

Os membros da C.S também foram participantes de *performances* contra o Regime militar, com destaque para a greve do ABC paulista, onde dois de seus integrantes foram presos com Luís Inácio Lula da Silva. Os membros presos pela Lei de Segurança Nacional foram José Maria de Almeida e Eduardo Almeida. Também foram presos: Bernardo Cerdeira, o operário conhecido como Mancha e outros membros da C.S que atuavam no movimento estudantil e que eram diretores de Diretórios Centrais e Centros Acadêmicos em atos e panfletagens. A violência aos militantes da C.S por meio das torturas se expressam em atos performáticos dos torturadores com o objetivo de não apenas destruir fisicamente os presos políticos, mas destruir sua dignidade, o seu *self*, sua subjetividade. Marcando fissuras psicológicas irreversíveis em muitos casos, como os citados pelos membros da C.S, nos depoimentos à Comissão da Verdade<sup>41</sup>. Para utilizar uma metáfora: um ritual de tortura em que os torturadores quando não eliminavam fisicamente os torturados, tinham a intenção de dentro desse ritual, destruir a “alma” dos torturados.

---

<sup>41</sup> Durante a 77ª Caravana de Comissão de Anistia do ministério da Justiça, no Estado de São Paulo, em 25 de outubro de 2013, a Organização Convergência Socialista - C.S foi reconhecida pelo Estado brasileiro por seu papel na luta contra a Ditadura Militar no Brasil. Estiveram presentes cerca de 25 militantes dessa organização.

As greves do ABC paulista, juntamente com os setores da sociedade civil organizada: movimentos sociais, intelectuais, OAB, setores da Igreja Católica Progressista, artistas fizeram com que o Regime militar acabasse. As manifestações das “Diretas Já!” expressaram o profundo desgaste do regime. A C.S atuou dentro do PT pelas diretas, nas passeatas, manifestações e comícios.

O processo de redemocratização trouxe à cena o governo Sarney, que assumiu após a morte de Tancredo Neves, eleito indiretamente e que acabou falecendo antes de sua posse (1985). Através de planos econômicos mirabolantes, congelamento de preços e fiscalização dos supermercados, o governo Sarney procurou combater os processos inflacionários, o que de conjunto não deu certo. No final dos anos de 1980, o mundo passava por uma série de transformações, como o fim dos regimes ditos comunistas no Leste Europeu, os projetos neoliberais, a queda do Muro de Berlim. E, no Brasil, tínhamos as eleições presidenciais, com voto direto, depois de mais de duas décadas. Duas candidaturas se destacaram: Fernando Collor de Mello (PRN) e a de Luís Inácio Lula da Silva (PT).

Apesar das críticas dos membros da C.S ao PT e Lula, visto como um burocrata sindical, eles fizeram campanha para que Lula fosse eleito. Isso demonstra que, mesmo antes da expulsão, já haviam tensões entre a C.S e o PT.

Nas eleições presidenciais, acabou saindo vencedor Fernando Collor de Mello, pelo voto popular. Seu governo iria inaugurar o neoliberalismo como projeto político para o Brasil. Os grupos de financiamento e o forte marketing político em torno de Fernando Collor, trouxeram uma ilusão de modernidade, as privatizações e abertura do mercado interno. As medidas antipopulares do governo Collor, como bloqueio das cadernetas de poupança por 18 meses, congelamento de preços e salários, desemprego, concentração de renda, aumento da dívida externa, concentração fundiária, mostraram a face conservadora da modernização do governo Collor.

Toda a *performace* do caçador de Marajás, do homem jovem e honesto que iria combater a corrupção, se tornou uma farsa à moda do teatro de marketing brasileiro, em março de 1992, quando o irmão do presidente Pedro Collor denuncia um escandaloso esquema de corrupção, envolvendo o presidente Fernando Collor.

O tesoureiro de campanha de Fernando Collor, PC Farias, estava envolvido em mensalões, acordos com empresas, tráfico de influência e dilapidação de patrimônio.

Milhares de pessoas foram às ruas, em diversas capitais do País, em protesto contra o governo Collor. Uma geração de jovens ganhou destaque na mídia em meio aos



protestos, eram os “Caras pintadas”. No dia 29 de setembro de 1992, foi votado o impedimento do presidente Collor, que acabou renunciando para evitar a cassação dos seus direitos políticos. Como atuaram nesse teatro político e social a C.S e o PT? Durante esse período, se desenvolve todo o drama social da expulsão da C.S do PT. Acreditamos que esse percurso histórico será importante para perceber o conflito na sociedade brasileira no período e também que:

O conflito parece fazer com que os aspectos fundamentais da sociedade, normalmente encobertos pelos costumes e hábitos do teatro diário, ganhem uma assustadora proeminência. As pessoas têm de tomar posição em termos imperativos e constrangimentos morais profundamente arraigados, muitas vezes contra suas preferências pessoais. A escolha é subjulgada pelo dever. (TURNER, 2008, p.31).

A dimensão do conflito entre PT e C.S expressam constrangimentos operados pelos grupos diante do governo Collor. Se desenrolando em:

Dramas sociais e empreendimentos sociais – bem como outros tipos de unidades processuais – representam sequências de eventos sociais, que vistas respectivamente por um observador, podem ser mostradas como tendo uma estrutura. Esta estrutura “temporal”, diferentemente da estrutura atemporal [...] é organizada no tempo, ao invés do espaço, embora, é claro, esquemas cognitivos sejam, eles mesmos, o resultado de um processo mental e possuam qualidades processuais. (TURNER, 2008, p.31).

Passemos agora à análise do processo de expulsão da C.S do PT como drama social. Para Turner (2008, p.31), “Dramas sociais são, portanto, unidades de processo harmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito”.

No mês de dezembro de 1991, no primeiro Congresso Nacional do PT, um grupo interno, conhecido como Articulação, recusou-se a fazer uma ação política que mobilizasse os brasileiros para se manifestar contra os casos de corrupção do governo de Fernando Collor de Mello.

O então Secretário geral do PT, José Dirceu, afirmava que era contra que o PT assumisse a palavra de ordem do “Fora Collor”, com o receio de que o PT se misturasse a setores de direita contra o governo e, ainda, que o PT se isolasse do Congresso Nacional. O grupo da Articulação buscava a manutenção do calendário eleitoral com vistas a eleição de Lula, no próximo pleito<sup>42</sup>.

A C.S percebia que o governo Collor era odiado pela população e não aceitou a decisão, por entender significar uma traição aos trabalhadores, estudantes e

---

<sup>42</sup> CERDEIRA, Bernardo. Enfrentamento e ruptura: a expulsão da C.S do PT. **Especiais**. Morenismo no Brasil. 2016. Acesso em: 29/06/2017. Disponível em: <<http://litci.org/especiais/morenismo-no-brasil/>>.

movimentos populares que iniciavam mobilizações contra o governo Collor<sup>43</sup>. Com a desobediência da C.S, se instaura, ao nosso ver, a primeira fase do drama social, descrito por Turner (2008, p.33):

A ruptura de relações sociais formais, regidas pela norma, ocorre entre pessoas ou grupos dentro do mesmo sistema de relações sociais, ou seja numa aldeia, chefatura, escritório, fábrica, partido ou distrito político, igreja, departamento de universidade, ou qualquer outro sistema, conjunto ou campo de interação durável. Tal ruptura é sinalizada pelo rompimento público e evidente, ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes. Burlar uma norma deste tipo é um símbolo claro de dissidência. Em um drama social, não se trata de um crime, embora possa formalmente parecer muito com um [...].

A crise se agudiza quando José Dirceu, em abril de 1992, apresenta uma resolução, dando o prazo de 15 dias para que a C.S acabasse com sua sede própria, seu jornal, finanças e relações internacionais. A C.S deveria se adaptar à nova regulamentação das tendências. Nesse momento, se desdobra a segunda fase do drama social.

Após a ruptura de relações formais, regidas pela norma, vem uma fase de crise crescente, durante a qual – a não ser que a ruptura possa ser rapidamente isolada dentro de uma área limitada de interação social – há uma tendência que a ruptura se alargue, ampliando-se até se tornar tão coextensiva quanto uma clivagem dominante no quadro mais amplo de relações sociais relevantes ao qual as partes conflitantes ou antagônicas pertencem [...]. Este estágio, a crise, é sempre um daqueles pontos de inflexão ou momento de perigo ou suspense, quando é menos fácil vestir máscaras ou fingir que não há nada de podre na aldeia. Cada crise pública possui o que eu chamo de características limiaries [...], por assim dizer, desafia os representantes da ordem a lidar com ele. Não pode ser ignorado. (TURNER, 2008, p.33-34).

As características limiaries se refletem na negativa da C.S em acatar a resolução, não adotando “máscaras”, assumindo um aspecto ameaçador ao PT, que não poderia ser ignorado ou desprezado. No dia 9 de maio de 1992, a Direção Nacional do PT anula a condição de tendência interna da C.S no PT.

Já, durante o ano de 1991, a C.S previa a expulsão e procurou constituir uma Frente Revolucionária que reunia dezenas de grupos e ativistas, dirigentes sindicais que ficaram ao lado da C.S na luta contra a expulsão<sup>44</sup>. Na nossa análise do drama social, a formação dessa Frente, fundada após a expulsão, em 1992, com uma carta de princípios, contendo a ideia de formação de um partido revolucionário, democracia operária e o

---

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Idem.

internacionalismo socialista, expressam uma ação corretiva, destacada por Turner (2008, p.34), na terceira fase do drama social:

No intuito de limitar a difusão da crise, certos mecanismos de ajuste e regeneração (e aqui tomo emprestada alegremente uma metáfora da física), informais ou formais, institucionalizados ou ad hoc, são rapidamente operacionalizados por membro de liderança ou estruturalmente representativos do sistema social perturbado.

Dentro desses processos, em 1994, após anos de debate em torno da proposta da Frente Revolucionária, no mês de junho, se fundou o PSTU, que reintegra os membros da C.S num partido. Aqui, se reúnem as características da quarta fase do drama social, descrito por Turner (2008, p.36): “A última fase que ressaltos consiste seja na reintegração do grupo social perturbado ou no reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito”.

Ainda segundo Turner (2008, p.37), essa fase é a do clímax, da solução ou resultado temporário – e uma oportunidade de balanço. E prosseguindo afirma também que: “No caso específico de um campo político, por exemplo, pode-se comparar o ordenamento das relações políticas que precederam a disputa pelo poder que irrompeu em drama social observável com a fase corretiva subsequente”. É exatamente esse exame que os membros do PSTU farão após todo o drama social da expulsão da C.S do PT. Não desenvolveremos esse aspecto por extrapolar os limites de nossa investigação, em outras palavras, não nos propomos aprofundar esse aspecto.

### **3.5 A Convergência Socialista e as lutas pela redemocratização: das Diretas Já! ao chamado e luta por uma Assembleia Constituinte.**

Ao final dos anos 70 e início dos anos de 1980, teve início o processo de organização de partidos que superariam ou buscavam superar o bipartidarismo da ARENA e do MDB. Visando com isso aglutinar forças e expressivas votações nas eleições diretas para governadores estaduais. Os militares buscavam enfraquecer a frente dentro do MDB com uma reforma partidária. O objetivo era fragmentar a frente dentro do MDB, fazendo com que surgissem pequenos partidos saídos de dentro do MDB. A ARENA passou a ser o PSD (Partido Democrático Social).

Nesse período, surgiram PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), PDT (Partido Democrático Trabalhista) PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o PT (Partido dos Trabalhadores) organizado pelo Novo Sindicalismo e

ascenso do movimento operário e com a C.S como primeira organização a chamar sua construção.

No ano de 1982, ocorreram as eleições, já demonstrando a insatisfação popular com a ditadura no ano de 1983. O PT fez o chamado à campanha das Diretas Já!, que buscava a realização de eleições presidenciais e a sucessão de João Batista Figueiredo. A avaliação era de que a mobilização popular pressionaria o congresso, principalmente o PDS para aprovar a medida.

A campanha pelas Diretas Já! teve um início tímido, mas, ao longo do tempo, teve a adesão de inúmeras de pessoas em todo o Brasil. A população tomou as ruas nas cidades realizando comícios com um grande número de pessoas sensibilizadas com a campanha e expressando seu descontentamento com a ditadura. A emenda Dante de Oliveira acabou não sendo aprovada no congresso, frustrando as mobilizações mas servindo como um elemento de desgosto do Regime militar. No caso, procuramos apresentar a posição da C.S diante da campanha das Diretas Já! Apresentamos apenas alguns pontos destacados por Souza e Cavalcante (2015).

Outro ponto de destaque será o posicionamento da C.S diante da convocação da Assembleia Constituinte eleita em 1986. Apresentamos a posição da C.S por meio da Revista Práxis de 1986, no artigo As esquerdas e a constituinte (MCR, ORM-DS, PRC, C.S).

Começamos pela campanha das Diretas Já! As mobilizações ocorreram no governo de Figueiredo. Segundo Souza e Cavalcante (2015), o Brasil esteve mergulhado numa forte crise em 1983 ligadas à dívida externa, e com receituário de arrocho salarial proposto pelo FMI, criando um enorme clima de insatisfação e revolta nos trabalhadores (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.108).

A C.S teve um jornal voltado para a juventude, o *Alicerce da Juventude Socialista* que também expressava suas ideias. E por meio desse jornal que (SOUZA; CAVALCANTE, 2015) analisam esse processo político. Em combate ao arrocho salarial e para dar mais impacto a campanha das diretas se convoca uma greve geral em consonância com a CUT e a CONCLAT.

Para a C.S era a defesa das eleições diretas para presidente. Junto com a CUT essa defesa era programática. O meio para se chegar esse fim era estabelecido por meio da luta de classes e da Greve Geral (SOUZA; CAVALCANTE, 2015). Os acordos entre governo e o FMI e a burguesia brasileira expressam o desejo de permanência do regime ditatorial. O chamado de Figueiredo para as eleições diretas era um meio, ou

tentativas de por meio de reformas controladas se manter a política econômica de arrocho salarial e o poder de decisão nas “mãos” dos militares. (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.109).

A proposta política era uma greve geral, que se colasse nos atos com a exigência das eleições diretas que se prezasse pela independência em relação a burguesia nacional e as forças militares. Isso demonstraria a diferença entre a C.S e a política dos outros partidos que buscavam negociar com os militares e com a burguesia nacional e internacional uma saída para essa crise política. (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.109). Uma dessas saídas é o destaque do nome de Tancredo Neves para o processo conciliatório entre regime e as burguesias como alternativa à crise e manutenção da política de arrocho salarial. Sobre isso a posição da C.S era a seguinte:

O Alicerce da Juventude Socialista, contra o nome de Tancredo Neves como candidato de oposição - que obter por fazer a transição política com base no colégio eleitoral da ditadura -, deixa evidenciada a sua posição. Por um lado, os militares e a ditadura, por outro, Tancredo e a oposição burguesa, e mais distante a CUT, que vacila na organização dos nossos trabalhadores, com vista à constituição de um terceiro campo, de classe, apoiada ação direta (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.110).

Segundo (SOUZA; CAVALCANTE, p.112, 2015), as propostas do Alicerce- Jornal da C.S para os setores estudantis principalmente, buscam enfrentar a ditadura nos seguintes termos:

Nós de Alicerce, que defendemos junto à direção da CUT a marcação da data da greve geral ainda para esse ano, entendemos que a manutenção destas medidas apresenta uma razão a mais para pararmos esse país, exigindo sua suspensão, incorporando essas exigências as reivindicações da greve e em todo país, a tarefa colocada pela CUT, para o PT e para todos os partidos e setores democráticos que repudiam mais essa arbitrariedade, é mobilizações pela suspensão definitiva (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.112).

Essa campanha das Diretas Já! assume o seguinte significado: “ Trata-se de um dos maiores movimentos políticos da história nacional e tem como marca a unidade de ação de representações políticas das mais distintas classes. Da oposição burguesa às correntes trotiskistas, espectros políticos variados compõem a tarefa de isolar a ditadura e repor a nação tolhida dos trilhos da liberdade política. Eis o significado mais profundo das Diretas Já! (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.113).

As marcas mais significativas da política da C.S se expressam por meio das páginas de seus jornais, como elementos que propõem uma política e a ação direta da greve geral que contemple às lutas contra o arrocho salarial, o desemprego, as

negociações interburguesas com os militares para manter a política econômica e denunciar os acordos das oposições burguesas que buscavam uma saída acordada com os militares para a crise. De acordo com (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.118),

Assim, para os trabalhadores mais do que nunca, a continuidade da mobilização pelas diretas a incorporação da Greve Geral a ela representam a única possibilidade demolir a um só tempo, o Regime militar e o acordão que busca salvá-lo (SOUZA; CAVALCANTE, 2015, p.118).

Permanece dentro da C.S a convicção de uma política de independência em relação à burguesia e os militares buscando uma saída para a política do arrocho salarial e desemprego através da mobilização da classe trabalhadora pela Greve Geral! Em que pese a sua conscientização deixar de se apresentar como uma alternativa diferenciada e que apostava no classismo e força da classe trabalhadora brasileira.

A Convergência Socialista, como uma tendência interna do PT, esteve presente nos mais diversos processos de lutas no Brasil. Dentre elas podemos ver a luta pelo chamado a uma Assembleia Constituinte no ano de 1986. Através de um artigo da Revista Práxis, apresentamos as principais ideias da C.S sobre esse chamado a uma Assembleia.

Para a C.S, o governo José Sarney e a Aliança Democrática haviam imposto um projeto antidemocrático e reacionário, ao proporem uma Constituinte limitada e controlada. Mas diante dessa Constituinte, ao de sua proposta, se abria uma nova etapa em 1986. A C.S procurava antes responder a uma pergunta: Como construir um pólo revolucionário por meio de um processo constituinte?

Expressando a posição de Lênin sobre o assunto, a C.S justifica essa participação na disputa da Constituinte: “Enquanto a luta da classe operaria pelo pleno poder não estiver na ordem do dia, devemos utilizar todas as formas da democracia burguesa”.

Mesmo num momento de ascenso das massas, a C.S percebe que ali, naquele momento não estava colocada a luta pelo poder da classe operária. Daí se engajar na luta democrática e dentro dela a questão da constituinte. Nesse sentido:

Não lutar e não participar da Constituinte, é deixar, na realidade, a burguesia e no caso governo Sarney, com a sua paternidade e a iniciativa política. Ou seja, uma posição ultraesquerdista de negação a Constituinte conduz a um oportunismo rasteiro: deixar a burguesia com as mãos livres para trabalhar à vontade com as ilusões das massas. (REVISTA PRÁXIS, P.24, 1986).

A participação dos revolucionários se daria para dar um caráter e disputa a democratização da Constituinte, incidindo sobre o governo e resgatando as iniciativas do período pré-votação do pólo revolucionário.

A Constituinte é produto de uma vitória democrática do povo que derrubou a ditadura em 1984 através das mobilizações pelos direitos. A burguesia distorce esta vitória em seu proveito e as limitações que impõem à Constituinte são uma expressão disto. Os revolucionários devem manter a denúncia desta manobra antidemocrática (REVISTA PRÁXIS, 1986, p.24).

A participação procura ajudar a mostrar as diferenças dos interesses antagônicos entre a burguesia e os trabalhadores. A Nova República que se instaurava após a derrota da ditadura militar expressa em sua essência política uma nova forma de dominação burguesa. O objetivo dos revolucionários nesse processo de dominação burguesa pós-ditadura deveria ser:

[...] devemos utilizar as eleições e um eventual mandato como uma tribuna na qual defenderíamos um programa combinado a reivindicações imediatas e sentidas da massa com os socialistas. Com isso deveríamos buscar acelerar a experiência das massas com os partidos burgueses e reformistas e, além disto, chamar a que os trabalhadores se mobilizassem para alcançar suas próprias reivindicações (REVISTA PRÁXIS, 2015, p.25).

A C.S buscava mostrar suas ações na construção da Assembleia Constituinte utilizando os espaços da democracia burguesa como as eleições para denunciar seus males e apresentar um programa que contemplasse os anseios das massas e impulsionasse as mobilizações. A luta em torno da convocação da Constituinte, contra o projeto do governo, a disputa nas eleições e a defesa das reivindicações das massas, junto ao programa socialista poderiam ser um pólo aglutinador das esquerdas. (REVISTA PRÁXIS, 1986, p.26).

A C.S atuou no processo de redemocratização, dentro do PT como uma corrente interna de forma a buscar manter seus princípios: socialismo e classismo mas alternando diferentes táticas: Greve geral, associada às Diretas Já! Chamada à convocação de uma assembleia constituinte, participação nas eleições, mantendo as denúncias à burguesia, mas com o objetivo sempre evidente de mobilizar as massas.

### **3.6 Os Cadernos de Formação Política da Convergência Socialista**

A C.S em seus jornais, ou mesmo em seus documentos escritos, demonstrava um valor de destaque para a formação marxista de seus militantes. Um

testemunho importante foi a edição de livros ou cartilhas para a sistematização de cursos de formação. A C.S buscava fornecer uma melhor formação marxista, tanto para intervir na realidade de forma mais precisa, quanto para interpreta-la sob a ótica do marxismo. As batalhas políticas e econômicas não poderiam ser separadas da luta ideológica. Conseguimos ao longo dos anos (2004-2019), dois materiais de documentos teóricos de formação marxista da C.S. São eles: *As revoluções do Século XX, Conceitos Políticos Básicos* de autoria de Manuel Moreno e Mercedes Petit. Era Moreno quem se destacava como o principal dirigente internacional que orientava politicamente a C.S. Os escritos foram traduzidos para a língua portuguesa e impressos pela editora da C.S ou pelo deputado federal da C.S Ernesto Gradella.

Aqui buscamos fazer uma análise mais sucinta dos livros e cadernos de forma que possamos apresentar os principais conceitos e ideias, bem como o método de análise política que a C.S procurava repassar aos seus militantes.

O texto que analisamos inicialmente: *As Revoluções do Século XX*, foi publicado em outubro de 1984, como caderno de formação n.º 1,2,3 da *Convergência Socialista*. E publicado em 1989 pela Câmara dos Deputados junto ao Centro de Documentação e Informação (coordenação de publicações da C.S.). Sob a supervisão do Deputado Ernesto Gradella da C.S e do PT. O texto foi preparado como uma escola de quadros do Movimento ao Socialismo (MAS) do argentino Manuel Moreno e passou a ser um livro de referência para os membros da C.S. Alguns conceitos são fundamentais para se compreender o pensamento e a ação política adaptados pela C.S no caso do livro: *As Revoluções do Século XX*, tivemos os conceitos de Estado, Regime e Governo e os de Época, Etapa e as situações nas lutas de classes. A forma como Manuel Moreno trabalha esses conceitos se volta para o objetivo de ter uma análise concreta para a atuação do Partido Marxista Revolucionário tomar o poder junto a classe trabalhadora, que nos processos revolucionários clássicos acaudilha outros setores de classe. Conforme Moreno (1989, p. 22): A premissa de estado, dos regimes políticos é de importância decisiva para o Partido Marxista Revolucionário, porque esse é o terreno da ação política.

Para Moreno (1989), o Estado sempre foi órgão de domínio político dos exploradores sobre os explorados. Seu elemento mais importante e fundamental seria as forças armadas. Somente nas sociedades escravistas, o Estado assume o caráter de instrumento para que a classe dominante passe a impor sua ditadura sob as demais. Isso ocorre devido ao surgimento das classes sociais. Mas o caráter do estado, só se define



pela classe exploradora que a utiliza para dar continuidade a exploração de outras classes. Em outras palavras o Estado passa a ser caracterizado pela casta ou classe que a utiliza para explorar e oprimir os demais. (MORENO, 1989, p.24).

O Regime político seria a instituição estatal principal utilizada pela classe dominante para governar. Seria a instituição fundamental do governo. E como ela se conecta as outras instituições para manter o consenso e a coerção sobre as outras classes dominadas. (MORENO, 1989, p.25). O Governo diz respeito aos homens de carne e osso que ocupam o poder e estão à frente do regime. E a pessoa que governa. (MORENO, 1989, p.25).

Segundo Moreno (1989, p. 27) isso poderia ser resumido da seguinte forma:

Em síntese o estado é o setor social governa, que classe social tem o poder. O regime é como governar esta classe, um dado momento; através de quais instituições e articuladas de que forma. O governo é quem exerce o poder um dado momento; quais as pessoas, grupos de pessoas ou partidos são a cabeça, os que tornam as decisões nas instituições do regime e do estado (MORENO, P.27, 1989).

Na conjuntura brasileira, a C.S (dos anos 1980) perceberia o Estado brasileiro como um Estado burguês de um país que tinha um regime bonapartista, com exército no comando enquanto instituição e os presidentes militares no governo.

Passemos agora a discutir o que seriam as épocas, etapas e as situações que expressam a correlação de forças da luta de classes. O choque de desenvolvimento das forças produtoras com determinadas relações de produção da sociedade são as grandes produtoras das épocas revolucionárias. O desenvolvimento das forças produtivas (seres humanos, natureza e a tecnologia) que para se desenvolver necessita modificar as relações de produção da sociedade que bloqueiam o seu pleno desenvolvimento. Em suma, as Épocas Revolucionárias surgirão das contradições e conflito, da tensão entre forças produtivas e determinadas relações de produção que impedem o maior desenvolvimento das forças produtivas. Conforme Moreno, (1989, p.35),

Só depois de destruir o Estado feudal, tornar o Poder e construir seu próprio estado, com seu próprio exército, nas próprias instituições de governo e suas próprias leis, e que a burguesia pode libertar os servos, abolir os alfândegas internas, eliminar a forma feldal de propriedade da terra e transformá-la em capitalista, etc. Ou seja e depois de conquistar a superestrutura, o estado é que a burguesia pode levar até o fim o seu objetivo de transformar toda sociedade numa sociedade capitalista (MORENO, p.35, 1989).

Ainda de acordo com Moreno (1989) a solução das contradições entre as forças produtivas e determinadas relações de produção que bloqueiam as forças

produtivas se resolvem no seu gênero pela superestrutura, pelo Estado. Daí ser decisiva a atuação do Partido Revolucionário, que tem seu espaço de atuação na superestrutura. Com o desenvolvimento histórico (MORENO, 1989) destaca três grandes épocas revolucionárias:

1 - A Época das Revoluções Burguesas (na luta contra feudalismo, que bloqueiam as forças produtivas capitalistas se expressando nas Revoluções Inglesa, Francesa e Americana (sendo essa de luta contra o imperialismo inglês que era o entrave e de independência)

2 - A Época da Reforma e Reação (1880 – 1914) Época de auge do capitalismo, mas em 1880, o capital financeiro da fusão do capital industrial e do bancário se amplia com os monopólios que para dar continuidade ao seu crescimento passam a ser a expressão do Imperialismo, fazendo com que o domínio do capital financeiro e os monopólios busquem mercados em todo planeta.

3 - A Época da Revolução Operária e Socialista: que se inicia com a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Na realidade, a guerra se tornará um fenômeno permanente, ampliando a miséria das massas, colocando em cena a ação revolucionária da classe operária russa em 1917. (MORENO, 1989).

De acordo com essa análise, a Época Revolucionária aberta a partir da Revolução Russa de 1917, seguiria sendo a mesma nos anos de 1980. Ou seja, seria a Época da Revolução Socialista Operária e Internacional contra a barbárie do sistema Capitalista. Essa era a visão da C.S sobre a época. No entanto, no centro da Época Revolucionária se encontram diversas etapas. As etapas seriam momentos mais prolongados de tempo em que a correlação de forças entre as classes se prologam uma constante. (MORENO, 1989). Temos 3 etapas distintas:

1 - A Etapa do contra-ofensiva revolucionária da classe operária (a Revolução Russa, Alemã e Chinesa são exemplos).

2 - A Etapa da contrarrevolução burguesa (do fascismo italiano até a Revolução espanhola (1923-1943).

3 - A nova Etapa revolucionária (da derrota do exército nazista em Stalingrado até os anos 80 do século XX. (MORENO, 1989, p.37).

Conforme as observações, a C.S viveria a nova etapa revolucionária, com a possibilidade iminente que poderia ocorrer em qualquer parte do mundo segundo (MORENO, 1989).

Para finalizar o debate em torno desse caderno de formação, precisamos ainda apresentar as distintas situações: não-revolucionária, contrarrevolucionária, pré-revolucionária e revolucionária.

A situação não-revolucionária seria o momento em que as classes sociais não se conflitariam. Há um certo equilíbrio entre suas forças. Para isso, uma boa situação econômica e as crenças na resolução dos problemas por meio do parlamento são decisivas. (MORENO, 1989, p.63).

Já a situação revolucionária teria quatro condições básicas: 1- crise econômica e política do estado burguês; 2- esquerdização da pequena burguesia e classes médias; 3-vontade revolucionária da classe operária; 4- a ação de um partido revolucionário com influência de massas com o objetivo da tomada do poder. (MORENO, 1989, p.64).

A situação contrarrevolucionária se daria no momento de um ascenso da classe operária, onde a burguesia temendo tal ascenso se utiliza dos métodos de guerra civil com os setores da pequena burguesia do lado burguês e contrários aos operários. Tudo isso somado a confusão e desorientação do proletariado por ineficácia de suas direções reformistas. A pequena burguesia nessa situação de contrarrevolução é a principal base social de apoio a esses golpes contrarrevolucionários.

A situação pré-revolucionária ocorre quando há uma crise no regime burguês e isso leva a uma ruptura popular que deixa o regime burguês sem base social. Se classificam assim devido a não ter como centro a tomada do poder, mesmo com todas as possibilidades postas. Tornam-se revolucionários quando a mobilização se unifica e nacionaliza levando ao colapso absoluto do regime. (MORENO, 1989, p.66).

As análises das situações são mais dinâmicas, o que levou a C.S a caracterizar como situação revolucionária o comício de 1 milhão de pessoas no Rio de Janeiro pela campanha das Diretas Já!, no ano de 1984.

Visto nos dias de hoje, acreditamos que a situação era pré-revolucionária devido ao desgosto no regime e sua derrota eleitoral posteriormente.

Passemos ao segundo caderno de formação marxista da C.S, que são os conceitos políticos básicos, de autoria de Manuel Moreno e Mercedes Petit. Foi publicado inicialmente em português, no ano de 1986, como caderno de formação n.º 7 da Convergência Socialista. A edição que analisaremos é de agosto de 1989, publicada em São Paulo, sem editora na descrição. Esse livro ou caderno de Formação foi um estudo para quadros e militantes do MAS (Movimento ao Socialismo).

Tentamos fazer uma síntese dos conceitos abordados: estratégia e tática, propaganda e agitação, programa e palavras de ordem, análise, caracterização e política, acordos, pactos e frentes.

Para Moreno e Petit (1989), tanto a ideia de estratégia (objetivo final a ser atingido de longo prazo) como a tática, meios, formas para se alcançar o objetivo foram ideias que o marxismo buscou da ciência militar. São termos relativos um ao outro. Para ambos os autores, o trotskismo teria duas estratégias de longo prazo, que seriam as de mobilizar as massas para a tomada do poder sob a direção do partido revolucionário e construir essa direção, ou esse partido é que seriam o grande desafio (MORENO; PETIT, 1989). Nesse sentido, a Convergência Socialista seria uma seção do Partido Mundial da Revolução – LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores -1982). No caso, a seção brasileira seria a C.S (caberia a C.S sua direção e ter influência de massas para conduzir a revolução brasileira. As duas estratégias de longo prazo se combinam: ter a organização revolucionária, com influência de massas que conduza o processo revolucionário a tomada do poder. Para realizar isso a C.S se utilizaria das mais diversas táticas: greves gerais, entrismo no PT, participação nas eleições burguesas, para citar alguns exemplos.

Outros conceitos importantes são as de propaganda e agitação. Sucintamente: Propaganda seria a atividade de repassar muitas ideias a um grupo de pessoas. Uma palestra, as notícias de um jornal como o *Versus*, *Alicerce da Juventude Socialista*, o jornal da *Convergência Socialista* seriam exemplos de propaganda. A agitação seria a atividade de repassar uma ideia, palavra de ordem, ou poucas ideias para um número expressivo de pessoas. Como, por exemplo, a agitação da palavra de ordem Diretas Já! Aumento Salarial! (MORENO; PETIT, 1989, p.6).

As palavras de ordem representam uma ideia que seja colocada para as massas e que expresse seus anseios. Já o programa seria todo um sistema de reivindicações para uma determinada época ou etapa. O programa procura dar respostas a questões do governo, regime e sistema. No caso brasileiro, a C.S se mostrou programaticamente oposição aos generais presidentes, ao Regime militar e ao sistema capitalista e a subserviência brasileira ao imperialismo americano. Segundo Moreno e Petit (1989),

Um partido Bolchevique começa fazendo análise da etapa da luta de classes: dessa análise surge um programa que coloca entre outras secundárias, umas duas ou três tarefas essenciais para o movimento de

massas, que concretizamos em palavras de ordem. Esse é o aspecto concreto de massa política, por isso é fundamental. A teoria e a propaganda serem precisas nesse aspecto. Toda massa atividade (incluindo a teórica e propaganda) está subordinada a este objetivo último: definir quais são as tarefas gerais que as massas enfrentam uma determinada etapa (o programa), para concretiza-la em forma de palavras de ordem (MORENO; PETIT, 1989, p.20).

A Política do Partido Revolucionário procura ser o elo de ligação do partido com as massas. É a sua interação a favor da revolução, procurando que as lutas avancem. Para isso, é necessário que faça uma análise da situação na realidade, que se busque uma solução que terá uma ação. A análise, a solução-caracterização e a ação política, formariam esse método de elaboração marxista. Segundo Moreno e Petit (1989), a análise procura ver o funcionamento, as partes do fenômeno social ou político. Já a dinâmica, o seu movimento ou tendência. A política se caracteriza com um programa e palavras de ordem. (MORENO; PETIT, 1989, p.21).

Para atuar na realidade política o partido utiliza das mais diversas táticas: faz acordos, pactos, unidades e frentes. A mais importante são as frentes únicas revolucionárias com organizações operárias. Nessas frentes se utiliza a tática da unidade-enfrentamento. É uma unidade em que a todo momento se denuncia o agrupamento reformista na unidade. É tensa e tensionada! Essa tática foi muito utilizada no momento do Fora Collor! pela C.S. junto à negativa do PT de chamar essa palavra de ordem. Segundo Moreno e Petit (1989, p.22),

[...] é bom esclarecer que nós nunca apoiaríamos uma direção burguesa, pequena-burguesa ou operária traidora, reformista ou burocrática, mesmo quando estivermos taticamente unidos numa luta. Nós somente apoiamos as lutas, as mobilizações, sejam dirigidas por quem quer que seja. A essas direções [...] nós os denunciemos sempre.

Os acordos, pactos e unidades são momentâneos e circunstanciais. Mas devem manter a total independência do partido revolucionário como condição, sem ferir princípios. Já as frentes trazem a ideia de algo a mais coesa, com organismo permanente. Obedece a condição de ser entre organizações da classe operária (MORENO; PETIT, 1989, p.37). Esse arsenal de táticas e conceitos elaborados pelos autores serviu a formação política e as ações da C.S. no Brasil.

### 3.7 A Convergência Socialista e a queda dos regimes stalinistas no Leste Europeu

Para a esquerda mundial, os acontecimentos da queda dos regimes stalinistas do Leste Europeu representaram uma verdadeira desilusão ou mesmo um processo de crise na afirmação do socialismo como um horizonte. De acordo com um ex-integrante da convergência socialista, José Welmovick<sup>45</sup>: “A primeira coisa que nós temos que partir é que o mundo mudou completamente, em todos os aspectos, depois do processo de revolução política no que aconteceu com o Muro de Berlim. E, em particular, essa mudança teve um pico de avanço, depois que essa revolução se estendeu e derrubou o regime totalitário dentro da União Soviética, em agosto. Esses fatos marcaram de tal maneira a década, o fim da década de 1980 e começo de 1990 que nós marxistas e revolucionários e burguesia foram obrigados a redefinir e rediscutir a situação mundial.

Mas nem todas as organizações percebiam esse fenômeno como algo progressivo, havia um clima de dúvida sobre o futuro do socialismo para outras organizações, mas não parecia ser esse o entendimento da C.S. assim descreve José Welmovick<sup>46</sup>:

O problema é como nós revolucionários encaramos essa mudança. Por um lado, vemos uma revolução grandiosa que, como nós dissemos, a ação das massas, contrariando muito dos dogmas stalinistas, inclusive modificando alguns dos prognósticos nossos trotskistas levaram de roldão 50, 70 anos de ditaduras burocráticos e abriram uma nova situação. Evidentemente, o fato do *debacle* do stalinismo ter se dado, após anos e anos de penúrias, de humilhações, de fome nos antigos Estados ditos socialistas. Levou a que esses movimentos de massas não tivesse uma perspectiva como teve antes na década de 50. A Revolução Política na Polônia e na Hungria socialista e revolucionária e anticapitalista abriu espaço para uma confusão e o surgimento de tendências pró-capitalistas, nacionalistas, que, num primeiro momento, aproveitaram esse processo e até hoje o dirige e também levou a permitir que o capitalismo, o imperialismo, pudesse fazer uma campanha mundial que dura até hoje, divulgando a lenda que o socialismo morreu! E muitos companheiros, ativistas honestos, até hoje tem confusão sobre isso. Agora, se isso é verdade!? Por outro lado, ninguém pode negar e é isso que os trotiskistas pregavam desde a fundação da 4ª Internacional que essa revolução é um tremendo fator progressivo para o processo mundial. E ao mesmo tempo botou à luz viva, com toda sua força a contradição tremenda que tem a humanidade dita por Trotsky em 1940, que é a sua crise de direção, ou seja, revolução grandiosa como a do Leste, como a da URSS, processos de

---

<sup>45</sup> José Welmovick, ex-integrante da Convergência Socialista. Dirigente da C.S. fala sobre a queda do Muro de Berlim. Disponível em : [youtube.com/watch?v=sVdI26vQQ](https://www.youtube.com/watch?v=sVdI26vQQ). Acesso em: 03.10.2019.

<sup>46</sup> José Welmovick, ex-integrante da Convergência Socialista. Dirigente da C.S. fala sobre a queda do Muro de Berlim. Disponível em : [youtube.com/watch?v=sVdI26vQQ](https://www.youtube.com/watch?v=sVdI26vQQ). Acesso em: 03.10.2019.

enfrentamento com o imperialismo em todo o mundo e a própria crise crônica que o imperialismo vive em sua economia, não são suficientes para garantir o futuro socialista para a humanidade, esse futuro só pode ser garantido por uma [...] a medida que os nossos tenham a sua cabeça uma direção revolucionária, uma internacional revolucionária, que possa conduzi-lo e esse processo infelizmente é uma grande contradição. Entre essas revoluções e a imaturidade dessa direção.

A forte crítica dos trotiskistas aos outros agrupamentos revela que o atraso na consciência das massas era gerado pelas direções reformistas, com esse destravamento estariam abertas as condições de fazer uma revolução política nesses países dirigidos por direções reformistas e “traidoras”. É claro que, diante dos acontecimentos, esse prognóstico não se confirmou sendo restabelecidas as relações capitalistas nos países do Leste Europeu. José Welmovick<sup>47</sup> assim descreve:

O stalinismo, os social-democratas durante anos encheram a cabeça dos nossos, e, até hoje, não foi possível superar o atraso gerado na consciência por esse processo. Nós, os revolucionários, no entanto, não podemos nos pegar a esse obstáculo, mas temos que pegar o fato mais progressivo, objetivo. São essas tremendas revoluções, a crise que gerou a ordem mundial, apesar da utilização da democracia burguesa e das direções burocráticas para tentar fazer avançar aquele fator que está tremendamente atrasado e que a contradição é gravíssima que é a direção revolucionária. Nós ficamos felizes com a Revolução, mas vemos como mais urgente que nunca a medida que os desafios são imensos e está colocado tarefas históricas e também a possibilidade de derrotas se não se resolve o problema da direção revolucionária. A tarefa da direção passou a ser, não só uma necessidade histórica, mas uma necessidade da realidade atual, da atualidade presente. Uma tarefa que Trotsky dedicou a vida inteira. E nós, hoje, tentamos no nível da LIT, em cada seção nacional, continuar é tarefa do presente como no Brasil, Argentina, no Leste em cada um desses países formar grupos revolucionários que possam desenvolver na Rússia, na Polônia, esses partidos a tempo e que possam impedir a restauração capitalista e avançar para o socialismo com democracia operária.

Para a CS, a queda dos regimes stalinistas no Leste Europeu teve o seguinte significado:

Os acontecimentos que abalaram o Leste Europeu durante todo o ano de 1989 significaram um enorme avanço revolucionário. As massas trabalhadoras do Leste levantaram-se contra a opressão das ditaduras burocráticas que governavam sob a mais feroz repressão. Ao mesmo tempo, mobilizaram-se contra a deterioração pela política desastrosa do stalinismo de querer construir o socialismo em um só país; isto é, isoladamente [...]. Ao contrário do que a propaganda do imperialismo tanto falou, com a derrubada das ditaduras burocráticas do Leste, o socialismo não acabou. O que acabou foi a grotesca caricatura do socialismo, que na verdade era o oposto, a negação dos seus princípios básicos. Quem foi derrubado no Leste não foi o socialismo,

---

<sup>47</sup> José Welmovick, ex-integrante da Convergência Socialista. Dirigente da C.S. fala sobre a queda do Muro de Berlim. Disponível em : [youtube.com/watch?v=sVdI26vQQ](https://www.youtube.com/watch?v=sVdI26vQQ). Acesso em: 03.10.2019.

mas sim uma casta de parasitas que sugavam seus privilégios das conquistas revolucionárias, cada vez minando-as mais. (FRANÇA, 2015, p.119).

A própria queda dos regimes estaria ligada à política de isolamento, da teoria do socialismo num só país. Na medida em que, desde a morte de Lênin, em 1924, quando Stálin passa a acumular poderes e a implementar o processo de burocratização com mais vigor, devida a culminância de fatores: a guerra civil russa e a luta contra as nações capitalistas invasoras dizimaram diversos bolcheviques, além de grande parte do proletariado que lutava pela revolução, deixando uma camada do proletariado que não havia vivido essa experiência e que assumiu postos e cargos sob o domínio de Stálin.

A guerra também provocou desabastecimento e destruição que exigiram enormes sacrifícios na luta pela recuperação econômica realizados pelo povo russo. As derrotas nos processos revolucionários na Alemanha, na China, Espanha e o Pacto Germano Soviético, assinado entre Stálin e Hitler, mostraram o problema a teoria do socialismo num só país, levando essas situações revolucionárias a derrotas das classes trabalhadoras.

A eliminação física e os expurgos dos antigos dirigentes bolcheviques também demonstram o quanto Stálin não queria manter nenhum fio de continuidade com a Revolução Russa de 1917 e seu alastramento pelo mundo. A dissolução da Terceira Internacional, a pedido da Inglaterra, França e EUA, só mostra o quanto não se tinha interesse em expandir os processos revolucionários.

Após a morte de Stálin, na década de 1950, a URSS já no processo de Guerra Fria, irá promover uma política econômica voltada para o armamentismo e a corrida espacial, o que drenava a maior parte dos seus recursos. Soma-se a isso, a execução de planos de produção em escala fordista em que não se tinha nenhum incentivo para a qualidade dos produtos, gerando desperdício e insatisfação. A burocracia como uma casta, não quer perder seus privilégios, passando a tentar se manter no poder a qualquer custo. O domínio imposto através da força sob Hungria, Tchecoslováquia, Polônia, somente agravou o desgaste da burocracia soviética com esses países e no mundo. A queda dos regimes stalinistas do Leste Europeu tem como elementos os seguintes aspectos para a CS.: 1) a teoria do socialismo num só país; e 2) a burocracia e seu papel de casta parasitária.

As posições da C.S. sobre esses acontecimentos históricos podiam ser vistas no seu jornal e em seus documentos políticos partidários. O que se destaca é que nos jornais se escrevia sobre essas questões usando uma linguagem mais simples. Dessa



maneira, o jornal era dirigido ao público da classe trabalhadora, tendo o jornal o papel de um agitador coletivo, nos moldes do Partido Bolchevique de Lênin, onde se procurava: 1) esclarecer as massas trabalhadoras; 2) agitá-las e 3) ganhá-las para as ideias do Partido – C.S.

Sobre a questão do Muro de Berlim, França (2015) nos dá os seguintes esclarecimentos a respeito da C.S.:

Em 1989, quando da queda do Muro de Berlim, o jornal Convergência Socialista considerava que ainda havia muitas dúvidas entre os trabalhadores brasileiros sobre o que realmente esse processo significava e a razão disso se encontrava na campanha da imprensa burguesa, que dizia que os alemães queriam voltar ao capitalismo. Segundo a C.S., não importava para a mídia que nenhum trabalhador da Alemanha Oriental tenha ido bater à porta dos patrões da Volkswagen, da Mercedes-Benz ou da Siemens, pedindo-lhes que por favor voltem à Alemanha Oriental. Afirmava ainda que a imprensa mentia para esconder que forma os trabalhadores alemães que de fato derrubaram o muro e, com isso, além de terem conquistado uma estupenda vitória, arrasaram o corrupto governo desse país, deixando aterrorizada a burguesia desse país. (FRANÇA, 2015, p.120).

Fiéis as ideias de Leon Trotsky, a C.S. conceituava os regimes stalinistas do Leste Europeu como Estados Operários burocratizados, sendo um equívoco conceitual e político atribuir a tais regimes, estados, o conceito de socialismo.

Tais países, além de expropriarem a burguesia, planificaram a economia, destruíram as forças armadas burguesas e aboliram, ainda que inicialmente, os segredos do comércio exterior. Nos moldes de uma ditadura do proletariado, de ditadura da maioria produtora sob a minoria expropriada. No entanto, as derrotas nas revoluções em outros países, a política do socialismo num só país, a burocratização do partido e o domínio de uma casta parasitária representam a contrarrevolução na Rússia revolucionária. Representam um freio ao avanço e universalização das conquistas, na medida em que a classe trabalhadora russa não tinha mecanismos de controle sob o partido e a casta parasitária. A ausência de democracia operária, de organismos como soviets, sindicatos e democracia interna no partido comunista fortaleceu a burocracia que impôs seu domínio e repressão sob a classe trabalhadora russa e seus “países satélites”.

Segundo França (2015, p.120), nas páginas do jornal C.S. podia se ler o seguinte:

Tanto Lênin como Trotsky, caracterizavam a União Soviética como um Estado Operário, de transição para o socialismo. Não era socialista, porque para eles era impossível construir uma ilha socialista, numa economia mundial dominada pelo imperialismo. O socialismo só seria possível em

escala mundial. A contrarrevolução stalinista mudou o regime da União Soviética. Na época de Lênin e Trotsky, havia um regime baseado na democracia operária. Depois da contrarrevolução stalinista, acabou a democracia dos soviets e uma casta burocrática passou a monopolizar o poder.

Para a C.S. não era possível construir o socialismo num só país. Apenas existia a possibilidade da Revolução Permanente, abandonada por Stálin que defendeu e implementou a teoria do socialismo num só país. A ausência de democracia operária e partidária minava a estrutura interna do Partido que controlava o Estado Operário, reproduzindo vícios burocráticos e a manutenção dos privilégios da casta parasitária implementando forte repressão e solicitando enormes sacrifícios na ampliação da produção das classes trabalhadoras, bem como a vigilância e repressão sob a classe trabalhadora russa. Antes desse processo de burocratização, era justamente, o contrário para a C.S.

O Estado era formado por uma organização completamente nova, os soviets, eleitos de baixo para cima nas fábricas, quartéis e no campo. Todos os representantes dos soviets podiam ser eleitos e revogados a qualquer momento – o que acontecia muitas vezes. Havia a mais ampla liberdade de expressão, e eram legais todos os partidos que fossem aprovados pelos soviets. O controle das massas sobre seus representantes era implacável: se não servissem, eram substituídos. E tudo isso apesar da guerra civil que durou até 1921.

França (2015, p.121) ainda destaca que esse grupo político advogava a existência de uma ampla democracia na Rússia logo após a Revolução de Outubro, apesar dos problemas econômicos gerados pela guerra civil e das maiores exigências que este impunha aos principais líderes bolcheviques. A ascensão de Stálin ao poder teria iniciado os expurgos daqueles que se opunham às suas medidas e dado origem à burocratização do partido, o que começou a matar a democracia naquele país.

Outros grupos também tinham suas caracterizações sobre o que veio a ser esse processo de queda dos regimes “ditos comunistas” no Leste Europeu. Por exemplo, o PCdoB que caracterizava a China como um capitalismo de Estado nos anos 1980. A CS via com desconfiança, pois concordava que havia capitalismo na China, mas a mesma se assemelhava ao caso russo, de um estado operário dominado politicamente por uma burocracia semelhante à stalinista na Rússia. (FRANÇA, 2015, p.122).

Para a C.S., o essencial era perceber que a gênese do colapso dos regimes do Leste Europeu residia, no próprio isolamento dos estados operários e a sua subserviência ao capitalismo. Coube a burocracia stalinista, fazer acordos com o imperialismo – freando as revoluções que poderiam ter um caráter de revoluções

socialistas mundiais. Ao mesmo tempo, a burocracia ensaiava atritos para se manter no poder. O que sinalizaria seu apoio as revoluções que expropriaram a burguesia no Vietnã, na Coreia e em Cuba. (FRANÇA, 2015, p.122).

Porém, houve uma mudança de postura quando a burocracia foi pressionada pelo movimento de massas na década de 1980. Passando a se associar com o capitalismo por se ver diante da possibilidade de ser derrubada por uma revolução operária optou por ser sócia menor do imperialismo. (FRANÇA, 2015, p.122).

Os próprios planejamentos econômicos traçados pela burocracia stalinista não se voltavam para as reais necessidades da classe trabalhadora, mas para a manutenção e ampliação de seus privilégios. Esse processo, de acordo com a C.S., gerava o desperdício de matérias-primas, corrupção e subornos. E grandes estoques negociados em mercados paralelos. A forma de protesto encontrado pela classe trabalhadora, dentro de um regime autoritário como esse era a diminuição da produtividade. (FRANÇA, 2015, p.122).

Para explicar a Queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã em 1989, a C.S. argumentava que milhares de jovens alemães ultrapassavam a fronteira para o lado ocidental, pois não queriam viver num país dividido, principalmente por se tratar de uma divisão imposta (por Stálin) e pelo fato de os jovens e trabalhadores nunca terem exercido o poder de fato nesse país em seu lado Oriental. Sendo ocupado por “burocratas teleguiados de Moscou”. (FRANÇA, 2015, p.122). No jornal da C.S., citado por França (2015), podia se perceber que todo o processo de queda dos regimes stalinistas no Leste Europeu e o resultado do fracasso da perspectiva do socialismo num só país.

Durante décadas, os teóricos do chamado socialismo em um só país, desde Stálin a Kruschev e Brejnev, afirmavam que a economia socialista ia se impor no mundo através de um processo de concorrência pacífica [...]. No interior do movimento trotskysta, a corrente de Mandel (no Brasil, representada pela DS) aceitava a premissa de que existiam no mundo dois blocos econômicos e políticos antagônicos [...] (para essa corrente) a perspectiva de uma restauração do capitalismo na União Soviética está posto de parte. [...] Trotsky, na verdade, sempre disse o contrário. Para ele, o socialismo só seria irreversível em uma etapa muito avançada de seu desenvolvimento, quando as forças produtivas tivessem superado de longe as do capitalismo. Mas isso só poderia acontecer com a vitória da revolução mundial, e não por um processo de concorrência. Enquanto ela não ocorresse, só haveria uma economia mundial [...] dominada pelo imperialismo. A Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT) sempre afirmou [...] que as burocracias [...] dos estados operários, ao manter e defender as suas fronteiras nacionais [...] entravam o próprio desenvolvimento [...]. A colaboração com o imperialismo e a ausência da democracia operária agravavam esse quadro. (JORNAL DA C.S., 1991, n. 19, p.11).

Dessa forma, a C.S. se mantinha alinhada aos prognósticos de Leon Trotsky e em seus escritos no livro *A Revolução Traída*, em que a perspectiva da teoria do socialismo num só país, levaria à restauração capitalista. Pensando haver uma revolução de natureza política que retirou a burocracia do poder, mas não efetivou a revolução social, não a manteve, cedendo ao capitalismo. Para França (2015, p.124),

Seguindo *A Revolução Traída*, A Convergência entendia que, ao contrário da revolução de outubro de 1917, essa nova revolução não mudaria o caráter do Estado soviético, que já era operário, mas sim o regime político, pois se tratava da substituição pela via revolucionária da gestão arbitrária da burocracia pela democracia da gestão dos trabalhadores. Um dos principais dirigentes da LIT, Nahuel Moreno, a partir do estudo da revolução política na Alemanha Oriental (1953) e na Hungria (1956), teria chegado à conclusão de que o mais provável seria ocorrerem duas fases – tal qual na revolução russa – no transcurso dessa revolução política: a que ele chamou de “fevereiro”, a qual palavra todo o povo contra o governo da burocracia, que seria dirigida por correntes pequeno-burguesas restauracionistas do capitalismo e não por um partido revolucionário, e que permitiria o surgimento de organismos de duplo poder, como comitês de fábrica, conselhos ou sindicatos independentes; e a fase que recebeu o nome de “outubro”, que seria, essa sim, dirigida por um partido revolucionário, o que a tornaria, portanto, um processo “consciente”, que construiria por fim o “socialismo com democracia”. (FRANÇA, 2015, p.124).

Com os acontecimentos do Leste Europeu se confirmou em parte a análise de Nahuel Moreno que era inspiradora da C.S. O fato de não terem se formado organismos de duplo poder virou o restante da análise. A revolução política que retirou do poder a casta burocrática no Leste Europeu, estabeleceu a democracia burguesa, chegando analogicamente a ser uma revolução de fevereiro na concepção trotskysta. Os setores que se estabeleceram durante o processo eram todos pró-capitalistas. A justificativa para tal fato era a ausência de um partido revolucionário e da própria formação de organismos de duplo poder. (FRANÇA, 2015, p. 125).

A C.S. acreditava que em 1991, com o processo na Rússia que o centro nevrálgico da revolução se encontrava nesse país.

[...] a União das Repúblicas Socialistas soviéticas é hoje o centro do processo revolucionário mundial [...] Os 131 milhões de assalariados nas empresas estatais soviéticas são os descendentes diretos da classe operária que protagonizou a primeira revolução socialista da história [...] derrotou militarmente o exército nazista [...] é também um dos operariados mais cultos do mundo. Pela tradição de seus trabalhadores e pela extensão e localização geográfica do país, os acontecimentos na União Soviética têm influência decisiva sobre a Europa em primeiro lugar, sobre os estados operários da China, Vietnã, Cuba e Coreia, e sobre toda a situação mundial. Por isso, o mundo já não é o mesmo desde que esse gigante, o proletariado soviético, voltou a lutar. (JORNAL DA C.S., 1991, n.13, p.11).

A posição da C.S. se apoia na transição e peso quantitativo do proletariado soviético, sob sua história e localização geográfica. Todos fatores importantes, mas insuficientes para a aposta feita.

A C.S. também criticava a Glasnost e a Perestroika, pois as considerava um embuste da pseudo revolução capitaneada por Gorbachov. As reformas não atingiam o centro dos problemas que era o autoritarismo e o controle da burocracia soviética. As medidas tomadas debilitavam o que havia de conquista mais importante: a propriedade estatizada e o monopólio do comércio exterior. Os resultados dessa política seriam: o aprofundamento da crise econômica, inflação, redução salarial e a dependência ao imperialismo capitaneados pelas reformas. (FRANÇA, 2015, p.126).

A análise da C.S. sobre o governo Gorbachov era crítica e considerava que esse governo conduziria a burocracia stalinista ao papel de nova burguesia que seria agente e beneficiária do capitalismo restaurado na URSS. (FRANÇA, 2015, p.126). Gorbachov era um inimigo da Revolução, um sócio de Bush para ter um grande mercado capitalista a ser explorado.

## **4 A LUTA DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA CONTRA O REGIME MILITAR**

### **4.1 A C.S. e sua luta contra o regime militar**

O período compreendido entre os anos de 1964 e 1985 foi interpretado e consagrado pelos estudos acadêmicos como ditadura militar. A forma autoritária dos governos militares no Brasil foi uma marca preponderante no período. Uma série de fatores de ordem social, política e econômica servem de base explicativa para que tais governos buscassem, através do Estado brasileiro, reprimir, torturar, retirar direitos e até assassinar opositores ao Regime militar. Apoiado pelo imperialismo americano, com receio do Brasil se tornar uma grande Cuba, com apoio de setores empresariais estrangeiros e nacionais, com a radicalização à direita de setores das classes médias conectados ao conservadorismo da família tradicional brasileira, com seu patriotismo tacanho e sua imposição e intolerância religiosa de matriz católica conservadora os militares encontraram um terreno fértil para lançar as sementes do anticomunismo como ideologia a ser combatida diante do colapso populista das reformas do governo João Goulart.

O golpe militar de 1964 pode ser entendido em conexão com o cenário internacional de Guerra Fria (EUA x URSS), da Revolução Cubana de 1959, e implementação de ditaduras militares na América Latina. Para Queiroz (2015, p.56),

[...] nesse contexto, as contrarrevoluções surgiram in natura, não como uma cerimônia solene, sem qualquer objetivo rigorosamente definido, ao contrário, elas apontaram vocacionados a bloquear as construções revolucionárias, cujos primeiros sinais engendraram um genuíno estado de alerta nas classes dominantes locais e estadunidenses. Nesse caso, e apresentada desse modo, elas apareceram como a resposta antecipada e preventiva à possibilidade de que as massas populares irrompessem de forma independente na cena histórica. Como não poderia deixar de ser, em casos assim, trata-se de um remédio preventivo aplicado pelos métodos característicos de guerra civil. Longe de serem atípicos, nessas circunstâncias, a brutalidade e o terrorismo são elevados à condição de recursos ordinários.

O golpe militar de 1964 assume feições e ações das situações contrarrevolucionárias, como uma prevenção contra as mobilizações e reivindicações das organizações políticas da classe trabalhadora. Em meio à polarização social, a alternativa ao desequilíbrio no domínio da burguesia ela se utiliza do artifício de impor,

ou permitir com seu apoio os métodos de guerra civil sobre o conjunto da classe trabalhadora. Segundo Queiroz (2015, p.56),

A questão verdadeiramente importante é que a contrarrevolução burguesa triunfante, em última análise, significa o aniquilamento físico do proletariado e de suas organizações. Deve-se chamar a atenção para o fato de que, nesse panorama, os partidos e as correntes de esquerda, os sindicatos e demais associações de trabalhadores, do campo e da cidade, bem como as organizações populares e estudantis vinculadas aos partidos e correntes de esquerda já citados, foram colocados na ilegalidade, sofreram intervenções e se tornaram vítimas recorrentes da ação policial. Em seu devir, esse processo desaguou no fenômeno que Huggins (1988) chamou de “controle interno autoritário”. Eis o ABC de todas as tradições contrarrevolucionárias.

Esse processo de guerra civil contra os opositores é descrito por Vieira (2014, p.115) da seguinte forma:

De acordo com o livro *Direito à memória e à verdade* (Comissão especial sobre mortos e desaparecidos políticos), publicado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, em 2007, registrava-se um total de 419 mortos e desaparecidos políticos. Destes 419, de 1964 a 1968, descobriram-se 39, e a partir de 1968 revelaram-se mais 380 mortos e desaparecidos políticos. Só em São Paulo, por exemplo, calcula-se que foram detidos no DOI-CODI (Destacamento de Operações e Informações / Centro de Operações de Defesa Interna) 2.600 pessoas, das quais 79 morreram.

O Brasil teve de 1964-1985, cinco governantes militares: Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Só no início do governo Castelo Branco, segundo Vieira (2015, p.38),

Em relação à democracia, Castelo Branco se limitou apenas a palavras. Entre 1965 e 1966, ele baixou três atos institucionais, 36 atos complementares, 312 decretos-leis, sem contar o projeto de reforma global da Constituição. Com Castelo Branco, ocorreram 3.747 atos punitivos, com uma média de mais de 3 por dia.

Faremos nesse tópico, uma síntese do período da ditadura civil-militar brasileira, para, posteriormente, através dos depoimentos do documentário *A Convergência Socialista e a ditadura militar* e da apresentação do ex-membro da C.S., Américo Gomes, realizada em Fortaleza, no Benfica, em agosto de 2015.

Ele destacou como foi a luta desse agrupamento trotiskista e como a repressão dos “anos de chumbo” os atingiu e perseguiu, seja torturando, fechando jornais desse grupamento, ou sendo auxiliado ou auxiliando empresários para manter desempregados os militantes da C.S. O Regime militar procurou de diversas formas atacar os militantes da C.S. em todo o país. Mas, principalmente, no eixo Sudeste, onde

os militantes da C.S. tiveram uma importante atuação em greves e paralisações de fábricas.

O agravamento da crise da democracia populista no Brasil, representada no governo João Goulart esteve marcado pela tentativa de conciliar interesses antagônicos das classes sociais brasileiras em meio a uma profunda crise econômica. Para Napolitano (1998, p.18),

[...] os últimos meses do governo Goulart foram marcados por muitas tensões. Até mesmo alguns setores da esquerda aumentaram suas críticas ao governo, acusando-o de tímido ou de reformista, quando, para eles, a saída seria a radicalização através da revolução popular. Jango se viu, então, pressionado pela esquerda e pela direita, ou seja, pelos pólos antagônicos que formavam o “pacto político” da democracia populista. Sem poder atender completamente às exigências de ambos, o governo foi se tornando indeciso e fraco, enquanto boa parte das elites civis e militares conspirava contra Jango. Diante da crescente mobilização popular em torno das reformas de base, as correntes que defendiam a derrubada do governo pela força ganharam cada vez mais adeptos, sobretudo a classe média, cujo grande medo era que o “comunismo” viesse junto com as reformas. Diga-se de passagem que esse conservadorismo da classe média será um dos pilares de apoio do golpe que logo ocorreria.

As lutas e mobilizações populares assustavam as classes dominantes brasileiras e a Doutrina da Segurança Nacional, criada pelos membros da defesa dos EUA, logo depois da Segunda Guerra Mundial, visava conter, barrar, qualquer ideia ou tentativa de aproximação dos países subdesenvolvidos com o comunismo, tudo isso dentro do contexto de Guerra Fria e Pós-Revolução Cubana, em 1959. De acordo com Napolitano (1998, p18.),

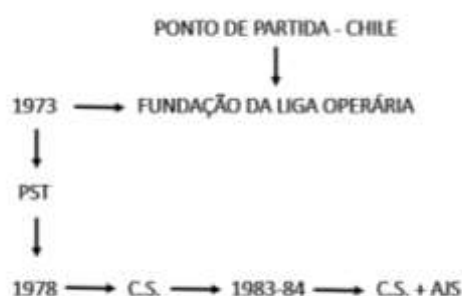
O agravamento da crise sócio-econômica e a crescente organização dos trabalhadores na forma de movimentos sociais e sindicais eram entendidos pelas elites como sinônimos de fraqueza do governo, incapaz de controlar a instabilidade econômica e os conflitos sociais. Para perturbar ainda mais a conjuntura política do Brasil, o governo Jango, dependente do apoio das elites (sobretudo daquelas ligadas ao PSD), estava impedido de radicalizar sua política de reformas, para atender às reivindicações dos trabalhadores. Se o fizesse, perderia parte importante daquele apoio, fato que efetivamente ocorreu [...].

O desfecho do golpe de 31 de março de 1964 pode ser visto como uma ação organizada por forças internas e externas associadas ao capital, ao imperialismo e ao conservadorismo anticomunista, que recorreram ao bonapartismo dos militares para conter os movimentos populares em nome da garantia de manter patamares de exploração e lucratividade para as classes dominantes e o capital estrangeiro associado ao imperialismo norte-americano. Conforme Napolitano (1998, p.),



Cercado pelos conspiradores e prisioneiro de seus próprios limites, já que identificado com um sistema democrático-populista, o governo Jango foi derrubado pelo Regime militar de 1964, o que não implica afirmar que toda sociedade brasileira tenha se rendido ao golpe e ao regime imposto. O Brasil entrava, assim, na era do Regime militar, que não só afetou a face política do país como acabou por transformar outros aspectos da vida nacional. (NAPOLITANO, 1998, p.8).

A C.S. não existia nesse momento do golpe de 1964. Sua existência, ou seu embrião de existência remonta ao ano de 1973 – com a fundação da Liga Operária. Esquemáticamente podemos perceber sob o seguinte quadro:



Segundo Waldo Mermeistein<sup>48</sup>, “O justo é reconhecer que nossa origem remonta aos companheiros que constituíam o ponto de partida no Chile. Que tinham tido militância aqui no Brasil. Inclusive, com Túlio Quintiliano (militante assassinado pela ditadura de Pinochet, no Chile) que foi nosso primeiro mártir.

Os relatos de Maria José Lourenço<sup>49</sup> também dão passos decisivos para se entender esses passos iniciais: “tivemos contato com Mário Pedrosa, exilado no Chile, e Peter Camejo do SWP norte-americano (organização trotiskista dos EUA)”. E, através disso, também tiveram acesso ao Documento do 9º Congresso da IV Internacional, conhecendo Nahuel Moreno do PST, argentino e fundando o Ponto de partida.

Tanto Waldo Mermestein quanto José Maria Lourenço avaliavam na época que tinham como objetivo o retorno ao Brasil, com a missão de construir um partido revolucionário no país. Segundo Waldo Mermestein, “fizemos um documento em que analisávamos que haveria um processo de abertura no país, que a ditadura não

<sup>48</sup> Waldo Wermestein, ex-integrante da Liga Operária, um dos militantes que vieram do Chile para o Brasil, fugido de ditadura de Pinochet. Foi ex-membro da C.S. Depoimento do documentário A Convergência Socialista e a Ditadura Militar. Disponível em: [youtube.com/watch?V=Ze917XMO7y.39min](https://www.youtube.com/watch?V=Ze917XMO7y.39min). Acesso em: 03/10/2018.

<sup>49</sup> Maria José Lourenço, militante da Liga Operária, preso pela ditadura brasileira. Conhecido como Zezé, também foi militante da C.S.

conseguiria manter o regime de terror até então [...]”. Já José Maria Lourenço declarava: “vamos construir partido ou fazer guerrilha? Vamos construir um partido com influência de massas com o objetivo de mobilizar as massas e conduzir esse movimento para o processo revolucionário”.

A Liga Operária tinha um jornal conhecido como Independência Operária, que era distribuído na Argentina e no Brasil. A organização atuou na clandestinidade até o terrível episódio da primeira prisão de seus integrantes. Waldo Mermenstein chega a relatar que: “Não se podia ficar mais de 5 (cinco) minutos parado para esperar alguém. Havia batidas policiais e se você estivesse com algum documento [...]. Então, era [...] que eu ia muitas vezes ao cinema para não ficar na rua e entrava em qualquer sessão, com qualquer filme”.

A própria impressão do jornal da organização era um grande problema, a compra de um mimeógrafo a álcool fez com que o jornal Independência Operária circulasse com maior tiragem, mas levou o grupo a correr risco, pois o mimeógrafo era um aparelho vigiado nesse período.

No dia 28 de abril de 1977, Celso Brambilla, Márcia Basseto Paes e José Maria de Almeida são presos ao distribuírem panfletos no ABC Paulista para o primeiro de maio. José Maria de Almeida<sup>50</sup> relata:

Eu tinha um fusquinha, nós saímos de madrugada na estação de Mauá. Faltavam só uns 200 a 300 boletins [...]. Estavam eu, Celso e Márcia. Parou um carro da PM do lado, eles estavam quase nos liberando. Aí, parou um carro da rota do comando deles e pegou o panfleto. Aí disse: pode prender [...]. Nenhum de nós tinha ficha. E eles ficavam em dúvida! Será que são laranjas?

A vigilância sob os militantes tinha variações dependendo do espaço de atuação política. De acordo com José Maria Lourenço, “quando nós estávamos no movimento estudantil vigiavam e controlavam. Mas não era a mesma coisa quando fomos para o movimento operário. Foi uma violência exagerada. No caso do Celso apanhar por causa de um panfleto”. No caso das torturas, o relato de José Maria de Almeida nos mostra toda força repressiva e humilhação associada aos maus tratos:

Nós apanhamos, de várias formas. Eles tentaram obter algo, por vários dias. Batiam, colocavam agente na cadeira do dragão, sem roupa e davam choque.

---

<sup>50</sup> José Maria de Almeida, membro da L.O. e também da Convergência Socialista. Relato no documentário: A C.S. e a ditadura militar. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=3ze917xmo7y>. Acesso em: 03/10/2018.

Aquilo era uma tragédia [...]. E pau de arara [...] quando eles amarravam os dedos e rodavam aquilo, a impressão era que tinham arrancado tudo.

Diante das prisões dos membros da Liga Operária se iniciou uma forte campanha junto ao movimento estudantil pela libertação dos membros da L.O. Foi um movimento que pedia a anistia ampla e irrestrita aos presos e banidos e pelas liberdades democráticas. A imprensa procurou obter informações junto ao governo do Estado de São Paulo. Logo após 30 dias, todos haviam sido absolvidos do processo.

Em março de 1978, o PST (Partido Socialista dos Trabalhadores) lança o *Versus*, que era um jornal de imprensa alternativa, atuando na área cultural. Foi através desse jornal que se lançou a proposta de organizar um partido socialista no Brasil, naquele momento. O jornal chegou a sofrer atentados à bomba em sua sede no Rio de Janeiro e, em 12 de maio de 1979, a sede do jornal *Versus* de São Paulo, foi invadida por um grupo paramilitar de direita. Nesse acontecimento, foram levados documentos da contabilidade e a redação foi depredada. (FILHO, 2007, p.3). Para Omar L. de Barros Filho,

Faernan costumava dizer que *Versus* nascera sob o signo da tristeza provocada pela morte do jornalista Vladimir Herzog nos porões da ditadura, fato que horripou o país em 1975. O drama de Herzog na prisão coincidiu com a impressão da primeira edição no jornal, em torno de 12 mil exemplares, formato tablóide, 52 páginas. Distribuído precariamente de mão em mão, em bancas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras cidades, e financiado, em parte, por um salário anual extra de Faernan, *Versus* calou fundo na sensibilidade dos leitores, e iria mais longe que o esperado. (FILHO, 2007, p.10).

Ainda segundo Filho (2007, p.11), ao longo do tempo, os colaboradores iniciais foram ficando e outros chegando, aumentando a adesão voluntária de jornalistas, escritores, poetas, professores, cineastas, sociólogos, ilustradores, chargistas, além dos próprios eleitores. Um jornal com dificuldades de recursos, mas que foi de completa resistência à censura do Regime militar.

Outra característica importante do jornal *Versus* foi:

[...] também porto seguro para refugiados políticos, e outros discriminados pela sorte. Hoje, pode-se dizer, sem medo de exagerar, que a redação era uma espécie de “Cruz Vermelha”. Recebia não só fugitivos estrangeiros em busca de asilo, trabalho e documentos, como dava guarida a qualquer brasileiro com talento atrás de um espaço em uma folha de jornal para registrar suas ideias, crenças ou experiências. Muitos iniciaram em *Versus* o ofício de escrever, reportar ou desenhar. Era uma coisa caótica e poucas regras, mas sempre aberta, onde se respirava o jornalismo em sua verdadeira essência quase artesanal. (FILHO, 2007, p.12).

Com o *Versus* sendo veículo para o chamado a construção de um partido socialista, teve início o processo de construção do Movimento Convergência Socialista. Em agosto de 1978, houve uma convenção e passou a atuar esse M.C.S como uma associação civil com atos em todo o país e numa campanha pela legalização da C.S. com cerca de 800 delegados vindos do país inteiro, de acordo com José Welnowick<sup>51</sup>.

Na avaliação dos integrantes do PST, o país passava por um processo de abertura sendo possível ali a formação de um partido. Muitos membros acabaram presos. Segundo Bernardo Cerdeira<sup>52</sup>,

Eu ía para casa num táxi, e fui cercado por três, quatro viaturas, com carros policiais à paisana [...]. Me jogaram no chão, me algemaram e começaram a dar voltas com o carro. Foram presos 23 companheiros e 3 dirigentes internacionais: Nahuel Moreno, Rita Strasberg, Antônio Sá Leal.

A prisão de Nahuel Moreno poderia significar sua morte. Conforme descreve Bernardo Cerdeira,

Existia a ameaça de que Moreno fosse deportado para a Argentina, onde seria com certeza assassinado. Ele era exilado político na Colômbia. Isso motivou uma campanha internacional muito forte, realizada pela Fração Bolchevique e pelo Secretariado Unificado da Quarta Internacional, com solidariedade do mundo inteiro e com o chamado a uma greve de fome na PUC.

A campanha obteve sucesso, mas os membros da C.S. sofreram: José Maria Lourenço ainda ficou preso por quatro meses e outros dirigentes foram soltos apenas quatro meses depois. Foi com as primeiras prisões e pela forte atuação dos membros da C.S. junto ao movimento operário que se desencadeou a Operação Lótus. Segundo Godoy (2012, p.489),

Os agentes da Seção C continuaram fotografando e seguindo os trotiskistas até que, entre os dias 21 e 22, os homens da Casa da Vovó (DOI-CODI) chegaram à conclusão que era hora de agir. Prenderam 25 e interrogaram estudantes e veteranos comunistas para preparar um organograma da Convergência. A operação foi uma razia entre as fileiras da C.S. Três dirigentes internacionais estavam no cárcere com 5 dos 8 integrantes da Comissão Executiva, além de 3 dos 4 membros do secretariado. O agente Chico participou da captura de Bernardo Viana Marques Cerdeira e Maria José Costa Giraldi. Os dois foram cercados pelos agentes perto da Avenida Doutor Arnaldo. O pior era a queda de Moreno – que vivia exilado na Colômbia. Os presos na operação começaram uma greve de fome no DOPS e protestos estouraram em Portugal e na França. Todos temiam que o regime brasileiro entregasse o líder trotiskista à junta militar argentino, que

---

<sup>51</sup> José Welnowick, ex-integrante da C.S. Depoimento no documentário a C.S. e a ditadura militar. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=3ze917xmo7y>. Acesso em: 03/10/2018.

<sup>52</sup> Bernardo Cerdeira, integrante da C.S. Depoimento no documentário a C.S. e a ditadura militar. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=3ze917xmo7y>. Acesso em: 03/10/2018.

certamente o executaria. Ele, sua mulher e Leal acabariam expulsos do país. O casal foi para a Colômbia e Leal voltou para Portugal. Os demais foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional. O verão da Convergência acabara. A ideia não. No ano seguinte, ela ajudaria a construir o Partido dos Trabalhadores, do qual se tornaria uma corrente minoritária. (GODOY, 2014, p.489-490).

A Operação Lótus tinha como objetivo destruir a Liga Operária e a Convergência Socialista. O DOPS e o SNI chegaram a reconhecer que deram um duro golpe na C.S. Porém, não à destruíram<sup>53</sup>.

Passemos agora a discutir sobre o jornal Convergência Socialista e sobre a forma repressiva que a ditadura militar o tratou. O jornal Convergência Socialista surge por volta de março de 1977, era um tablóide, com até oito páginas de jornal. Segundo Bernardo Cerdeira<sup>54</sup>,

Em 1979, nós decidimos tiar um jornal regular, que se chamava Convergência Socialista, quinzenal. E foi um jornal que noticiava a greve e chamava a greve. E, por causa disso, foi utilizado por vários ativistas em cidades como Jundiaí, SJC. Para parar fábricas e foi utilizado como se fosse parte do movimento, como se fosse um jornal do movimento.

Devido a isso, o ministro do trabalho Murilo Macedo fez ataques diretos a C.S. e seu jornal em relação às greves. O DOPS em nota chegou a afirmar que a organização mais ativa durante a greve era a C.S., prendendo vários militantes e investigando as infiltrações da C.S nas greves. (BERNARDO CERDEIRA<sup>55</sup>, 2014).

Ainda, segundo Bernardo Cerdeira, “eles chamavam toda redação do jornal da C.S. para depor e pressionavam para que o jornal não aparecesse nas greves”.

Na realidade, o incômodo que causava o jornal Convergência Socialista obrigou a que a repressão utilizasse outros meios de intimidar ou liquidar a imprensa operária e socialista. Chegaram a jogar uma bomba incendiária numa sede C.S. em São Paulo. Mas houve uma política de asfixia econômica aos jornais Versus e C.S.

Em novembro de 1983, surge o jornal Alicerce que, em dezembro de 1983, se unifica ao jornal da C.S., surgindo o jornal Alicerce da Juventude Socialista.

A C.S. atuou de forma decisiva em diversas greves, nas Diretas Já! e pela redemocratização e revolução. Seus jornais foram decisivos nos mais diversos espaços

<sup>53</sup> Anexamos os documentos da Operação Lótus ao final do trabalho.

<sup>54</sup> Bernardo Cerdeira, integrante da C.S. Depoimento no documentário a C.S. e a ditadura militar. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=3ze917xmo7y>. Acesso em: 03/10/2018.

<sup>55</sup> Bernardo Cerdeira, integrante da C.S. Depoimento no documentário a C.S. e a ditadura militar. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=3ze917xmo7y>. Acesso em: 03/10/2018.

operários como propagandista das greves e lutas contra a ditadura militar. As greves da Embraer de 1983, 1984 e 1988, a greve da FORD de 1985, tiveram como lideranças militantes da C.S. A luta pelo reconhecimento desse grupo ultrapassa a reparação do Estado brasileiro e retorna o debate sobre a punição das empresas, torturadores e demais responsáveis pela criminalização e violência exercida sobre aqueles que lutavam contra as injustiças<sup>56</sup>.

## **4.2 O papel da C.S. no combate às opressões de raça, gênero e homossexual (LGBTIs)**

### **4.2.1 A Convergência Socialista e o Núcleo Negro Socialista (NNS)**

A Convergência Socialista foi responsável por organizar grupos que lutaram contra as opressões, o MUCDR (Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial), que tinha sido pensado pelo Núcleo Negro Socialista, pertencia à Liga Operária e a Fração Bolchevique. Sua política era a de buscar aproximar negros e negras da organização. A partir da década de 1970, a Liga Operária aproveitou o impulso de crescimento do movimento negro, pela questão da África do Sul, Guiné-Bissau e as expressões de luta nos EUA. Através do jornal Versus, e sua intervenção nas lutas antirraciais, se organizou o Núcleo Negro Socialista.

[...] apontava para um movimento que aglutinasse não só o negro, mas todos aqueles que sofrem discriminações: negros, mulheres, indígenas etc., o que explica a denominação inicial Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR). O objetivo fundamental era legitimar a luta contra o racismo no plano sociopolítico, ampliar a consciência racial da sociedade brasileira e oferecer formação política para as lideranças negras. Quanto à estrutura, o MUCDR possuía centros de luta formados por negros e núcleos de apoio dos outros movimentos sociais de composição plurirracial. (SANTOS, 2005, p.26).

Segundo Santos (2015), a proposta se ampliou para o âmbito nacional, lideranças negras de vários estados foram contactadas pela Liga Operária e se formaram núcleos negros socialistas em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

---

<sup>56</sup> Nos anexos, destacamos duas edições do jornal AJS, mais voltado para os espaços estudantis, secundaristas e universitários, porém, mantendo todo o eixo operário e socialista. Esse jornal teve importante destaque na campanha das Diretas Já!

No Rio de Janeiro e em São Paulo, em junho da década de 1970, é fundado o MUCDR. É marcada uma assembleia de fundação que se realizou em São Paulo. Foi deliberado o lançamento através de um ato público, que se manifestasse sobre o quadro das desigualdades sociorraciais. No meio dessa proposta, uma divergência entre o Núcleo Negro Socialista e Cecan (Centro de Cultura e Arte Negra). O Cecan achava que aquele não era o momento propício para se manifestar publicamente contra o racismo e também ao caráter socialista, na medida em que os tempos eram de repressão e ditadura. (SANTOS, 2005, p.28).

As disputas entre o Núcleo Negro Socialista e a Cecan já datavam desde a interpretação e ação para a data do 13 de maio. O Cecan entendia que a data não deveria ser alvo de convocações, devido a hipocrisia que foi a Lei Áurea, a população não deveria ir às ruas diante dessa data. Já o Núcleo Negro Socialista pensava o contrário, que era necessário ir às ruas, pois essa era uma data significativa, porém deveria ser observada criticamente a questão abolicionista, buscando quebrar o mito da princesa generosa e redentora e também qualquer ideia de democracia racial. (SANTOS, 2005, p.28).

A proposta do Núcleo Negro Socialista foi vitoriosa e o 13 de maio entrou no calendário do Movimento Negro Brasileiro como o Dia Nacional de Luta contra o Racismo. Cabe salientar que como contraponto foi escolhida a data de 20 de novembro, como elemento mítico para a luta da população negra. Essa proposição, também do Núcleo Negro Socialista, tinha como objetivo ampliar no Brasil a consciência social contra o racismo, de forma que, cada vez mais, os não-negros pudessem assumir e defender a melhoria da condição social dos negros brasileiros. Na verdade, era uma política voltada para uma sociedade plurirracial, buscando resgatar e valorizar a memória de Zumbi de Palmares. (SANTOS, 2005, p.28).

Segundo Kössing (2007, 232),

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos homens negros, também, sejam respeitados. Seu primeiro evento foi o ato público, em 7 de julho de 1978, em São Paulo. Organizou-se um ato para protestar contra os casos de discriminação racial, que levou a morte de Robson Silveira Luz, em decorrência de torturas numa delegacia de polícia de Guaianazes e o caso do Clube de Regatas Tietê, que teria proibido o treino de alguns garotos negros no Clube.

Na mesma perspectiva, Santos (2005, p.29) aponta que

Em junho de 1978, aconteceram dois episódios importantes para o acirramento daquela divergência: a divulgação na imprensa paulista do tratamento discriminatório a quatro atletas negros que foram impedidos de frequentar o Clube Tietê de São Paulo e a violência policial que levou à morte o operário Robson Silveira Luz. Essas circunstâncias motivaram protesto, mobilização e repúdio contra o racismo na sociedade brasileira. No

dia 7 de julho de 1978, o MUCDR e várias entidades negras organizaram um ato público em frente às escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em repúdio a discriminação racial [...].

Para Kössing (2007), os movimentos negros visavam unir esforços no sentido de combater o racismo por meio do viés político, diferentemente da estratégia predominante até então dos movimentos negros que priorizavam a sociabilidade entre afrodescendentes e resistiam a politização do debate. O MUCDR foi um projeto pensado inicialmente por negros que se autodenominavam trotiskistas e que militavam na Liga Operária – depois transformada em Convergência Socialista.

O movimento negro se viu diante de duas formas de combate e atração: a do N.N.S. que realizava uma leitura de combate ao racismo pela compreensão da esquerda no binômio raça e classe se voltando para uma atuação política. Já o Cecan (Centro de Cultura e Arte Negra), optava pelo combate pelos meios culturais.

O Núcleo Negro Socialista procura atuar politizando o debate racial por meio de várias táticas: concentração em praças públicas, panfletagens e atos públicos se enfrentando ou se apresentando perante à ditadura, com mais incidência e iniciativa em ações de luta contra o regime. (SANTOS, 2005, p.31).

Porém, esse posicionamento reforçava a divergência no Movimento Negro, gerando posições distintas em relação às manifestações culturais. Para Santos (2005, p.31),

As lideranças negras, oriundas do Núcleo Negro Socialista, aproximaram-se das manifestações culturais como potencial de mobilização para ampliar a consciência da raça e classe. As lideranças negras oriundas do processo cultural compreendiam a mobilização cultural como canal de pressão contra a ideologia racial vigente e de formação da consciência negra, capaz de resgatar a identidade racial reprimida pelo mito da democracia racial.

Esse processo levou a uma cisão no movimento negro de esquerda, pois haviam ideias de que as organizações de esquerda não encaminhavam de maneira mais consequente a luta antirracista, pela composição racial de suas direções (maioria branca) e por não haver prioridade dessa política nas organizações. (SANTOS, 2005, p.32).

Santos (2005) lembra que o Movimento Negro Socialista passou a sofrer perseguições do DEOPS, e de que a Convergência Socialista dirigia o agora MNU (Movimento Negro Unificado), surgido na II Assembleia Nacional do MUCDR. O Núcleo Negro Socialista tinha também como objetivo que a C.S. tornasse a política antirracista como algo essencial e buscar ampliar o mínimo de militantes negros na



organização. As diferenças entre o MNU e o Núcleo Negro Socialista são apontadas da seguinte forma no depoimento de Hamilton Cardoso, citado por Santos (2005, p.36):

[...] o projeto de luta anti-racismo para a sociedade brasileira delineado pelo MNU estava permeado, apesar da utopia socialista, de um nacionalismo afro-norte-americano, reformulado a partir da filosofia do Partido Panteras Negras. Já o Núcleo Negro Socialista absorveu uma gama maior de influências da luta anti-racismo. Sua visão mais global e universal foi concebida a partir da reflexão sobre a história dos Panteras Negras nos EUA, da luta contra o apartheid na África do Sul, da revolução na Guiné-Bissau, do pensamento político europeu e do trotiskismo. A experiência de combate ao racismo dentro da esquerda foi uma vitória como criação, mas um fracasso em seu processo de implementação.

O Núcleo Negro Socialista desempenhou um papel decisivo para a história do Movimento Negro brasileiro sendo articulador do MUCDR e, posteriormente, o MNU. As divergências táticas não podem ser um único elemento para se entender seus avanços ou recuos, mas o próprio racismo e a conjuntura de repressão do Regime militar. Sobre o MNU, apontamos a seguinte observação de Gónzales (1982, p.64):

À guisa de conclusão deste depoimento, não podemos deixar de ressaltar que o advento do MNU consistiu no mais importante salto qualitativo nas lutas da comunidade negra brasileira, na década de setenta. Vale notar que as entidades culturais que, de um modo ou de outro, se distanciaram do MNU (por discordarem de sua proposta ou por falta de clareza política), foram obrigados a se posicionarem de maneira mais incisiva, justamente porque o MNU conquistou espaços políticos que exigiram esse avanço por parte delas. Hoje, não dá mais para entender posições culturalistas, intelectualistas, coisas tais, e divorciadas da realidade vivida pelas massas negras.

Para a própria construção do MNU, o Núcleo Negro Socialista foi de muita importância, por politizar o debate e pelo caráter de se enfrentar com o Regime militar. Passemos a debater a contribuição da Convergência Socialista ao debate acerca da questão de gênero.

#### ***4.2.2 A C.S. e a questão de gênero: a luta feminista e classista-socialista***

Durante os anos de vigência do Regime militar, as mulheres não saíram de cena no combate à repressão militar. Diversas foram torturadas, perseguidas e atacadas pela repressão, exploração e opressão que dominaram o país em meio a tutela militar. Para Pinto (2003, p.66),

A década de 1970 lançou para o mundo e para o Brasil a questão da mulher. No Brasil, a particularidade da implementação do movimento deu-se por conta da paradoxal situação. Por um lado, o Regime militar e repressivo não

via com bons olhos qualquer tipo de organização da sociedade civil, ainda mais quando se tratava de mulheres que, inspiradas nas norte-americanas, ameaçavam a tradição e a família brasileira. Mas o paradoxo se constitui na medida em que as mulheres também não encontram guarda ente os grupos que lutavam contra a ditadura e professavam ideologias de tipo libertária [...]. De qualquer forma, no fim da década, havia um fato inegável: o movimento feminista existia no Brasil. Frágil, perseguido, fragmentado, mas muito presente, o suficiente para incomodar todos os poderes estabelecidos, tanto dos militares como dos companheiros homens de esquerda. Na década seguinte, o feminismo brasileiro viria a experimentar a redemocratização.

Segundo Toledo (2007, p.214),

[...] a mulher da classe trabalhadora nos anos 70 e 80 teve um salto de qualidade em sua consciência política e sindical, isso se deu a sua forte participação nas lutas de sua classe e nos processos de organização política e sindical. As mulheres aumentaram sua participação na população economicamente ativa (PEA). Para se ter uma ideia no setor primário (agropecuária), as mulheres passaram de 96% em 1970, para 12,6% em 1980. Já diante do setor secundário (indústria), 12% saltou para 16,6% e, no setor terciário (comércio e serviços) foi de 38,2% para 43,1%. Apesar de se encontrar a maior parte das mulheres em funções menos qualificadas e em serviços considerados femininos, a maior participação da mulher nos setores terciário e secundário, forneceu sua conscientização enquanto mulher trabalhadora.

Foi também durante os anos 1970-1980 que o proletariado feminino teve sua maior organização sindical e política. Segundo Toledo (2007, p.215),

A mulher teve destacada participação na derrubada dos pelegos e na fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Aconteceram inúmeros congressos sindicais, que reuniram milhares de trabalhadores do campo e da cidade. Surgiram novas lideranças femininas, e suas reivindicações ganharam corpo num programa de luta que combinava as bandeiras comuns a toda classe trabalhadora com as exigências específicas da mulher. (TOLEDO, 2007, p.214-215).

Isso foi importante, pois permitiu as mulheres atuar baseadas no classismo e a manter, apresentar e lutar por suas pautas específicas como exemplo a questão da legalização do aborto e o direito de decidir sobre seu corpo. E também nas lutas pela anistia política. Passou-se a ter homens e mulheres da classe trabalhadora lutando contra a exploração, a repressão e a opressão de forma organizada. Mas também, segundo Toledo (2007, p.215),

Apesar de a participação da mulher ser, ainda hoje, minoritária e insuficiente nas organizações sindicais da classe trabalhadora, durante os anos 1970 e 1980, ela deu um salto nessa participação, passando a reivindicar mais poder na tomada de decisões no âmbito de comissões de fábrica, sindicatos com departamentos femininos, e as mulheres começaram a levar os congressos e encontros por categorias a reivindicação de quotas para mulheres nas instâncias de direção dos organismos de classe.

O feminismo presente, na Convergência Socialista, apresenta-se discutindo a questão de gênero sem perder a conexão da opressão e da exploração. É um feminismo classista e socialista inserido nas lutas da classe trabalhadora. O exemplo pode ser dado pela atuação da Maria José Lourenço, dirigente da organização. A própria Toledo (2007, p.216), ex-integrante da Liga Operária e da C.S., jornalista e colaboradora do Jornal Versus, descreve a compreensão de superar a exploração combinada à superação do capitalismo:

Se a situação da classe trabalhadora mundial e dos setores oprimidos está cada vez pior, é impossível pensar que é possível amenizar a opressão da mulher. Pelo contrário. A tendência é que ela aumente a cada dia, o que torna cada vez mais urgente a luta da mulher trabalhadora contra toda forma de opressão e pelo fim do capitalismo.

Como síntese do documento *As tarefas do trotiskismo para as mulheres*<sup>57</sup>, comentaremos aqui algumas teses.

Uma primeira ideia importante é a de que somente a revolução socialista poderia libertar todas as mulheres. Porém, há uma consciência de que nem todas as mulheres apoiarão uma revolução socialista. Essa revolução buscaria libertar todos os explorados de todos os sexos e raças. Somente a tomada do poder pelo proletariado seria garantidora dessa revolução sob a direção do partido marxista revolucionário. (TOLEDO, 2007, p.240).

O documento também declara que o trotiskismo deveria estar na linha de frente pelas reivindicações dos direitos das mulheres. Mas que era contrário à sujeição ou colaboração entre as mulheres operárias e burguesas. O que acentua o recorte classista do feminismo das mulheres da Fração Bolchevique e, conseqüentemente, da C.S. (TOLEDO, 2007).

Como propostas programáticas: aborto livre e gratuito, divórcio, plena igualdade legal, eliminação da discriminação aos filhos nascidos fora do matrimônio. A palavra de ordem do trabalho igual por igual trabalho, a redução da jornada em 50% caso a mulher deseje e por creches, salas de descanso, restaurantes e lavanderias coletivas, salário para dona de casa e por pleno emprego para as mulheres, eram as principais propostas. Mas, conforme Toledo (2007, p.242),

---

<sup>57</sup> Resolução aprovada em março de 1980 pela Fração Bolchevique, antecessora da Liga Internacional dos Trabalhadores – LIT (1982). A C.S. se orientava pelas resoluções da Fração Bolchevique, que era dirigida por Nahuel Moreno.

Nos sindicatos, onde trabalham mulheres, exigimos uma representação das mulheres na direção sindical proporcional a seu número na força de trabalho, o que significa, desde já, que, nos sindicatos majoritariamente femininos, a direção sindical seja majoritariamente feminina; exigimos que essas reivindicações sejam incorporados aos estatutos sindicais. Estamos a favor da criação de comissões femininas nos sindicatos.

Esse seria um programa democrático e transicional que somente se efetivaria com a tomada do poder pelo proletariado e pela revolução socialista mundial. Essa seria a única forma de garantir a real igualdade, plena e permanente das mulheres e demais setores oprimidos da humanidade. O que demonstra a perspectiva feminista classista e socialista presente na C.S. (TOLEDO, 2007, p.242).

#### **4.2.3 A Convergência Socialista e a luta contra a opressão aos LGBTIs: O Grupo Somos**

Mesmo diante de toda repressão militar e do conservadorismo nos costumes, os grupos LGBTIs não deixaram de travar suas lutas e buscar sua organização. Um importante grupo de luta pela causa LGBT surge ligado à Convergência Socialista trata-se do: Somos. De acordo com Simões (2009, p.96),

Em abril de 1978, no momento em que vinha à luz o número zero do *Lampião*, o *Jornal Versus*, Já então ligado à organização trotiskista Convergência Socialista (atual PSTU) promoveu uma semana de debates políticos que incluía um dia de discussão sobre a imprensa alternativa. Uma tentativa de impedir a participação do representante do *Lampião* nesse debate, rebatida pela leitura de uma noção de protestos, desencadeou em uma acalorada discussão sobre a homossexualidade e política. O vínculo original do que viria a ser o Somos – SP formou-se dos participantes desse debate que se identificavam como homossexuais interessados em discutir sua sexualidade “ a partir de suas próprias vivências. O grupo, naquele momento era composto por cerca de quinze homens, que passaram a realizar reuniões semanais dedicados a relatos confessionais, seguindo uma prática já consagrada nos grupos feministas, e também a discussão sobre a possibilidade de formação de um movimento político mais amplo em aliança com feministas e outras minorias.

No entanto, o grupo apareceu pela primeira vez numa carta para o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, na carta, nomeia o protesto pelo tratamento preconceituoso dado à homossexualidade pela grande imprensa (SIMÕES, 2009, p.96). Segundo o mesmo autor:

Na carta, o grupo adotava o nome do Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais. Em fevereiro de 1979, Por ocasião da Participação numa semana de debates sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados, promovido pelos estudantes do Centro Acadêmicos do curso de Ciências Sociais da universidade de São Paulo (USP), o grupo foi batizado

como Somos. O nome evocava o jornal publicado pela extinta Frente de Libertação Homossexual da Argentina e fora uma proposta do escritor e poeta Glauco Mattoso. (SIMÕES, 2009, p.96-97).

Para Trevisan, (2018, p.232), o resultado mais concreto do debate da USP foi uma surpreendente afluência de participantes no grupo que, a partir dali se consagrou definitivamente como Somos - nome expressivo, afirmativo, polidrômico, rico em semiótica e sem contradições. Para Trevisan (2018, p.322),

Oficialmente definido com o nome de Somos – Grupo de afirmação homossexual, de dez gatos pingados, chegamos rapidamente a uma média de cem pessoas. Essa afluência obrigou a uma organização estrutural, tantos eram os pequenos e diversificados grupos que se formaram para troca de ideias e discussão de uma forma mais sistematizada. As reuniões se reversavam nas casas dos participantes, já que não havia local parecido com uma sede – nem se queria, para evitar centralismos, burocratizações e também para manter um clima de semiclandestinidadade, ainda necessária naquele período da vida brasileira, inclusive porque tínhamos indícios de que a polícia acompanhava nosso trabalho. (TREVISAN, 2009, p.322).

No interior do Somos, duas expressões organizativas se enfrentarão: uma que, segundo Macrae (2008), pode ser chamada de autonomista e a outra que se expressa nas posições da Convergência Socialista. Trevisan (2018) tem fortes críticas à forma como atuou a Convergência Socialista no interior do Somos. No entanto, ele descreve uma série de experiências no Somos:

Dentro do Somos, creio que houve, sobretudo nessa época de ouro, uma série de tentativas interessantes em termos de estilos alternativos de vivência política no âmbito cotidiano. Uma das ideias chave, presente desde os primórdios do grupo, foi a de que a homossexualidade devia ser uma instância de determinação dos próprios homossexuais. Daí por que víamos com antipatia as investidas de Psiquiatras, Juízes e Padres, com suas teorias ou dogmas sobre a questão. Não gostávamos de ser objetos de pesquisa. Lembro de uma violenta discussão que eclodiu quando um dos membros do grupo, estudante de antropologia, começou a tomar votos exaustivos durante as reuniões, porque decidira fazer sua tese universitária sobre o Somos- sem pedir licença aos demais participantes. Ele só pôde continuar seu trabalho ali dentro depois de muitos debates, que culminaram numa série de exigências, como a de que ele próprio, enquanto homossexual, fosse apresentado como sujeito objeto de sua pesquisa. (TREVISAN, 2018, p.325).

Para Macrae (2009): No ano de 1979 e no ano de 1980, as reuniões de subgrupos de identificação eram o maior atrativo. Eram relatos autobiográficos, relatando momentos de suas vidas. Com forte carga emotiva e criadora de vínculos. Muitos chegavam a deixar cursos e empregos para se dedicar totalmente ao Somos. Era “o casamento com o grupo”.

Em abril do ano de 1980, aconteceu o I encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), restrito aos convidados e grupos homossexuais. Foi um encontro

com grandes discussões e sobretudo acirradas. Havia diversas organizações como Partido dos Trabalhadores, que surgira há pouco, o PCB e o Partido Comunista do Brasil. A C.S esteve no encontro, já como uma corrente interna do P.T. (SIMÕES, 2009, p.106).

As disputas entre grupos autonomistas e outras organizações se acirraram. Já havia desconfianças e disputas. Para Macrae (2008, p.273),

Nessa altura, a pretensa comunidade dos iguais do Somos já estava bastante fraturada. A clivagem entre “veteranos” fundadores e os recém-ingressos era potencializada por uma diferença ideológica entre anarquistas/autonomistas e marxistas. Devido a exigências de consenso dentro do grupo, não havia a possibilidade dessas tendências aflorarem claramente e calmamente discutidas em seus prós e contras. Qualquer manifestação de divergência mais acentuada era definida como “luta pelo poder”, por aqueles mais influentes dentro do Somos. Portanto, a partir do momento em que a existência de unidade do grupo foi pela adoção de atuações clandestinas. (MACRAE, 2008, p.273).

A partir do EGHO, foi acentuado as divergências até culminar na marcha do Somos. O estopim foi a proposta da C.S. em participar do ato público na Vila Euclides, de apoio a greve dos trabalhadores, por ocasião do 1º de maio dos trabalhadores. E a outra proposta que era a de realizar um piquenique, onde se teria um clima mais descontraídos, depois das tensões do encontro. (MACRAE, 2008, p.275).

Segundo MACRAE (2008, P.275): “Os 50 homens e mulheres homossexuais que acabaram participando do ato público, sob a faixa “Comissão de Homossexuais pró -19 de maio, foram muito bem recebidos pelos outros manifestantes, o que os deixou eufóricos”.

Trevisan (2018, p.334) chega a rediscutir essa questão defendendo o piquenique sob os seguintes argumentos:

Nessa ocasião, debateu-se a proposta de não realizar uma passeata e sim uma tomada festiva do centro da cidade, através de uma escola de samba e batucada. Além de descaracterizar nossa ação frente aos métodos do movimento estudantil de esquerda, pensávamos num protesto que fosse menos sisudo, condizendo com nosso direito de estar e paquerar na via pública. O coeso grupo dos trotiskistas rechaçou em bloco a proposta, acusando-a de tentar folclorizar e diluir a seriedade política da passeata. O curioso é que, dois anos depois, por ocasião das eleições estaduais de 1982, o Partido dos Trabalhadores (PT) - no seio do qual se concentravam esses grupos trotiskistas - utilizou junto as escolas de samba para realizar comícios festivos no centro da cidade de SP. E, em suas campanhas nacionais posteriores, incluiu até mesmo como slogan partidário o direito de ser feliz. Já não se teriam o folclore naturalmente. (TREVISAN, 2018, p.334).

Mas a conjuntura repressiva fez novamente o Somos a ir para às ruas. Uma campanha contra a “Operação limpeza”. Segundo Simões (2009, p.111),

Paradoxalmente, logo após o racha do Somos, aconteceria a principal ação pública dos militantes homossexuais da época. A campanha contra a “Operação Limpeza” promovida pela polícia de São Paulo, capitaneada pelo delegado José Wilson Richetti contra os frequentadores noturnos do centro da cidade, atingindo especialmente a rua Vieira de Carvalho e a longo do Arouche, pontos de efervescente sociabilidade homossexual. Um ato público realizado em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, no final da tarde de 13 de junho de 1980, reuniu os fragmentos do Somos e representantes dos movimentos feministas e negro. Cerca de mil manifestantes seguiram em passeatas pelas ruas do centro, naquela que pode ser considerada a primeira manifestação de rua do movimento homossexual no Brasil. (SIMÕES, 2009, p.112).

A fração homossexual da C.S. fez um trabalho coletivo e sistematizou a partir da experiência do Somos, um livro publicado em 1981. De autoria de Hiro Okita, esse livro na realidade é fruto dessa elaboração coletiva. Assim, segundo Wilson Honório (ex-membro do Somos), na introdução ao livro de Okita (2015, p.8),

Neste livro, se encontram sintetizados os debates e experiências dos militantes da Fração Homossexual da C.S., que estiveram entre os fundadores do Somos e que, no interior da entidade, defenderam uma política sistemática de aliança com os demais oprimidos, a juventude e, particularmente, trabalhadores.

Passemos a algumas ideias apresentadas por Okita (2015). Uma ideia importante apresentada no livro de elaboração coletiva do somos é a seguinte: A homossexualidade sempre foi parte integrante da sexualidade e aceita na grande maioria das sociedades fundacionais, embora não fosse a forma predominante. O que remete a ideia de que a homossexualidade é um fenômeno natural dos seres humanos nas sociedades fundacionais. A dominação patriarcal, o medo de não deixar herdeiros é um dos fatores para a proibição homossexual. A família de matriz heterossexual buscará reprimir os impulsos ou manifestações de homossexualidade ao longo dos séculos.

O mesmo autor também descreve a participação do Somos no ato da Vila Euclides:

Havia certa apreensão por parte dos ativistas quanto à reação dos operários e essa atuação inédita na história do País. Mas, quando cerca de 50 homossexuais, homens e mulheres, entraram no estádio da Vila Euclides, a reação dos 100 mil operários ali reunidos foi das mais inesperadas. Aplaudiram vivamente o grupo que postava duas faixas: “Contra a intervenção nos sindicatos” e “Contra a discriminação do Trabalhador (a) homossexual”. Enquanto isso, os membros do Somos que se opuseram à participação no ABC faziam um piquenique. (OKITA, 2015, p.79).

Cabe ressaltar que o vazamento de um documento interno da C.S. sobre sua política para o Somos agilizou a crise no grupo. A falta de cuidado com documentos internos em plena repressão militar e dentro do Somos onde as divergências se acirraram foi um grave erro cometido pela C.S. No entanto, segundo Simões (2009), o jornal do Somos acabou sendo o seguinte após os atos e o “racha”:

Passada a efervescência produzida pelo ato contra a “Operação limpeza”, a relação entre os fragmentos do Somos voltou a se deteriorar. Em 1982, o Somos conseguiu se estabelecer uma sede, no bairro da Bela Vista, região central de São Paulo. O grupo procurou manter-se ativo, participando dos debates da campanha eleitoral, promovendo festas, tentando produzir um jornal alternativo, “o corpo”, que chegou a ter uma dúzia de edições, e organizar um cineclube. Mas seus militantes remanescentes dispunham de poucos recursos para tocar seus projetos e tornar a sede um espaço atraente de sociabilidade, em comparação com o desenvolvimento cada vez mais acentuado do mercado de consumo e serviços voltados aos homossexuais. A saída de mais militantes do Somos levou a formação de grupos de estudo, que acabaram se dissolvendo e, a partir de alguns desses militantes, formou-se a coletiva Alegria-Alegria, que se constituiu como um “grupo de vivência” e teve certa duração. Em 1983, problemas financeiros e dificuldades em conseguir novos membros levaram o grupo Somos a abandonar sua sede e se dissolver. (SIMÕES, 2009, p.113-114).

Em que pesem os erros ou acertos da fração da Convergência Socialista no Somos sua defesa da aliança com os oprimidos e a classe trabalhadora, suas ações nos atos contra a repressão dão a marca da necessidade de aliança e luta política aos grupos LGBTIs. A busca de elaboração coletiva de uma obra como a de Okita (2015) mostra o esforço da organização coletiva em formular teoria sobre o assunto e trocar alternativas programáticas para o combate à homofobia.

#### **4.3 A Convergência Socialista: da repressão militar ao reconhecimento do Estado Brasileiro**

Foi no dia 25 de outubro de 2013 que a 77ª Caravana da Anistia deu seu reconhecimento a toda perseguição política realizada pelos regimes militares com o apoio de empresas e do Estado brasileiro aos ex-militantes da Convergência Socialista. A Comissão de Anistia de Ministério da Justiça reconheceu todo o papel e a importância da Convergência Socialista no processo de resistência e luta pela derrubada da Ditadura Militar no Brasil.



Os ex-militantes tiveram reparação e reconhecimento como perseguidos políticos no Regime militar. Segundo Américo Gomes (2013, p.16)<sup>58</sup>,

Essa luta nem sempre foi reconhecida pelos historiadores, nem mesmo pelo conjunto das organizações da classe trabalhadora. Por isso, após alguns anos de luta, estamos tendo uma grande vitória: haverá o reconhecimento oficial do papel da Convergência Socialista e seus militantes na luta contra a ditadura.

Isso ocorreu depois de 35 anos, tal foi a demora temporal para o Estado brasileiro pedir desculpas e reconhecer o papel que teve a Convergência Socialista. Perseguida, com seus militantes sofrendo prisões e torturas. No auditório do Tuca, conhecido teatro da PUC-SP, local de encontros históricos que organizaram a luta contra a ditadura. Estiveram presentes mais de 700 pessoas que assistiram e se emocionaram com o ato. A Caravana foi dividida em duas partes: a primeira pela manhã relembrou a luta da Convergência e homenageou seus bravos militantes. Na segunda, foram feitos os julgamentos e pedidos de anistia e reparação<sup>59</sup>.

A Comissão de Anistia dedicou toda a seção pública à Convergência Socialista, tendo o reconhecimento de seu papel e sua luta contra a ditadura juntamente com todas as injustiças realizadas pelo regime no País. Segundo Gomes (2013, p.16),

Nos últimos anos, toda esta luta vem sendo reconhecida pelo Estado e pelo movimento dos trabalhadores com os processos de anistia e a reparação política. Já passaram por esse processo os companheiros José Maria de Almeida, Dirceu Travesso, Romildo Raposo, Antonio Donizete Ferreira (Toninho), Tarcísio Eberhardt, Ernesto Gradella, José Cantídio de Souza Lima (Cipó), Maria Cecília Garcia, Lilian Irene Queiroz, Luís Carlos Prates (Mancha), Antônio Fernandes Neto, Alexandre Fuesco e Oscar Itiro.

A violência do Regime militar sobre os membros da C.S. e sua luta pelo reconhecimento dessa violência por reparação e justiça e pela punição aos torturadores assume a dimensão dos maus-tratos e desrespeito a integridade corporal das pessoas, causando nos seres humanos uma espécie de rebaixamento pessoal (HONNETH, 2009). Ainda retirando a livre disposição de seu corpo, pela forma de que

[...] toda tentativa de se apoderar do corpo de uma pessoa, empreendida contra sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de

<sup>58</sup> GOMES, Américo. Caravana julga processos de anistia de presos e perseguidos políticos da Convergência Socialista. **Jornal Opinião Socialista** – PSTU, nº470, de 15 a 29 de outubro de 2013, ano 16.

<sup>59</sup> Estado reconhece luta da Convergência Socialista contra a ditadura. Opinião Socialista – PSTU, nº471, 30 de outubro a 12 de novembro de 2013, ano 16.

humilhação que interfere destrutivamente na autorrelação prática de um ser humano, com mais profundidade do que outras formas de desrespeito, pois a particularidade dos modos de lesão física, como ocorreram na tortura ou na violação, não é constituída, como se sabe, pela dor puramente corporal, mas por sua ligação com o sentimento de estar sujeito à vontade de um outro, sem proteção, chegando à perda do senso de realidade. Os maus-tratos físicos de um sujeito representam um tipo de desrespeito que fere duramente a confiança, apreendida através do amor, na capacidade de coordenação autônoma do próprio corpo; daí a consequência ser também, com efeito, uma perda de confiança em si e no mundo, que se estende até as camadas corporais do relacionamento prático com outros sujeitos, emparelhada com uma vergonha social. Portanto, o que aqui é subtraído da pessoa pelo desrespeito em termos de reconhecimento é o respeito natural por aquela disposição autônoma sobre o próprio corpo que, por seu termo, foi adquirida primeiramente na socialização mediante a experiência da dedicação emotiva; a integração bem-sucedida das qualidades corporais e psíquicas do comportamento é depois como que arrebatada de fora, destruindo assim, com efeitos duradouros, a forma mais elementar de autorrelação prática, a confiança em si mesmo. (HONNETH, 2009, p.214-215).

Esse processo de violência afetando toda intersubjetividade perturba o sentimento de reconhecimento, subtraindo a capacidade comunitária de poder estar presente nas decisões políticas minando os espaços de reconhecimento intersubjetivo e por consequência democráticos (HONNETH, 2009). Para o mesmo autor,

[...] saber empiricamente se o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos da vergonha social e da vexação, se torna uma convicção política e moral depende sobretudo de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos – somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para as ações de resistência política. (HONNETH, 2009, p.224).

Para se ter uma ideia do desrespeito e da forma como Honneth (2009) destaca os expressivos efeitos das torturas, vejamos alguns depoimentos dos ex-militantes da C.S. Primeiro José Maria de Almeida<sup>60</sup>:

Nós apanhamos de várias formas, [...], eles tentaram obter algo, vários dias nos batiam, colocaram na cadeira do Dragão, sem roupa e davam choque. Aquilo era uma tragédia [...]. E pau de arara [...] Quando eles amarravam os dedos e rodavam aquilo a impressão era que tinha arrancado tudo.

Mas a repressão agia também para fichar e auxiliar as empresas a não contratar militantes. Segundo Maria Cristina Salay<sup>61</sup>:

Eu fui demitida da BROSAL na época da greve, quando voltamos, teve 4 meses de estabilidade que foram conquistados. No dia que terminou a estabilidade, eu fui demitida. Depois fiquei 2 anos sem conseguir trabalho.

<sup>60</sup> A C.S. e a Ditadura. <http://youtube.com/watch?v=8zc917xmozy>. 39min.

<sup>61</sup> A C.S. e a Ditadura. <http://youtube.com/watch?v=8zc917xmozy>. 39min.

As vezes, você ía, passava no teste, aí de repente, eles diziam: “num dá! eles sabiam onde nós estávamos o tempo todo”<sup>62</sup>.

As demissões eram dirigidas e estavam de acordo com a perseguição política do período militar como regra. Para Américo Gomes<sup>63</sup>,

Alguém patrocinava esses aparatos de repressão! O Cláudio Guerra, num livro chamado *Memórias de uma guerra suja*, conta que o pessoal recebia em contas clandestinas nos bancos. Ele falava o seguinte: eu tinha o meu nome e eu tinha um nome frio, com uma conta fria no Banco Mercantil. E os caras botavam dinheiro para mim; dos bônus que eu recebia por ter notado o pessoal que tava na luta ou nada. Fleury recebeu um grande bônus de duas ou três vezes o seu salário quando matou Mariguela [...]. Isso, dessas empresas que patrocinavam, isso precisa vir à público [...]. A exigência é de punição.

Os ex-membros da C.S. tiveram diversos tipos de perdas, segundo Valério Arcary, em seu depoimento emocionado à Comissão da Verdade<sup>64</sup>,

[...] fui deslocado do trabalho em Osasco para o movimento estudantil e cheguei a tempo no Congresso da UNE em Salvador. Militei no movimento estudantil durante dois anos, fiquei profissionalizado da demissão de 1979 até 1983, quando voltei a ser professor na Rede Estadual. Essa história minha não é diferente da história de mais de 150 companheiros que militaram na Convergência Socialista e que entraram no processo de Anistia. Minha história não é diferente da de cada um deles, nós todos íamos nos aproximar da classe trabalhadora, mas grandes concentrações industriais.

A avaliação da C.S sobre a ditadura é revelada por Valério Arcary que durante sua chegada ao Brasil se proletarizou (processo em que o militante passa a ser parte da classe ou se aproxima dela). Nesse período, nas frações industriais da classe trabalhadora do ABC Paulista, no caso de Arcary, em Osasco. Segundo Arcary<sup>65</sup>,

Nós achávamos que havia uma chance de derrubar a ditadura, nós acreditávamos que [...] nós sabíamos que havia uma estratégia de fazer uma transição para poupar o desmoronamento do aparato policial-militar. Mas nós acreditávamos que se houvesse mobilização da classe trabalhadora e se ela se unificasse com a juventude, o impacto social dessa aliança poderia permitir uma ruptura mais profunda, de maneira que se enraizasse na história do Brasil liberdades democráticas muito mais amplas que aqueles que nós conquistamos. Essa era nossa esperança, essa foi a nossa aposta. E as apostas

---

<sup>62</sup> Apresentação de Américo Gomes sobre a C.S. em Fortaleza. <http://youtube.com/watch?v=hxckxurese>.

<sup>63</sup> Apresentação de Américo Gomes sobre a C.S. em Fortaleza. <http://youtube.com/watch?v=hxckxurese>.

<sup>64</sup> Depoimento de Valério Arcary na 77ª Caravana da Verdade. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=st93b7npjg>.

<sup>65</sup> Depoimento de Valério Arcary na 77ª Caravana da Verdade. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=st93b7npjg>.

políticas guiaram a destino de cada um de nós, as estratégias de vidas pessoais de cada um de nós.

A localização dos militantes da C.S. nos setores da classe trabalhadora industrial e no movimento estudantil era o reconhecimento dos dois setores mais dinâmicos de luta contra o Regime militar. A aliança operário-estudantil seria a possibilidade de derrotar o regime e ampliar as liberdades democráticas. A esperança no futuro de um Brasil melhor, sem repressão e o reconhecimento por prestar total disposição à luta contra o Regime militar é a demonstração de que a luta valeu a pena. Para Valério Arcary<sup>66</sup>,

Talvez os mais jovens estejam se perguntando: e os sacrifícios? Não, camaradas! [...] pausa. Os sacrifícios são irrelevantes! As alegrias são muito maiores! Nós lutamos o bom combate! Nós nos transformamos em pessoas decentes. E, se na história do Brasil, o empurrão que nós demos foi pequeno, não foi o que nós queríamos. Nós temos porque nos orgulhar do que fizemos. E essa luta é uma luta que está viva todos os dias. O mundo não vai melhorar sozinho. Ele precisa que cada um de nós dê um passo à frente, que tenha coragem, que tenha valentia de tentar ser uma pessoa melhor e fazer a coisa decente e não ter medo de fazer a coisa decente. É possível! E sendo assim, é possível que tenhamos pequenas alegrias como hoje! E um pouco de justiça!

Mesmo depois de 35 anos do processo de repressão militar os ex-integrantes da C.S. mantinham uma corajosa e valente esperança e exigiam além do reconhecimento e reparação a punição dos torturadores e colaboradores do Regime militar. Na avaliação dos ex-militantes da C.S.<sup>67</sup>.

Para isso, é necessário restaurar a verdade e a memória; fazer a reparação (econômica, moral e histórica); responsabilizar judicialmente os que violaram os direitos humanos e cometeram crimes e também reformar as instituições que serviram à ditadura (com a eliminação de seus resquícios: legislação, cargos de segurança e poder judiciário da época).

Essa passado brasileiro, em que a anistia igualou torturadores e torturados parece fortalecer no presente visões estereotipadas em que aqueles que cometeram crimes contra os direitos humanos, utilizando todo aparato estatal saíam impunes e ileso de seus crimes imprescritíveis. Somente o Brasil não acertou contas com esse passado? Na Argentina, Chile e Uruguai aqueles que cometeram tais crimes foram

---

<sup>66</sup> Depoimento de Valério Arcary na 77ª Caravana da Verdade. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=st93b7npjg>.

<sup>67</sup> Estado reconhece luta da C.S. contra a ditadura. **Jornal Opinião Socialista** – PSTU, nº473, 11 de dezembro a 5 de fevereiro de 2013, p.13.

julgados. Daí se exigir reconhecimento, memória, abertura de arquivos secretos, reparação econômica, moral e histórica. Caso contrário<sup>68</sup>,

A certeza da impunidade é que faz com que os atuais agentes do Estado continuem cometendo crimes. Ter a certeza da investigação e da punição, mesmo que seja futura, os intimidará. Punir os repressores do passado é fundamental para lutar contra os repressores de hoje e de amanhã, uma necessidade para defender.

Em depoimento, o falecido ex-integrante da C.S. Dirceu Travesso, numa atividade de homenagem à Convergência Socialista, afirmou: “O problema da reparação. Nós não estamos discutindo o dinheiro. A reparação aqui é histórica, a reparação é o debate de que significa o aprendizado daqueles que deram as suas vidas para isso aqui que está acontecendo [...]”<sup>69</sup>.

O Estado brasileiro havia reconhecido anteriormente o papel de outras organizações e ativistas por suas lutas contra o Regime militar brasileiro. Militantes do PT, PCdoB, Polop tiveram sua anistia e reparação. Dessas, a única que não havia sido reconhecida foi a Convergência Socialista. O que foi realizado no dia 25 de outubro de 2013. No entanto, ainda permanece a luta pela punição de torturadores e colaboradores do Regime militar brasileiro. Fato importante que servirá de exemplo aos apologetes e saudosistas do criminoso e torturador Regime militar brasileiro.

---

<sup>68</sup> Estado reconhece luta da C.S. contra a ditadura. **Jornal Opinião Socialista** – PSTU, nº473, 11 de dezembro a 5 de fevereiro de 2013, p.13.

<sup>69</sup> <http://youtube.com/watch?v=mdahyzmpya>. 23 de agosto de 2013.

## 5 A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA EM FORTALEZA

Realizamos quatro entrevistas com ex-integrantes da Convergência Socialista em Fortaleza: 1) Jânio Vidal, entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019; 2) Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019; 3) Nericilda Rocha, entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 23 de setembro de 2019; e 4) Euclides de Agrela, na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019. Também utilizamos informações de Monteiro (2010)<sup>70</sup>.

Para Portelli (2016, p.21),

A oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente deles.

As formas como os depoentes expressam suas lembranças e memórias estão revestidas de crenças, valores, ideias que contornam e dão forma ao que são suas atitudes perante o mundo, aparecem ressignificadas em projetos coletivos e sua personalidade se funde a isso, numa aposta de transformação social. A importância das memórias desses ex-militantes da Convergência Socialista se encontra também como uma forma de combater revisões de papéis sociais e históricos daqueles que lutaram contra a ditadura militar.

Numa época de fake news, propagadas como verdade, de uma direita que afirma a positividade do regime civil-militar e do crescimento do neofascismo, essas entrevistas fazem um contraponto fundamental para uma construção social referenciada na afirmação e legitimidade daqueles que lutaram e ainda lutam pelo socialismo. Segundo Portelli (2016, p.18),

A história oral, então, é história dos eventos, história da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado. Nesse momento, quando o próprio significado da democracia italiana passa por uma drástica revisão direitista baseada no desmerecimento da narrativa fundadora da Resistência antifascista, a história da memória é, no mínimo, tão importante e necessária quanto à história dos eventos.

---

<sup>70</sup> MONTEIRO, Luis Eduardo Braga. **A participação da Convergência Socialista na Construção do PT (1978-1992)**. Graduação – Curso de História – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, 2010.

Acreditamos que essa pesquisa e os relatos e memórias apresentados vão na contracorrente dessa onda direitista e revisionista, representada pelo governo de Jair Bolsonaro no ano de 2019.

### **5.1 As origens da C.S. em Fortaleza**

Passemos a algumas informações obtidas por Monteiro (2010) sobre as origens da C.S. em Fortaleza.

Na pesquisa de Monteiro (2010), encontramos um dado inicial importante sobre o surgimento da Convergência Socialista no Ceará. O ex-militante Percival Palmeira, citado por Monteiro (2010, p.57), destaca que

A C.S. era um grupo de quatro pessoas, na verdade, dois que vinham de São Paulo e que não tinham nenhuma inserção em movimentos e dois que vinham daqui. Então, nosso primeiro passo para a construção da C.S. aqui no Ceará foi através do movimento estudantil. Localizados em dois núcleos, um na UNIFOR e outro na UECE. Posteriormente, veio a resolução que o trabalho prioritário deveria se dar sobre o movimento secundarista, através do Alicerce da Juventude. Ou seja, era completamente inexistente o trabalho no movimento operário e sindical.

O agrupamento da C.S. surge no seio do movimento estudantil universitário de Fortaleza, que recebe a orientação de trabalhar através do Jornal Alicerce da Juventude Socialista, que representa “um braço” da C.S. junto ao movimento estudantil. Como uma tática de construção partidária, com o objetivo de ganhar para suas ideias novos militantes entre os jovens estudantes, tinha como centro o jornal, divulgador das ideias como aproximador de sua política. Organizaram-se politicamente na juventude da C.S., como podemos compreender, apostaram no movimento secundarista. Talvez, por perceber nesse setor a possibilidade de proletarização.

Tínhamos como hipótese que o surgimento da C.S. havia se dado com a vinda do PT para Fortaleza. Conforme vimos acima, essa hipótese não se comprovou. Foi a formação autônoma em relação ao PT que se comprovou. Porém, dificilmente, a C.S. teria crescido e se consolidado sem realizar o entrismo no PT. Sempre marcado por uma profunda tensão. Cabe ressaltar também que a C.S. era mais coesa e maior em

número de militantes na região do Juazeiro do Norte do que em Fortaleza. Ao menos no início dos anos de 1980. Segundo Fábio José Queiroz<sup>71</sup>,

Em 1983, eu era mais inorgânico do que orgânico. Eu ficava oscilando entre o mundo da resistência cultural e a resistência política mais aberta. Nós, em Juazeiro, tínhamos um grupo que fazia teatro, pintura, literatura. E eu consegui a façanha de dividir o grupo. Eu fiz uma proposta que o grupo assumisse uma faceta marxista. E olha que eu não conhecia quase nada do marxismo. Era uma coisa quase intuitiva do que científica, vamos dizer assim! E o grupo rachou. Sendo que uma parte do grupo tinha feito a campanha do PT em 1982.

Apesar da tensão do racha, a outra parte citada por Fábio José Queiroz passou a compor a C.S. Os dois mundos em que vivia o depoente, na verdade, eram a expressão de duas ações políticas presentes como opção nesse grupo. Segundo Fábio José Queiroz<sup>72</sup>,

E uma parte desse pessoal vai se somar comigo, já no final de 1983 e 1984, para organizar a Convergência Socialista no Juazeiro do Norte. Em 1984, nós montamos a primeira sede da Convergência Socialista que depois foi investigada, pela arapongagem do CENIMAR (Centro de Inteligência da Marinha).

Assim, a C.S. tem dois centros de atuação em Juazeiro do Norte e Fortaleza em que se deslocam militantes tanto do interior para a capital quanto no movimento contrário. Esse movimento ocorre de acordo com a dinâmica da luta de classes e também de acordo com o grau de inserção da C.S. no movimento operário e sindical. Porém, o que chama a atenção é a espionagem do Regime militar sobre a C.S. no Juazeiro do Norte. Fábio José Queiroz<sup>73</sup> relata a respeito disso:

Engraçado que nós não sabíamos absolutamente de nada do que estava acontecendo. Muitos anos depois nós vamos ter acesso a uma documentação e estava lá! A nossa sede, tudo minuciosamente detalhado sobre nossa sede e tudo. Que era numa rua estreita, ao lado da Igreja Matriz, que era uma garagem. Aparentemente, não despertava nenhuma desconfiança, suspeita. E, de repente, aquilo tudo estava vigiado. E olha que isso era no começo de 1984. E aí, é no final de 1983, começo de 1984, que a campanha das Diretas Já! vai acontecer.

---

<sup>71</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>72</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>73</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.



Mas ao que parece, nos anos de 1980, a C.S. já é uma seção, agrupamento ou corrente interna do PT, sendo nossa hipótese realimentada. A origem, ou o surgimento do PT está intimamente ligado ao surgimento da C.S. em Juazeiro do Norte. Lembrando que anteriormente mostramos que a C.S. surge antes do PT no Sudeste do país e que a C.S. é o primeiro agrupamento a chamar pela construção do PT. Ou seja, em Juazeiro, a origem da C.S. está colada ao PT. Segundo Fábio José Queiroz<sup>74</sup>,

Eu comecei a simpatizar mais um pouco com as ideias da esquerda aos 15 anos, quando houve uma greve no ABC, em 1978. E, depois, fui conhecendo de uma maneira meio atravessada rudimentos do marxismo. Mas tudo era solto. Até que, em 1980-81, comecei a olhar um pouco o que estava acontecendo à minha volta. O surgimento do PT, o processo de recomposição dos PC's. Até que [...] eu estava um pouco hesitante. Em 1982, eu tive dúvidas de qual a melhor tática para a eleição. Havia um discurso muito forte dos partidos comunistas de apoiar candidatos da oposição que tinham chance de ganhar, que era no caso o PMDB. Já era PMDB, já tinha passado a reforma partidária. Até que eu conheci um jornal do Alicerce da Juventude Socialista, que na capa tinha: “Nosso voto útil é esse!”, com Lula na capa. E explicando o porquê o trabalhador tinha que votar no Partido dos Trabalhadores. Isso causou um impacto muito grande. Eu decidi que iria me engajar na campanha dos candidatos do PT, com essa orientação da Convergência Socialista e do jornal Alicerce da Juventude Socialista. E, logo depois, aconteceu aquele massacre de Sabra e Chatila contra os palestinos. E isso causou um impacto muito grande. Foi aí, que eu juntei o que estava acontecendo no Brasil e no mundo e disse: “É por aí que eu vou!”.

O papel do jornal Alicerce da Juventude Socialista, bem como a atuação política da C.S. na campanha classista e a aposta em Lula, reconhecido desde as greves do ABC, demonstraram a complexa relação da C.S. com o PT, com a captação de quadros, conforme relata Fábio José Queiroz. Outra característica marcante da C.S. no Brasil, e mesmo em Fortaleza, é o seu internacionalismo e o debate político sobre questões internacionais. Pauta do nosso próximo tópico: *Internacionalismo*.

## 5.2 O Internacionalismo

Ao longo dos anos, a C.S. foi desenvolvendo sua atuação em alguns setores sociais de Fortaleza. Segundo os depoimentos, no movimento estudantil secundarista e da UECE, com boa coluna de quadros, também nos bancários com Percival Palmeira e, nos anos 1990, com a inserção de militantes rompidos com o PLP (Partido da Libertação Proletária) que dirigiam o sindicato da Construção Civil. Dessa forma, a C.S. concretizava um de seus objetivos, estar inserida nos setores proletarizados da classe

---

<sup>74</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

trabalhadora, sendo realizado, inclusive, um giro, ou a vinda, de quadros nacionais para Fortaleza, como o caso de Romildo Raposo, experiente militante da C.S. em São Paulo e sua esposa Eliane. No entanto, a captação de quadros da C.S. em Fortaleza passava pelo debate político internacional e a forma como a C.S. interpretava tais acontecimentos. Essa característica marcante do trotiskismo e da C.S. se expressava na forma como a C.S. se organizava e, conseqüentemente, no seu internacionalismo.

A C.S. passou no ano de 1982 a ser uma seção brasileira de um partido mundial, ou pelo menos do embrião, que era a LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores). Anteriormente, a fundação da LIT, a C.S. era “um partido irmão” do agrupamento de Nahuel Moreno, que dirigia a FBT (Fração Bolchevique Trotiskista). Com a fundação da LIT, sob a direção de Nahuel Moreno, a C.S. passa a ser a seção brasileira da LIT.

No entanto, além de ter expresso as posições da LIT no Brasil, através dos seus jornais *Convergência Socialista* e *Alicerce da Juventude Socialista*, as ideias da LIT se expressavam, também em Fortaleza, através da revista *Correio Internacional – LIT*.

Esse perfil internacionalista marcou os militantes da C.S. em Fortaleza, no Juazeiro do Norte, bem como no Brasil. Fazia parte de um processo educativo e de formação política. Expressava-se numa visão mais ampla das lutas políticas, não se restringindo apenas às lutas locais ou nacionais. Talvez, esteja presente nesse aspecto uma contribuição importante deixada pela C.S. como um legado para a esquerda marxista brasileira. Segundo Nericilda Rocha<sup>75</sup>,

Eu penso que a grande contribuição e importância da C.S. era o internacionalismo. Então, ainda que fosse uma corrente minoritária no PT, era uma corrente com vínculos a uma Internacional, com o internacionalismo como algo muito forte no processo educativo da militância. O dirigente tentar captar uma militante com uma revista como o *Correio Internacional*, que discutia o Leste Europeu, naquela época, que era tudo muito complexo, onde havia todo um debate, era o colapso da modernização do Robert Kurz. Era toda uma crise na esquerda, a partir de tudo que havia acontecido. E a *Convergência* tinha um processo muito firme de procurar debater, politizar a sua militância no internacionalismo. Então, o internacionalismo era algo muito forte na *Convergência*.

O convencimento para se organizar politicamente na C.S. passava por todo um debate em torno de questões locais, nacionais e internacionais principalmente. Havia muitas dúvidas sobre os acontecimentos do Leste Europeu. Daí também uma curiosidade sobre o tema. Mas desde a entrada dos militantes na C.S. já se pode observar o destaque que era dado a queda dos “regimes stalinistas no Leste Europeu”. A

---

<sup>75</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

vinda de Euclides de Agrela<sup>76</sup> para a C.S. gira em torno de lutas locais e do internacionalismo:

Eu entrei na Convergência Socialista ainda no Ensino Médio. Eu era estudante do Colégio Rui Barbosa, escola particular, no Centro de Fortaleza, que ficava na Avenida do Imperador. E, às vésperas do Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas de 1988. Há trinta e um anos atrás. Eu conhecia a Convergência Socialista por intermédio de um outro estudante secundarista que já era militante da Convergência. Fábio Tavares, do Juazeiro do Norte. E, na época, ele estava morando em Fortaleza. E ele me apresentou as teses da C.S. para o Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. E o que mais me chamou a atenção nessa discussão era o balanço que a Convergência Socialista fazia das experiências socialistas do Leste Europeu, União Soviética, China e Cuba, porque fazia todo um balanço do que representava o stalinismo, a burocratização dos Estados Operários, a negação do internacionalismo e da perspectiva da revolução mundial, a negação da democracia operária, a falta de liberdades políticas e sindicais dos trabalhadores desses Estados Operários burocratizados.

Nericilda Rocha<sup>77</sup> descreve a atmosfera do movimento estudantil na época, de como conheceu Euclides de Agrela, como representante da Convergência Socialista e de como o internacionalismo estava presente na C.S.

Na UECE, quando eu ingressei, o Centro de Humanidades, que tinha o curso de Filosofia, era um centro de efervescência política, de debates e discussões. Eu não era de nenhum movimento. Sequer havia sido do Centro Acadêmico. Mas no curso de Ciências Sociais, logo eu comecei a participar de algumas atividades que tinham no intervalo. E juntava estudantes de Filosofia, Ciências Sociais e Letras também da época. E eram debates sempre muito acalorados. Eu lembro de um debate que tinha um estudante de Filosofia que me chamou muito a atenção, pela forma como ele falava e discursava sobre a situação do país, que os estudantes tinham que se organizar para participar da mobilização. E esse estudante de Filosofia era o Euclides de Agrela, ele era dirigente da Convergência Socialista. Eu me aproximei e ele ficou de me trazer um material para estudar e discutir. Esse material era uma revista, eu era uma menina e estava ingressando nas leituras sobre o marxismo. A revista de capa amarela com a cabeça de Lênin sendo decapitada. E era sobre as mobilizações no Leste Europeu e sobre a Queda do Muro de Berlim, que era tudo muito recente, 1989-1992, que era o ano que nós estávamos. E eu ingressei na organização com o debate sobre o Leste Europeu. Me aproximei pelo movimento estudantil, mas o debate era mais geral. E isso me despertou a curiosidade.

A C.S. chegou a promover um curso de formação sobre os processos de derrocada dos Estados Operários burocratizados, apresentando aspectos desse processo.

Segundo Euclides de Agrela<sup>78</sup>,

---

<sup>76</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019

<sup>77</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>78</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019

Na época, havia toda uma discussão sobre a queda das burocracias no Leste Europeu, o fim da União Soviética, a Queda do Muro de Berlim. Todo o processo de crise das burocracias stalinistas e o problema da restauração capitalista no Leste Europeu. Havia na verdade um curso, um grande curso que foi preparado na época que tinha o objetivo de entender esses processos. Mas foi um curso muito problemático, porque valorizou muito os aspectos positivos de luta contra a burocracia, da revolta dos trabalhadores, das massas, contra a ditadura stalinista, mas não dava a devida importância ao tema da restauração capitalista. Obviamente, a restauração vem como uma política da própria burocracia. A Convergência, já desde 1986, ainda com Nahuel Moreno vivo, irá fazer uma crítica a Perestroika e a Glasnost do Gorbachov. Nahuel Moreno morre em 1987, quando se inicia os processos de massas. Já em 1988-89, havia um processo bastante avançado de restauração capitalista, na China e URSS, que essas grandes manifestações de massas e a derrubada das burocracias stalinistas não conseguem interromper. E os governos que sucederam levaram adiante a restauração capitalista. Na época, essa foi uma grande debilidade da discussão.

Isso mostra que haviam divergências internas sobre o Leste Europeu, tema na época elaborado no calor dos acontecimentos e sem a presença do principal dirigente e teórico da LIT, Nahuel Moreno. É um pouco do que revela Euclides de Agrela<sup>79</sup>:

Houve uma crise na LIT por conta desse debate que exatamente a queda da burocracia stalinista não mudou imediatamente o triunfo da perspectiva do socialismo ou da democracia operária. Apesar da força das mobilizações das massas. Teve muitas discussões ideológicas, muitas ilusões no capitalismo. Exatamente por isso, os setores da burocracia stalinista conseguiram permanecer no poder.

Esse processo de restauração capitalista no Leste Europeu, significou a abertura de novos mercados e consumidores, amortecendo as crises de superprodução capitalista, mas não evitando-as. Significou também a perda de um referencial socialista ou comunista, ainda que como Estados Operários burocratizados, desestabilizou os PCs e conferiu uma ofensiva ideológica de supremacia e vitória do capitalismo através das teses dos Secretário de defesa americano Francis Fukuyama, bem como as teorias conhecidas como pós-modernas que negam abordagens sistêmicas, revoluções na macro estrutura e principalmente a luta de classes e o socialismo. A posição de análise da C.S. apesar dos equívocos apontados mantém toda tradição de afirmação do marxismo revolucionário. Para Fábio José Queiroz<sup>80</sup>,

A radicalidade socialista, a obsessão pela democracia operária, a obsessão pelo trabalho junto à classe operária são patrimônios que precisam ser mais que estudados, mas continuadas e enriquecidas, nesses anos difíceis nos quais

<sup>79</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

<sup>80</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

estamos vivendo. A questão do internacionalismo, como nós eramos internacionalistas! Eu lembro que falava de El Salvador, da Revolução na Nicarágua como se estivesse falando de coisas do Brasil. Veja como as coisas mudaram! Como a consciência internacionalista retrocedeu. Eu penso que o stalinismo contribuiu para isso. Mas a derrubada dos Estados Operários contribuiu para o retrocesso no internacionalismo.

A C.S. não conseguiu à sua época mensurar o impacto na consciência das massas do efeito da restauração capitalista. Não foi a hora e a vez do trotiskismo. Mesmo com seu esforço de análise política, a própria C.S. passou a sofrer com o retrocesso na consciência das massas e ao vendaval oportunista do capitalismo com a quase dissolução da LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores) em anos posteriores.

No entanto, é muito importante mencionar a radicalidade socialista, a defesa da democracia operária, o internacionalismo proletário e o trabalho sobre a classe operária como um legado da C.S. às esquerdas brasileiras.

### **5.3 A forma organizativa**

A Convergência Socialista tinha como forma organizativa o modelo do partido Bolchevique, ou o modelo Leninista. Com as seguintes características: os militantes pertenciam a células, ou núcleos com 9 ou 10 integrantes atuando num setor: bancários, estudantes ou construção civil. Esses núcleos se reuniam semanalmente. As reuniões tinham uma pauta e eram organizadas por um dirigente político. As pautas poderiam ter temas internacionais, nacionais, locais ou setoriais. As células ou núcleos são espaços de discussão política para a ação. O regime organizativo da C.S. era o centralismo democrático, onde se discutia, votava-se a ação e se centralizava as ações dos militantes. O jornal da C.S. ajudava a propagandear as ideias e o apoio às lutas sociais e políticas. Cada militante também cotizava ou contribuía financeiramente com a organização. Isso auxiliava na independência política e financeira.

Mas precisamos destacar que, como uma corrente interna do PT, a C.S. mantinha jornal próprio, sede própria, financiamento e política independentes do PT. O que estava de acordo com a tática de entrada no PT e tensionamento de seus erros para ganhar a militância e forçar a sua saída (tática do entrismo). Isso custou a acusação de que a C.S. era um partido dentro de outro partido. Segundo Jânio Vidal<sup>81</sup>, “O PT já questionava a

---

<sup>81</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

C.S. ter jornal e sede própria”. Continua: “A minha entrada na C.S. já é no processo de expulsão do PT, pela direção majoritária. Já vinha uma discussão que a C.S. atrapalhava o projeto político do PT”.

A entrada da C.S. no PT e sua atuação no PT sempre esteve marcada por um forte tensionamento, mesmo nas grandes campanhas. Mas o fato revelador é o de que a própria decisão de entrada no PT não era uma unanimidade na C.S. Conforme Fábio José Queiroz<sup>82</sup>,

Na época, eu conversava com umas pessoas que entraram antes que eu na C.S. E elas diziam que a entrada no PT não foi um processo tranquilo. Existem duas versões, interpretações. Havia um grupo que era o da Zezé, que tinha resistência para entrar no PT. E o grupo do qual Valério Arcary era parte, que defendia que se somasse a construção de um partido dos trabalhadores. Moreno cumpriu um papel importante. Ele reuniu os dois grupos na Colômbia, salvo engano, e disse que seria importante a construção e experiência desse partido. Bom, foi aí que coesionou o grupo para entrar no PT. Mas isso não se deu sem rupturas, não! Um setor, até onde eu sei, rompeu com a C.S. Há uma ruptura muito grande na C.S. Acho que em 1980, por aí. Em 78-80, ruptura de centenas de pessoas. Mas tem outra versão que até o Nahuel Moreno era contra a entrada no PT. E que, depois, é que ele se convence que essa tática era correta. É uma versão menos conhecida. Mas essas são as duas interpretações mais conhecidas.

Isso demonstra que dentro da C.S. havia um rico debate sobre as táticas e essa característica pode dar uma dinâmica viva para a organização. As organizações trotiskistas não se caracterizam apenas por rupturas, que ocorrem no calor de ricos e efervescentes debates, mas pelo binômio ruptura e fusão. Ou seja, ocorrem rupturas, mas também fusões, aglutinação com outros agrupamentos, como no caso da C.S. e o PLP em Fortaleza, no setor do Sindicato da Construção Civil. De acordo com Jânio Vidal<sup>83</sup>,

A C.S. aproximou os membros do C.G.B. num comitê de enlace. Não era um mero comitê, mas, segundo Valério Arcary, era para uma entrada num polo aglutinador do partido. A entrada na C.S. com um grupo de 7 ou 8 dirigentes do Sindicato da Construção Civil que também entraram. Passamos a nos reunir com a pauta de construção do partido: a frente revolucionária como tática de aglutinação para a fundação do partido. E, assim, a C.S., que era marginal no Ceará, passou a dirigir o maior sindicato operário do Estado.

---

<sup>82</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>83</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

Algumas questões políticas foram decisivas para essa aglutinação dos membros do PLP e Coletivo Gregório Bezerra (C.G.B.) e a C.S. A caracterização sobre o PT, a questão do Leste Europeu e a própria crise do prestismo. De acordo com Jânio Vidal<sup>84</sup>,

Eu venho do rompimento com Prestes. Eu venho de um grupo que ficou conhecido como os prestistas. A leitura do Prestes era de que o P.T. não era um partido socialista. Daí fundou o PLP (Partido da Libertação Operária). Rompemos com os prestistas. Aglutinamos no Coletivo Gregório Bezerra (C.G.B.), que deságua na construção do PLP, contra Prestes. Em janeiro de 1989. E, depois, a questão do “Muro” pegou boa parte da esquerda. Nós já tínhamos uma leitura muito crítica da URSS. A queda do Muro também afetou o PLP. Daí nós atuamos na construção civil com o PLP. E, em 1992, passamos a discutir com a C.S., devido a nossa crise e a crise do PT. A C.S. já fazia uma crítica consistente e tinha uma militância aguerrida. Que fá pra cima! Na construção civil, nós já tínhamos uma parceria. Eu sou de uma tradição de muita discussão, de muito quebra-pau, com grandes quadros. E o mais “besta” era eu, que dirigia a construção civil (risos).

A atuação em conjunto e a convergência de ideias, bem como o olhar sobre o PT, tanto do PLP como da C.S., permitiram essa aglutinação de um importante agrupamento do PLP de Fortaleza à C.S. Nas lembranças de Jânio Vidal<sup>85</sup>,

Um militante histórico da C.S. foi deslocado para construir esse trabalho na construção civil. Foi Romildo Raposo<sup>86</sup>. Um dos primeiros vereadores da década de 80. Romildo cumpria uma pena em regime aberto. Ele veio em 1992 e ficou até 1996. Veio junto com a esposa Eliane, que foi contratada pelo sindicato. Nesse tempo, entraram junto comigo Valdir, Aguiar, Manoel Farias. Depois do Romildo, veio o companheiro Altemir.

Jânio Vidal<sup>87</sup> narra sobre os elementos que solidificaram a aglutinação entre os membros do PLP e da C.S. em Fortaleza. Mas percebia que nessa aglutinação a C.S. agregava teoricamente e politicamente novos elementos. De acordo com ele,

É inegável que a C.S. nos reorganiza nessa trajetória petista. Por exemplo, Moreno ajustou a caracterização do PT, como um partido burocrático e não como um partido anticapitalista. Com o instrumental de Moreno, nós afinamos na análise, caracterização e política. E ainda a C.S. teve uma leitura correta da restauração dos processos de burocratização e fim da União Soviética. Essa leitura era de Moreno, como algo progressivo. Enquanto, toda

---

<sup>84</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

<sup>85</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

<sup>86</sup> Romildo Raposo foi vereador de Diadema, apoiador dos sem-teto no terreno do Buraco do Gazuzo, da prefeitura de Diadema, sob direção de José Augusto Silva Ramos do PT. Foi um episódio de tensão entre a C.S. e o PT. Outro episódio de tensão foi em 1989, na prefeitura de Timóteo (MG), onde o prefeito foi expulso da C.S. por reprimir uma manifestação dos trabalhadores.

<sup>87</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

esquerda de base stalinista, dos PCs foi um baque medonho! Rapaz, o mundo se acabou. Acho que isso tem a ver com a fundação do PT sem querer falar de socialismo.

A incorporação dos membros do PLP que atuavam no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil trouxe quadros experientes, deu uma identidade operária a C.S. e a colocou sob a direção de um dos sindicatos mais combativos sob a direção do PLP aglutinado à C.S. Essa característica de classismo e inserção no operariado é uma marca e princípio do marxismo. Foi um salto qualitativo, descrito assim por Euclides de Agrela<sup>88</sup>,

Muito marcante na minha trajetória, na minha juventude, nos primeiros anos da minha militância, foi a vinda dos operários da construção civil para a C.S. A partir daí a C.S. deixa de ser uma organização marginal, pequena, sem influência como direção de uma categoria. Quando ganhamos os operários da construção civil, passamos a ter influência num dos setores mais explorados e oprimidos da classe trabalhadora. E com os operários do PLP que dirigiam os sindicatos.

Em suas lembranças, Nericilda Rocha<sup>89</sup> fornece informações sobre como a C.S. se estruturava para manter sua independência política em relação ao PT e também sobre a forma organizativa:

A C.S. tinha uma sede, apesar de ser uma corrente interna do PT. Eu não recordo de ter ido à sede do PT., entre 92 e 93. A sede da C.S. era uma casinha pequenina na Jacarecanga, perto do cemitério, mas bem antes. Nós entrávamos e tinha três cômodos. E toda semana tinha reunião da C.S. E as discussões sobre a contribuição, cotização financeira de cada um por mês. A depender das possibilidades de cada um. Os núcleos eram de mais ou menos nove ou onze pessoas, de cursos variados. Eu lembro do Euclides, Reinald da História, Franzé e Cleide da Pedagogia, que eram pessoas com expressão política em seus cursos.

Ainda sobre o tema da questão organizativa da C.S. e sua relação com o PT, Euclides de Agrela<sup>90</sup> traz a seguinte opinião:

Para a época, para o que era a militância do PT, e a própria estrutura das categorias da classe trabalhadora, organizada também na CUT, que era muito forte na época, as estruturas do PT e da CUT eram duas grandes estruturas da classe trabalhadora no país. Tinham um peso grande no movimento popular, bairros da periferia. Então, essa organização tradicional de núcleos por categoria de trabalhadores que a C.S. tinha, setores sociais, movimento estudantil.

---

<sup>88</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

<sup>89</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>90</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019



Para uma organização que atuava na CUT e no PT, a C.S. buscou a melhor forma de não acabar se diluindo nesses espaços, buscando se organizar com autonomia e crítica ao PT e à CUT. Inseriu-se nos setores de bancários, construção civil e no movimento estudantil de Fortaleza. Aqueles que faziam parte de suas fileiras reuniam semanalmente em seus núcleos, com centralismo democrático, cotizando com a C.S. e propagandeando seu jornal. Suas reuniões eram em sede própria, que garantia mais independência em relação ao PT. Para Euclides de Agrela<sup>91</sup>, falando sobre a composição dos núcleos da C.S. e os setores,

Nós chegamos a ter um trabalho importante nos têxteis de Maracanaú. Tivemos dois ou três militantes de lá. Mas os dois setores principais eram bancários e o setor estudantil, que tinham núcleos mais dinâmicos, que tinham intervenção nos seus setores. Em particular na UECE, com um pequeno trabalho em secundaristas. Tivemos um companheiro na Escola Técnica, em secundaristas dois, às vezes três militantes.

Evidentemente, com a chegada dos militantes do PLP e da construção civil o núcleo mais dinâmico e prioritário passa a ser este. A forma organizativa da C.S. e seus setores sociais foram o resultado da tentativa de manter vivo o modelo bolchevique de organização, adaptado à realidade brasileira e as especificidades alencarinhas.

#### **5.4 As Memoráveis Campanhas da C.S. em Fortaleza e em Juazeiro do Norte**

Os anos de 1980 foram anos de muita combatividade para a esquerda no Ceará. Para a C.S. também. Esteve ativamente envolvida nas lutas, porém não abdicou de participar de importantes campanhas democráticas e eleitorais, vendo isso como uma tática de construção e propaganda, mas também como um espaço de tensionamento ao PT. Segundo Jânio Vidal<sup>92</sup>,

A década de 80 foi interessantíssima para militar. Nós fazíamos greve geral, fundou-se a CUT-Ceará em 1986, e teve muito ascenso do movimento. O PLP apoiou a candidatura do Lula em 1989. E, no Ceará, tem a história do grupo CGB, que entra na C.S. e já tinha a intenção de romper com o PT, já fazendo as críticas a um partido de base operária, mas que não tinha estratégia socialista. Eu tinha uma expectativa: estou entrando na C.S. para romper com o PT. E nesse contexto que entramos na C.S.

---

<sup>91</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

<sup>92</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

Mesmo atuando no PT e apoiando criticamente as candidaturas, como a de Lula, não deixava de existir o tensionamento da C.S. Mas a atuação da C.S. em campanhas eleitorais não esteve restrita à Fortaleza. De acordo com Fábio José Queiroz<sup>93</sup>,

Me engajei na campanha de candidatos do PT no Ceará. Teve uma votação ínfima em Juazeiro. Eu militava em Juazeiro, em 1982. Chegamos a fazer campanha, pichações, panfletagens, pelos candidatos do PT. Ali, foi meu batismo de sangue. Segundo semestre de 1982.

A campanha das Diretas Já! também entrou na tática da C.S. Depois de 1984, a C.S. propõe o chamado a uma Assembleia Constituinte no ano de 1986. Defendia-se a construção de um governo operário, apostando na crise do governo Sarney e a possibilidade de um governo operário como alternativa. Mas voltando ao tema da campanha das Diretas Já!, Fabio Cavalcanti<sup>94</sup> lembra:

Acho que foi a principal campanha que a Convergência naquele momento abrigou e na qual eu me envolvi de uma maneira mais direta. Ali, eu diria que é o meu segundo “batismo de sangue”. A campanha das Diretas Já! Participei dos comitês que organizavam atos, várias vezes deixei de ir trabalhar para ir aos atos. Eu me incorporei na campanha de uma maneira mais protagonista e comecei a estar no meio daquela juventude toda que estava nas ruas, as pessoas que estavam comigo no fortalecimento da C.S. e os que não estavam na C.S. no Juazeiro do Norte.

O jornal Alicerce da Juventude Socialista fez uma campanha emblemática em torno das Diretas Já! Houve um Congresso em 1983 da C.S. O marco desse Congresso Nacional foi a unificação com o grupo estudantil Alicerce da Juventude Socialista. Essa organização, junto com a C.S., tinha um expressivo trabalho na juventude estudantil, setor dinâmico nessa conjuntura e de muita importância nessa campanha. Mas o fato revelador sobre isso é apontado por Fábio José Queiroz<sup>95</sup>:

Não havia acordo sequer sobre a tática do Alicerce. Não é que todos tinham acordo com essa tática. Até recentemente eu conversei com alguns militantes da época, e eles ainda tem um balanço crítico dessa tática, dizendo que a tática do Alicerce atrasou a entrada da organização na classe operária.

Ao nosso ver, a tática do Alicerce introduziu a C.S. ou a realocizou num setor social (a juventude estudantil secundarista) que tinha uma dinâmica expressiva. Quanto

---

<sup>93</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>94</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>95</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

ao atraso na classe operária, nos parece que a C.S. em sua existência não deixou de ter inserção. Talvez, a questão girasse em torno de se ter apenas trabalho na classe operária? Ou ter a possibilidade de manter esse trabalho e se inserir em outro setor dinâmico? Para Nericilda Rocha<sup>96</sup>,

A vanguarda no Brasil, nos anos 1980, ela tem o classismo muito forte, ela tem o internacionalismo presente, mas não é que fosse um processo impulsionado pela direção de todas as correntes no interior do PT. Eu penso que a C.S. tem esse legado. Outra importância da C.S. é a de que ela foi uma das poucas organizações no interior do PT que conseguiu sair de um giro do movimento estudantil no final dos anos 1970 para um giro sindical, localizado em algumas categorias importantes do proletariado nacional, que faz com que a C.S. tenha uma corrente sindical no interior da CUT, que era expressiva. Ou seja, o pé no movimento operário. O que tinha a ver com a concepção da C.S. sobre organização revolucionária. O pé na classe estava relacionado com ter um partido inserido na classe trabalhadora, porque a concepção era de revolução socialista. A classe que dirigiria o processo.

Mesmo nos momentos de grandes campanhas, como as Diretas Já!, que tiveram um protagonismo bem acentuado da juventude, a C.S. não perdia de vista sua concepção e estratégia, ainda que com divergências, ela não deixa de estar presente nessa campanha. Vai se inserindo na juventude por meio do Alicerce, mas tendo seu objetivo estratégico delineado.

Durante o ano de 1989, teve espaço a candidatura de Lula para a Presidência da República. A C.S. participou dessa campanha apresentando um programa de suspensão do pagamento das dívidas, com auditoria da mesma, tributação, ou taxação da burguesia, e prefeituras eleitas pelo PT à serviço dos trabalhadores. Euclides de Agrela<sup>97</sup> lembra sobre a campanha de 1989:

Outra experiência marcante foi a própria campanha de 1989. Por que essa campanha do Lula foi muito marcante? Ela foi classista, foi uma campanha com problemas no programa reformistas, mas tinha elementos anticapitalistas, onde havia um espaço à esquerda para as posições da C.S. dentro da candidatura e da campanha. Se fazia críticas ao PT como parte da campanha. E eu, um menino de 17 anos, estava à frente de um comitê pró-Lula, que reunia centenas de pessoas. Foi uma experiência esse comitê, que era no José Walter. Nós na campanha fazíamos exigências e denúncias. Fazíamos campanha na hora do almoço, nas escolas, nos bairros. Era uma discussão política-programática com medidas anticapitalistas. Inimaginável para os dias de hoje. A C.S. se destaca na campanha do Lula como uma corrente dinâmica da esquerda do PT e depois todo esse processo de enfrentamento.

---

<sup>96</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>97</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019

A relação de tensão entre a C.S e o PT parecia aflorar e se acalorar ainda mais nos momentos de grandes mobilizações ou campanhas eleitorais. No setor do movimento estudantil, a polêmica também girava em torno das táticas prioritárias. Como lembra Nericilda Rocha<sup>98</sup>,

Havia um debate que reverberava no interior do M.E. que era sobre o PT. Qual era a antiga discussão ou ainda atual discussão: sobre o que deveria ser priorizado, se seria a mobilização, a ação direta das lutas ou se seria a aposta nos processos eleitorais. Em 1992, eram eleições municipais; em 1994, era eleição nacional. Desde a derrota do Lula, o PT já se preparava para feliz 1994. Então, em 1992, você já tinha adesivos: Feliz 94! E essa discussão reverberava no M.E. em Fortaleza.

O abandono da estratégia socialista permaneceu nos marcos da C.S. utilizando para tal fim tanto a tática eleitoral quanto a aposta nas mobilizações. Para a C.S., as eleições não constituíam um fim em si mesmo, mas uma tática para construção política, para propagar suas ideias e buscar mobilizar a classe trabalhadora em torno de um programa classista e socialista. O conflito e tensão com o PT se dá pelo choque dessa estratégia socialista e o projeto do PT de ter as eleições como estratégia, levando a uma gradativa adaptação ao regime democrático burguês e a acordos e concessões à burguesia. A crítica a esse processo é descrita nos seguintes termos por Euclides de Agrela<sup>99</sup>:

Eu me filiei ao PT, pois a C.S. era uma corrente interna do PT. Em 1988, nós ainda estávamos vivendo o início de um processo. A dimensão estratégica do PT pela adaptação completa a nascente democracia, sem perfil de independência de classe. Mas o PT já caminhava a passos largos, com o objetivo de ganhar as eleições, fazendo grandes concessões ao capital financeiro e a burguesia para chegar à Presidência da República.

Para a C.S., essa primeira candidatura de Lula tinha elementos progressistas. No ano de 1989, os elementos eram o classismo e o anticapitalismo. Em Fortaleza, segundo as memórias de Euclides de Agrela<sup>100</sup>, a C.S.

[...] em 1989, entra nessa campanha. Nós fizemos um grande comitê no José Walter, que reuniu dezenas de pessoas. Uma campanha grande, com bastante agitação. Na universidade também! E a C.S. cumpriu um papel bastante importante em nível nacional. Obviamente, com bastante independência, fazendo crítica as limitações do programa. Mas reconhecendo que a

<sup>98</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>99</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

<sup>100</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

candidatura de Lula, apesar de uma série de concessões, ainda representava uma candidatura classista. E o Lula, por exemplo, vai para a TV falar contra as privatizações, defende ocupações de terras. Tinha um forte caráter, um conteúdo classista. E até mesmo anticapitalista, com muitas limitações e que não propunha nenhuma revolução socialista no país. Mas essa campanha de 89 é completamente diferente da de 2002.

Apesar de pequena numericamente, a C.S. se engajou nas grandes campanhas do PT, mantendo sua estratégia, como uma fração pública, como uma corrente interna que tensionava o PT. No Brasil, a C.S. elegeu ou apoiou candidaturas eleitas nos seguintes locais: Belém, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São José dos Campos, Contagem, Diadema e Timóteo, neste último com Geraldo Nascimento, expulso da C.S. por reprimir uma manifestação dos trabalhadores. Em 1989, assumiu como suplente a deputado federal Ernesto Gradella da C.S. No ano de 1990, a C.S. conseguiu eleger Ernesto Gradella como deputado estadual em São Paulo e, em Belém, no Pará, elegeu Babá, como deputado estadual. Em Fortaleza, a C.S. não conseguiu eleger parlamentares, mas sempre esteve apresentando candidaturas que defendiam o classismo e a revolução socialista. Deixamos para falar da campanha Fora Collor no tópico seguinte, por ser o elemento central para a expulsão da C.S. do PT.

### **5.5 A expulsão do PT sob o olhar dos militantes da C.S. no Ceará**

O processo de expulsão da C.S. do PT se delineava a cada campanha, a cada mobilização o choque de estratégias da C.S. – uma revolução socialista no Brasil com a estratégia eleitoral e de adaptação ao regime democrático burguês que avançava no PT – é o elemento central para se compreender esse processo. Os ex-militantes da C.S. relataram como viram, viveram e sentiram esse processo. Na visão de Fábio José Queiroz<sup>101</sup>,

Já se desenhava desde o Congresso anterior, que foi o primeiro Congresso do PT. Esse partido tem uma história interessante. Eu acho que, até 1991, havia feito, salvo engano, 7 ou 8 Encontros Nacionais. Mas nunca havia feito um Congresso. O primeiro foi em 1991. E, naquele Congresso, o PT assume uma fisionomia categoricamente social-democrata. Ali foi o divisor de águas. No segundo semestre de 1991. Logo depois, começa a campanha do Fora Collor! E nós somos proibidos de fazer uma campanha pública pelo Fora Collor! Mas primeiro desaconselhados, depois proibidos de ir às ruas na campanha. Por isso, nós provocamos praticamente nossa expulsão. Nós decidimos não aceitar essa decisão. Há uma conversa com Zé Dirceu e nossa direção. E José

---

<sup>101</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

Dirceu é categórico: existe a resolução do Partido. Se pisotear a resolução do Partido, está fora do Partido! Vai ser expulso! Não tem conversa! E na esteira da expulsão da Causa Operária, vem a expulsão da Convergência Socialista. E a argumentação é essa: que nós atropelamos uma decisão de organismo do PT. Quebramos uma decisão democrática do PT. E engraçado: nós fomos expulsos e no conteúdo da resolução dizia que nós poderíamos recorrer dessa decisão e, logo depois, em agosto, o PT entra na rua em campanha conosco pelo Fora Collor!

O relato de Fábio José Queiroz mostra as ambiguidades do PT na resolução de expulsão, talvez, mostrando não ser um tema tão pacífico na organização, ao permitir que a C.S. recorresse da decisão. E, principalmente, por entrar na campanha do Fora Collor!, logo depois da expulsão da C.S. Segundo Euclides de Agrela<sup>102</sup>, essas ambiguidades se expressavam da seguinte forma:

Depois das eleições presidenciais de 1989, veio todo o enfrentamento político. Mais intenso no interior do PT, nos anos 90 e 91. Esses enfrentamentos culminaram na expulsão da C.S., nos encontros estaduais de 92. Na época, quem era presidente do PT era o José Dirceu. O PT chega a emitir uma resolução do diretório nacional proibindo a C.S. de participar dos Encontros Estaduais do PT, porque ela teria uma tática, segundo eles, diferente daquela definida pelo PT, no que diz respeito ao enfrentamento com Collor. O que o PT havia definido era desgastar o governo Collor para capitalizar esse desgaste nas próximas eleições presidenciais de 1994. Enquanto a C.S. tinha definido pelo Fora Collor! E nós vimos onde essa história terminou. Houve um movimento espontâneo de massas que levou os setores burgueses a se deslocarem à esquerda. A própria Rede Globo se deslocou à esquerda. E nós tivemos o impeachment do Collor. E a queda do governo.

A tática de desgastar os governos e esperar para capitalizar esse desgaste leva o PT a se resignar diante das possibilidades de mobilizar as massas contra os pacotes econômicos e medidas antipopulares em nome das próximas eleições, silenciando, proibindo críticas ou ações de outras correntes internas, como no caso da C.S. O PT foi a reboque do movimento de massas, no Fora Collor!, demonstrando uma ação oportunista. Segundo Euclides de Agrela<sup>103</sup>,

Apesar da história ter dado razão à C.S. e o PT tardiamente ter entrado no movimento pelo impeachment, somente depois que as massas já estavam nas ruas e havia um clamor pelo impeachment do Collor, a C.S. é expulsa do PT. Exatamente nessa conjuntura, de enfrentamento com um governo neoliberal, de direita, que atacava os trabalhadores, e que foi derrubado pela mobilização operária, popular e o movimento estudantil da época, o PT e a direção da

---

<sup>102</sup> Euclides de Agrela ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

<sup>103</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

CUT foram contra a proposta de greve geral na época. A mobilização assumiu um caráter democrático e popular. Não se deu a construção de organismos que questionassem o regime. E isso não ocorreu por causa do PT.

A estratégia da C.S. é a da formação de organismos de duplo poder, como modelo dos *soviets*, mas no Brasil podendo se dar por meio dos sindicatos ou comitês de bairros, ou populares. O PT, por sua vez, visava manter uma ordem que garantisse as próximas eleições. Duas estratégias irreconciliáveis e contrárias. Para Nericilda Rocha<sup>104</sup>,

No segundo semestre de 1992, veio o Fora Collor! E o M.E. da UECE tinha posições distintas sobre isso. O setor que dirigia majoritariamente o M.E. da UECE estava todo pelo Fora Collor! Mas a C.S. tinha um diferencial. Nós polemizávamos nas mobilizações com o PCdoB, que tinha uma consigna Impeachment nelle!, com esses dois “I”s do nome Collor. A C.S. era Fora Collor! E eleições gerais já! Eu recorro bem de uma manifestação que nós saíamos do CH em passeata e íamos até a Praça do Ferreira com essa: Fora Collor! Eleições Gerais já! Essa era uma consigna que nos diferenciava e apontava uma saída. Esse era um momento em nível nacional que havia se construído um acordão sobre a saída do Collor. A pressão veio das ruas. Nós estávamos nas ruas. Mas havia um debate: sobre qual a saída? O que fazer depois?

Segundo a depoente, a consigna da C.S. de Fora Collor! não parava por aí, buscando uma alternativa ao poder, chamando Eleições Gerais já!, devido a não se terem formado organismos de duplo poder naquele momento. Em Fortaleza, Nericilda Rocha<sup>105</sup> também lembrava que:

Eu participei de umas três ou quatro grandes manifestações do Fora Collor! A C.S. tinha um carro de som, que conseguimos com bancários. Então, conseguimos ter mais incidência. Uma dessas manifestações que ficou marcada na minha memória com bastante força foi a do Fora Collor! no dia do impeachment. Nós fizemos uma grande manifestação de estudantes de várias universidades. Essa manifestação terminou na Praça do Ferreira. E foi montado um telão, pela CUT e outras entidades, onde o impeachment foi transmitido. Nós assistimos aquele momento na Praça do Ferreira lotada. Estudantes com caras pintadas. E eu recorro o momento em que Ernesto Gradella, deputado federal da C.S., vota sim! Ele fala: “Sim ao impeachment e eleições gerais já!”. Então, foi um marco! Não houveram outros deputados federais com essa consigna. Aí, você é militante, vendendo jornais da C.S. com essa consigna, apresentando ela e ver isso nacionalmente. Marca uma identidade!

Se observarmos a consigna do Fora Collor e Eleições Gerais já! saía do espaço estabelecido pelas classes dominantes. Uma nova eleição traria à tona o espectro de Lula e seu programa anticapitalista e classista. Sobreveio que o vice-presidente deveria

<sup>104</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>105</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

assumir. Nas lembranças de Nericilda Rocha<sup>106</sup> a resposta das Eleições gerais já! diferenciava a C.S., inclusive, em relação às outras correntes trotiskistas do PT.

Outra coisa importante que eu lembro desse período é a polêmica interna no PT. Nós da C.S. éramos um setor muito isolado. Nem mesmo as outras correntes trotiskistas do PT, a Causa já havia sido expulsa, falo da DS, O Trabalho, não tinham essa bandeira das Eleições Gerais já! Então, nós éramos um setor que incomodava, chegava forte nas mobilizações pelas nossas palavras de ordem, bandeiras de luta, faixas, mas, principalmente, pelas falas dos nossos quadros. Por exemplo, Percival e Euclides, dois grandes dirigentes da C.S. aqui.

Jânio Vidal, ex-militante da C.S., que veio junto a aglutinação do PLP e o setor do sindicato da construção civil, já havia entrado na C.S. com esperança, ou melhor, buscando a ruptura com o PT e a construção de um partido socialista em Fortaleza. Para ele<sup>107</sup>,

Existia a questão do momento certo de sair do PT. Pois, por dentro do PT não se fazia o Partido. A C.S. tinha mais clareza dessa luta dentro do PT. Ela tinha um lado público. Não poderia ser só internamente, porque seriam engolidos. Tinha uma proposta consequente. Já O Trabalho me parecia oportunista, de conveniência a sua postura dentro do PT. Acreditando que era possível trazer o PT para o campo da revolução. O PT nunca nem teve isso!

Com a saída da C.S. do PT, passou-se a se discutir a formação de uma Frente Revolucionária que iria aglutinar a C.S. e membros de outras organizações como o agrupamento de Maria Luiza Fontenele e Rosa da Fonseca. Essa frente revolucionária gerou no futuro, em 1994, o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados), sem a presença do agrupamento de Maria Luiza e Rosa da Fonseca. Sobre a Frente Revolucionária, Fábio José Queiroz<sup>108</sup> relata o seguinte:

O PT permitiu que nós pudéssemos lançar nossos candidatos pela legenda do PT, em 1992. Mas não recorremos da expulsão. Nós já tínhamos formado a Frente Revolucionária, com vários agrupamentos que somando não dava muita coisa. Agrupamentos com 15 a 20 pessoas. E com uns agrupamentos grandes também. E isso vai dar origem ao PSTU em 1994. A Frente Revolucionária cumpriu um papel importante no Ceará. Se você observar um dos grupos que essa frente dirigia – o sindicato dos operários da construção civil de Fortaleza, você vê que é um salto de qualidade. Não é 1+1=2. É muito qualitativo. Aquela decisão de contrariar a resolução do PT foi algo consciente, nós sabíamos que isso iria cobrar um preço. E nós estávamos

<sup>106</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>107</sup> Jânio Vidal, ex-integrante da C.S., entrevistado na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 14 de março de 2019.

<sup>108</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.



dispostos a pagar esse preço. Praticamente todas as pessoas que estavam na C.S. comigo em Juazeiro vieram para a Frente Revolucionária.

Ao que parece pelos depoimentos não houveram grandes rupturas dentro da C.S. com relação à expulsão do PT, sendo algo até já esperado, para a formação da Frente Revolucionária. Sobre a Frente, Nericilda Rocha<sup>109</sup> relembra:

Surge a Frente Revolucionária e depois o movimento pró-PSTU. De 1992 para 1993. Eu conheci outro setor que é a construção civil. A C.S. estava no sindicato, quando, em 1988, expulsam a pelegada. Com a C.G.B. A C.S. conseguiu ganhar alguns quadros desse coletivo. E uma das coisas que os companheiros nos educava era conhecer um pouco o trabalho da construção civil. A expulsão da C.S. se dá em 1992. E a C.S. a nível nacional tem uma linha de procurar reunir com outros setores, que tivessem uma concordância com a leitura da realidade para ver a possibilidade de unidade. No caso de Fortaleza, haviam grupos regionais importantes, com peso, desde os anos 80. É o caso dos grupos do PLP e o da Rosa da Fonseca e Maria Luiza. Essas lideranças participaram do Fora Collor! e tinham militância na juventude. E a C.S., com essa sua política de procurar outras organizações para discutir o que fazer depois da expulsão do PT, se aproximam em processo de diálogo na Frente Revolucionária com o PLP e o grupo da Maria Luiza.

Da expulsão do PT, a C.S. de Fortaleza forma a Frente Revolucionária, para depois fazer a campanha pró-PSTU até se fundar o PSTU em 1994. Essa é a parte da trajetória final da C.S.

## **5.6 O balanço e a importância da C.S. pelos depoimentos dos militantes de Fortaleza**

Conforme mencionamos, os principais setores de atuação da C.S. em Fortaleza foram: bancários, movimento estudantil, principalmente, na UECE, e, nos anos de 1990, com o ingresso dos ex-militantes do PLP, no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Segundo Euclides Agrela<sup>110</sup>,

A C.S. aqui na época era uma organização muito pequena. No auge da C.S. aqui, nós chegamos a reunir, chegamos a organizar de 89 até 92, não mais do que 30 militantes. Entre esses tínhamos: estudantes, dois funcionários públicos, um núcleo pequeno de professores, um eletricitário, um ferroviário. E depois os membros da construção civil.

Mas é importante lembrar que um grupo pequeno e coeso de militantes, centralizados e bem localizados num setor social pode chegar a se tornar um partido de

<sup>109</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

<sup>110</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

massas. Não foi esse o caso da Convergência Socialista, que teve como mérito em Fortaleza, se enraizar junto ao sindicato da construção civil. Porém, seguindo um raciocínio comparativo e histórico da C.S. em relação as outras correntes trotiskistas do PT, poderemos ter um balanço mais equilibrado. É o que aponta Euclides de Agrela<sup>111</sup>:

Na história do trotiskismo brasileiro nessa última etapa, do fim da ditadura militar, passando pela redemocratização do país, nós tivemos três grandes correntes: O Trabalho, a Democracia Socialista e a Convergência Socialista. Dessas três grandes correntes, a única corrente que conseguiu ter um projeto alternativo e que se afirmou em relação ao PT, que teve uma boa localização política como uma corrente trotiskista, fazendo oposição à direção majoritária do PT até a sua expulsão, e mesmo depois de sua expulsão construir um partido legal e independente do PT e que sobreviveu a isso foi a Convergência Socialista. As outras correntes que ficaram no interior do PT se dissolveram no seu interior. A corrente O Trabalho depois de sucessivas crises e rupturas é praticamente nada em relação ao que foi. A D.S. também se dissolveu no interior do PT. Não tem uma postura independente. A C.S. passou pela prova dos fatos, conseguiu fazer um entrismo vitorioso, perigoso e difícil de 12 anos no interior do PT. Mas você viver como uma organização independente, trotiskista, de tipo leninista no interior do PT por 12 anos, não é uma tarefa fácil e sair desse processo sendo expulsa e ter condições de juntar mais de mil militantes e conseguir legalizar um partido socialista no Brasil. E conseguiu legalizar esse partido de esquerda antes mesmo do PSOL. Foi um processo bastante vitorioso. Dentre essas três correntes trotiskistas no Brasil, a mais vitoriosa e que passou pela prova dos fatos foi a C.S.

Apesar do entrismo da C.S. ter durado 12 anos, que é um tempo longo. Leon Trotsky, ao destacar a forma do entrismo que deveria ser em organizações operárias, por curto espaço de tempo e com independência política e financeira. No entanto, para Nericilda Rocha<sup>112</sup>, a importância da C.S. reside nos seguintes aspectos:

E isso é um marco, pois a C.S. mantém uma coluna de quadros para além do PT. Então, você está numa organização que vai para além das fronteiras do PT. Então se discutia o que se passava no Leste, em Angola, na Nicarágua. A C.S. era uma corrente interna de um partido político que ia para além das fronteiras e limites desse partido político, pelo projeto que tinha: construção de uma organização revolucionária no Brasil.

A manutenção desse projeto de construir essa organização revolucionária no Brasil talvez seja um dos elementos que expliquem o prosseguimento desse objetivo nos 12 anos de entrismo no PT e depois com a expulsão. Nas lembranças de Fábio José

---

<sup>111</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

<sup>112</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

Queiroz<sup>113</sup>, ele afirma o papel da imprensa operária e socialista, firmada no internacionalismo e classismo.

Eu talvez seja a pessoa mais suspeita para falar. Se não fosse o jornal operário, socialista, eu não teria entrado na C.S. Foram dois jornais do Alicerce da Juventude Socialista que me ganharam para o projeto. Um trazia o princípio da independência de classe com o slogan: trabalhador vota em trabalhador! Isso me comoveu profundamente! Para você ver: um jornal que expressa concretamente um princípio como o da independência de classe, condensado naquela palavra de ordem tão simples: trabalhador vota em trabalhador! Dizia que nós não podemos ficar votando nos candidatos dos patrões, por mais simpáticos que eles se apresentem. E um outro jornal que me ensinou um outro princípio, do internacionalismo. A solidariedade com outros povos, com pessoas que eu nunca vi na minha vida, que eu talvez nunca verei na minha vida. Eram pessoas que estavam sofrendo uma repressão brutal de um Estado. O Estado de Israel.

Muitos anos depois, Fábio José Queiroz será processado pela burguesia de apoio sionista do Brasil, por escrever um artigo denunciando outro caso de massacre do povo palestino pelo Estado de Israel. O princípio do internacionalismo que se encontrava no jornal contagiou o militante para futuramente se manter na defesa do mesmo princípio. Mesmo sob ameaças. Para Fábio José Queiroz<sup>114</sup>, “O jornal teve muito peso e importância para mim. Até porque eu acho que as novas mídias e as antigas se completam”. Em tempos de avanço do conservadorismo e de notícias falsas, qual impacto teria uma imprensa classista, internacionalista e socialista para os setores explorados? É uma pergunta difícil de responder. Mas seria mais um instrumento de disputa ideológica para nós hoje. Eis mais uma contribuição da C.S. para as esquerdas hoje.

Para Fábio José Queiroz<sup>115</sup>, essa experiência e história da C.S. precisa ser contada, pois

A experiência da Liga Operária, o jornal Versus, o Movimento Convergência Socialista (MCS), o jornal Convergência Socialista, Alicerce da Juventude Socialista, o giro para o movimento operário, a questão das opressões. Tudo isso é um debate muito único que a C.S. nos permitiu. Essa história precisa ser contada ainda. Eu tive dois alunos que depois foram participar de um grupo de pesquisa que eu tenho na universidade que estuda marxismo e pesquisa marxismo. E eles escreveram alguma coisa sobre a C.S. e a

---

<sup>113</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>114</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

<sup>115</sup> Fábio José Queiroz, entrevistado na sede do grupo político Resistência-CE (Av. Imperador, 1443), no dia 17 de maio de 2019.

campanha das Diretas! E no transcorrer da pesquisa, eu percebi que ainda tem muita coisa, tem muito material para ser estudado, para ser examinado, para ser reconstruído.

Esperamos ter contribuído para que uma parte dessa lacuna de estudo sobre a C.S., em meio a tamanhas dificuldades e análise de diversas fontes de pesquisa, reconstruímos parte da história e trajetória de uma esquerda radical e outsider que foi reconhecida pelo Estado brasileiro como um grupo perseguido pela ditadura civil-militar. E que tem seu reconhecimento e importância nesse trabalho.

Um último balanço importante sobre a entrada e saída da C.S. do PT foi apontado por Hernandez<sup>116</sup> (1994, p.42),

O artigo sobre os doze anos de militância da C.S. no PT diz que essa organização cresceu numericamente, passando de menos de 400 militantes, em 1980, a mais de mil, com influência sobre milhares de ativistas no momento de sua expulsão. [...] os militantes e dirigentes da C.S. participaram de 94 sindicatos, 39 eram dirigentes de grêmios estudantis e secundários e 41 de centros universitários. A C.S. publicava um periódico semanal da esquerda brasileira. Na última conferência Nacional da C.S., em outubro de 93, a Comissão de Credenciais comprovou a existência de cerca de 1400 membros, entre militantes e aspirantes.

Segundo o mesmo autor, podemos ver não apenas o aumento numérico, mas de referência que os militantes da C.S. passaram a ser. Além de dirigirem importantes setores, do acúmulo de experiência nas lutas.

A C.S. em Fortaleza, no movimento estudantil secundarista e da UECE, defendeu a política de proporcionalidade nas eleições de direções de DCEs e CAs, seguindo a democracia operária como princípio. Segundo Euclides de Agrela<sup>117</sup>, essa discussão e defesa da proporcionalidade no movimento secundarista o ajudou a entrar na C.S.

E, por outro lado, a C.S. numa discussão interna do movimento secundarista da época, defendia a proporcionalidade para a diretoria da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Essa proposta democratizava a diretoria da entidade (UBES) e permitia que as chapas minoritárias pudessem compor as direções.

---

<sup>116</sup> HERNANDEZ, Martín. Convergência Socialista: 12 anos de militância no PT. 1994. In: **A política dos revolucionários frente à reorganização da esquerda**. Seminário Teórico (MAIS-Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista), 2017.

<sup>117</sup> Euclides de Agrela, ex-integrante da C.S., na Faculdade de Educação da UFC (FACED), no dia 02 de outubro de 2019.

Segundo Nericilda Rocha<sup>118</sup>, sobre a defesa da proporcionalidade pela C.S. no movimento estudantil da UECE, a questão ocorreu da seguinte forma: “Teve um Congresso Estudantil da UECE e me chamou a atenção o debate sobre a questão da proporcionalidade que era muito forte na época. A C.S. defendia essa proposta, que era mais representativa”.

A proporcionalidade expressa o princípio da democracia operária no movimento estudantil por garantir que não apenas os grupos vitoriosos nas eleições majoritárias expressem sua política, mas democratiza os espaços para que amplas posições possam se expressar nas entidades.

---

<sup>118</sup> Nericilda Rocha, ex-integrante da C.S., entrevistada na Faculdade de Educação da UFC (FACED).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa, poderíamos afirmar ainda que sem ter uma forma de ideia fechada que a Convergência Socialista teria como principais características os seguintes pontos:

Era um grupo de jovens, alguns universitários, que lutou contra a ditadura civil-militar no Brasil, procurou se inserir e se inseriu no movimento operário brasileiro durante o final dos anos 1970 e anos 1980 e 1990. Se apoiando no classismo e o ascenso das lutas da classe trabalhadora nas lutas e greves que travaram um forte enfrentamento com a repressão dos governos militares. Apesar de serem poucos, os militantes da C.S. se tornaram lideranças reconhecidas nas lutas e greves, como no caso de José Maria de Almeida. Eram militantes que prezavam pela ação direta nas lutas. Exemplo pode ser visto nas greves do ABC paulista no final dos anos 70 e início dos anos 80, greve da Menesman (89) e Embraer. Para citar algumas. A proletarização se apresentava como uma ação decisiva para os militantes da C.S.

Outra característica marcante da Convergência Socialista foi o seu internacionalismo, sob orientação do grupo de Nahuel Moreno, trotiskista argentino. A C.S. se orientou pela Fração bolchevique que, em 1982, se transformou em LIT – Liga Internacional dos Trabalhadores. A C.S. seria uma seção nacional do grupo morenista no Brasil. Isso dava um tom diferenciado nas discussões e intervenções políticas dos membros da C.S. O cenário de análise da conjuntura brasileira estava sempre ligado as ações do imperialismo e da luta de classes em outros países. A própria restauração capitalista no Leste Europeu, bem como a Revolução Sandinista, e a queda do regime stalinista na URSS foram temas destacados e discutidos por esses ativistas em seus mais variados espaços.

Apesar de sua ação nas lutas ser bem presente, a C.S. também se destacava no terreno da formação marxista. Prova disso é o reconhecimento de seus ex-integrantes como professores e intelectuais. Outra prova que atesta isso pode ser observada nas cartilhas de formação da C.S. que encontramos: *Moral bolche ou espontaneísta*, *Teses para atualização do programa de transição*, *Conceitos políticos básicos*, *As revoluções do século XX* e *O partido e a revolução*. Todos de Nahuel Moreno, o que colocava a C.S. como principal divulgadora do pensamento do trotiskista argentino no Brasil.

Se observarmos a forma organizativa, podemos perceber que a C.S, mesmo como corrente interna do PT (Partido dos Trabalhadores), procurou se manter

independente política e financeiramente em relação ao mesmo: tinha um jornal próprio, sedes próprias, finanças próprias e organismos ou células atuando por setores sociais: bancários, estudantes, fábricas, escolas. Isso se deve a concepção bolchevique de partido com militantes profissionais, tribunais populares, buscando construir uma organização conspirativa ao Estado burguês com independência política e financeira, enraizada na classe operária e de composição social em sua maioria operária.

Para os membros da C.S. Seria um partido nesses moldes que superaria a crise de direção revolucionária no Brasil. Em outras palavras, seria esse novo partido que superaria os erros e alianças da direção do partido dos trabalhadores com setores da burguesia brasileira e sua adaptação à democracia burguesa. O conceito de crise de direção revolucionária, o fator subjetivo da revolução socialista, elaborado por Leon Trotsky, no Programa de Transição, em 1940.

Assume, para os membros da C.S., uma importância explicativa e organizativa. Explicativa por demonstrar os erros e falhas dos mais diversos partidos e organizações que “abortaram” diversas revoluções e processos revolucionários, não sendo uma direção que tem como objetivo a Revolução Socialista, mas permanecer nos marcos da democracia burguesa. E organizativa ao buscar no exemplo do bolchevismo em ser esse partido no Brasil. Um partido de vanguarda com influência de massas.

Não foi possível a C.S. se tornar esse partido de massas, ou com essa influência. Influenciando apenas alguns setores e dirigindo importantes processos de lutas. Apesar da C.S. ter sido o primeiro agrupamento a chamar a constituição de um partido dos trabalhadores, os caminhos trilhados por esse partido a conduziram a se tornar um partido de massas, mas com um projeto distinto ao da C.S. O jogo democrático burguês absorveu a política anticapitalista do PT e seu classismo. As transformações internas e o fortalecimento da direção na tomada de decisões em detrimento das decisões da base, minaram a democracia interna. As alianças com partidos da burguesia brasileira, o financiamento de empresas e empresários nas campanhas eleitorais levaram a que o PT perdesse sua independência política e seu classismo, segundo os membros da C.S.

A C.S. também expressa a crise das esquerdas. Um grupo minoritário, aguerrido, lutador que não consegue mobilizar e dirigir as camadas de trabalhadores a uma revolução. Devido ao seu tamanho e outras divergências no plano internacional o sectarismo afetou esse projeto. Outro aspecto é que o reformismo do PT teve adesão de outros agrupamentos como: a DS e o Trabalho.

No plano internacional, a ofensiva ao socialismo na final dos anos 80 e início dos anos 90, isolou ainda mais a C.S. Ainda que a mesma tenha mantido uma heróica e quixotesca luta em defesa do socialismo. A própria transição que se operava no Brasil da ditadura para uma democracia burguesa, lenta e sob vigilância dos militares, bem como a ilusão constitucional também serviram de elemento contrário ao projeto de influência para uma revolução as massas. As disputas internas entre a C.S. e o PT na política do entrismo que durou mais de dez anos elevou o mínimo de membros da C.S. mas levou ao seu isolamento e a uma campanha de ataques da direção do PT, que a expulsou em 1992, por se manter firme no chamado ao Fora Collor!

Esse tencionamento apesar de importante, colocou a C.S. em conflito interno inclusive com outras organizações e não despertou-se nas massas brasileiros, as massas não deram conta dessa justa política impulsionada pela C.S. no PT. Em outras palavras, o acerto da política da C.S. não chegou a ser reconhecido como política da C.S., mas como algo espontâneo dos “caras pintadas”. E como algo feito pelo Congresso Nacional que atendia ao clamor das massas para a Impeachment de Fernando Collor de Melo.

Apesar de todos esses fatores se juntarem num agregado contraditório e sintético com elementos progressivos e regressivos para os objetivos da C.S. de se tornar uma direção revolucionária com influência de massas para o Brasil. Seus militantes são prova da combatividade e luta do povo brasileiro, representando uma vanguarda que colocou suas vidas em defesa da classe trabalhadora e da revolução socialista. Foram alvo da ditadura militar, sofreram com a tortura, o desemprego por serem fichadas pelas empresas associadas a ditadura, sofreram e lutaram muito por um sonho, pela utopia, mesmo que isso custasse suas vidas, mantinham acessas as esperanças de muitos em ver o país livre da repressão e da exploração provocado pelo sistema capitalista, capitaneado pelo imperialismo norte-americano.

O Estado brasileiro, através da 77 Caravana da Verdade no ano de 2013, reconheceu a Convergência Socialista, como um grupo perseguido e torturado pela ditadura civil-militar no Brasil. Os ex-integrantes da C.S. receberam a Anistia, mas não deixaram em momento algum de continuar a lutar pela punição dos torturadores. Isso continua a demonstrar que mesmo depois de mais de 30 anos, a coragem e força da luta por justiça dos seus ex-integrantes permanece viva.

A Convergência Socialista atuou em Fortaleza e no Juazeiro do Norte. Em Fortaleza, os principais setores de atuação foram bancários e movimento estudantil, onde a UECE foi um dos principais espaços, tendo Euclides de Agrela sido eleito



presidente do DCE da UECE. Porém, o momento mais significativo veio com a entrada dos militantes do PLP, que dirigiam o sindicato dos trabalhadores da construção civil, para se aglutinar na C.S. Esse aspecto inseriu a C.S. junto aos trabalhadores da construção civil e fez com que se deslocasse quadros nacionais, como Romildo Raposo e sua esposa Eliane para orientar politicamente esse trabalho.

A relação com o PT se manteve tensa aqui no Ceará, expressando a expulsão da C.S. do PT como um marco aqui também em nosso Estado. Mesmo a C.S. fazendo campanha para Lula, em 1989, não deixava de expressar suas críticas e manter-se com sede própria e finanças próprias. A expulsão deu origem à Frente Revolucionária, que aglutinou grupos como o PLP e o de Maria Luiza e Rosa da Fonseca. Depois, surgiu o movimento pró-PSTU, em 1993, e o PSTU, em 1994.

Por fim, elencamos 10 pontos de contribuições ou legado da Convergência Socialista:

- 1) Internacionalismo proletário.
- 2) A defesa da Revolução Socialista.
- 3) Independência política e financeira em relação à burguesia e governos.
- 4) Classismo.
- 5) Combate às opressões: Núcleo Negro Socialista, Somos, Gênero nos une a classe nos divide.
- 6) Aposta e inserção no proletariado e movimento operário (proletarização).
- 7) Firmeza nos princípios e flexibilidade nas táticas (ação direta, eleições e greves).
- 8) Imprensa internacionalista, socialista, operária e independente (Jornais Versus, Convergência Socialista e Alicerce da Juventude Socialista).
- 9) Formação teórica.
- 10) Modelo de partido bolchevique e suas ligações com a LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores).

Essa pesquisa dentre dos seus limites buscou reconhecer e se inspirar na força e coragem dos ex-integrantes de Convergência Socialista e tirar lições e aprendizados para as lutas contra a extrema-direita no Brasil no ano de 2019. Aos ex-integrantes da C.S. de Fortaleza e do Brasil nosso reconhecimento por sua luta e coragem!

**BIBLIOGRAFIA**

AARÃO, Reis. (org.). **O Golpe e a Ditadura militar**. Bauru: São Paulo: Edusc, 2004.

ARCARY, Valério. **As esquinas perigosas da história**: situações revolucionárias em perspectiva marxista. São Paulo: Xamã, 2004.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil nunca mais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart**: as lutas sociais no Brasil (1961-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier**: vida e obra. Fortaleza: A Casa / Expressão Gráfica Editora, 2003.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENSAID, Daniel. **Trotskyismos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica**. In: Usos e abusos da História Oral, Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BURGUIÈRE, André (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1993.

BERTUCCI, Liane Maria. **Edward P. Thompson**: história e formação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CAMPOS, José Roberto. **O que é Trotskismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CANNON, Jones. **A história do trotskismo norte-americano**. São Paulo: Sundermann, 2015.

CAPELATO, Maria H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, Ciro F. **Uma introdução a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CERDEIRA, Bernardo. Enfrentamento e ruptura: a expulsão da Convergência Socialista do PT. **Opinião Socialista**. nº 380. Ano XIII, 2009.

CERDEIRA, Bernardo. O surgimento do trotskismo morenista no Brasil. **Opinião Socialista**. nº 356. Ano XII, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Marxismo hoje**. 2. ed. São Paulo: Xamã, s/d.

COGGIOLA, Osvaldo. **O trotiskismo na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COGGIOLA, Osvaldo. **Trotsky**: ontem e hoje. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DE DECCA, Edgar. **1930**: o silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEUSTCHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta armado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DEUSTCHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta banido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DEUSTCHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta desarmado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à Nova História. Campinas: Ensaio, 1992.

DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FARIA, Marcos Moutta. A experiência do Movimento Convergência Socialista. In: **Cadernos AEL**: trotiskismo. UNICAMP: AEL, v.12. n.22/23, 2005.

FARIAS, Airton de. **Além das armas**: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972). Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

FERREIRA, Pedro Roberto. O Brasil dos trotskystas. **Cadernos AEL**. v. 12. nº 22/23.

FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERRO, Marc. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERRO, Marc. **O ocidente diante da revolução soviética**: a história e seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FREITAS, Sâmia Maria. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

GOMES, Américo. Estado reconhece luta da Convergência Socialista contra a ditadura. **Jornal Opinião Socialista**, nº 473, 11 dez. a 05 fev. 2014.

GOMES, Américo. Caravana julga processos de anistia de presos e perseguidos políticos da Convergência Socialista. **Jornal Opinião Socialista**, nº 470, 15 a 29 de out. 2014.

GOMES, Américo. Golpe cívico-militar imperialista completa 49 anos. **Jornal Opinião Socialista**, nº 458, 27 mar. a 10 abr. 2013.

GOMES, Américo. Operação Lótus: Convergência Socialista na mira da ditadura. **Jornal Opinião Socialista**, nº 452, 31 out. a 20 nov. 2012.

GONZÁLES, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HERNANDEZ, Martín. **O veredicto da História**. São Paulo: Editora: José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

HERNANDEZ, Martín. Convergência Socialista: 12 anos de militância no PT. 1994. In: **A política dos revolucionários frente à reorganização da esquerda**. Seminário Teórico (MAIS-Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista), 2017.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: uma história do século XX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais** (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.

KAREPOVS, Daenis (Org). **Na Contracorrente da História**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KAREPOVS; Daenis; LEAL, Murilo. Os trotiskismos no Brasil (1966-2000). In: **História do Marxismo no Brasil**. Ridenti, Marcelo; Aarão; Daniel. V.6 UNICAMP: Campinas/SP, 2007.

KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil – 1966-2000. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel. **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**. Um guia para a pesquisa de campo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

KÖSSING, Anna Karin. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. Universidade de São Paulo – FFLCH – Dissertação de Mestrado em História. São Paulo, 2007.

LAMBERT, Pierre. **A História das Internacionais Operárias**. Disponível em: <http://otrabalho.org.br/ahistoria-das-internacionais>. Acesso em: 09 de outubro de 2019.

LEAL, Murilo. **A esquerda da esquerda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LEAL, Murilo. **À esquerda de esquerda: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966)**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LORA, Guilherme. **Teses de Pulacayo**. POR (MASSAS), 2009. 2. ed.
- LORA, Guilherme. **História da IV Internacional**. POR (MASSAS), 2001.
- LORA, Guilherme. **Esboço biográfico de Guilherme Lora + A Revolução de 9 de abril de 1952**. POR (MASSAS), 2009.
- LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LÖWY, Michael; BENSAD, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade – política e identidade homossexual no Brasil da abertura**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MAIA, Edmilson Alves. **Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969)**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- MARIE, Jean Jacques. **O trotiskismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- MANDEL, Ernest. **Trotsky: um estudo da dinâmica do seu pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1980.
- MANDEL, Ernest. **Trotsky como alternativa**. São Paulo: Xamã, 1995.
- MARGARIDO, Marcos. **Documentos de fundação da IV Internacional: Congresso de 1938**. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2008.
- MARIE, Jean J. **Le trotskysme**. Paris: Flammarion, 1977.
- MARQUES, Rosa Maria. Os grupos trotskystas no Brasil (1960-1990). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel. **Revolução e democracia (1964/...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2008.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.
- MAZZEO, Antônio Carlos (Org). **Corações Vermelhos: Comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1995.

MORENO; Manuel; PETIT, Mercedes. **Conceitos Políticos básicos**. Cadernos de formação n7. Outubro-89.

MORENO, Manuel. As Revoluções do Século XX. Material para estudo e formação política. Centro de Documentação e introdução coordenação e publicações- CÂMARA DOS DEPUTADOS Brasília – DF- 1989.

NAHUEL, Moreno. **O partido e a Revolução**. São Paulo: Editora: José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

NETO. José Castilho M. **Solidão revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. São Paulo: Sundermann, 2015.

OZAÌ, Antônio. **História das tendências no Brasil**. São Paulo: Proposta editorial, s/d.

OLIVEIRA, Evandro de. **A Revolução Boliviana**. São Paulo: UNESP, 2007.

PACHECO, Eliezer. **A formação da esquerda no Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

PALMER, Bryan D. **E. P Thompson**: objeções e posições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

PILAR; CUNHA. Maria; Maria do R. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

RÉMOND, Rene. **Por uma história Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

**REVISTA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA – 51 anos da Ditadura Militar**. Uma história a ser contada. São Paulo: Gráfica Forma Certa, 2015.

RIDENTI, Marcelo (Org.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007-I.v.5.

RIDENTI, Marcelo (Org.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007-II, v.6.

ROCHA, Gilvan. **Meio século de caminhada Socialista**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

SACHETTA, Hermínio. **O Caldeirão das Bruxas e outros escritos políticos**. Campinas: UNICAMP, 1992.

SAGRA, Alícia. **História das internacionais socialistas**. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

SANTOS, Gevanilda.. In: IANNI, Otávio. **O Negro e o socialismo**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005.

SECCO, Lincon. **História do PT**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. A homossexualidade no Brasil: da colônia à atualidade.

TROTSKY, Leon. **A Guerra e a IV Internacional**. Partido Operário Revolucionário – POR (MASSAS). s/d.

TROTSKY, Leon. **Biblioteca de História: grandes personagens de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

TROTSKY, Leon. **Minha Vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

TROTSKY, Leon. **Escritos sobre sindicato**. São Paulo: Kairós Editora, 1978.

TROTSKY, Leon. **A Revolução de Outubro**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TROTSKY, Leon. **A revolução desfigurada**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

TROTSKY, Leon. **A revolução permanente na Rússia**. Portugal: Antídoto, 1977.

TROTSKY, Leon. **As lições de outubro**. São Paulo: Global, 1979.

TROTSKY, Leon. **Como fizemos a revolução**. São Paulo: Global, 1978.

TROTSKY, Leon. **Em defesa do marxismo**. Proposta Editorial, s/d.

TROTSKY, Leon. **Escritos**. Tomo IX (1937-38). V. 1. Bogotá: Editora Pluma, 1977.

TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa**. V.1-3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Memórias do silêncio: militantes de esquerda no Brasil autoritário**. Fortaleza: UFC edições, 1998.

VERENA, Alberti. **A experiência em História Oral no CPDOC**. São Paulo: Editora:



# VERSUS DENÚNCIA:

170

duplicata

PUC/SP  
24-8-78

# SOLTEM OS PRESOS DA CONVERGÊNCIA

Dia 23, foram presos arbitrariamente, sem nenhuma justificativa legal, 22 pessoas em São Paulo. Dezenove membros da Convergência. Acusação? Nenhuma. O que há de comum entre eles é que todos são socialistas, membros da Convergência Socialista, um movimento legal, amplo, democrático, de unidade, que objetiva a construção do partido socialista no Brasil hoje.

Nossa luta e a dos companheiros presos é aberta, legal e legítima, e nunca escondemos esse fato de ninguém. Ainda no domingo passado realizamos em São Paulo a nossa I Convenção Nacional, com a participação de 300 delegados de núcleos socialistas de oito estados do país, com a presença de líderes sindicais como Benedito Marcilio, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, o deputado federal pelo MDB J.G. de Araújo Jorge, e ainda seis candidatos emedebistas às eleições de 15 de novembro. Duas mil pessoas participaram dessa Convenção, que foi anunciada por toda a imprensa de São Paulo. E agora, 19 companheiros estão presos no Deops, e segundo escassas informações, sendo interrogados por policiais treinados pelo DOI-CODI.

Responsabilizamos as autoridades governamentais pela integridade física dos nossos companheiros e exigimos sua imediata libertação.

Uma vez mais fica demonstrada a incapacidade do regime militar em atender as necessidades democráticas mais elementares. Por que os companheiros estão presos? Por que são socialistas e desejaram a construção de um partido dos trabalhadores?

Nesse momento, quando o governo fala em "aberturas políticas", "reformas", "democracia", o que vemos é o outro lado do espelho. Prisões, ameaças, interrogatórios. Nossa luta vai continuar. Somos operários do ABC, professores, bancários, artistas, jornalistas, intelectuais, estudantes, mulheres, negros.

A libertação dos companheiros socialistas hoje é uma tarefa de todos aqueles que lutam por uma democracia sem adjetivos e por uma sociedade

justa, sem exploradores e explorados.

Apelamos aos sindicatos, a Ordem dos Advogados do Brasil, Comitê Brasileiro pela Anistia, Comissão de Justiça e Paz, as entidades estudantis, a imprensa e a todos os organismos que lutam pelas liberdades democráticas em nosso país, para conosco, defenderem a imediata libertação dos companheiros!

**SOLTEM NOSSOS PRESOS!  
FIM DAS PRISÕES E TORTURAS!  
ANISTIA TOTAL E IRRESTRITA!**

Os companheiros presos foram:

- 1) Maria José Costa – Estudante PUC
- 2) Oscar Ikidokudo – Trabalhador
- 3) Justino Lemos Pinheiro – Operário
- 4) Ilda Machado – Operária do ABC
- 5) Maria Cristina Sallary – Trabalhadora
- 6) José Jelmowicki – Trabalhador
- 7) João Carlos Agostini – bancário e estudante
- 8) Edson da Silva Coelho – operário do ABC
- 9) Ana Maria de Moura Nogueira – Operária
- 10) Célia Regina Barbosa Ramos – Membro da diretoria do CEUPS
- 11) Maria José Lourenço – Jornalista e Diretora do Jornal "VERSUS"
- 12) Valdo Mermelstein – Estudante da USP e membro do Comitê Eleitoral da C.S.
- 13) Esther Thunzer – Estudante e Administradora do Jornal "VERSUS"
- 14) Bernardo Cerdeira – Estudante e membro da Coordenação Nacional da C.S.
- 15) Maria Marta D'Angelo Creton – professora
- 16) Maura Gerbi Veiga – Professora e Diretora do jornal "VERSUS"
- 17) José Azis Creton – Engenheiro e Coordenador da Campanha Eleitoral da C.S.
- 18) Arnaldo Schelinger – Operário
- 19) José Maria – Operário

Além de nossos companheiros, foram presos estes três cidadãos estrangeiros: Hugo Miguel Bresano, argentino; Rita Luzia Strassberg, argentina e Antonio Maria Sá Leal, português.

Coordenação Nacional da Convergência Socialista



ANEXO B – DOCUMENTOS DO D.O.P.S.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA  
COMANDO GERAL DO AR  
IV COMANDO AÉREO REGIONAL  
QUARTEL GENERAL  
Estado-Maior – 2.a Seção



*78*  
*ARQUIVADA NA PASTA DA CONV. 82.711.17*

- 1. ASSUNTO ..... PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES (PST)
- 2. DIFUSÃO ..... II EX- SNI/ASP- 1ºDN/SP- DPF/SP- DEOPS/SP
- 3. DIFUSÃO ANTERIOR ..... A-2/I-II-III-V-VI COMAR - COMCOS
- 4. REFERÊNCIA ..... INFO 810/CISA-RJ, DE 13 SET 78
- 5. ANEXO ..... 01 (UM) EXEMPLAR DO REL. MENSAL Nº 08/78.

NUMERAÇÃO

M. Aer.

PNI

Encaminhamento n.º 184 /A-2-IV COMAR

1 - Encaminhamos em anexo, o exemplar nº 8, do Relatório Mensal de Informações do CISA-RJ, contendo uma análise das atividades do "PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES".

**D.O.P.S**  
**DIRETORIA GERAL**  
A Divisão de Informações  
Em 25 de setembro de 78  
DIRETOR GERAL



DIVISÃO DE ORDEM SOCIAL

*Del. de Subversão*

S. Paulo, 26 / 9 / 78

Diretor

*Cópia Dinton 9 - DOK*

DIVISÃO DE ORDEM SOCIAL

Protocolo 8551  
Entrada     /     /     Saída     /     /    

*Ciente e Dator de análise e arquivar em fl. 30 de livro n.º 01 em 25/09/78*

**O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTES DOCUMENTO (Art. 12 - Dec. n.º 79.099/77 - Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).**

CONFIDENCIAL



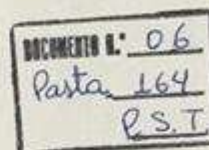
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

DIVISÃO DE ORDEM SOCIAL

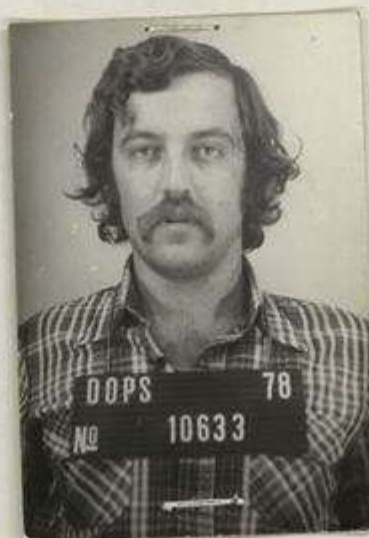
SETOR DE ANÁLISE, OPERAÇÕES E INFORMAÇÕES



CONVERGÊNCIA SOCIALISTA

P.S.T.

Assunto: Declarações de WALDO MERMELSTEIN.







S.G.G. - S.S.P. - Mod. 8

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

POLICIA CIVIL DE SÃO PAULO

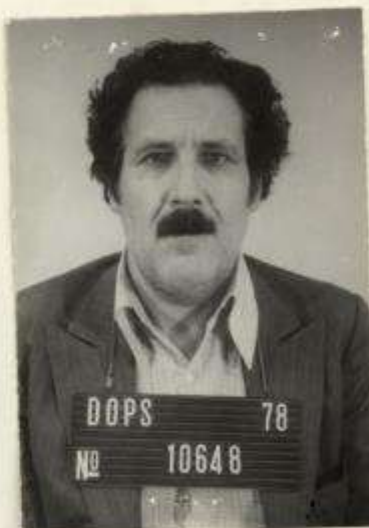
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

DIVISÃO DE ORDEM SOCIAL

SETOR DE ANALISE, OPERAÇÕES E INFORMAÇÕES

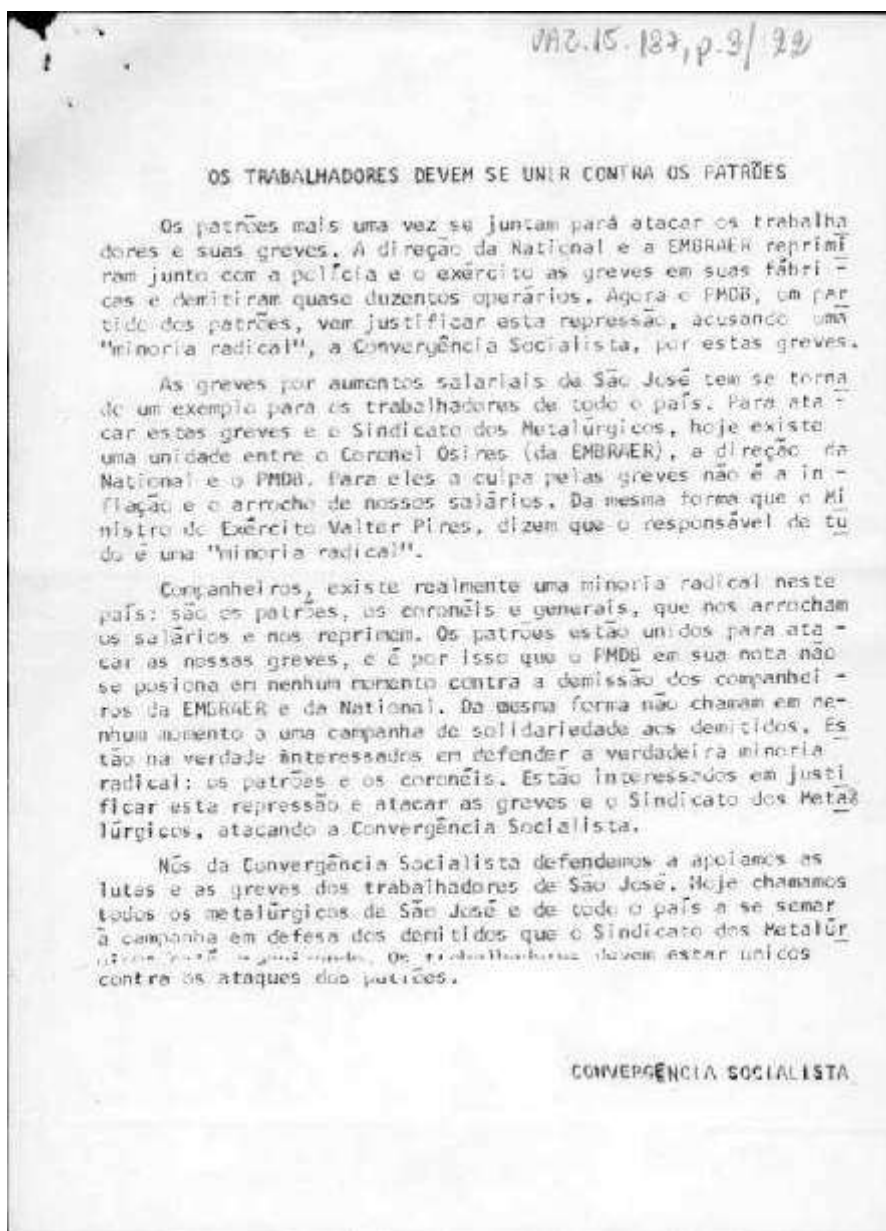


DOCUMENTO N.º	09
Pasta	105
	PST.

HUGO MIGUEL BRESSANOOrganização: P.S.T.

**ANEXO C – FOTO DA C.S AJS EM ATIVIDADE PELAS DIRETAS JÁ!**

## ANEXO D – PANFLETO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA



## ANEXO E - SÍMBOLO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA



## ANEXO F – FOTO DA PRIMEIRA CONVENÇÃO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA



PRIMEIRA CONVENÇÃO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA.  
Colégio Equipe, São Paulo (SP), agosto de 1978



**ANEXO G – FOTO DA C.S. EM ATO DO FORA COLLOR!**

Foto disponível em: <https://litci.org/pt/especiais/morenismo-no-brasil/convergencia-socialista-12-anos-de-militancia-no-pt/>

**ANEXO H – CAPA DO PERIÓDICO VERSUS (1978)**

Foto disponível em Kössing (2007).

**ANEXO I – EUCLIDES DE AGRELA BRAGA NETO, EX-INTEGRANTE DA  
CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)**



**ANEXO J – NERICILDA BEZERRA DA ROCHA, EX-INTEGRANTE DA  
CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)**





**ANEXO K – JÂNIO NUNES VIDAL, EX-INTEGRANTE DA CONVERGÊNCIA  
SOCIALISTA (FORTALEZA)**



**ANEXO L - FÁBIO JOSÉ CAVALCANTI DE QUEIROZ, EX-INTEGRANTE  
DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA (FORTALEZA)**



ANEXO M – JORNAL ALICERCE DA JUVENTUDE, Nº3, 1982

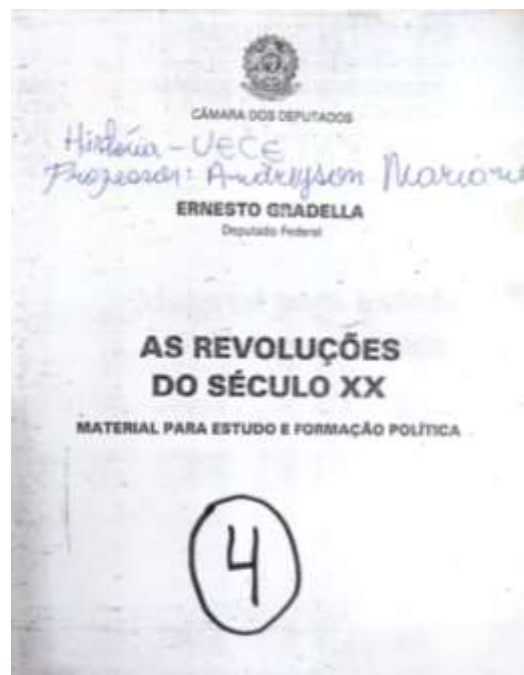




**ANEXO N – CADERNO DE FORMAÇÃO DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA**



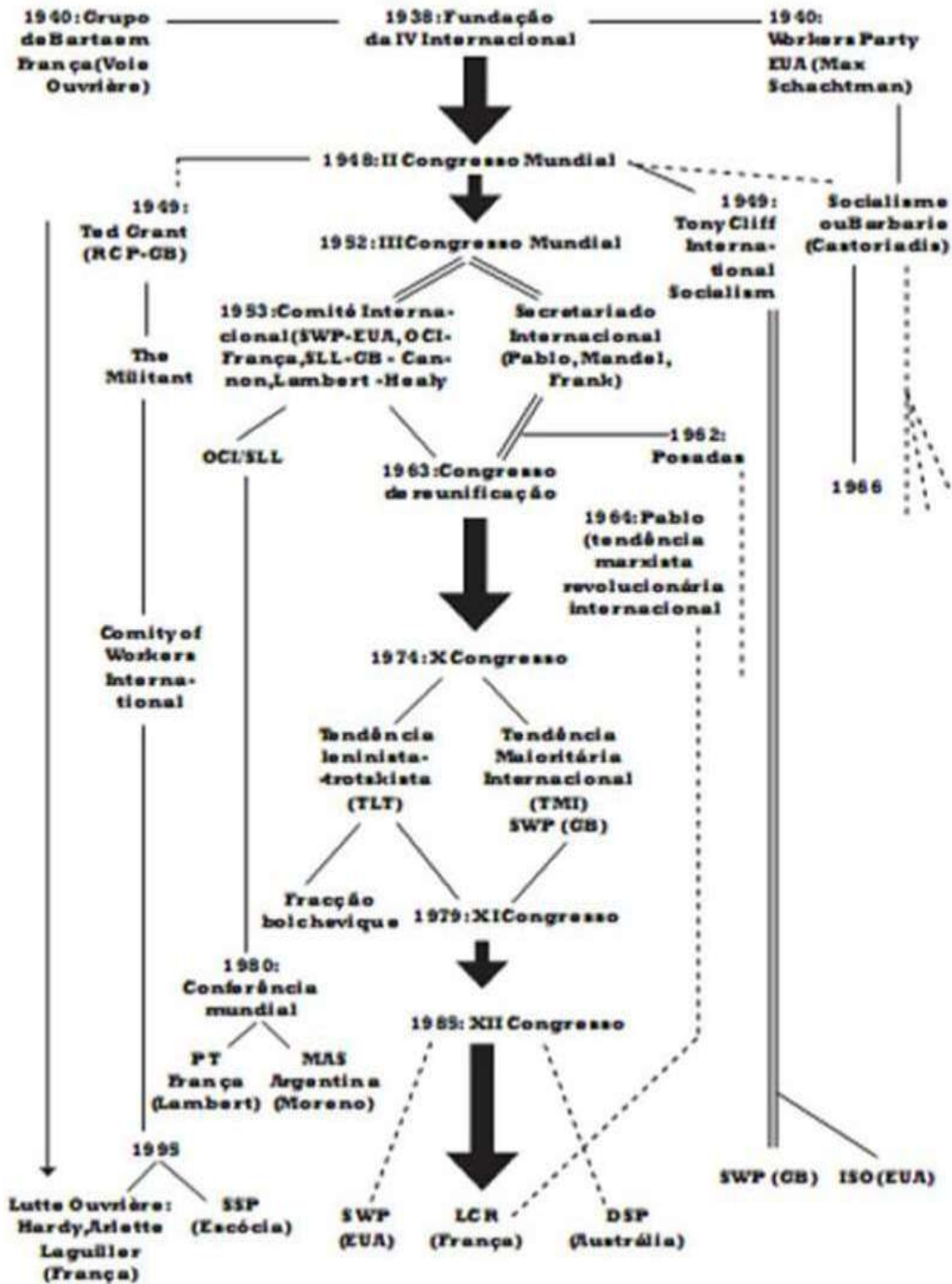
## ANEXO O - MATERIAL PARA ESTUDO E FORMAÇÃO POLÍTICA DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA



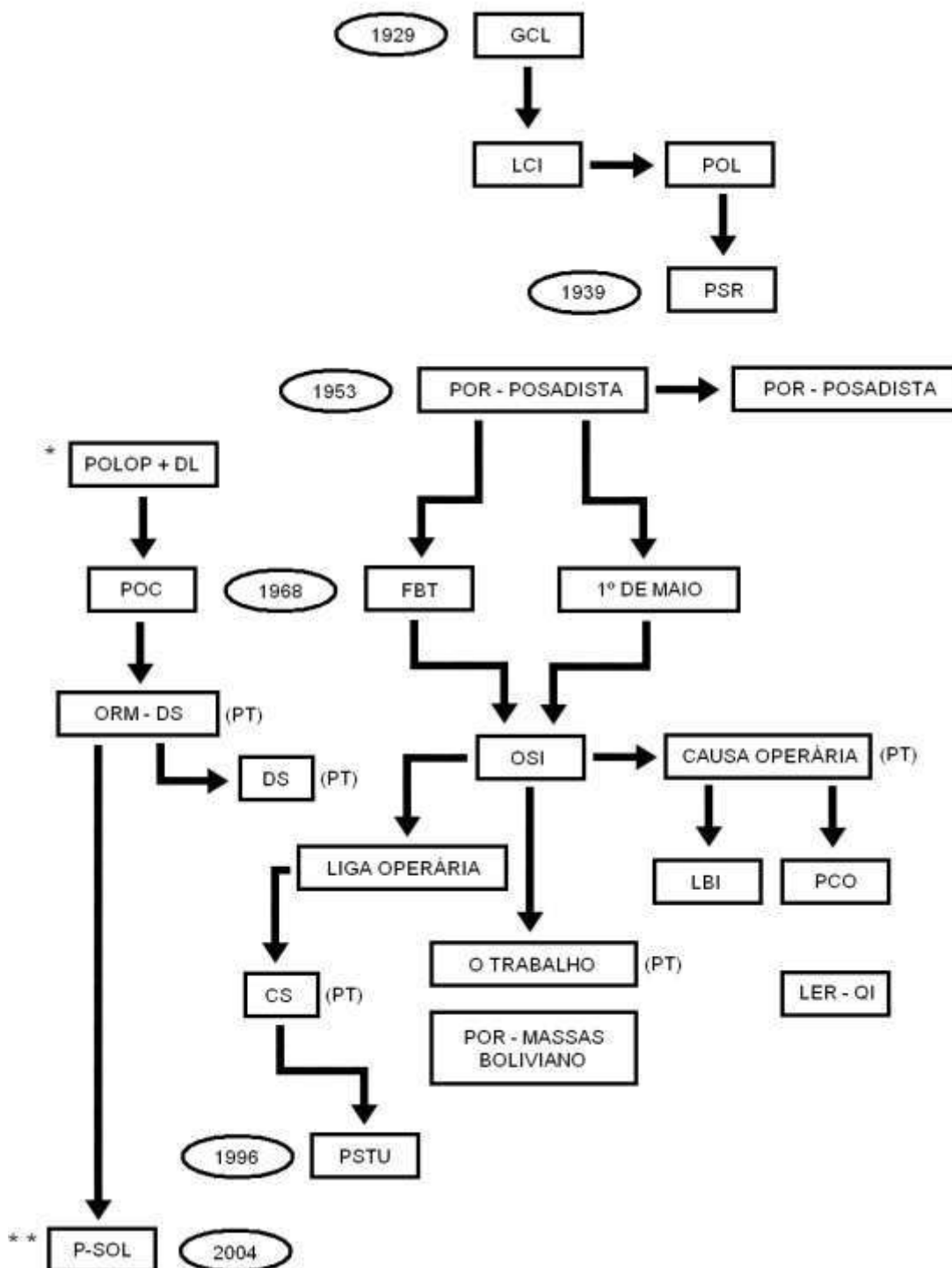
## ANEXO P – JORNAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA



ANEXO Q – FLUXOGRAMA TROTISKISMO INTERNACIONAL



## ANEXO R - PARTIDOS TROTISKISTAS DO BRASIL (1929-2010)



- A POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária) e a DL (Dissidência Leninista-PCB) não eram organizações trotiskistas.

\*\* P-SOL reúne algumas tendências trotiskistas: CST (Central Socialista dos Trabalhadores), MES (Movimento Esquerda Socialista) e dissidentes da DS (Democracia Socialista).

Fluxograma elaborado por Andreyson Silva Mariano.